A HERESIA DO VATICANO

BERNINI E A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO HERMÉTICO DO SOL

ROBERT BAUVAL

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

A HERESIA DO VATICANO
BERNINI E A CONSTRUÇÃO DO
TEMPLO HERMÉTICO DO SOL

Robert Bauval
Chiara Hohenzollern
em colaboração com Sandro Zicari, Ph.

SUMÁRIO

Página de rosto
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Sumário
Introdução
Capítulo 1: A Verdadeira Religião do Mundo
RENASCIMENTO
A CIDADE DA MEMÓRIA
A CRIAÇÃO DE UM DEUS
MAGIA NÃO É “RELIGIÃO”
UM LUGAR PARA FLORESCER
O QUE FIZERAM OS ROMANOS POR NÓS?
UM APÓSTOLO EM ALEXANDRIA
EXCURSÃO UM, A ROMA, 45 d.C.
“COM ESTE SINAL VENCEREIS”
CRISTIANISMO CATÓLICO ROMANO
THOTH TORNA-SE HERMES TRISSEMEGISTO, E OS SEUS
OS LIVROS SAGRADOS TORNAM-SE A HERMÉTICA
O LAMENTO
Capítulo 2: O Movimento Hermético, Parte I
MAGIA NATURAL E TALISMÂNICA
OS OBELISCOS DE ROMA
ENCONTRO SINCRONÍSTICO
RENASCIMENTO
UM ACADÉMICO BRILHANTE DO TIPO ENCANTADOR-FEIO
Capítulo 3: O Movimento Hermético, Parte II
AMBIENTE CÓSMICO

EPIFANIA
MAGIA TALISMÂNICA
UMA IMAGEM TALISMÂNICA DO UNIVERSO
MISSÕES HERMÉTICAS MESSIÂNICAS
HERMES TRISSEMEGISTO É INTRODUZIDO NO VATICANO
O A DIGNIDADE DO HOMEM
O TETO DOS APARTAMENTOS BORGIA
A MISSÃO HERMÉTICA DE GIORDANO BRUNO
EXCURSÃO DOIS, A ROMA, 1542
A MISSÃO HERMÉTICA
EXCURSÃO TRÊS, A ROMA, SÉCULO I A.C.
VIRGEM CELESTE
EXCURSÃO QUATRO, A LONDRES, 1581
EXCURSÃO CINCO, A ROMA, 1582 d.C.
OS PROBLEMAS COM MARIA
OS "PEDANTES" DE OXFORD
EXCURSÃO SEIS, NOVAMENTE A ROMA, 1586
NAS MÃOS DA INQUISIÇÃO PAPAL
Capítulo 4: A Cidade do Sol
PASSANDO O BASTÃO
A PRIMEIRA CELEBRIDADE DA EUROPA
A REVOLTA CALABRA
OS SOLARIANOS E A CIDADE DO SOL
VISITANTES ESTRANHOS
ECLIPSANDO O PAPA
Capítulo 5: Urbi et Orbi: Para a Cidade e para o Mundo
UNIÃO
IL CAVALIERE BERNINI
A ARTE DA DISSIMULAÇÃO
O ENCONTRO
OS ÚLTIMOS PROTAGONISTAS, 1633
ROMA: AVANÇO RÁPIDO PARA 1656
INFALIBILIDADE FALHA
OS OBELISCOS DE KIRCHER
ÍSIS RENASCIDA
TEXTO (FACE SUL)
TEXTO (FACE OESTE)
O CONFESSOR DO CONCLAVE
EXCURSÃO SETE, PIAZZA ST. A FONTE DE PEDRO, 1608
DOIS GRAUS A NORTE

TORNANDO-SE CARNE
A FONTE DE MADERNO
AVANÇO PARA MAIO DE 1655
O NOVO MICHELANGELO E O MODELO DO UNIVERSO
O PLANO
OS BRAÇOS ABERTOS DA MÃE IGREJA
O VENTRE DA VIRGEM CELESTE DO MUNDO
EXCURSÃO FINAL, A ROMA, 1675
REPRESENTANDO A HERMÉTICA?
Pós-escrito: O Papa Jesuíta
ÚLTIMAS NOTÍCIAS: CINCO ÀS OITO
Anexo 1: Campanella, os Rosacruzes e o Milagroso Nascimento do Rei Sol
A INFANTA E O REI DE FRANÇA
UM MAGO HERMÉTICO NA CORTE DO FUTURO REI SOL
Anexo 2: A Elipse da Praça de São Pedro de Sandro Zicari, PhD
QUANDO É QUE UM ÓVALO É UMA ELIPSE?
COMO DESENHAR UMA ELIPSE: O TRANSMISSOR DE ARQUIMEDES
A ELIPSE E A ASTRONOMIA
A PRAÇA DE SÃO PEDRO
Notas de Rodapé
Notas Finais
Bibliografia
Sobre os Autores

À Alexandria, a minha cidade de memórias . . . —

ROBERT BAUVAL

À minha mãe . . . —

CHIARA HOHENZOLLERN

Noventa por cento, talvez até mais, da história não está documentada. E quanto ao pouco que está documentado ou registado, muito disso pode não ser história de todo, mas sim a perceção distorcida, a dissimulação, o encobrimento e o preconceito daqueles que a documentam ou registam. A tarefa do verdadeiro historiador é detetar a história que não é contada, tal como um cosmólogo deteta a

estrutura do universo que não é vista. Ler nas entrelinhas ou ver entre os espaços vazios, esse é o desafio emocionante . . .

A HERESIA DO VATICANO

"Com o seu cuidado e atenção habituais aos detalhes, Robert Bauval desfia o fio que une a religião solar do Egito faraónico às esperanças utópicas do Renascimento decadente. A sua teoria culmina com o projeto dramático e perigoso de um papa (Urbano VIII), um polímata (Kircher), um arquiteto (Bernini) e uma rainha exilada (Cristina). O sonho deles era o de uma Cristandade unida orbitando em torno de Roma; o seu método, o casamento da filosofia hermética com a nova astronomia, através da arquitetura simbólica. Tal como os outros livros de Bauval sobre épocas e lugares onde a ciência e a magia eram uma só, *A Heresia do Vaticano* desperta curiosidade, descrença, nostalgia e, finalmente, esperança." — JOSCELYN GODWIN, PH.D., AUTOR DE *THE PAGAN DREAM OF THE RENAISSANCE* E *ATHANASIUS KIRCHER'S THEATRE OF THE WORLD*

"Neste livro encantador, Robert Bauval e Chiara Hohenzollern revelam um facto surpreendente escondido à vista de todos. Certamente que milhares de visitantes da Praça de São Pedro, no Vaticano, ao longo dos últimos três séculos, ficaram intrigados com o gigantesco obelisco do antigo Egito que se destaca no seu centro. Através de uma investigação meticulosa, *A Heresia do Vaticano* ilumina os aventureiros profundamente evolucionários que empregaram visões simbólicas profundas e manobras políticas astutas para construir uma Cidade do Sol hermética e talismânica no coração da cidadela da Cristandade. Leia *A Heresia do Vaticano*. . . . Não consegui pousá-lo." — THOMAS BROPHY, PH.D., COAUTOR DE *BLACK GENESIS: THE PREHISTORIC ORIGINS OF ANCIENT EGYPT* E *IMHOTEP THE AFRICAN: ARCHITECT OF THE COSMOS,* AUTOR DE *THE MECHANISM DEMANDS A MYSTICISM: AN EXPLORATION OF SPIRIT, MATTER AND PHYSICS*, *THE ORIGIN MAP*, E *THE CHRISTMAS CODE: A NEW*

ASTRONOMY OF CHRISTMAS AND HOW IT CAME FROM ANCIENT EGYPT

"Parece que Robert Bauval (agora com a coautora Chiara Hohenzollern) conseguiu outrora mais, revelando que não apenas as pirâmides, mas o próprio Vaticano é uma celebração da arquitetura sagrada. Uma teoria fascinante e muito oportuna." — ADRIAN G. GILBERT, COAUTOR DE *THE ORION MYSTERY* E AUTOR DE *SECRETS OF THE STONE OF DESTINY*

"Robert Bauval é um investigador brilhante dos cantos ocultos da história, e superou-se a si mesmo com *A Heresia do Vaticano*. É uma verdadeira bomba-relógio de um livro que revela intrigas impressionantes que moldaram o mundo moderno e que põem em causa as nossas perceções mais fundamentais sobre o papel da Igreja de Roma." — GRAHAM HANCOCK, AUTOR DE *WAR GOD* E *FINGERPRINTS OF THE GODS*

AGRADECIMENTOS

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer ao Dr. Sandro Zicari, da Universidade Sapienza de Roma, pela sua colaboração e conselhos úteis neste projeto. Também, e como sempre, estou eternamente grato à minha esposa, Michele. Este é o meu décimo livro, e ela suportou mais uma vez, com verdadeira coragem e paciência, as longas e solitárias horas e os altos e baixos de um autor temperamental. Michele é a verdadeira heroína, anónima e tácita, das minhas jornadas intelectuais pelos mistérios do passado. Agradeço também ao meu pleonástico mas muito adorável irmão "mais velho", Jean-Paul. O seu apoio interminável, mesmo que disfarçado no típico humor cínico "alexandrino", é sempre apreciado. A minha calorosa gratidão estende-se também aos meus muitos amigos, antigos e novos: Vicky Metafora de Nápoles, Laura Salvucci de Le Marche, Dra. Maria Pia Tocco de Roma, Pino Morelli de Pescara, Richard Fusniak de Cambridge, Padre Nicola Mapelli e Katherine Aigner da Coleção Etnológica do Museu do Vaticano, Graham e Satha Hancock de Bath, e Adriana Dainelli de Roma. Obrigado ao Ed e à Barbara Mattis por

partilharem a sua pizza *Sunday Special* comigo! Obrigado, querida Mindy Branstetter, a minha editora muito profissional, muito eficiente e muito gentil na Inner Traditions. Agradecimentos especiais também a Jon Graham e John Hays, que rapidamente perceberam a importância deste projeto. Obrigado, queridas Manzanita Carpenter, Kelly Bowen e à super-operadora Cindy Marcotte, também na Inner Traditions. Por último, mas não menos importante, e do fundo do meu coração, envio agradecimentos genuínos a todos os meus leitores ao redor do mundo pelo vosso apoio e afeto. São vocês, afinal de contas, que fazem valer a pena todo o esforço de autores e editores. — ROBERT BAUVAL, TORREMOLINOS, SUL DE ESPANHA

Desejo agradecer ao Massimo, um querido amigo que, nos últimos anos, sempre me impeliu a acreditar em mim mesma e no meu trabalho e a nunca desistir, mesmo nos momentos mais difíceis e complicados. —

CHIARA HOHENZOLLERN

INTRODUÇÃO
ESCONDER A VERDADE À VISTA DE TODOS

Não é o crítico que conta; não é o homem que aponta como o homem forte tropeça, ou onde o realizador de feitos poderia ter feito melhor. O crédito pertence ao homem que está de facto na arena. — THEODORE ROOSEVELT

Este livro foi um projeto muito ambicioso, e admito prontamente que investigá-lo e escrevê-lo foi não só uma experiência emocionante, mas também muito assustadora. A complexidade do tema e o enorme volume de material de investigação fizeram-me sentir como se estivesse a desafiar imprudentemente um Golias livreiro tendo apenas um ramo de cana na mão para o derrubar! No entanto, a tentação de perseguir e desvendar um mistério histórico desta magnitude era demasiado tentadora para ser ignorada.

Havia, certamente, a apreensão inicial que todos os autores sentem ao assumir tal tarefa. Um longo e escuro túnel tem de ser atravessado a solo e, depois, na outra extremidade, aguardam as inevitáveis chicotadas dos especialistas cujas penas acabaremos inevitavelmente por eriçar. Mas esses receios são rapidamente descartados por uma estranha — quase perversa — emoção de gladiador ao marchar para a arena para travar batalha novamente com aquele velho inimigo: o consenso académico.

Há uma década, escrevi com Graham Hancock *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith*. Neste livro explorámos a tradição hermética, rastreámos a sua viagem para fora do Egito e a sua influência no desenho das principais capitais do mundo ocidental. Os académicos, escusado será dizer, ignoraram-no. E o único académico que não o ignorou acabou por nos pagar plagiando descaradamente uma descoberta que fizéramos relativamente ao traçado da antiga Alexandria. Trago isto à baila porque havia também uma minúscula — embora imensamente importante — "cidade" em que o Graham e eu mal tocámos no nosso livro: a Cidade do Vaticano, em Roma.

Com o distanciamento do tempo, posso dizer que tínhamos ignorado a peça mais importante daquele enorme quebra-cabeças histórico que nos propuséramos resolver. Após muita deliberação, decidi finalmente reabrir o caso da Cidade do Vaticano no final de 2011. Foi nesse momento que convidei a autora italiana Chiara Hohenzollern e também o Dr. Sandro Zicari a juntarem-se a mim.

Permitam-me ir direto ao assunto: é frequentemente afirmado por historiadores de arte e arquitetura que a *Piazza St. Peter's* no Vaticano foi desenhada para representar "os braços abertos da Mãe Igreja". Isto, na verdade, é mesmo afirmado pelo próprio Gian Lorenzo Bernini, o arquiteto responsável pelo projeto. Acreditamos que isso seja uma

verdade, mas não a verdade total. A verdade vem frequentemente em muitas camadas.

Revelar apenas uma camada mas dissimular outra fará com que essa verdade parcial pareça, de facto, algo muito diferente. É por isso que hoje uma pessoa no banco das testemunhas num tribunal presta juramento para dizer não apenas a verdade, mas sim a verdade total. Acreditamos que existe outra camada, muito mais importante, na qual repousa a verdade total por trás do grandioso desenho de Bernini. Esta verdade total ele, no entanto, levou-a para o túmulo, pois era uma verdade tão indizível, um tabu de tal ordem, um fruto proibido no seu tempo que a mera menção dela poderia ter derrubado todo o edifício da Mãe Igreja — ou seja, o próprio Vaticano. Contudo, a espantosa audácia do estratagema de Bernini foi esconder a verdade à vista de todos, para que todos a vissem. Na verdade, ele fê-lo tão bem que todos os que olharam — e têm sido milhões desde então — não a viram na totalidade. E quando finalmente alguns a viram, tão ultrajante, tão fantástica era a sua implicação que simplesmente preferiram descartá-la como mera coincidência. Bernini pretendia claramente que fosse uma espécie de bomba-relógio intelectual destinada a ser detonada não no seu tempo, mas sim quando o momento fosse o correto, quando a sua revelação não derrubasse o Vaticano, mas fizesse, pelo contrário, o oposto.

Para apreciar plenamente a magnitude desta revelação, e para tornar o nosso caso digno da mais séria consideração, tivemos de empreender uma perseguição ao longo de quase dois milénios de história, desde a Alexandria greco-romana até à Roma do Renascimento, movendo-nos por vezes a uma velocidade vertiginosa, fazendo com que o *Anjos e Demónios* de Dan Brown pareça um passeio de domingo no parque. Foi uma empresa emocionante e, acima de tudo, uma espantosa abertura de olhos. Não importa o que se pense sobre o assunto, uma coisa é certa: o Cristianismo e a cultura ocidental nunca mais parecerão os mesmos.

Mas basta de paleio. O dado está lançado. Tem as provas nas suas mãos. Não há necessidade de demoras.

Estamos prontos para apresentar o nosso caso . . .

1
A VERDADEIRA RELIGIÃO DO MUNDO

Por causa disto, Asclépio, o ser humano é uma grande maravilha, um ser vivo a ser adorado e honrado: pois ele muda a sua natureza na de um deus, como se ele próprio fosse um deus. — BRIAN P. COPENHAVER, *HERMÉTICA*

Gostaria então que Vossa Santidade, e todos os futuros papas, dessem ordens para que alguns dos livros que mencionei [livros sobre a Hermética] fossem continuamente ensinados em todos os lugares, tal como eu os ensinei nos últimos catorze anos em Ferrara. Tornará assim todos os homens capazes em Itália, Espanha e França amigáveis para com a Igreja, e talvez até os protestantes alemães. — DEDICATÓRIA AO PAPA GREGÓRIO XIV, *NOVA DE UNIVERSIS PHILOSOPHICA*, POR FRANCESCO PATRIZZI, 1591; CITADO DE FRANCES A. YATES, *GIORDANO BRUNO AND THE HERMETIC TRADITION*

RENASCIMENTO

A história que estamos prestes a contar é tão estranha quanto controversa. Se estivermos certos, então o Cristianismo Romano, na verdade talvez todo o Cristianismo, está prestes a ser virado de pernas para o ar. A maioria dos cristãos de hoje não tem conhecimento de que, não há muito tempo, um punhado de filósofos muito sábios e muito corajosos deu o pontapé de saída para uma revolução intelectual e espiritual numa tentativa aparentemente impossível de reformar a igreja em algo de facto muito diferente. A missão deles era nada menos do que libertar o Cristianismo do jugo de um clero opressor e dos seus dogmas, e transformá-lo numa religião mágica da natureza, a "verdadeira religião do mundo", governada por sacerdotes-filósofos sábios e benevolentes a partir de uma "cidade do sol" estabelecida no

coração da Cristandade: Roma. A tarefa a que nos propomos é cronicar a missão destes homens e mulheres extraordinários e procurar esta lendária e mágica cidade do sol. O período histórico que iremos explorar é conhecido como o Renascimento — literalmente o "Renascimento" —, quando a Europa procurava intensamente o conhecimento da realidade, uma resposta para os seus problemas que a educação normal não conseguia dar. . . . Voltou-se para outras formas de procurar uma resposta: intuitiva, mística, mágica . . . procurou cultivar a . . . faculdade intuitiva do homem.1

Abrangendo dois séculos, de 1460 a 1675,*1 o renascimento cultural que iremos abordar teve o seu início na cidade de Florença. Aí, numa Europa que emergia lentamente das amarguras da Idade das Trevas e da Idade Média, desgastada pela opressão da igreja,†2 adocicada por séculos de guerras cruzadas e espiritualmente empobrecida pelo desenfreado fanatismo religioso, intriga e hipocrisia, alguns homens iluminados demonstraram uma coragem espantosa ao questionar e até desafiar a instituição eclesiástica, e ergueram-se ousadamente para expressar a sua nova visão para curar o mundo.

Trabalhando frequentemente a solo, a sua missão comum era provocar pacificamente uma grande reforma no Vaticano e, por extensão, na Cristandade como um todo. Eram os filósofos do Renascimento ou, como alguns historiadores por vezes lhes chamam, os "magos herméticos". Eram altamente instruídos, altamente eloquentes e altamente motivados, e o seu armamento poderoso não era a espada, mas sim a pena e a palavra. Trabalhando em salas mal iluminadas e frequentemente à luz de velas, vertiam as suas epifanias intelectuais em livros, tratados e teses que promoviam uma teologia e filosofia de uma idade de ouro perdida que era compatível com as novas descobertas científicas e, mais importante ainda, com a dignidade humana e a liberdade intelectual.

Propomo-nos focar a nossa investigação em três grandes movimentos cuja influência, acreditamos, levou à construção real da esquiva "Cidade Hermética do Sol". Estes movimentos foram o Hermetismo, o heliocentrismo e o utopianismo. Embora apanhados numa crise paralela que se abateu sobre a Cristandade, nomeadamente a Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica, a forte mistura

mental que estes movimentos criaram quando fundidos forneceu o combustível cerebral para o Renascimento e, como alguns historiadores também estão inclinados a acreditar, para a subsequente era dos descobrimentos e o Iluminismo. Mas a um nível mais profundo e oculto — o nível que vamos explorar neste livro —, estes movimentos, especialmente o Hermetismo, também criaram uma espécie de bomba-relógio espiritual e intelectual que estava destinada a explodir no próprio limiar do Vaticano. Analisaremos estes movimentos em detalhe nos capítulos seguintes, mas resumidamente por agora:

O Movimento Hermético

Esta foi uma tentativa concertada de restaurar a "religião mágica do antigo Egito", conforme redescoberta no *Corpus Hermeticum* ou na *Hermética*, um corpo de livros que se acreditava ser a obra de um sábio egípcio omnisciente chamado Hermes Trismegistus. Os filósofos do Renascimento viam na *Hermética* uma teologia perene poderosa que elevava o homem ao estatuto divino através da busca do conhecimento (gnose). A maioria, mas não todos os filósofos do Renascimento, tentou desesperadamente fazer com que esta fosse adotada, e até canonizada pelo Vaticano, por vezes à custa das suas próprias vidas.

O Movimento Heliocêntrico

Tratou-se das novas descobertas científicas de Nicolau Copérnico, Johannes Kepler e Galileu: essencialmente que não era a Terra, mas sim o sol que se encontrava no centro do universo visível. Infelizmente, o Vaticano sustentava que tais descobertas iam contra as Sagradas Escrituras e, como consequência, repudiou-as veementemente e declarou-as uma heresia vil. Apesar disso, alguns filósofos do Renascimento tentaram audaciosamente convencer o Vaticano a reconhecer e a adotar estas descobertas, uma vez mais correndo o risco das suas próprias vidas.

Geocentrismo versus Heliocentrismo

O geocentrismo, ou centralização na Terra, é o modelo astronómico (erróneo) no qual o sol e todos os outros corpos celestes orbitam ou giram em torno da Terra. A teoria já tinha sido avançada por Aristóteles por volta de 340 a.C., mas foi totalmente desenvolvida por Cláudio Ptolomeu de Alexandria no século II d.C., no seu livro *O*

Almagesto. O sistema ptolemaico era favorecido, aliás, apoiado vorazmente pela Igreja Católica porque se considerava que estava em conformidade com várias afirmações nas Sagradas Escrituras, implicando que la Terra era estacionária e imóvel e que todos os corpos celestes giravam em torno dela.

Por exemplo (da Bíblia King James): Crónicas 16:30 afirma: "Trema diante dele toda a terra; o mundo todo continuará firme e não será abalado"; Salmos 104:5 afirma: "[Deus] lançou os fundamentos da terra, para que não vacile em tempo algum"; e Eclesiastes 1:5 afirma: "Nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar de onde nasceu."

O heliocentrismo, ou centralização no sun, é o modelo astronómico (correto) no qual la Terra e os planetas orbitam ou giram em torno do sol. Embora tenha sido discutido na antiguidade, especialmente por Aristarco de Samos no século III a.C., foi largamente ignorado. Não foi senão em meados do século XVI que o astrónomo polaco Nicolau Copérnico desenvolveu um modelo matemático (descrito em *De revolutionibus orbium coelestium* [Das Revoluções das Esferas Celestes], publicado em 1543) que os cientistas e filósofos do Renascimento começaram a prestar realmente atenção.

Ao início, a igreja não o viu como uma ameaça séria, visto que era, afinal de contas, apenas mais uma teoria. Mas quando, meio século mais tarde, o astrónomo Johannes Kepler a desenvolveu com o seu modelo elíptico e apresentou as suas três leis do movimento planetário, e especialmente depois de Galileu, usando o seu telescópio, ter fornecido provas visuais de apoio, o Vaticano fez tudo o que pôde para a suprimir.

O Movimento Utópico

Este movimento promovia a fundação de repúblicas ou cidades-estado idealistas onde as pessoas pudessem viver e prosperar em relativa harmonia e paz. A cidade-estado utópica na qual estamos prioritariamente interessados é a chamada Cidade do Sol, uma espécie de híbrido de teocracia e democracia chefiado por um sacerdote-cientista-filósofo iluminado. Com a divisão da Cristandade ocidental em Protestantismo e Catolicismo, e com a sangrenta e genocida Reforma e Contrarreforma que se seguiu, os filósofos do

Renascimento tentaram desesperadamente reunir a Cristandade sob uma teologia perene renascida, administrada a partir de uma Cidade do Sol centralizada.*3

Existem, naturalmente, muitas publicações académicas sobre estes movimentos e as influências que exerceram na história ocidental. Consultámos muitas, como ficará evidente nos capítulos seguintes. O consenso entre os historiadores do Renascimento é que o movimento hermético simplesmente se desvaneceu, em parte porque foi esmagado pela igreja, e principalmente porque foi assolado pela era científica e pelo Iluminismo dos séculos XVI e XVII. Assim, de acordo com Frances A. Yates, por exemplo:

O reinado de Hermes Trismegistus pode ser datado com exatidão: começa no final do século XV, quando Ficino traduziu o recém-descoberto *Corpus Hermeticum.* Termina no início do século XVII. . . . Dentro deste período do seu reinado, a nova visão do mundo, as novas atitudes, os novos motivos, que deveriam levar ao surgimento da ciência moderna, fizeram a sua aparição. . . . Hermes Trismegistus teve de ser descartado para libertar o século XVII para o seu avanço.2

Um dos objetivos do nosso livro, mas não o principal, é mostrar que, ao contrário do que Frances A. Yates e outros concluíram, o movimento hermético não só sobreviveu como também manteve a sua potência, indetetável e adormecido — velado é uma palavra melhor — , à espera do momento certo para surgir como o proverbial génio da lâmpada. E pretendemos fazer exatamente isso: esfregar vigorosamente essa lâmpada intelectual para que a Cidade Hermética do Sol apareça em plena vista, sob o próprio nariz do Vaticano.

Utilizamos o termo Vaticano como representante do papado e do quartel-general a partir do qual o papa governa. A Cidade do Vaticano, um estado independente criado em 1929 pelo Tratado de Latrão e que compreende uma área murada de cerca de 44 hectares dentro da cidade de Roma, não é, em bom rigor, o mesmo que a Santa Sé, sendo esta última "a jurisdição episcopal da Igreja Católica Romana". De acordo com o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico, por exemplo, a Cidade do Vaticano é vista como a cidade "capital" da Santa Sé, tal como Londres é a capital de Inglaterra e do Reino Unido, embora reconheça que a Santa Sé (na verdade, o papa) atua como a coroa em Inglaterra e no Reino Unido. Ambas as

entidades, a Cidade do Vaticano e a Santa Sé, são consideradas entidades separadas no direito internacional.

Existem pouco menos de 3.000 funcionários que trabalham para la Santa Sé (a Cúria Romana) e cerca de mais 330 nas suas missões diplomáticas. A Cidade do Vaticano, por outro lado, emprega cerca de 1.910 pessoas. A população permanente da Cidade do Vaticano é de cerca de 800 pessoas. Não é claro quantas, além deste número, possuem passaportes da Cidade do Vaticano. (A Santa Sé, não sendo um "estado" em si, apenas emite "passaportes diplomáticos".) Confuso? Uma declaração do embaixador britânico relativamente à diferença entre a Santa Sé e a Cidade do Vaticano clarifica um pouco esta relação complexa: "[A Santa Sé] não é o mesmo que a Cidade do Vaticano. . . . [Ela] é o governo universal da Igreja Católica e opera a partir da Cidade do Vaticano." (*itálico adicionado*)

Esta parece ser também a posição do Departamento de Estado dos EUA, que sustenta que a Santa Sé "opera a partir da Cidade do Vaticano".

Começamos a nossa história onde e quando ela deve começar: Alexandria, Egito, no século I . . .

A CIDADE DA MEMÓRIA

O autor britânico Lawrence Durrell escreveu uma vez que Alexandria era a "cidade da memória!"3 Um epíteto tão marcante tem uma ressonância especial para mim, pois estou ligado a esta cidade por um cordão umbilical invisível que se estende por três séculos. Nasci em Alexandria em 1948, filho de pais de origens mistas — maltesa, italiana, belga e síria — que podem ser rastreadas até aos tempos pré-napoleónicos no Cairo, em 1785.*4 Cresci um pouco alheio ao resto do mundo. O meu mundo eram as praias douradas do Mediterrâneo no Norte de África e o subúrbio arborizado de Alexandria, fora das antigas muralhas da cidade, as ruelas estreitas onde árabes, arménios, gregos, italianos e malteses exibiam as suas mercadorias, e onde cristãos, muçulmanos e judeus se misturavam como amigos e viviam como vizinhos. Foi nesta Alexandria cosmopolita que desenvolvi um apetite insaciável pelo conhecimento, especialmente pela história, e lia quaisquer livros em que conseguisse deitar as mãos. Os livros importados eram demasiado caros para nós os podermos comprar, por isso o meu pai levava-me todas as semanas

a uma biblioteca privada que alugava livros. Lembro-me dessa maravilhosa sensação de entusiasmo enquanto carregava aquele saco cheio de livros de volta para casa para a minha leitura semanal. Sentia-me atraído pela história antiga, pela astronomia e pela cosmologia. Sei agora que este foi o início da minha busca pela gnose, essa sabedoria natural perene que outrora foi conhecida dos antigos.

Alexandria — a mera menção deste nome evoca memórias da minha juventude e, agora ainda mais, a história rica e dramática que começou quatro séculos antes do advento de Cristo, com Alexandre, o Grande, César, Cleópatra, Marco António e Ptolomeu, e aqueles eruditos lendários como Hipátia, Teon e Euclides. E edifícios mágicos como o Grande Serapeu, a Grande Biblioteca, o Farol de Pharos! No entanto, não é apenas isto que Alexandria evoca para mim. Há, também, as personagens românticas do romance em quatro volumes de Durrell, *O Quarteto de Alexandria*, modeladas em pessoas reais da sociedade cosmopolita de Alexandria: a Melissa de coração partido, a apaixonante Clea, a bela e intrigante Justine, e o filósofo místico Balthazar. E notemos, também, que foi igualmente em Alexandria que a Bíblia Hebraica foi traduzida pela primeira vez para grego, e onde São Marcos, o Evangelista, foi martirizado. Aqui, também, reza a lenda que os Reis Magos da Natividade tinham sido sepultados, apenas para que as suas relíquias fossem roubadas por marinheiros venezianos e exibidas na Catedral de Colónia. Mas de todos estes eventos e contos exóticos, o que mais influenciou a alma do mundo, sendo no entanto o menos conhecido, é a escrita do *Corpus Hermeticum*. Infelizmente, hoje poucos alexandrinos ouviram falar destes escritos, quanto mais conhecem o efeito surpreendente que tiveram na cultura ocidental.*5 Alexandria no século I, portanto, é onde e quando devemos começar, e Garth Fowden, professor de investigação no Centro de Antiguidade Grega e Romana da Fundação Nacional de Investigação em Atenas e um reconhecido especialista na *Hermética*, sublinha este ponto claramente para nós: "Para qualquer investigação do meio do Hermetismo, com ou sem o Egito, Alexandria é o ponto de partida natural."4

Façamos então uma viagem mental no tempo até à Alexandria da antiguidade tardia, onde os hermetistas estavam ocupados a escrever a

teologia perene de outrora. Mas antes de o fazermos, um véu que foi lançado sobre essa cidade antiga tem de ser erguido.

Hoje, Alexandria, como seria de esperar, é uma grande cidade moderna com todos os adornos da cultura moderna. O turista moderno irá encontrá-la completa com lojas de *fast-food* McDonald's, cafés Starbucks, pizzarias e com uma população de seis milhões de pessoas, constituída maioritariamente por muçulmanos com uma minoria — cerca de 10 por cento — de cristãos. A antiga Alexandria, contudo, era um lugar muito diferente. No século I, era uma magnífica metrópole clássica nos melhores estilos grego e egípcio, com avenidas largas que fariam os modernos *Champs Élysées* de Paris parecer uma rua comum. A sua população, com cerca de um quarto de milhão de pessoas, era cosmopolita: maioritariamente gregos e romanos. É um testemunho da magnificência desta cidade antiga o facto de, embora tenha desaparecido, viver não obstante na memória coletiva da humanidade como a joia urbana do passado.

Quando a *Hermética* estava a ser escrita na Alexandria do século II d.C., esta metrópole já tinha cinco séculos e tinha suportado mudanças culturais dramáticas desde a sua fundação em 331 a.C. por Alexandre, o Grande. Imediatamente antes da chegada de Alexandre, o Egito tinha suportado uma ocupação brutal e humilhante por parte dos persas, que profanaram e até destruíram muitos dos templos antigos, deixando o país marcado física e espiritualmente.

Depois de Alexandre ter derrotado o exército persa de Dario III em Isso, na Síria, e de ter marchado triunfalmente para o Egito, este rei macedónio de vinte e quatro anos foi saudado como um libertador, com alguns a irem ao ponto de afirmar que ele era o deus-faraó que regressava. Os sacerdotes egípcios sabiam bem que, desde a infância, Alexandre acalentava a crença de que o seu verdadeiro "pai" era Amon, o deus solar do Egito, que os gregos identificavam como Zeus-Ammon do Oráculo de Siuá, um oásis no interior do deserto ocidental do Egito.

Zeus-Ammon e Alexandre

A crença de que o deus solar Zeus-Ammon de Siuá era o seu verdadeiro pai foi incutida na mente do jovem Alexandre pela sua mãe altamente emotiva e muito mística, a Rainha Olímpia. Olímpia, uma sacerdotisa no Oráculo de Zeus em Dodona, no Épiro, que estava

geminado com o de Ammon em Siuá, era dotada de uma profunda natureza mística e acreditava que estava destinada a ser a mãe de um filho-herói divino que, tal como o deus Dioniso, filho de Zeus, uniria o mundo. Quando Olímpia casou com Filipe II da Macedónia em 357 a.C., o Egito estava sob ocupação persa, sendo estes os inimigos tradicionais os gregos. Reza a lenda que, na sua noite de núpcias, Olímpia recebeu a visita de Zeus-Ammon, que a engravidou.

O sonho de Alexandre, contudo, não era apenas unir o mundo, mas também criar uma cidade universal dedicada ao conhecimento e à sabedoria — um grande refúgio intelectual — onde eruditos e filósofos de toda a parte partilhariam os seus conhecimentos e descobertas para benefício da humanidade.

Alexandria: A Cidade Universal

É provável que a ideia de uma cidade universal do saber tenha sido incutida na cabeça de Alexandre pelo grande filósofo Aristóteles, que tinha sido tutor do jovem príncipe durante muitos anos. Aristóteles tinha escrito a *Politika* [A Política], na qual analisa vários sistemas de constituições e o estado ideal, e que certamente teria discutido com o jovem Alexandre. Seria Alexandria esse "estado ideal"? Sem dúvida que se tornou o centro universal do saber durante vários séculos, bem como o lugar onde os habitantes se autodenominavam cidadãos do mundo (ou seja, cosmopolitas). Aqui, por um momento breve mas iluminador na história humana, todas as religiões e raças coabitaram em relativa paz. O termo cosmopolita provém provavelmente de Diógenes de Sinope (cerca de 415 a.C.), que, quando questionado sobre a qual estado pertencia, respondeu: "*Kosmopolites*" (Sou um cidadão do mundo). Alexandria foi provavelmente o mais próximo de uma utopia cosmopolita que o mundo alguma vez conheceu.

Reza a lenda que o arquiteto Dinócrates de Rodes, sob a orientação do próprio Alexandre, desenhou o plano urbanístico de Alexandria. O traçado da nova cidade, contudo, revela uma influência egípcia que pode ser apelidada de "solar", uma espécie de cidade do sol para emular as grandes cidades solares do Egito, como Heliópolis, a suprema Cidade do Sol do mundo antigo, ou Tebas no Alto Egito.*6

Havia duas artérias principais em Alexandria: a Via Canópica e o Soma. A Via Canópica corria de leste para oeste e estendia-se para

leste em direção a Canopo, a cerca de vinte quilómetros de Alexandria. O Soma corria de norte para sul e intersetava a Via Canópica para formar uma enorme cruz cujo centro era uma área aberta conhecida como a Ágora.

A Via Canópica foi provavelmente batizada em homenagem a Kanopos, o lendário navegador homérico que pilotou a frota de Menelau na *Ilíada*. De acordo com um mito homérico, a cidade de Canopo (a atual Abukir) no Egito foi fundada por Menelau, que lhe deu o nome do piloto do seu navio, que morreu na sua praia. Homero diz que Menelau construiu um santuário à sua memória ali, em torno do qual a cidade se desenvolveu mais tarde. Um templo dedicado a Osíris foi posteriormente construído em Canopo por Ptolomeu III. Heródoto, que escreveu cerca de um século antes da fundação de Alexandria, afirmou que existia um templo dedicado a Héracles nessa região. Segundo alguns egitólogos, contudo, a cidade chamava-se Canopo porque a estrada conduzia a um templo onde os peregrinos depositavam "vasos canópicos" utilizados em rituais funerários. Alexandre é também bem conhecido por ter reivindicado descendência de Dioniso e Héracles, ambos associados ao deus egípcio Osíris pelo historiador e autor Heródoto, cujos célebres livros *As Histórias* Alexandre tinha lido diligentemente. Assim, pelo menos desde o tempo de Heródoto, sabia-se que um templo era dedicado a Héracles-Osíris numa cidade chamada Heracleion, perto da atual Abukir. O eixo da Via Canópica, quando estendido em direção ao horizonte oriental, teria passado perto de Heracleion, algo de que Alexandre teria certamente sido informado. (Heracleion foi submersa após um terrível sismo, mas foi redescoberta recentemente por arqueólogos marinhos franceses.)

Em ambas as extremidades da Via Canópica existiam portas que conduziam à área interior amuralhada da cidade. A porta ocidental era conhecida como a *Selene* (Porta da Lua) e a porta oriental como a *Helios* (Porta do Sol).

Embora os historiadores tenham assumido que o plano de traçado da cidade se baseava no sistema de grelha clássico grego, os egípcios já tinham utilizado um traçado em grelha semelhante — a cidade solar Akhetaten (Horizonte de Aten, o disco solar) em Tell el Amarna é um bom exemplo — muito antes dos gregos. Alexandre, afinal, tinha sido

proclamado faraó do Egito, um título que o associava diretamente à genealogia divina do deus do sol do Egito. Como tal, Alexandre devia ser visto como a reencarnação de Hórus, o deus falcão solar que se considerava reencarnado na pessoa do faraó. Desde tempos imemoriais, os nascimentos destes reis-Hórus estavam associados ao aparecimento ao amanhecer da estrela Sótis (Sírio). Na antiguidade tardia, isto ocorria a 20 de julho (no calendário juliano), conforme observado a partir da latitude de Alexandria. No antigo Egito, os templos e até cidades inteiras eram frequentemente alinhados com o sol nascente para assinalar um evento importante.*7 Estaria totalmente em linha com tal tradição que a Via Canópica de Alexandria também tivesse um alinhamento solar desse género para assinalar algum dia importante relacionado com Alexandre, o Grande.

Quando vivi em Alexandria, presenciei frequentemente o nascer e o pôr do sol ao longo da *Shara'a Fuad*, a moderna estrada de alcatrão que hoje corre diretamente sobre a antiga Via Canópica — um facto confirmado pelo astrónomo egípcio Mahmoud El Falaki Bey na década de 1870. El Falaki determinou que existiam onze artérias principais a correr paralelamente ao longo da largura da antiga cidade, e sete outras artérias a correr paralelamente ao longo do comprimento da cidade. Os poços de teste e as valas escavadas por El Falaki estabeleceram que la Via Canópica tinha cerca de 2.300 metros de comprimento e que estava orientada a 24° a norte de leste, com uma precisão de 30 minutos de arco. Visto a partir da latitude de Alexandria, os pontos do nascer do sol ocorrem entre 28° sudeste (solstício de inverno) e 28° nordeste (solstício de verão). O cronista do século I, Plutarco, na sua *Vida de Alexandre*, escreve: "Alexandre nasceu no dia seis de Hecatombéon, mês a que os macedónios chamam Lous, no mesmo dia em que o templo de Diana em Éfeso foi queimado" (*itálicos adicionados*).

Hecatombéon era o primeiro mês do ano grego. Considerava-se que começava na primeira lua nova após o solstício de verão. Pode calcular-se que em 356 a.C., o ano do nascimento de Alexandre, a lua nova após o solstício de verão caiu a 14 de julho (juliano). Assim, o nascimento de Alexandre caiu seis dias mais tarde, a 20 de julho. Nesta altura, o sol estava no signo de Leão, o que pode explicar as feições faciais e o cabelo leoninos que os escritores antigos atribuíam

a Alexandre. Alexandre ou, mais provavelmente, os seus astrónomos determinaram o alinhamento do eixo central da cidade de Alexandria, que mais tarde seria chamada Via Canópica. É, portanto, significativo que o eixo desta estrada seja 24° nordeste e, assim, aponte para o sol nascente a 20 de julho, o aniversário de Alexandre. Também nesse mesmo dia teria ocorrido o nascer helíaco de Sírio, a estrela egípcia cujo erguer marcava o nascimento divino dos reis-Hórus. Tudo isto sugere fortemente, se não confirma, que a cidade de Alexandria foi alinhada com o nascer do sol a 20 de julho para comemorar o aniversário do seu ilustre fundador.

A Controvérsia do Alinhamento da Via Canópica

Em 2004, apresentei a hipótese de que a Via Canópica de Alexandria estava orientada para o sol nascente a 20 de julho (juliano) para marcar o aniversário de Alexandre, o Grande, no meu livro (coescrito com Graham Hancock) *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith*.6 Oito anos mais tarde, em 2012, o astrónomo Giulio Magli do *Milano Politecnico* e a sua colega Luisa Ferro, uma arquiteta da mesma instituição politécnica, confirmaram a validade desta teoria.7

No artigo "O Alinhamento Astronómico do Plano Urbano de Alexandria", aplicámos argumentos arqueoastronómicos e arqueológicos rigorosos para mostrar que o eixo principal de Alexandria foi deliberadamente orientado para o sol nascente no dia do nascimento de Alexandre e para a estrela do rei, Régulo.*8 Após a publicação, fomos informados de que uma orientação solar semelhante do eixo principal de Alexandria, também relacionada com o nascimento de Alexandre, já tinha sido proposta em 2004 no livro *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith* por Graham Hancock e Robert Bauval, cuja prioridade na elaboração desta ideia é, por isso, aqui reconhecida.8

A CRIAÇÃO DE UM DEUS

Mal o plano da cidade ficou definido, Alexandre deixou o Egito em perseguição do rei persa Dario III, que tinha fugido para a Babilónia. Alexandre nunca mais regressaria para ver a magnífica cidade universal que ostenta o seu nome, pois faleceu em 323 a.C. na Babilónia devido a uma febre alta, provavelmente provocada pela malária. Coube então a Ptolomeu, o principal general de Alexandre, supervisionar a construção de Alexandria. Ptolomeu, cujo nome deu

origem à dinastia ptolomaica, foi coroado rei do Egito em 305 a.C. e tomou o nome de *Soter* (Salvador).

Ptolomeu I Soter era um homem muito erudito e sábio. Aconselhava-se não só com conselheiros gregos, mas também com sacerdotes nativos egípcios. Um desses conselheiros foi Manetom de Sebenitos, um sumo sacerdote de Heliópolis, que aconselhava o rei em matérias relacionadas com a religião e a história. Ptolomeu I também nomeou um grupo de eruditos para conceber o "deus" mais adequado para Alexandria.

Os eruditos conceberam Ápis-Serápis, a forma grega do deus egípcio *Wsr-Hapi* (Osíris-Ápis). Serápis tinha a aparência de Zeus — um homem barbudo vestindo trajes gregos —, mas com a adição de um toucado conhecido como um *modius*, uma espécie de vaso utilizado como medida seca para cereais. A Serápis foi então dada como consorte a deusa Ísis. O novo culto de Serápis e Ísis espalhou-se rapidamente por toda a parte. Um grande templo dedicado a Serápis, o Serapeu, foi construído num promontório no oeste de Alexandria. O culto de Serápis e Ísis era ainda enormemente popular quando os romanos invadiram o Egito em 30 a.C. Os historiadores modernos têm frequentemente sublinhado que, se o Cristianismo não se tivesse tornado a religião oficial de Roma alguns séculos mais tarde, o mundo provavelmente ainda teria a religião de Serápis e Ísis!

Manetom era da cidade do delta de Sebenitos. O seu nome é bem conhecido dos eruditos modernos por ser o autor de uma cronologia dos faraós, *Aegyptiaca*, que ainda hoje é utilizada como referência. Não existe nenhuma fonte para datar o seu nascimento e morte, mas a maioria dos egitólogos situa Manetom na época de Ptolomeu I Soter e Ptolomeu II Filadelfo. Manetom era altamente instruído e conhecia certamente a língua hieroglífica. No entanto, escreveu exclusivamente em grego, sugerindo que ele e outros sacerdotes egípcios traduziram escritos sagrados do antigo Egito, tais como os célebres Livros de Thoth, para a língua grega. Numa carta de Manetom (a ele atribuída por um monge do século IX chamado Jorge Sincelo de Bizâncio) dirigida a Ptolomeu II Filadelfo (c. 285–246 a.C.), [ele apresenta-se como "Sumo Sacerdote e Escriba . . . habitando em Heliópolis."] Sincelo comentou que Manetom conhecia os escritos que foram inscritos na língua sagrada em letras hieroglíficas por Thoth, o

primeiro Hermes, e traduzidos após o dilúvio*9 da língua sagrada para a língua grega . . . e vertidos em livros pelo filho de Agatodemon, o segundo Hermes, ou melhor, de Tat, nos santuários dos templos do Egito. . . . [Manetom] dedicou-os a Ptolomeu . . . escrevendo assim: "visto que procurais saber o que virá a ser no cosmos, apresentar-vos-ei os livros sagrados que conheci, escritos pelo vosso antepassado, Hermes Trismegistus."9

A MAGIA NÃO É "RELIGIÃO"

Um facto frequentemente não muito bem apreciado, por vezes nem sequer por egitólogos profissionais, é que o antigo Egito não tinha uma religião propriamente dita, pelo menos não da forma como a religião é entendida hoje. Na verdade, não existia nenhuma palavra para religião no vocabulário dos antigos egípcios. De acordo com o egitólogo britânico Alan H. Gardiner: "Do ponto de vista egípcio, podemos dizer que não existe tal coisa como 'religião'; havia apenas *heka*, cujo equivalente mais próximo em inglês é 'poder mágico'."10

Em outras palavras, o antigo Egito não tinha uma religião, tinha uma religião mágica. Os antigos egípcios acreditavam enfaticamente que a *heka* era divina, o que hoje chamaríamos uma ciência sagrada, um tipo de gnose trazido do céu por Thoth, o deus da sabedoria. A forma como a *heka* funcionava nunca era revelada, exceto que ocorria através de intensos ensinamentos esotéricos, rituais, iniciações e, acima de tudo, de um conhecimento profundo do céu e dos seus ciclos. Ter *heka* significava ser um mago que conhecia as palavras de poder que podiam controlar as forças da natureza, afastar o mal e curar os doentes. Não pode haver dúvidas de que, para os antigos egípcios, o mais supremo dos magos era Thoth. De acordo com o egitólogo britânico Patrick Boylan, professor de línguas orientais no *University College* em Dublim:

Thoth . . . é o deus da sabedoria e ordenador do cosmos. A sua palavra tem de chamar as coisas à existência . . . [e ele é] dotado de poderes mágicos. A magia pressupõe sempre uma gnose especial. O mago afirma possuir um conhecimento mais elevado e profundo da natureza secreta das coisas, e da ligação oculta que mantém as coisas unidas. Ele é o sábio cujas palavras têm o poder de controlar forças

misteriosas e de afastar perigos invisíveis. E o mago faz tudo isto pelo poder da sua gnose especial.11

Acreditava-se que esta gnose especial — um conhecimento mágico da natureza e do cosmos — tinha sido escrita na língua sagrada dos hieróglifos pelo próprio Thoth em livros guardados no Grande Templo do Sol de Heliópolis, a Cidade do Sol. O egitólogo francês Christian Jacq explica:

O maior centro de magia no Egito era provavelmente a cidade santa de Heliópolis, la cidade do sol, onde se desenvolveu a teologia mais antiga. Aqui conservavam-se numerosos papiros, "mágicos" no sentido mais amplo da palavra, incluindo textos médicos, botânicos, zoológicos e matemáticos. A maioria dos filósofos e sábios gregos viajou para Heliópolis para estudar um pouco desse conhecimento.12

Jacq afirma ainda que em Heliópolis era ensinada uma "ciência sagrada que exige especialistas treinados durante muitos anos para compreender as forças mais secretas do universo."13 Essencialmente, esta ciência sagrada ou "magia" era utilizada para fazer descer o poder e a influência benevolente dos corpos celestes e armazená-los em amuletos, estátuas, santuários, monumentos, templos e até em cidades inteiras. Não precisamos de ver isto como uma astrologia horoscópica ilusória, pois, de acordo com Frances A. Yates:

O tipo de magia com que nos vamos ocupar difere profundamente da astrologia, que não é necessariamente magia de todo, mas sim uma ciência matemática baseada na crença de que o destino humano é irrevogavelmente governado pelas estrelas, e que, portanto, a partir do estudo do horóscopo de uma pessoa, a posição das estrelas no momento do seu nascimento, se pode prever o seu futuro irrevogavelmente preordenado. Esta magia é astrológica apenas no sentido em que também se baseia nas estrelas, nas suas imagens e influências, mas é uma forma de escapar ao determinismo astrológico ao ganhar poder sobre as estrelas, guiando as suas influências na direção que o operador deseja. Ou, no sentido religioso, é um caminho de salvação, de fuga à fortuna e ao destino materiais, ou de obtenção de uma visão do divino. Daí que "magia astrológica" não seja uma descrição correta da mesma e, doravante, à falta de termo melhor, chamar-lhe-ei "magia astral".14

Frances A. Yates refere-se especificamente ao tipo de magia hermética que os filósofos do Renascimento acreditavam ter descoberto na *Hermética*. Na verdade, um termo melhor para isto seria magia talismânica. Mas estamos a queimar etapas aqui. Precisamos de permanecer na antiga Alexandria um pouco mais de tempo para obter uma compreensão de quem era Thoth, esse inventor da magia talismânica e arquétipo de Hermes Trismegistus, ou, para ser mais específico, quem os filósofos do Renascimento pensavam que ele era . . .

UM LUGAR PARA FLORESCER

Nos poucos séculos que se seguiram à fundação de Alexandria, a cidade transformou-se no mais magnífico centro "universitário" do mundo antigo. Aqui, a todas as ciências e artes foi dada rédea solta para florescerem. Uma das peças centrais da cidade era o esplêndido mausoléu de Alexandre, o Grande, um pequeno mas belo templo dórico com um sarcófago de vidro que continha o corpo mumificado do herói. Havia, também, o famoso Farol de Pharos e a Grande Biblioteca, esta última ainda hoje evocando raiva e tristeza, após quase dois milénios, devido à sua destruição insensata por uma turba cristã fanática. As largas avenidas da cidade eram agraciadas com maravilhosas moradias, palácios e templos, estes últimos dedicados tanto a deuses e deusas egípcios como gregos. A mais esplêndida destas avenidas era, escusado será dizer, a Via Canópica, que se estendia por todo o comprimento da cidade.

Alexandria tinha também um porto soberbo e uma grande calçada, o *Heptastadium*, que ligava o continente à pequena ilha a cerca de uma milha da costa chamada Pharos, na qual foi construído o famoso farol, uma das sete maravilhas do mundo antigo. A Grande Biblioteca era dedicada às sete musas, as patronas divinas da música e das artes, e nas suas numerosas prateleiras estavam guardados cerca de meio milhão de livros e pergaminhos.

Muitas obras literárias devem certamente ter vindo das antigas bibliotecas-templos do Egito, entre elas os livros de Thoth de Heliópolis. Outros livros eram também recolhidos de navios que

passavam, especialmente da Grécia, e faziam-se cópias para a biblioteca. Uma cópia da Bíblia Hebraica foi trazida para Alexandria e traduzida para grego, tornando-a assim disponível para todas as pessoas alfabetizadas. Foi neste meio intelectual e sob a égide da religião mágica do antigo Egito que a *Hermética* foi composta. Quem quer que fossem os autores, não reivindicaram a *Hermética* como sua, mas atribuíram-na abertamente a Hermes Trismegistus, o alter ego greco-romano de Thoth.

No final do século I a.C., depois de Cleópatra VII ter cometido o seu famoso suicídio, uma grande parte da população de Alexandria era composta por judeus que tinham chegado da Judeia e de outras partes do Levante. Estes judeus tinham adotado a língua e os costumes helénicos*10 e foram, ao início, bem-vindos ao estilo de vida cosmopolita alexandrino.

Havia um grande problema, contudo: estes recém-chegados abominavam ídolos e imagens de escultura e repudiaam todas as religiões que não fossem a sua. Para eles, os antigos deuses do Egito deviam ser considerados obscenos e as suas efígies deviam ser vilipendiadas. Como era de esperar, em breve os confrontos entre os judeus helenizados e os egípcios helenizados tornaram-se uma ocorrência comum nas ruas de Alexandria. Mas o pior estava para vir.

À medida que o mundo entrava no primeiro milénio da era cristã, as coisas tornar-se-iam, de facto, muito violentas e muito sangrentas.

O QUE É QUE OS ROMANOS FIZERAM POR NÓS?

No final de julho de 30 a.C., as legiões romanas de Octávio, o futuro primeiro imperador de Roma (conhecido como Augusto César), estavam às portas de Alexandria. Marco António e Cleópatra tinham desafiado o Império Romano e perdido.

Cleópatra cometeu suicídio e, com a sua morte, pôs fim a três mil anos de civilização faraónica. Os sacerdotes de Alexandria, os intelectuais e os cientistas da Grande Biblioteca devem ter ficado horrorizados ao ver a sua cidade liberal cair nas mãos dos rudes e violentos romanos, que governavam o seu império com a espada e com punho de ferro.

Nos três séculos anteriores, os egípcios tinham desfrutado de relativa liberdade para praticar a sua religião mágica sem serem

molestados, e os seus senhores gregos tinham-se dado bem com eles. Na verdade, os Ptolomeus tinham abraçado genuinamente a cultura egípcia e patrocinado generosamente a restauração e manutenção dos antigos templos egípcios, tendo até construído bastantes templos novos, tais como o belo templo de Ísis em Philae, outro na Ilha Elefantina, o dramático templo de Sobek em Kom Ombo, o templo de Hórus em Edfu, o magnífico templo de Hathor em Dendera e muitos outros ao longo do Nilo e na região do delta.

Mas agora, sob o domínio romano, as coisas eram muito diferentes. Embora os romanos também tenham adotado alguns aspetos da cultura egípcia — o culto de Serápis e Ísis foi até importado para a própria Roma —, fizeram-no sobretudo por razões políticas, para manter os egípcios leais e produtivos em benefício de Roma. E mesmo quando eram genuínos em relação a estes antigos cultos egípcios, os romanos tendiam a absorvê-los e a romanizá-los à sua própria imagem. Fariam, naturalmente, o mesmo com o Cristianismo judaico. Mas entraremos nisso mais tarde.

A verdade era que, ao contrário dos gregos antes deles, que tinham vindo como libertadores, os romanos tinham vindo como conquistadores, e os egípcios não podiam esquecer isto, por mais adulações ou propaganda que lhes fossem aplicadas. Como salienta a egitóloga Jill Kamil:

A instituição da monarquia sacrossanta, uma característica fulcral da vida egípcia nos tempos faraónicos, que tinha sido mantida por várias dinastias posteriores (os Ptolomeus, por exemplo), perdeu-se nos tempos romanos. Os imperadores podiam afirmar-se divinos, mas eram os seus prefeitos que governavam o Egito, reduziam o prestígio dos sacerdotes e exerciam pressão sobre o povo. Desviavam a riqueza da terra para Roma e recrutavam egípcios para lutar nas guerras romanas noutros países. Os egípcios, que tinham aceitado o domínio ptolomaico, resistiram aos romanos. Não é difícil ver a diferença entre eles. Sob os Ptolomeus, o Egito tinha mantido a sua integridade e tinha uma economia estável. Sob os romanos, o país foi despojado de identidade e empobrecido. Não passava de uma propriedade privada para o imperador e de um campo de prazer para as classes altas romanas.15

Os alexandrinos aperceberam-se rapidamente de que a riqueza e os recursos do seu país eram amplamente utilizados em benefício do tesouro romano. Era inevitável que, sob uma pressão tão prolongada, os egípcios se revoltassem. Mas as várias revoltas — em 115 d.C., 215 d.C. e 297 d.C. — acabaram por ser brutalmente esmagadas pelos romanos, mais poderosos.*11 Contudo, não seria a mão poderosa da Roma Imperial a tentar esmagar a religião mágica do antigo Egito, mas sim outro inimigo, muito mais virulento: o Cristianismo. A partir de meados do século I, uma nova casta de judeus que se autodenominavam "cristãos" começou a infiltrar-se no Egito. Ao início, a população de Alexandria ignorava as suas diatribes contra o paganismo e os ídolos. Mas em breve descobririam, demasiado tarde, que a sua complacência fora um erro fatal . . .

UM APÓSTOLO EM ALEXANDRIA

De acordo com a tradição copta (cristã egípcia), São Marcos, o Apóstolo, veio de Roma (alegadamente enviado por São Pedro) para Alexandria por volta de 45 d.C. para converter os pagãos. Rapidamente conseguiu convertidos entre os judeus helenizados e os egípcios mais crédulos. O primeiro a ser convertido foi um sapateiro de rua que reparou a sandália do apóstolo quando este chegou à cidade. Mas muito em breve as coisas começaram a azedar. Compreensivelmente, os "pagãos" não acharam graça nenhuma ao ver estas conversões a acontecer. Por volta de 68 d.C., decidiram agir com firmeza. Reuniram-se no Serapeu, formaram uma turba armada com paus e facas e marcharam para o local onde os cristãos celebravam a Páscoa com São Marcos. Seguiu-se uma batalha sangrenta, e o apóstolo foi capturado e atirado para a prisão.*12

O que se segue é um relato do que aconteceu, da autoria de Severino, o bispo cristão de Ashmunain,†13 que escreveu a primeira biografia de São Marcos em 955 d.C.

E quando ele acordou, e a manhã chegou, a multidão reuniu-se e trouxe o santo [Marcos] para fora da prisão, e colocou novamente uma corda à volta do seu pescoço, e disse: "Arrastai a serpente pelo estábulo dos bois!" E arrastaram o santo pelo chão, enquanto ele dava graças ao Senhor Cristo e o glorificava, dizendo: "Entrego o meu espírito nas tuas mãos, ó meu Deus!" Depois de dizer estas palavras, o

santo entregou a alma. Então os ministros dos ídolos impuros recolheram muita lenha num lugar chamado Angelion, para que pudessem queimar ali o corpo do santo. Mas, por ordem de Deus, houve uma névoa espessa e um vento forte, de modo que a terra tremeu; e caiu muita chuva, e muitas pessoas morreram de medo e terror; e disseram: "Verdadeiramente, Serápis, o ídolo, veio procurar o homem que foi morto neste dia." Então os irmãos fiéis reuniram-se e tiraram das cinzas o corpo do santo São Marcos; e nada nele tinha sido alterado. E levaram-no para a igreja na qual costumavam celebrar a Liturgia; e amortalharam-no e rezaram por ele de acordo com os ritos estabelecidos. E cavaram um lugar para ele, e sepultaram ali o seu corpo; para que pudessem preservar a sua memória em todos os momentos.17

São Marcos não era um santo comum. Tinha sido um dos apóstolos de Cristo e o autor do primeiro Evangelho. Antecipando o seu martírio, São Marcos tinha tomado precauções para nomear um sucessor, Aniano (68–82 d.C.), o primeiro bispo da Igreja de Alexandria. Este foi o início do Cristianismo organizado no Egito.*14

EXCURSÃO UM, A ROMA, 45 D.C.
"SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA"

Mais ou menos na mesma altura em que São Marcos estava em Alexandria, outro apóstolo, São Pedro, estava em Roma. O seu nome latinizado, *Petrus* ("pedra" em latim), provinha da sua alcunha aramaica *Cephas*, que significa "pedra". Isto levou ao atual *San Pietro* em italiano e *St. Peter* [São Pedro] em inglês. De acordo com o Novo Testamento, Jesus disse a Simão-Cefas, então um humilde pescador no Mar da Galileia: "Far-vos-ei pescadores de homens . . . e sobre esta pedra [Cefas] edificarei a minha Igreja" (Mateus 4:18–19 e Mateus 16:13–20). A tradição reza que São Pedro veio para Roma uns anos após a crucificação de Jesus, talvez por volta de 45 d.C. Se for verdade, então São Pedro deve ter estado em Roma durante o início do reinado do imperador Nero.

Nero é o supervilão do Cristianismo romano. Para ser justo, ele não merecia toda a má imprensa que lhe foi lançada pelos historiadores. É verdade que tinha um desejo deturpado de crueldade, mas também era altamente instruído. Tinha tido lições de grego,

filosofia e retórica com o erudito Séneca e, claro, adorava compor canções e até cantá-las para um público selecionado. Infelizmente, também tinha uma paixão peculiar por corridas de carros e por ver "cristãos" a ser espezinhados por touros, comidos por leões, despedaçados por cães selvagens e queimados em cruzes. Para este fim, deliciava o povo romano com "jogos" realizados nos circos de Roma.

Dizer que os cristãos de hoje abominam o próprio nome de Nero é um eufemismo. Nero é famosamente conhecido por ordenar o incêndio insensato de Roma em 64 d.C. apenas pelo seu desejo caprichoso de cantar com a sua lira e, para mais, culpar os cristãos inocentes. Pior ainda, Nero é também acusado de ordenar a decapitação de São Paulo, o Apóstolo, e até, segundo alguns, a crucificação de São Pedro, embora concedendo a este último o desejo de ser crucificado de cabeça para baixo*15 porque, como São Pedro explicou, não era digno de ser crucificado da mesma forma que o seu salvador.

Não obstante o debate interminável entre os historiadores sobre se estas são realidades históricas ou se foram simplesmente inventadas por propagandistas cristãos, foi recentemente questionado se eram, de facto, cristãos que Nero tinha martirizado nos circos. Sabe-se que antes do Grande Incêndio, Nero era um seguidor fervoroso do culto de Ísis, mas depois do Grande Incêndio voltou-se contra os seguidores de Ísis, e foram eles, e não os cristãos, que ele acusou de fogo posto. Foram estes seguidores de Ísis, portanto, que foram encurralados e sistematicamente massacrados nos circos. O professor Stephen Dando-Collins, uma autoridade sobre o Grande Incêndio de Roma, explica esta mudança abrupta de sentimentos de Nero em relação a estes seguidores de Ísis:

Nero tinha-se interessado por Ísis, a deusa mãe egípcia, a tal ponto que tinha introduzido as festas iseanas *(NT: Dedcadas a Ísis)* no calendário religioso oficial romano. Mas embora mantivesse um fascínio por todas as coisas egípcias, a sua atitude em relação a Ísis mudou abruptamente. É provável que o desdém de Nero por Ísis tenha sido patrocinado pela morte da sua filha bebé, Augusta, no ano anterior. Sentindo-se abandonado por esta deusa, tinha-se tornado desdenhoso dela e do seu culto. Agora, encontrava nos seguidores de

Ísis, a maioria dos quais eram escravos e libertos, bodes expiatórios fáceis para o Grande Incêndio.18

É certo que a bela esposa de Nero, Popeia Sabina, era uma devota de Ísis. Existem moedas que a mostram como Ísis que foram cunhadas em Roma antes do Grande Incêndio. A única filha do casal, Cláudia Augusta, nasceu no ano anterior ao incêndio. O seu nascimento tinha entusiasmado Nero, que mandou construir um templo em sua honra e colocar nele uma estátua de ouro de uma deusa, certamente Ísis. Também mandou realizar jogos em honra de Cláudia.

Mas Cláudia morreu com apenas três meses de idade. Nero ficou de coração partido e caiu numa depressão profunda. Tipicamente, culpou a sua esposa, Popeia, pela morte de Cláudia ou, mais provavelmente, a sua devoção a Ísis e, por extensão, todos aqueles que seguiam o seu culto.19

Estamos, naturalmente, cientes da conhecida referência aos "cristãos" alegadamente feita pelo senador romano Tácito (c. 115 d.C.) relativamente às pessoas que Nero matara no circo após o incêndio.

Nero atribuiu a culpa e infligiu as torturas mais requintadas a uma classe odiada pelas suas abominações, chamada cristã pelo povo. Christus, de quem o nome teve origem, sofreu a pena extrema durante o reinado de Tibério pelas mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos.20

Mas o texto original nunca foi encontrado, apenas cópias em latim que datam do século XI, lançando dúvidas sobre a autenticidade da afirmação. Stephen Dando-Collins postulou que a palavra cristão foi adicionada mais tarde, provavelmente para substituir a palavra egípcios.

Como já apontámos, os seguidores de Ísis eram na sua maioria escravos e libertos, e devem ter sido uma presa fácil para Pedro, o "Pescador de Homens", ou quem quer que estivesse a encher as suas cabeças com sermões apaixonados sobre o martírio, a redenção, a salvação e promessas de felicidade eterna no paraíso, se tão-somente mudassem de seguidores de Ísis para seguidores de Jesus.

A transição não foi, afinal, um salto tão grande, pois estas gentes miseráveis conseguiam reconhecer em Cristo o seu próprio Osíris-Serápis e na Madonna a sua deusa Ísis. Até a iconografia de Maria e

do menino Jesus no seu colo era a mesma de Ísis com o menino Hórus. Na verdade, a Ísis egípcia romanizada era quase indistinguível da Maria judaica romanizada.

A estranha semelhança do mito egípcio do nascimento com a história cristã do nascimento — uma gravidez sobrenatural, o nascimento divino anunciado por uma estrela no oriente, o martírio e a ressurreição do Filho de Deus — e, acima de tudo, uma promessa de redenção e felicidade eterna (paraíso) deve ter tido grande apelo para estes escravos pobres e oprimidos de Roma. Um grande número destes escravos e libertos eram judeus que podiam ser convencidos de que o seu tão esperado "Messias" era, de facto, Jesus. Não queremos aprofundar mais esta questão, a não ser dizer que podemos facilmente perceber como esta nova religião cristã pregada por Pedro e Paulo em Roma atraiu muito os escravos e os pobres que, nas suas mentes simples, sincretizaram Ísis com a Virgem Maria e Hórus, "Filho de Serápis", com Jesus, "Filho de Deus".

De qualquer modo, este sincretismo revelou-se tão bem-sucedido que, em poucos séculos, como veremos, o Cristianismo espalhou-se como um vírus espiritual, não apenas em Roma, mas por todo o império e, ironicamente, até no próprio Egipto. Maria, a Mãe de Jesus, foi feita Theotokos (isto é, Mãe de Deus) no Terceiro Concílio Ecuménico da Igreja de Roma, em 431 d.C., realizado em Éfeso. Não é coincidência que tenha sido aqui, em Éfeso, que outrora se erguera o grande templo de Astarte, a Ártemis grega e a Diana romana. Astarte, Ártemis e Diana eram consideradas alter egos de Ísis, a "Deusa dos Dez Mil Nomes".

Segundo as professoras Anne Baring e Jules Cashford, autoras de *The Myth of the Goddess*:

Retratos do final do século IV e início do V mostram Maria sentada na mesma posição que Ísis e Hórus. […] Levou menos de um século para Maria assumir o papel de Ísis. […] Em algum momento entre 400 e 500 d.C., o Templo de Ísis em Soissons, na França, foi dedicado à Bem-Aventurada Virgem Maria. Ísis e Cibele tinham sido Mãe dos Deuses; Maria era agora Mãe de Deus.[21]

Voltando a Roma e a São Pedro, a lenda diz que a sua crucificação ocorreu nos Jardins de Nero, abrangendo a atual Praça de

São Pedro, em frente à Basílica de São Pedro "nova" do século XVI, no Vaticano, e a área a sul da praça.

Outra lenda medieval afirma que a crucificação de São Pedro ocorreu "entre duas pirâmides", uma das quais pode ser identificada como a chamada Meta Romuli, uma verdadeira pirâmide de pedra que outrora se erguia entre a basílica e o Castelo de Santo Ângelo. A "outra pirâmide" é desconhecida, e pode ter sido o obelisco egípcio que provavelmente foi visto como uma "pirâmide" pelos cronistas medievais.*[16]

Este obelisco foi trazido de Heliópolis, a Cidade do Sol, no Egipto, para Roma em 40 d.C., portanto pouco antes de São Pedro ter chegado à Cidade Eterna. Foi o imperador Calígula quem trouxe o obelisco, e não surpreende que, tal como Nero, ele fosse um devoto fervoroso de Serápis e de Ísis e, além disso, que exigisse ser adorado como o "Novo Sol". A professora Anne Roullet afirma que, a partir de cerca de 37 d.C.:

A religião isíaca instalou-se permanentemente em Roma com a aprovação e participação da maioria dos imperadores. Calígula (37–41) reconstruiu o Iseum Campense; o cartucho de Cláudio (41–54) foi incrustado na mensa Isiaca; Nero (54–68) incluiu festivais no calendário romano; Vespasiano (69–79) visitou o Serapeum em Alexandria; Tito (79–81) visitou o de Mênfis e oficiou no enterro ou instalação de um Ápis [touro] e, de regresso da Guerra da Judeia, passou a noite anterior ao seu triunfo no Iseum Campense; Domiciano (81–96), que devia a vida a um sacerdote de Ísis, reconstruiu o Iseum Campense após o incêndio de 80.[22]

O Barco de Ísis e o Obelisco

Em tempos muito antigos, os barcos tinham um significado místico e sagrado que não é fácil para nós apreciarmos plenamente hoje. No antigo Egipto, desde os primórdios da sua civilização, acreditava-se que os deuses do céu viajavam pela paisagem celeste em barcos, e que o meio para a alma alcançar o reino celestial após a morte física era num barco celeste. Alguns barcos, fictícios ou reais, entraram no imaginário coletivo da história humana, como a lendária Argo de Jasão e dos seus Argonautas, a Santa Maria de Colombo e,

mais recentemente, o trágico Titanic. Mas nenhum destes barcos adquiriu o significado espiritual e a fama do Barco de Ísis. Desde tempos imemoriais, os egípcios tinham um festival durante o qual efígies da deusa Ísis — ela das dez mil nomes — eram transportadas do seu santuário ou templo num barco-modelo e navegavam numa barcaça ao longo do Nilo.

Este festival foi posteriormente adoptado pelos gregos e também pelos romanos, chamando estes últimos de *Navigum Isidis*, literalmente o "Barco de Ísis". Este festival, um dos mais importantes em Roma, era celebrado a 5 de Março, durante o qual uma efígie de Ísis navegava pelo rio Tibre.

Outro "barco" que quase certamente estava associado a este festival era a Ilha Tiberina, em forma de barco. Reza a lenda que, no século IV a.C., uma praga assolou Roma, e que um templo dedicado a Asclépio, o deus grego da cura e da medicina, foi construído nesta pequena ilha. O protótipo de Asclépio era, naturalmente, o semideus egípcio Imhotep, o sumo sacerdote por excelência de Heliópolis que inventou a arquitetura e a medicina. Em algum momento da antiguidade, um obelisco foi colocado no centro da ilha sagrada, que se destinava a representar o mastro do "barco". Em 1550, no jardim da famosa Villa d'Este, em Tivoli, nos arredores de Roma, foi construído um barco simbólico com um obelisco como mastro, como parte da chamada Rometta, a "Pequena Roma". Aparentemente, foi construída uma espécie de modelo de Roma com todos os seus edifícios e ruas importantes, sendo a Ilha Tiberina construída como um verdadeiro barco com um pequeno obelisco como mastro. Em cada lado do obelisco havia fontes jorrando água. Um obelisco ladeado por duas fontes, que lembra extremamente o obelisco de Heliópolis, adorna a Praça de São Pedro, em frente ao Vaticano.

Curiosamente, a Ile de la Cité, em Paris, onde se ergue a Catedral de Notre Dame, tem também a forma de um barco e acredita-se que outrora teve um templo dedicado à deusa Ísis. As lendas medievais abundam sobre a vinda da deusa Ísis a Paris num barco. Após a sua campanha no Egipto, Napoleão chegou ao ponto de adicionar uma efígie de Ísis no barco de Paris, o brasão tradicional da cidade de Paris.

Tudo isto nos deve fazer questionar quem foi exatamente martirizado por Nero: cristãos, seguidores de Ísis ou, conforme o caso, uma amálgama de ambos. Uma carta escrita pelo imperador Adriano após a sua visita ao Egipto em 130 d.C., dirigida ao seu cunhado Serviano, governador romano de Alexandria, sugere fortemente tal sincretismo em pleno processo.

O Egipto, que me recomendaste, meu caríssimo Serviano, encontrei-o inteiramente volúvel e inconsistente, e continuamente agitado por cada sopro de fama. Os adoradores de Serápis são chamados cristãos, e aqueles que são devotos do deus Serápis chamam-se a si próprios Bispos de Cristo.[23]

"POR ESTE SINAL VENCERÁS"

De volta a Alexandria, os confrontos de rua entre cristãos e pagãos tinham-se transformado em chacinas nas ruas. Mas as coisas estavam prestes a mudar radicalmente a favor dos cristãos. Isso aconteceu na distante Roma, a 27 de Outubro de 312 d.C., para ser mais preciso.

As legiões militares de Constantino, um general romano que tinha sido feito César pelas suas tropas quando se encontrava na Britânia em 306 d.C., estavam acampadas fora de Roma e prontas para a batalha contra Maxêncio, o coimperador impopular em Roma. Embora em inferioridade numérica de dois para um, as forças de Constantino receberiam uma enorme dose de apoio moral, literalmente, do céu.

Reza a lenda que houve uma súbita comoção no acampamento de Constantino quando uma luz brilhante surgiu nos céus, em forma de cruz. Alguém próximo de Constantino, provavelmente o seu antigo tutor cristão Lactâncio, interpretou o sinal celeste como sendo o símbolo cristão, dizendo a Constantino: "Por este sinal vencerás." Lactâncio é considerado um dos padres da Igreja, ao lado de Santo Agostinho e Clemente de Alexandria, e é sabido que via Hermes Trismegisto como um grande sábio e como profeta da verdade cristã.[24]

Profundamente impressionado por esta visão celeste, Constantino ordenou prontamente que o sinal — provavelmente o Chi-Rho, ou Labarum — fosse pintado nos escudos dos seus soldados e também fixado no seu estandarte. Constantino venceu a batalha por Roma, conhecida como a Batalha da Ponte Milvian, a Ponte Mílvia na Via Flamínia. Era agora virtualmente o senhor supremo de todo o império.

Mais importante ainda, era muito simpático aos cristãos. Com tal apoio imperial, o actual "papa" em Roma, Silvestre I, deixou de ser o elo mais fraco das facções religiosas em Roma, passando a ter agora a vantagem. Também deve ter ficado claro para os vários líderes pagãos e sumos sacerdotes que eles também podiam ser cristianizados e assim manter o seu estatuto e culto, mesmo que fossem necessários alguns compromissos sérios. Uma espécie de abordagem "se não os podes vencer, junta-te a eles" foi assim aplicada por eles em relação aos cristãos. Na verdade, a cristianização dos cultos pagãos já tinha começado, embora clandestinamente, desde a época de Nero, mas agora o Cristianismo via a sua oportunidade servida em bandeja de ouro para competir por uma tomada total e se tornar a religião dominante de Roma e talvez até de todo o Império Romano.

O que tornava isso ainda mais viável era a noção particular de Constantino sobre Cristo, pois não era a de um carpinteiro gentil e compassivo de Nazaré, mas muito provavelmente a de um poderoso deus solar, um Sol Invictus, semelhante a Apolo ou Serápis. Pois na mente de Constantino, certamente apenas uma divindade de linhagem solar poderia ter-lhe trazido esta vitória na Ponte Mílvia. De qualquer modo, a lenda cristã diz que Constantino foi "batizado" pelo "Papa" Silvestre I e no ano seguinte, em 313 d.C., "legalizou" o Cristianismo no Édito de Milão.*[17]

Há muitas dúvidas sobre a autenticidade desta visão celeste. Todo o tipo de teorias foi proposto sobre o que Constantino viu no céu, se é que viu alguma coisa. Alguns sugerem uma formação de nuvens apanhando os raios do sol poente, outros pensam que pode ter sido um meteorito, e ainda outros pensam que a visão foi inventada por Constantino para encorajar as suas tropas, fazendo-as acreditar que estavam sob proteção divina. A tradição cristã afirma que o sinal era o Chi-Rho, as duas primeiras letras gregas do nome de Cristo. Este sinal, quando usado por Constantino no seu estandarte, era chamado de Labarum. Seja qual for a verdade, não há dúvida de que a Batalha da Ponte Mílvia preparou o cenário para o Cristianismo florescer e tornar-se a religião mundial que é hoje.

O imperador Constantino ofereceu então generosamente o Palácio de Latrão ao Papa Silvestre I e também deu ordens para a construção de uma basílica no sopé do Monte Vaticano. Esta basílica,

insistiu Constantino, deveria ter o altar diretamente sobre o túmulo de São Pedro, o Apóstolo.

CRISTIANISMO ROMANO CATÓLICO

Em 325 d.C., treze anos após o início do seu reinado, o imperador Constantino convocou o chamado Primeiro Concílio Ecuménico em Niceia, na Turquia. Após semanas de debate entre os trezentos ou mais bispos que tinham vindo ao concílio — alguns dos quais recorreram a socos para ganharem as suas causas — Constantino finalmente fez valer a sua autoridade e ordenou que os bispos se despachassem.

De qualquer modo, eles finalmente concordaram que o Cristianismo deveria a partir de agora ser considerado uma religião universal, isto é, "católica", com dogmas e doutrinas que deveriam ser estabelecidas num documento, o chamado Credo de Niceia, no qual os bispos eram obrigados a assinar os seus nomes.

Tal como os pais fundadores dos Estados Unidos da América fariam ao assinar a Constituição e definir os princípios da sua república, também os pais fundadores do Catolicismo Romano assinaram o Credo de Niceia e definiram os dogmas da sua religião católica universal. A declaração de abertura não era, no entanto, "Nós, o Povo", mas "Nós, os Bispos", que afirmavam que:

creem num só Deus, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, e num só Senhor Jesus, o Filho de Deus. […] Que por nós homens e pela nossa salvação desceu e Se encarnou e Se fez Homem.

Uma emenda foi então feita a esta declaração de abertura no Segundo Concílio Ecuménico em Constantinopla, em 380 d.C., para que agora lesse: "Que por nós homens e pela nossa salvação desceu do céu, e Se encarnou pelo Espírito Santo da Virgem Maria, e Se fez homem" (itálico adicionado).

A maioria dos bispos que compareceram ao concílio cumpriu, e os poucos que procrastinaram foram ameaçados com o exílio. E foi isso. A partir de agora, a missão apostólica original do gentil carpinteiro Jesus e dos seus discípulos judeus foi assumida por Roma e transformada numa religião organizada sob a autoridade do imperador e de um papa infalível. Qualquer pessoa fora do Catolicismo Romano era vista como pagã ou, pior, herege; este último

termo era aplicado aos cristãos que não abraçavam o Credo de Niceia. Jesus de Nazaré, que pregara o amor, a compaixão, o perdão e a liberdade, teria contorcido a face, entre perplexidade e repulsa, com o que estava a ser feito em seu nome.

Mas isto era apenas o começo…

De volta a Alexandria, os cristãos receberam com jubilação a notícia do Credo de Niceia. Agora sentindo-se encorajados com o apoio do imperador, os cristãos rapidamente ganharam vantagem. A antiga religião egípcia, os seus sacerdotes e sacerdotisas, os seus templos, os seus escribas e os seus seguidores passaram a ser oficialmente considerados pagãos e, portanto, a serem odiados e repreendidos. Maioritariamente por coação, os egípcios nativos foram convertidos em massa ao Cristianismo. Com cristãos fanáticos agora a agir descontroladamente, era evidente que a perene religião mágica do Egipto seria ou obliterada ou absorvida pelo Cristianismo.

De facto, Osíris-Serápis já começava a parecer cada vez mais com Cristo, e Ísis e o menino Hórus com a Virgem Maria e o menino Jesus. No século V d.C., a maioria dos templos egípcios tinha sido transformada em igrejas ou mosteiros. Todos os séculos de ocupações estrangeiras — persa, grega e romana — tinham finalmente cobrado um pesado tributo ao antigo Egipto, e a sua cultura sagrada e religião mágica estavam próximas da agonia final. Algo tinha de ser feito, e rapidamente.

Mas o quê?

THOT TORNA-SE HERMES TRISMEGISTO, E OS SEUS LIVROS SAGRADOS TORNAM-SE O *CORPUS HERMETICUM*

Na década de 1960, quando ainda vivia em Alexandria, eu sabia, claro, que tinha sido batizado na Igreja Católica Romana de Bacos e que, aos sete anos, recebera a minha Primeira Comunhão no Colégio do Sagrado Coração, em Rushdy Pasha. O Catolicismo Romano era um modo de vida na minha família, ao estilo italiano.

A algumas quadras da nossa casa ficava o claustro das freiras Clarissas, onde algumas mulheres desgraçadas, muitas das quais vindas de famílias pobres, viviam na privação de todo o contacto humano, exceto o delas próprias, e só podiam ser vistas — na verdade,

espreitadas — através de uma janela gradeada, como canários em gaiolas. Durante todo o mês de Maio, o mês que os católicos dedicam à Virgem Maria, a minha mãe costumava arrastar a minha irmã gémea e a mim até às Clarissas para a missa depois da escola. Maio era a melhor altura do ano para pescar e brincar com os amigos ao ar livre, e eu estava ali naquela capela sombria e monótona, sentado em silêncio, enquanto os meus amigos muçulmanos e judeus se divertiam na praia. As coisas pioravam ainda mais aos domingos, quando toda a família — avós, pais, irmãos, tios, tias e primos — assistia à missa numa das muitas igrejas de Alexandria.

Normalmente íamos a uma igreja católica onde, para meu desgosto, os sermões pareciam nunca mais acabar. Mas, por vezes, também íamos a outras igrejas cristãs — greco-ortodoxa, arménia maronita, egípcia copta — onde a missa era mais exótica e muito menos enfadonha. O Cristianismo, naturalmente, não era a única religião no Egipto, nem era a principal. Todos os dias, de manhã, ao meio-dia, ao entardecer e à noite, eu era lembrado pela oração cantada pelos muezins que o Egipto era — e tem sido desde o século VII — um país predominantemente muçulmano. Naquela época, nunca me ocorreu descobrir como ou porquê a antiga religião mágica dos faraós tinha desaparecido, apenas para ser substituída pelo Cristianismo e pelo Islão. Certamente não me teria ocorrido que tinha sido posta em hibernação, apenas para ser reavivada séculos mais tarde em Itália!

O estudioso americano Brian P. Copenhaver, professor de história na Universidade da Califórnia, explicou:

Um conjunto de crenças [o Cristianismo], eventualmente rotulado de "ortodoxo" por aqueles que as professavam, deslocou outras visões chamadas "heréticas". No Egipto, em meio a esta turbulência cultural e espiritual, ao longo de vários séculos em que os Ptolomeus, os Romanos e os Bizantinos governaram o vale do Nilo, outras pessoas, desconhecidas para nós, produziram os escritos que chamamos de *Corpus Hermeticum*.[25]

Em meio a este caos e tumulto, os hermetistas alexandrinos traduziram os livros de Thot para grego e atribuíram-nos a Hermes, uma divindade conhecida e muito respeitada tanto por gregos como por romanos. Mas o "Hermes" que tinham em mente era um egípcio: Hermes Trismegisto, "Hermes o Três Vezes Grande". Se este foi um

plano premeditado para garantir a sobrevivência da sua antiga religião mágica, nunca o saberemos. Quanto à escolha do grego, a egiptóloga Jill Kamil explica:

As línguas em uso oficial no Egipto eram o grego e o egípcio, sendo o grego a mais amplamente utilizada. Os egípcios letrados tinham aprendido grego muito antes da conquista de Alexandre. Também perceberam que, se transcrevessem a sua própria língua no alfabeto grego, que era bem conhecido entre as classes médias e mais simples de ler do que o demótico (a forma cursiva da escrita hieroglífica no seu desenvolvimento mais tardio), a comunicação seria mais fácil.

Os escribas começaram a traduzir os sons egípcios para grego, adicionando sete letras extras do alfabeto demótico para acomodar os sons para os quais não havia letras gregas. O surgimento desta nova escrita [é] agora conhecida como copta.[26]

Havia, no entanto, um problema importante a superar. Os egípcios atribuíam grande peso à sacralidade dos hieróglifos, onde cada caractere e símbolo era considerado imbuído de poderes mágicos. Para eles, não era apenas o conteúdo dos textos que era importante, mas também, talvez mais ainda, os sinais e símbolos que eram usados. Na mente de muitos puristas dos hieróglifos, traduzir os livros de Thot para grego minaria a sua eficácia. Uma solução satisfatória, no entanto, foi eventualmente encontrada. Como explica o estudioso Garth Fowden:

Os hermetistas, embora insistissem que as suas composições tinham de facto sido escritas em egípcio e inscritas em estelas com caracteres hieroglíficos, também estavam bem cientes de que não poderiam ter sido traduzidas para grego sem perder a autoridade que [estava] associada aos textos sagrados na língua nativa, "pois a própria qualidade dos sons e a entoação das palavras egípcias continham em si a força das coisas ditas". Uma tradução exigiria, no mínimo, a assistência ativa dos guardiões sacerdotais dos originais.[27]

Os hermetistas propuseram engenhosamente que não havia um Hermes, mas dois: o primeiro Hermes seria o deus egípcio Thot, o originador dos textos mágicos sagrados em hieróglifos, e o segundo Hermes, seu neto, chamado Hermes Trismegisto, que teria traduzido esses textos para grego. Com um tão elevado pedigree atribuído ao

tradutor, a validade dos ensinamentos de Thot foi preservada. Este estratagema ganhou grande credibilidade graças a uma declaração atribuída a Manetão, o sumo sacerdote de Heliópolis e conselheiro de Ptolomeu I Sóter e do seu sucessor, Ptolomeu II Filadelfo:

[Existiam] estelas inscritas na língua sagrada e com caracteres hieroglíficos por Thot, o Primeiro Hermes […] após o dilúvio, foram traduzidas para grego e depositadas em livros no santuário dos templos egípcios pelo Segundo Hermes.[28]

O LAMENTO

O declínio do paganismo no Egipto atingiu o seu clímax em meados do século IV d.C. Foi então que a propagação do Cristianismo no Egipto quase engoliu todo o país. Agora, os monges cristãos tornavam-se cada vez mais intolerantes para com aqueles egípcios que ainda praticavam a religião mágica dos faraós. O golpe de misericórdia veio quando, em 391 d.C., o imperador romano Teodósio I emitiu um decreto que proclamava todos os cultos antigos como *religio illicita* (religiões ilegais) e ordenava o encerramento de todos os templos pagãos.*[18]

No Egipto, isto foi interpretado pelos monges cristãos fanáticos como uma licença para matar. Começaram a incitar multidões cristãs a transformarem-se em multidões histéricas e a levá-las a desencadear ataques para purificar a terra dos pagãos e dos seus santuários. Foi então que a Grande Biblioteca de Alexandria foi destruída e todos os seus preciosos livros atirados ao fogo. Uma grande multidão de cristãos enfurecidos, liderada pelo patriarca de Alexandria, Teófilo, dirigiu-se ao Serapeum e, com vigor enlouquecedor, derrubaram o templo e despedaçaram todos os seus ícones e ídolos, e os seus livros, rolos e manuscritos foram usados para fogueiras.

Um contemporâneo destes acontecimentos, Sócrates Escolástico de Constantinopla, relatou: "Aproveitando esta oportunidade, Teófilo esforçou-se ao máximo […] destruiu o Serapeum […] e os templos pagãos […] foram, portanto, arrasados até ao chão, e as imagens dos

seus deuses fundidas em panelas e outros utensílios convenientes para uso da igreja alexandrina."[29]

Poucos anos depois, em 415 d.C., o mais desprezível ato de crueldade insensata por parte de fanáticos cristãos teve lugar na praça principal de Alexandria. Atingiu a bela e altamente instruída Hipácia, filha do brilhante matemático Teão, que recebera a sua educação em Atenas e Roma e agora dirigia a Escola Platónica em Alexandria. Sócrates Escolástico escrevera muito favoravelmente sobre ela.

Havia em Alexandria uma mulher chamada Hipácia, filha do filósofo Teão, que fez tão grandes progressos na literatura e na ciência que ultrapassou em muito todos os filósofos do seu tempo. Tendo sucedido na escola de Platão e Plotino, explicava os princípios da filosofia aos seus ouvintes, muitos dos quais vinham de longe para receber as suas instruções. Graças à serenidade e à facilidade de maneiras que adquirira em consequência do cultivo do seu espírito, não raro aparecia em público na presença dos magistrados. Também não se sentia envergonhada ao ir a uma assembleia de homens. Pois todos os homens, por causa da sua extraordinária dignidade e virtude, a admiravam ainda mais.[30]

Numa brilhante manhã de sol, Hipácia conduziu o seu carro até à Grande Biblioteca, como de costume. De repente, uma gangue enfurecida de monges cristãos emboscou-a, puxou-a para fora do carro, despiu-a, espancou-a até perder os sentidos e lentamente rasparam a sua carne dos ossos com conchas marinhas. Ela morreu na mais horrível agonia.

A multidão despedaçou então o seu corpo e queimou-o. Um clima sombrio e lúgubre apoderou-se de Alexandria. Um dos mais famosos discursos do *Corpus Hermeticum*, conhecido como *O Lamento de Hermes Trismegisto,* ou mais comummente *O Lamento*, encontra-se no tratado intitulado *Asclépio*. Aqui, Hermes Trismegisto dirige-se ao seu discípulo Asclépio com pungência e paixão para lhe informar das terríveis calamidades e destruição que se abaterão sobre o Egipto, o seu povo e a sua religião mágica. Hermes Trismegisto abre *O Lamento* com uma pergunta retórica que é tão inquietante quanto misteriosa.

Não sabes tu, Asclépio, que o Egipto é feito à imagem do céu? Ou, para ser mais preciso, que tudo o que é governado e movido no céu desceu ao Egipto e para lá foi transferido?

Esta pergunta retórica é das mais reveladoras, pois nestas palavras reside toda a ideia de uma "magia natural" ou "religião mágica" ou "magia talismânica". Como veremos no próximo capítulo, foi isto o que tanto impressionou e fascinou os filósofos italianos do Renascimento. Entretanto, ouçamos mais do que Hermes revelou a Asclépio.

Se a verdade fosse dita, a nossa terra é o templo do mundo inteiro. E, no entanto, uma vez que convém ao sábio saber todas as coisas com antecedência, não deves ignorar o seguinte: chegará um tempo em que parecerá que os egípcios prestaram respeito à divindade com mente fiel e reverência cuidadosa — em vão. Todo o seu culto sagrado será dececionado e perecerá sem efeito, pois a divindade regressará da terra ao céu, e o Egipto será abandonado. […]

Quando estrangeiros ocuparem a terra e o território, não só a reverência cairá no abandono mas, ainda mais grave, será decretada uma proibição sob pena prevista na lei — chamada assim — contra a reverência, a fidelidade e o culto divino. Então, esta terra santíssima, sede de santuários e templos, será completamente preenchida com túmulos e cadáveres. Ó Egipto, Egipto, das tuas obras reverentes apenas sobreviverão histórias, e elas serão incríveis para os teus filhos! Apenas palavras gravadas em pedra sobreviverão para contar as tuas obras fiéis. […] Asclépio, por que choras? O próprio Egipto será persuadido a atos muito mais perversos do que estes, e será mergulhado em males ainda piores. […] Na sua fadiga, o povo daquele tempo achará o mundo nada digno de admiração ou adoração. […] Ninguém levantará os olhos para o céu. O reverente será considerado louco, o irreverente sábio; o lunático será tido por valente, e o canalha será tomado por uma pessoa decente. […] Estabelecerão novas leis, nova justiça. […] Apenas os anjos maléficos permanecem para se misturar com os humanos, apoderando-se dos desgraçados e levando-os a todos os crimes ultrajantes — guerra, pilhagem, trapaça — e tudo o que é contrário à alma.[31]

O Lamento é claramente uma profecia situada durante a fase de colapso da antiga religião mágica egípcia e dos templos faraónicos e

lugares sagrados do Egipto. No entanto, nem tudo estava perdido, pelo menos não para sempre, pois Hermes Trismegisto profetizou também em *O Lamento* que, num futuro distante, a religião mágica seria restaurada.

Quando tudo isto acontecer, Asclépio, então o senhor e pai, o deus cujo poder é primordial, governador do primeiro bem, olhará para esta conduta […] e num ato de vontade — que é a benevolência de deus — enfrentará os vícios e a perversão em tudo, endireitando o que está errado, lavando a malícia […] então restaurará ao mundo a sua beleza antiga, de modo que o próprio mundo parecerá novamente merecedor de adoração e admiração, e com constantes bênçãos e proclamações de louvor, o povo daquele tempo honrará o deus que faz e restaura tão grande obra.

E esta será a génese do mundo: uma reforma de todas as coisas boas, e uma restituição santíssima e reverentíssima da própria natureza. Os deuses que exerceram o seu domínio sobre a terra serão restaurados um dia e instalados numa cidade no extremo limite do Egipto, uma cidade que será fundada em direção ao sol poente, e para a qual se apressará, por terra e por mar, toda a raça dos homens mortais.[32] (itálico adicionado)

Esta cidade solar utópica no extremo limite do Egipto — uma cidade do sol — era certamente Alexandria, pelo menos na mente daqueles que escreveram esse texto. Recordamos como Alexandria foi de facto fundada no limite norte do Egipto, na costa mediterrânica, que é a extremidade norte da terra do Egipto. Podemos detetar em *O Lamento* um eco da fundação de Alexandria em 331 a.C. e, mais especialmente, do eixo nascente-poente da Via Canópica, voltada para o sol nascente numa extremidade e para o sol poente na outra. Esta era de facto a cidade onde os livres-pensadores, os estudiosos e os hermetistas outrora floresceram. No entanto, a profecia apela à restauração da religião mágica num futuro distante.

Para o momento imediato, porém, os autores do *Corpus Hermeticum* tiveram de salvar tudo o que podiam do precioso legado dos seus antepassados. Sabiamente, afastaram-se para deixar que os monges cristãos "convertessem" os seus antigos templos e santuários em "igrejas", e assim conseguiram salvá-los da destruição total. Os grandes templos de Edfu, Esna, Kom Ombo, Luxor, Elefantina e

Karnak foram todos transformados em igrejas cristãs. O último templo a sofrer esta cristianização foi o belo templo na ilha de Filas, dedicado à deusa Ísis. A "conversão" ocorreu no início do século V d.C.

Quanto às escrituras sagradas inscritas nas paredes dos templos, estelas, obeliscos e colunas, estas, de um modo geral, escaparam à destruição total. O mesmo não aconteceu, porém, com os escritos em papiro e rolos de couro, que, infelizmente, foram queimados ou feitos em pedaços. Felizmente, porém, cópias do *Corpus Hermeticum* estavam em mãos particulares e assim escaparam à destruição. Uma pista importante, no entanto, sobre o que lhes pode ter acontecido é dada num diálogo atribuído a Ísis com o seu filho, Hórus, num dos tratados herméticos conhecido como *Kore Kosmou* [A Virgem do Mundo]. O estudioso clássico Garth Fowden explicou:

Segundo a *Kore Kosmou*, Hermes era um deus que conseguiu compreender os mistérios dos céus e revelou-os inscrevendo-os em livros sagrados, que depois escondeu aqui na terra, com a intenção de que fossem procurados pelas gerações futuras, mas encontrados apenas pelos plenamente dignos. Tendo terminado a sua tarefa, regressou à morada dos deuses.[33]

Certamente que nem nos sonhos mais loucos destes autores desconhecidos do *Corpus Hermeticum* eles imaginariam que os seus escritos sagrados seriam redescobertos num mosteiro na Macedónia mais de um milénio depois — em 1462, para ser preciso — por um padre italiano chamado Leonardo da Pistoia. Os simples monges do mosteiro, não sabendo bem o que eram aqueles livros, provavelmente venderam os livros inestimáveis a Leonardo por uma ninharia. Umas semanas depois, o padre Leonardo montou o seu burro e entrou em Florença. Levou imediatamente os livros ao seu senhor, o governante de Florença, Cosme de Médici. Este, por sua vez, entregou-os ao seu protegido, um jovem e brilhante estudioso e linguista, Marsilio Ficino.

Podemos talvez imaginar o que terá passado pela mente de Ficino quando abriu cuidadosamente a primeira página do primeiro livelo e leu, em grego, as primeiras palavras no pergaminho gasto e amarelado: *Discurso de Hermes Trismegisto*…[34]

Aqui, nas mãos de Ficino, estavam os livros perdidos dos mais sábios sábios e profetas da antiguidade, escritos sob o nome do semidivino Hermes Trismegisto! Vêm à mente as famosas palavras do

egiptólogo Howard Carter quando, em 22 de novembro de 1922, introduziu uma vela num buraco na parede do túmulo de Tutancâmon e o seu mentor, Lord Carnavon, de pé atrás dele, perguntou ansiosamente: "O que vê?". "Coisas maravilhosas…", respondeu Howard Carter…

2
O MOVIMENTO HERMÉTICO, PARTE I

Ele [Giordano Bruno] está a pensar na passagem de *O Lamento*… [e] interpreta-a no sentido de que os opressores cristãos legislaram contra a verdadeira religião solar egípcia… apesar da repressão, a verdadeira religião não cessou, e Bruno está a revivê-la.

FRANCES A. YATES, *GIORDANO BRUNO AND THE HERMETIC TRADITION*

Magia natural, que, por meio de coisas naturais, procura obter os serviços dos céus para a saúde próspera dos nossos corpos.

DEFINIÇÃO DE "MAGIA NATURAL" POR MARSILIO FICINO NA "APOLOGIA" AO SEU *LIBER DE VITA*, 1489

MAGIA NATURAL E TALISMÂNICA

Na nossa era científica e tecnológica de televisões a cores 3D, telemóveis, iPads e computadores portáteis, o termo *magia natural* é tão extraterreno quanto o termo *Deus*. Pergunte a qualquer pessoa na rua como funciona um telemóvel e, na melhor das hipóteses, dir-lhe-ão que tem a ver com micro-ondas. Pergunte a um cientista, porém, e ele explicará com grande detalhe como as micro-ondas são usadas para transmitir som e imagem de um telemóvel para outro em qualquer lugar do planeta. Pergunte a esse mesmo cientista se ele consegue fazer um peixe ou uma folha, e ele sorrirá de forma divertida. Pergunte-lhe se consegue criar uma criatura viva ou um micróbio vivo, e obterá um sorriso hesitante. Pergunte-lhe mais uma vez o que ou quem consegue fazer isso, e o sorriso transforma-se num sorriso aborrecido e perplexo. Pode ser tentada uma divagação científica e filosófica, mas a resposta honesta e simples, claro, é: "Não sei." Um filósofo renascentista, no entanto, teria respondido: "magia natural".

A magia natural está à nossa volta o tempo todo. Na verdade, nós, pessoas, você e eu, somos os mais maravilhosos exemplos de magia natural, pelo menos até onde sabemos. No entanto, um abelhão a zumbir, uma flor no seu jardim, o seu gato a brincar no tapete, ou um pássaro a voar, são também maravilhosos exemplos de magia natural. Mas estamos apenas a tocar a superfície aqui. Cada respiração que dá, cada movimento, cada emoção, sentimento e sensação é magia natural. Claro, os cientistas tentarão explicar tudo isto, e até os sentimentos humanos são reduzidos a impulsos elétricos, neurotransmissores e substâncias químicas que afetam nervos e células.

Mas, para o dizer de forma muito simples, se segurar uma flor na mão e se maravilhar, apenas maravilhar sem procurar uma explicação científica, então está a experimentar a magia natural. E, melhor ainda, a sua alma também começará a curar-se.

Quando Marsilio Ficino começou a ler em grego os livros do *Corpus Hermeticum* e se deparou com uma das afirmações mais sugestivas atribuídas a Hermes Trismegisto, ele deve ter sabido, ou pelo menos sentido, que estava prestes a passar de filósofo a mago ou, para ser mais específico, a mago natural.

A menos que te tornes igual a Deus, não podes compreender Deus.[1]

Frances Amelia Yates

É minha firme convicção que foi neste preciso momento que o Renascimento intelectual italiano verdadeiramente começou…

A primeira vez que ouvi falar deste peculiar termo *mago natural* foi em 1993, quando li um livro de uma humanista britânica, Dame

Frances A. Yates (1899–1981), intitulado *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*. Se esta brilhante estudiosa estivesse viva hoje, talvez preferisse o termo *mago hermético* a *mago natural*, e eu agora concordaria plenamente com ela. Mas naquela altura, absorvido como estava pela minha carreira de engenheiro, a minha reação inicial foi pensar em Frances A. Yates como uma estudiosa excessivamente entusiasta, uma espécie de Madame Blavatsky e Miss Marple numa só pessoa. Mas cedo percebi que estava muito enganado a seu respeito.

Tornei-me consciente de que a qualidade da sua investigação e a clareza com que apresentava as suas conclusões justificavam amplamente a alta reputação que granjeou pela sua erudição profundamente intuitiva e pela sua investigação intelectual da tradição hermética do Renascimento. Mas não nos adiantemos à nossa história. Preciso primeiro de lhe contar sobre a minha visita a Roma e como um antigo monumento egípcio começou a exercer a sua magia talismânica sobre mim.

OS OBELISCOS DE ROMA

A minha primeira visita à Cidade Eterna foi no verão de 1978. Tinha acabado de casar em Londres, e eu e a minha esposa, Michele, estávamos a caminho do Irão, onde eu tinha aceitado um emprego numa empresa internacional de construção. Era 29 de setembro, o dia seguinte à morte do Papa João Paulo I. Fora papa apenas trinta e três dias. Mal terminara a celebração da sua consagração, começara o luto pela sua morte. Muitas lojas e restaurantes estavam fechados, e ficámos a vaguear pelas ruas de Roma apenas com um guia turístico e uma câmara Nikon SLR pendurada ao pescoço.

Caminhámos desde a Escadaria de Espanha até ao Vaticano. Quando chegámos à Praça de São Pedro, encontrámo-la apinhada de pessoas que tinham vindo prestar homenagem, muitas demonstrando abertamente a sua tristeza e outras, como nós, apenas curiosos. Era um dia soalheiro e quente, e o alto obelisco no centro da praça — que na verdade é uma elipse, não uma praça — projetava uma sombra na parte norte da piazza.

Ergui os olhos e, por um momento, fiquei ofuscado pela forte luz solar. Apertando os olhos, reparei na cruz no topo do obelisco. Lembro-me vividamente de me perguntar quem a teria colocado ali e, mais intrigante ainda, o que estaria a fazer aquele símbolo máximo do

Cristianismo em cima de um monumento obviamente pagão "solar", mesmo em frente do Vaticano!

Pelo meu guia, descobri um facto interessante: a cidade de Roma tem o maior número de obeliscos do mundo, oito dos quais vindos do antigo Egipto, e seis destes de Heliópolis, a Cidade do Sol, perto da atual Cairo.*[19]

No dia seguinte, partimos para a Turquia e depois para Teerão, onde Michele e eu estávamos a trabalhar. Entretanto, a questão do obelisco do Vaticano foi colocada em segundo plano na minha mente. Durante os quinze anos seguintes, estive envolvido no meu trabalho de engenharia no estrangeiro, no Irão, Sudão, África Ocidental, Arábia Saudita, Austrália, França e Inglaterra. Só quando me reinstalei em Inglaterra, em 1993, é que tudo me voltou à memória e me impeliu para a investigação que resultou em vários livros e atingiu o seu clímax com o presente livro. A minha curiosidade sobre o obelisco do Vaticano começou quando escrevia o meu primeiro livro, *The Orion Mystery*, em 1993.

Aconteceu que estava a folhear numa livraria em Oxford à procura de uma cópia do *Corpus Hermeticum*, pois queria saber mais sobre o seu conteúdo e ensinamentos. Encontrei uma edição recente em brochura da Solos Press, de Dorset, então propriedade de Adrian Gilbert. Contactei Gilbert e rapidamente descobri que partilhávamos muitos interesses. Ele ofereceu-se para publicar *The Orion Mystery*, mas, em vez disso, convidei-o para ser coautor do livro comigo.*[20]

Gilbert estudara o *Corpus Hermeticum* durante muitos anos e conseguiu despertar em mim um maior interesse por este assunto. Pouco antes da publicação de *The Orion Mystery*, em janeiro de 1993, para ser mais preciso, tive a sorte de conhecer o estudioso búlgaro Yuri Stoyanov no Warburg Institute, em Londres. Foi Stoyanov quem me instou a obter uma cópia de *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, de Frances A. Yates.

Fiz isso e também obtive uma cópia da mais recente tradução inglesa do *Corpus Hermeticum*, pelo Professor Brian P. Copenhaver, que, fiquei satisfeito por saber, também fora introduzido aos estudos herméticos através da leitura do livro de Yates sobre Bruno. Quaisquer dúvidas que ainda pudesse ter sobre a erudição de Frances A. Yates ficaram agora completamente dissipadas, pois tornou-se-me

muito claro que ela era uma estudiosa das mais eminentes e era considerada a autoridade na tradição hermética, e que as suas conclusões abriram uma nova abordagem para compreender o Renascimento e a revolução científica que se seguiu. Foi isto que o Professor Brian P. Copenhaver disse sobre Frances A. Yates:

Talvez o livro mais lido sobre Hermes não fosse sobre a antiguidade tardia; o Renascimento foi o período estudado por Frances Yates em *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*… foi Yates quem tornou Hermes verdadeiramente proeminente novamente para os estudantes da história intelectual do início da modernidade… ao focar figuras do final do século XV e do século XVI, de Ficino a Bruno e um pouco além. […] As opiniões de Yates sobre o *Corpus Hermeticum* tornaram-se famosas para alguns, notórias para outros, especialmente quando, num artigo de 1968, fez de Hermes uma figura importante nos preliminares da revolução científica.[2]

Tinha de saber mais sobre a tradição hermética. Isto, a princípio, porque o princípio mais importante dos hermetistas era: "Como acima, assim abaixo", que é precisamente a tese que apresentei no meu livro *The Orion Mystery*, nomeadamente que o padrão das três estrelas do cinturão de Orion correlacionava-se com o padrão das três Pirâmides de Gizé. Recordamos a pergunta retórica de Hermes Trismegisto, que ressoou fortemente em mim:

Não sabes tu, Asclépio, que o Egipto é feito à imagem do céu?

Quando, em fevereiro de 1994, a BBC exibiu o documentário *The Great Pyramid: Gateway to the Stars*, baseado no meu livro, foi também visto na Holanda por Joseph Ritman, proprietário da Bibliotheca Philosophica Hermética em Amesterdão.*[21]

Ritman é um patrocinador entusiasta dos estudos herméticos e gnósticos; depois de ver o documentário da BBC, convidou-me a Amesterdão para o conhecer a ele e aos seus colegas. A reunião teve lugar na casa de Ritman. Entre os convidados estava Gilles Quispel, professor emérito das Universidades de Utrecht e Harvard. Quispel era famoso nos meios académicos pelo seu trabalho sobre os chamados evangelhos apócrifos de Nag Hammadi.

Os manuscritos de Nag Hammadi foram descobertos no Médio Egipto em 1946. São principalmente textos gnósticos, mas também continham fragmentos do *Corpus Hermeticum*. Um lote foi adquirido

por Quispel em 1952 para o Instituto Jung, em Zurique, e ele foi o primeiro a reconhecê-los como "evangelhos". Em 1956, Quispel trouxe do Egipto fotografias do original do Evangelho de Tomé. Numa palestra em Amesterdão, em 2000, Quispel causou grande agitação ao declarar: "O gnosticismo está prestes a tornar-se a religião mundial do século XXI."

Quispel acreditava firmemente que sistemas religioso-filosóficos antigos, como o hermetismo e o gnosticismo, eram o caminho para a verdadeira salvação. Morreu aos noventa anos, no resort egípcio do Mar Vermelho, Al Gouna, em 2006. Como nota marginal, assinalamos que alguns estudiosos modernos diferenciam entre o hermetismo da antiguidade tardia em Alexandria e o hermetismo do Renascimento italiano. Neste livro, não fazemos distinção entre ambos, pois vemo-los como parte integrante da mesma tradição.

Depois de Amesterdão, o meu envolvimento com a tradição hermética foi colocado de lado devido a outros compromissos editoriais prementes. Os anos passaram. Em 2004, publiquei o livro *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith*. Seguiram-se outros quatro livros sobre o antigo Egipto.*[22]

Finalmente, no final de 2012, enquanto investigava as origens dos obeliscos egípcios para um artigo, decidi reabrir o dossiê sobre o obelisco do Vaticano. Ao observar casualmente uma imagem de satélite da Cidade do Vaticano, reparei em algo que anteriormente me tinha escapado. O destino quis que recebesse um convite para falar numa conferência na Toscânia, no início de novembro de 2012.

A busca pela Cidade Hermética do Sol estava prestes a começar . . .

ENCONTRO SINCRONÍSTICO

Na conferência, conheci Chiara Dainelli (agora Chiara Hohenzollern), uma autora de Roma. Chiara publicara um livro intitulado Il Codice Astronomico di Dante [O Código Astronómico de Dante], que, segundo me disse, fora inspirado pelo meu trabalho sobre a astronomia nos Textos das Pirâmides do Egipto. Naturalmente, tínhamos muito para conversar. Também nesta conferência conheci Sandro Zicari, professor de matemática aplicada e estatística da Universidade Sapienza, em Roma.

Durante o pequeno-almoço, contei a Chiara e a Sandro a minha ideia para um projeto de livro sobre os "mistérios" do Vaticano, e convidei-os a colaborar comigo. De volta a casa, em Espanha, entrei imediatamente em contacto com Jon Graham, o editor de aquisições da Inner Traditions. Jon adorou a ideia e, em poucos dias, obtivemos a autorização dos editores para avançar. Claro que nada disto teria acontecido se o padre Leonardo da Pistoia não tivesse tropeçado na coleção de Hermética naquele mosteiro na Macedónia e se estes livros não tivessem sido entregues a Marsílio Ficino.*23

RENASCIMENTO

Marsílio Ficino nasceu neste momento crucial da história em que, após séculos de medievalismo e de várias Cruzadas insensatas para reconquistar a Terra Santa, os eruditos italianos ansiavam por um novo caminho. Curiosamente, mas talvez compreensivelmente, procuraram-no no passado, na era clássica da Grécia e Roma antigas e, como veremos agora, na idade de ouro do Egipto faraónico. Foi assim que o século XV se abriu com um Renascimento, um renascimento intelectual, artístico e espiritual na bela e rica cidade de Florença, no norte de Itália. Aqui, uma nova geração de filósofos, protegidos e financiados por um governante poderoso e iluminado, pôde procurar a sabedoria e o conhecimento antigos, esperando principalmente encontrar a teologia perene e pura, a prisca theologia, como a chamavam, que acreditavam reavivar a busca do homem pelo conhecimento divino.

Estavam convencidos, com razão ou sem ela, de que a prisca theologia fora registada na antiguidade remota e na sua forma mais pura por um "Hermes" egípcio, Hermes Trismegisto, e de alguma forma transmitida através dos tempos até ao grande filósofo Platão. Mas então a prisca theologia foi corrompida pelo advento do Cristianismo romano. Assim, estes filósofos renascentistas procuraram encontrá-la na esperança de convencer o Vaticano a adotá-la e a reformar o Cristianismo em benefício de todo o mundo: uma espécie de reforma do Catolicismo por iniciativa própria.

Um desses filósofos — melhor ainda, um patrocinador de filósofos — era o altamente iluminado governante de Florença, Cosme

de Médici. O destino quis que Cosme não fosse apenas mais um erudito, mas alguém com vastos fundos disponíveis, por outras palavras, um filósofo com poder de fogo. Isso tornou-o um homem extremamente influente, não apenas em Itália, mas também em toda a Europa. Cosme conviveu com papas, monarcas e príncipes, e era considerado por aqueles que tão generosamente patrocinava como uma espécie de Donald Trump, Bill Gates e Richard Branson todos num só. Cosme tinha um profundo interesse por livros, especialmente por livros antigos que expunham filosofias antigas, conhecimentos arcanos e ensinamentos de sabedoria.

Cosme nasceu a 27 de setembro de 1389, no dia da festa de São Cosme (daí o seu nome). Recebeu a sua educação no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, em Florença, onde aprendeu francês, alemão, latim, grego e até um pouco de hebraico e árabe.

Adquiriu também um profundo amor pelos clássicos, nomeadamente pelas obras de Platão. Isso veio do seu tutor, Roberto Rossi, um dos maiores eruditos de Florença. Mais tarde, na idade adulta, e tal como seu pai antes dele, Cosme administrou as finanças do papado, o que aumentou dramaticamente a riqueza da família Médici. Numa declaração atribuída ao Papa Pio II em 1458, o pontífice disse de Cosme:

As questões políticas são decididas na sua casa. O homem que ele escolhe ocupa o cargo. . . . É ele quem decide a paz e a guerra e controla as leis. . . . É rei em tudo menos no nome.

A palavra medici em italiano significa, de facto, médicos, sugerindo talvez algumas ligações da família Médici com esta profissão, que, aparentemente, um dos seus antepassados praticara em Mugello, uma cidade perto de Florença. Mas a família preferia uma história ancestral mais colorida, embora certamente mítica, que contava como no século V um cavaleiro viera a Mugello e salvara os habitantes da cidade de um terrível gigante que atormentara a região. Oito mossas feitas pelo gigante no escudo do cavaleiro foram preenchidas com oito bolas vermelhas que se tornaram simbólicas da família Médici e do seu brasão.

Quando Cosme nasceu em 1389, a família Médici já adquirira muita riqueza e bens devido às suas atividades bancárias,

especialmente com o papado do Papa João XXIII (não confundir com o "antipapa" de mesmo nome), cujo nome verdadeiro era Baldassare Cossa. Este papa, no entanto, foi eventualmente acusado em 1414 de vários crimes, incluindo heresia, simonia e assassinato do seu antecessor, o Papa Alexandre V. Dizia-se também que Cossa seduzira dezenas de mulheres em Bolonha.

O historiador florentino Francisco Guicciardini foi ainda mais longe, dizendo que Cosme "gozava de uma reputação como provavelmente nenhum cidadão privado desfrutou desde a queda de Roma até aos nossos dias."3 Após a morte de Cosme a 1 de agosto de 1464, o Papa Pio II disse dele: "A sua vida foi plena de honra. A sua honra estendeu-se para além da sua cidade, até Itália, na verdade até ao mundo inteiro." O papa morreu duas semanas depois, a 14 de agosto.

Cerca de duas décadas antes da descoberta do Hermética, Cosme de Médici iniciara uma estratégia surpreendentemente ousada e inspiradora que lançaria Itália e o resto da Europa numa forma nova e mais liberal de erudição. Durante muitos séculos, o papado romano, representando o Catolicismo, estivera em conflito aberto com a Igreja Ortodoxa Oriental, chefiada pelo patriarca em Constantinopla. Ora, naquela época, a cidade de Constantinopla era o último bastião da Cristandade no Oriente, enquanto o resto caíra em mãos muçulmanas. Era uma questão de tempo até que Constantinopla também enfrentasse o ataque do Islão.

Nas famosas palavras do sultão otomano muçulmano Maomé II, Constantinopla era "uma cabeça monstruosa sem corpo". Pressentindo o inevitável, em 1438 o imperador cristão oriental em Constantinopla, João VIII Paleólogo, apelou a Roma por ajuda militar para proteger a cidade contra os muçulmanos. Em resposta, o papa em Roma, Eugénio IV, convocou um grande concílio ecuménico a realizar-se em Itália. Cosme de Médici aproveitou a oportunidade e ofereceu-se para financiar todo o evento, mas apenas se este se realizasse em Florença. Cosme, sabiamente, acrescentou um grande empréstimo ao Vaticano e, desta forma, conseguiu fechar o negócio.

Numa noite muito ventosa e tempestuosa de janeiro de 1439, o imperador oriental e o patriarca de Constantinopla cavalgaram ao lado do papa de Roma e, juntos, entraram na cidade de Florença com uma

pompa extravagante e em meio a grandes celebrações. Embora a união das Igrejas Oriental e Ocidental não tenha durado muito tempo, houve um benefício indireto que encantou Cosme de Médici.

Ele convenceu um grupo de estudiosos bizantinos a ficar, incluindo os grandes eruditos Bessarion e Gemisto Pletão, duas das principais autoridades nas obras de Platão. Estes estudiosos foram a inspiração para Cosme, que há muito sonhava em estabelecer em Florença uma "academia" nos moldes da antiga academia ateniense de Platão, que o imperador católico Justiniano I fechara em 529 d.C.*24 Foram necessários muitos anos para se concretizar, mas eventualmente a Academia Florentina, também conhecida como Academia Médici, foi fundada em 1462.†25 O primeiro diretor nomeado por Cosme foi o seu protegido favorito, o brilhante Marsílio Ficino.

Ficino fora especialmente preparado para tal cargo por Cosme de Médici, que tratava o jovem estudioso como seu próprio filho. Ficino retribuiu a afeição chamando ao seu mentor e protetor "meu pai da alma". Ao tornar Ficino diretor da nova academia, Cosme deu ao jovem um enorme impulso, que lhe trouxe o respeito, e a inveja, da elite erudita de Florença. Ficino só recentemente se tornara o pesquisador e tradutor pessoal de livros gregos antigos para o envelhecido Cosme, agora com setenta anos e com saúde frágil.

Cosme desejava ler as obras de Platão em latim ou italiano antes da sua morte e, por isso, ordenara a Ficino que começasse as traduções imediatamente. Estava no meio desta tarefa quando o monge toscano Leonardo de Pistoia entregou o Hermética a Cosme de Médici. Atónito com o que percebeu que poderia ter nas mãos, Cosme enviou imediatamente chamar Ficino para lhe dar novas instruções…

UM BRILHANTE ACADÉMICO DA VARIEDADE ENCANTADORAMENTE FEIO

Marsílio Ficino nasceu em 1433 numa pequena aldeia nos arredores de Florença. Seu pai, Dietifeci, era médico e tornou-se o médico pessoal de Cosme de Médici, uma posição muito lucrativa naqueles dias. Embora Ficino tivesse sido destinado a seguir a carreira médica do pai, dois dos seus tutores pessoais — Comando Comandi e Luca di San Gimignano — introduziram-no à gramática latina e ao

grego.4 Como curiosidade, mas talvez um ponto que explique o seu carácter, havia algo especial em relação à aparência e ao comportamento geral de Ficino.

[Ficino] pertencia à variedade encantadoramente feia de estudiosos do sexo masculino: franzino, algo corcunda, um loiro desengonçado e de cabelos encaracolados, com ceceio e gaguez. Era pouco digno, embora não asceta, sem sexo, sujeito a acessos de melancolia e, como muitos filhos de médicos, valetudinário. No entanto, [tinha] . . . grandes atracões pessoais. Possuía, sem dúvida, aquele charme vulnerável que os gagos costumam ter. Era modesto, gentil, delicado nos seus gostos, apreciador de ironia jocosa, bom companheiro quando o humor mais leve o dominava . . . tinha a capacidade de moldar a sua própria mente sem ceder à pressão da conformidade, bem como uma forte necessidade de imprimir as suas próprias atitudes nos outros.5

Ficino não era, de modo algum, um erudito cristão atormentado pela culpa, tão típico da sua época, embora fosse profundamente religioso.*26 Por exemplo, acreditava ter poderes proféticos, que alegava ter herdado da sua mãe. Ficino também afirmava ter sonhos proféticos e estava convencido de que possuía o "dom da interpretação".6

Após a morte do seu mentor, Cosme de Médici, em 1464, Ficino manteve que era visitado regularmente pelo espírito de Cosme, que o aconselhava em questões académicas. Brilhante, especialmente dotado para línguas e leitor ávido de filosofia e história, desde os vinte e poucos anos e ao longo de toda a sua vida, Ficino compôs longas cartas filosóficas, quase românticas, para amigos e colegas, que mostravam claramente o seu ardente amor pela filosofia, especificamente a de Platão.†27 No conjunto, esta combinação de aptidão académica e disposição mística fez de Ficino um génio bastante invulgar, que hoje é considerado um dos filósofos mais influentes do Renascimento e o revitalizador do neoplatonismo e do hermetismo.‡28

Ficino distinguia dois tipos de discurso filosófico: um que aprovava e amava profundamente era a filosofia de Platão, que considerava "liberal e agradável, intrincada até certo ponto com arte oculta e digna de um homem erudito e nobre"; e o outro tipo de

filosofia era a de Aristóteles, que considerava “seca, concisa, loquaz, espessa de espinhos e reserva cautelosa sobre minúcias”.7 O amor e a admiração de Ficino pelo “divino”

Platão eram tais que os seus colegas e amigos frequentemente se referiam a ele como o “Segundo Platão”. É muito provável que Ficino se visse como membro de uma longa linhagem de grandes sábios ou filósofos, como Platão, que contribuíram para revelar ou interpretar a “verdadeira filosofia”, a prisca theologia, que, segundo Ficino, conduzia à “verdade divina e a Deus”. Para Ficino, como para muitos estudiosos renascentistas, o supremo e mais sábio de todos esses antigos sábios, aquele cujos escritos tinham o mais alto conhecimento e magia para revelar, era o egípcio Hermes Trismegisto.

Embora seja verdade que, antes da descoberta do Hermética pelo padre Leonardo da Pistoia em 1462, ninguém em Florença ou noutro lugar da Europa lera o Hermética completo, Ficino soubera de Hermes Trismegisto através dos muitos comentários feitos sobre ele e os seus livros na literatura dos cronistas antigos, particularmente dos padres da Igreja Clemente de Alexandria, Santo Agostinho e, mais especialmente, Lúcio Lactâncio (240–320 d.C.), que fora conselheiro pessoal de Constantino, o Grande. Havia também um tratado conhecido como Asclépio, também atribuído a Hermes Trismegisto, que sobrevivera em latim, e com o qual muitos estudiosos renascentistas, incluindo Ficino, estavam muito familiarizados. No geral, Hermes Trismegisto era considerado um dos mais importantes, senão o mais importante, e o mais antigo dos “profetas gentios” do Cristianismo. Como explicou uma das mais recentes biógrafas de Ficino, Ângela Voss:

Hermes já era conhecido dos estudiosos renascentistas através do Asclépio latino29 e dos Padres da Igreja Lactâncio e Agostinho, pelo primeiro favoravelmente como profeta da verdade cristã, pelo segundo desfavoravelmente como mago. Hermes, que se supunha ter vivido algumas gerações depois de Moisés, era considerado por Ficino . . . como a fonte da prisca theologia, o iniciador de uma religião esotérica.8

Os estudiosos renascentistas não só tinham ouvido falar deste sapientíssimo Hermes Trismegisto através dos padres da Igreja e conheciam a sua filosofia e magia através do Asclépio, como também

leram os clássicos e souberam que os grandes filósofos gregos, como Sólon, Pitágoras e Platão, tinham ido a Heliópolis, no Egipto, para aprender as filosofias e ciências dos egípcios com os seus sacerdotes e sábios. O grande Platão chamara aos egípcios uma "raça de filósofos" e relatara no seu Timeu como Sólon, embora muito estimado pelos sacerdotes egípcios, foi interrompido por um sacerdote egípcio mais velho, que o corrigiu com estas palavras:

Ó Sólon, Sólon, vós, gregos, sois todos como crianças, e não existe grego velho [sábio]. . . . Sois todos jovens de espírito . . . não tendes crença enraizada na tradição antiga nem conhecimento encanecido pela idade.9

Notemos de passagem também que foram os sacerdotes de Sais que narraram a Sólon a história da destruição da lendária Atlântida e de como toda a civilização fora varrida, exceto o Egipto. Foi, portanto, apenas no Egipto que os registos pré-diluvianos sobreviveram, porque tinham sido inscritos nas paredes dos templos e nos obeliscos, e estavam agora ao cuidado dos sacerdotes egípcios. Muitos outros autores clássicos — Heródoto, Plutarco, Diodoro e Proclo, para citar apenas alguns — tinham vindo ao Egipto para se maravilhar com a grande sabedoria, magia e conhecimento dos sacerdotes egípcios, especialmente a sua elevada compreensão dos céus e dos ciclos do sol e das estrelas. Para eles, o Egipto era o verdadeiro e original repositório da magia e da ciência sagrada, e onde os segredos da imortalidade eram conhecidos. E toda esta sabedoria e conhecimento arcanos tinham sido revelados a Thot, o arquétipo ou predecessor de Hermes Trismegisto. Estava incrustado nas mentes dos filósofos gregos e também dos padres da Igreja, como Lactâncio, que, num passado remoto, esta sabedoria perene, religião mágica — e o que mais tarde os filósofos renascentistas chamaram de prisca theologia — fora escrita e inscrita pelo próprio Thot nos sinais hieroglíficos mágicos, a "linguagem dos deuses". Mas com o passar do tempo e, especialmente, com a prolongada ocupação do Egipto por estrangeiros, a capacidade de ler os escritos sagrados perdeu-se. Recordamos do capítulo 1 as palavras comoventes de Hermes

Trismegisto ao seu discípulo Asclépio em O Lamento, que talvez valha a pena citar novamente aqui.

Quando os estrangeiros ocuparem a terra e o território, não só a reverência cairá no abandono, mas, ainda mais difícil, será decretada uma proibição, sob pena prescrita por lei — assim chamada — contra a reverência, a fidelidade e o culto divino. Então, esta terra santíssima, sede de santuários e templos, será completamente preenchida com túmulos e cadáveres. Ó Egipto, Egipto, dos teus atos reverentes apenas histórias sobreviverão, e serão incríveis para os teus filhos! Apenas palavras cortadas em pedra sobreviverão para contar as tuas obras fiéis.

Mas recordamos também como, na Kore Kosmou, Ísis diz ao seu filho, Hórus, que Hermes Trismegisto escondera os escritos sagrados de Thot, "com a intenção de que fossem procurados pelas gerações futuras, mas encontrados apenas pelos plenamente dignos" (itálico adicionado).

Começando com a queda de Alexandria no século I a.C. e até à abertura do Renascimento italiano no início do século XV, havia uma crença geral entre os filósofos de que os livros de Thot tinham sobrevivido em tradução grega feita pelo seu "neto" Hermes Trismegisto. Grandes esperanças foram depositadas na possibilidade de encontrar uma cópia algum dia. O Hermética tornou-se o santo graal do mundo literário. Assim, quando Cosme de Médici anunciou aos estudiosos de Florença que milagrosamente tinha entrado na posse de uma cópia (quase) completa, foi o mesmo que anunciar que a NASA encontrara um planeta habitado no nosso sistema solar! Frances A. Yates partilhou a sua própria perceção da importância e do entusiasmo que esta descoberta teve para os filósofos renascentistas.

Dos primeiros escritores cristãos, podia aprender-se mais sobre Hermes Trismegisto, particularmente de Clemente de Alexandria, que, na sua impressionante descrição da procissão dos sacerdotes egípcios, diz que o cantor à frente da procissão carregava dois livros de música e hinos de Hermes; o horoscopus [astrólogo] carregava quatro livros

de Hermes sobre as estrelas. No decurso desta descrição, Clemente afirma que existem quarenta e dois livros de Hermes Trismegisto, trinta e seis dos quais continham toda a filosofia dos egípcios, e os outros seis sobre medicina. É muito improvável que Clemente conhecesse algum dos Hermética que chegaram até nós, mas o leitor renascentista acreditava ter no Corpus Hermeticum e no Asclépio preciosos sobreviventes daquela grande biblioteca sagrada de que Clemente fala.10 (itálico adicionado)

Muitos destes estudiosos, incluindo Ficino — na verdade, especialmente Ficino! — acreditavam que o divino Platão fora instruído a partir dos livros de Hermes Trismegisto. Compreendemos por que Cosme, agora na posse do Hermética em grego, instruiu imediatamente Ficino a pôr de lado as obras de Platão e a começar, em vez disso, a traduzir o Hermética. Frances A. Yates volta a situar-nos na cena.

É uma situação extraordinária. Lá estão as obras completas de Platão, à espera, e tiveram de esperar enquanto Ficino traduzia rapidamente Hermes, provavelmente porque Cosme queria lê-las antes de morrer. Que testemunho isto é da misteriosa reputação do Três Vezes Grande.11 (itálico adicionado)

Ficino levou cerca de um ano para obter uma tradução latina dos catorze livros do Hermética. Cosme estava agora no seu leito de morte, com Ficino constantemente ao seu lado, bem como o seu neto de quinze anos, Lourenço — o futuro Lourenço, o Magnífico, o grande patrono de Leonardo da Vinci, Verrocchio, Miguel Ângelo e Botticelli. O moribundo Cosme pediu a Ficino que lesse para ele trechos de Platão e, podemos agora também acrescentar com segurança, do Hermética. O título que Ficino deu à sua tradução latina foi Mercurii Trismegisti Liber De Potestate Et Sapientia Dei [Hermes (Mercúrio) Trismegisto, o Livro do Poder e da Sabedoria de Deus], mas ficou mais conhecido como Pimander, abreviadamente — um nome que só aparece no início do primeiro livro (liber) do Hermética e que simbolizava a "mente universal". Foi esta mente universal que supostamente revelou a Hermes Trismegisto a verdade da criação e o

papel do homem e, mais importante, a sabedoria ou gnose pela qual se podia alcançar o conhecimento de Deus e a imortalidade da alma.*30

No prefácio de Ficino ao Pimander, pode discernir-se claramente a grande reverência que Ficino tinha por Hermes Trismegisto.

Na época em que Moisés nasceu, floresceu Atlas, o Astrólogo, irmão do filósofo natural Prometeu e avô materno do mais velho Mercúrio (Thot-Hermes), cujo neto foi Mercúrio (Hermes) Trismegisto. . . . Chamaram-lhe Trismegisto ou Três Vezes Grande porque foi o maior filósofo, o maior sacerdote e o maior rei . . . assim como superou todos os filósofos em erudição e agudeza de espírito, também superou todos os sacerdotes . . . em santidade de vida e reverência pelo divino . . . assim foi chamado o primeiro autor da teologia.12

Mas como é que um católico romano devoto como Ficino conciliava a sua fé inabalável no Cristianismo e na "verdade" das Sagradas Escrituras, quando também expressava abertamente a sua veneração por um sábio egípcio e o chamava de "primeiro autor da teologia"?†31 A resposta a este aparente paradoxo reside na seguinte afirmação, também feita por Ficino no seu prefácio ao Pimander.

Mercúrio [Hermes Trismegisto] escreveu muitos livros pertencentes ao conhecimento da divindade . . . falando não apenas como filósofo, mas também como profeta . . . as ruínas da velha religião, o surgimento da nova fé [Cristianismo], a vinda de Cristo.13

Ficino tornou assim Hermes Trismegisto aceitável, dizendo que, como Moisés, ele era um profeta que predisse o advento do Cristianismo. Melhor ainda, ao contrário de Moisés, Hermes Trismegisto era um gentio. Muitas vezes me interroguei sobre esta explicação simplista dada por Ficino, e depois abraçada por outros filósofos renascentistas, para justificar a sua admiração e reverência pelo Hermética. Pode também ser que o Hermética exaltasse as virtudes do livre-pensamento e da busca do conhecimento divino.

Na verdade, o Hermética proclamava que o homem pode compreender Deus e também alcançar a divindade. Isto era algo que os filósofos renascentistas desejavam desesperadamente que a Igreja também proclamasse, em vez de doutrinas e dogmas opressivos e repressivos. A ideia surgiu inevitavelmente entre os filósofos

renascentistas de que, se o Hermética pudesse de alguma forma fazer parte do ensinamento da Igreja ou, como alguns até ousavam esperar, se pudesse ser canonizado e colocado ao lado dos Evangelhos, então a busca do conhecimento, divino ou secular, poderia ser libertada para o bem da humanidade.

Seja como for, quaisquer que fossem os motivos mais profundos de Ficino e do seu patrono, Cosme de Médici, rapidamente começaram a circular cópias manuscritas do Hermética latino entre os eruditos de Florença e, lentamente, noutras partes de Itália e da Europa. A primeira edição impressa do Hermética apareceu em 1471, sete anos após a morte de Cosme, e tornou-se um enorme best-seller.

Logo se seguiram várias outras edições. É um testemunho do esforço e da qualidade do trabalho de Ficino, bem como do interesse em Hermes Trismegisto, que não menos de cinquenta edições separadas do Hermética estivessem em circulação em meados do século XVI. Hermes Trismegisto, para usar um cliché, era definitivamente o tema de conversa em Florença e até para além dela. Inevitavelmente, o antigo sábio egípcio também seria em breve — como tais coisas sempre o eram naqueles tempos perigosos — o tema de conversa do Vaticano.

Estava prestes a começar um sério problema . . .

3
O MOVIMENTO HERMÉTICO, PARTE II

Espero mostrar que tanto a reforma moral proposta por Bruno como a sua filosofia estão relacionadas com a sua missão religiosa hermética — uma missão em que a magia de Ficino se expande para uma restauração projetada e completa da religião mágica dos pseudo-egípcios do Asclépio.

FRANCES A. YATES,

Pois mesmo que o Corpus Hermeticum tenha sido escrito tardiamente, os seus conceitos poderiam facilmente ser muito antigos e egípcios. E, de facto, os princípios básicos das emanações, do

mundo como transbordamento de Deus, e do homem como um raio de luz solar . . . são tipicamente egípcios antigos.

GILLES QUISPEL,

INTRODUÇÃO
O CAMINHO DE HERMES: O CORPUS HERMETICUM
AMBIÊNCIA CÓSMICA

Por vezes, há apenas uma maneira de explicar algo, e essa é ter a coragem de expor a alma aos outros. Preciso fazer isto agora para poder explicar o que é a magia talismânica e como funciona.

Comecemos por dizer que, sempre que estou no Egipto, sinto que sou tocado por uma emanação invisível e imensurável, algo mágico no ar, uma espécie de fluxo divino ou ambiência cósmica que me envolve e depois me leva a procurar outra verdade sobre a minha existência. Nesta terra antiga, onde uma religião mágica perene deixou as suas impressões digitais em pirâmides e templos monumentais, era talvez inevitável que eu me tornasse recetivo a tais perceções de outro mundo.

No entanto, nem sempre foi assim. Tendo sido treinado como engenheiro para pensar e raciocinar de forma tangível e prática, sentia-me desconfortável sempre que tais perceções efémeras se apoderavam de mim. Gradualmente, este sentimento de desconforto tornou-se um conflito interno que me puxava para um lado e para o outro, do metafísico ao físico. Este conflito intensificou-se quando publiquei o meu primeiro livro, The Orion Mystery, em 1994. Durante vários anos, experimentei um cabo de guerra entre duas forças mentais opostas, duas maneiras como a mente humana lida com a existência: a empírica e a intuitiva. Era, por falta de palavras melhores, a despedaçar-me lentamente. Tal conflito estava destinado a cobrar o seu preço e, dez anos depois, quando escrevia o meu oitavo livro, a minha mente, pensamentos e emoções congelaram. Senti uma forte sensação de derrota, de ser vencido no meu próprio jogo. No entanto, não conseguia dizer exatamente qual era esse jogo.

Durante vários meses, vi-me a combater um demónio desconhecido e invisível, e quase perdi. Vivia nessa altura num apartamento no quarto andar de um pequeno edifício, mesmo em frente da Grande Pirâmide. Este monumento antigo, que outrora tanto amara, agora dominava-me e aterrorizava-me, a ponto de eu já não conseguir olhar para ele. Era como se a pirâmide tivesse sugado a minha alma, deixando-me como uma casca vazia. Finalmente, certa manhã, após uma noite turbulenta e sem sono, surpreendi-me a proferir duas palavras: "Rendo-me." Levantei-me e saí para a varanda, exausto, mas exultante com algo familiar que se agitava em mim — a minha alma. Ela voltara a mim ou, talvez mais apropriadamente, estava a despertar de um sono muito profundo e semelhante à morte.

Olhei intensamente para a pirâmide. Estava iluminada pela luz rosada do nascer do sol. Uma sensação de paz e bondade envolvia-me. Senti um amor que nunca antes sentira: amor por mim mesmo. Enchi os pulmões com o ar puro que vinha do deserto além. O conflito interno que me dilacerara e que quase me destruíra tinha terminado. Estava agora pronto para compreender o que é a magia talismânica.

EPIFANIA

Tudo aconteceu alguns meses depois, não no Egipto, como outrora teria esperado, mas antes numa pequena cidade da região dos Abruzos, em Itália. As circunstâncias levaram-me a passar a noite em Campotosto, uma pacata aldeola que era um pequeno resort de férias para idosos. O pequeno hotel familiar onde fiquei tinha vista para um pequeno lago artificial, situado num vale desprovido de árvores. Aconteceu que eu era o único hóspede do hotel. Jantei cedo e subi para o meu quarto, desnecessariamente grande. Cansado das longas horas de condução, adormeci rapidamente. Quando acordei, ainda estava escuro lá fora. Desesperado por uma chávena de café quente, desci à receção. Não havia ninguém. Toda a casa estava profundamente adormecida. O silêncio era ensurdecedor.

Decidi sair para dar um passeio à beira do lago. O amanhecer aproximava-se lentamente quando entrei numa pequena zona arborizada perto da margem do lago. De repente, escureceu novamente. Ao sair do outro lado do bosque e entrar na luz da pré-aurora, a poucos metros de mim e para meu grande espanto e horror,

um javali pastava. Sobressaltado com este encontro inesperado, o javali, um macho adulto de grandes presas, fixou-me com um olhar feroz. Fungou e bateu com a pata dianteira no chão, preparando-se para investir.

Durante um momento que pareceu uma eternidade, fiquei ali imóvel, e tudo o que pude fazer foi olhar intensamente nos olhos da criatura selvagem. E, não sei como, mas tenho a certeza de que lhe falei, não com palavras ou sons, mas numa linguagem silenciosa, a linguagem da natureza. Estava a "dizer" ao animal irritado que não lhe queria fazer mal. O javali relaxou subitamente a sua postura tensa, o seu olhar suavizou-se e, para meu grande alívio, abanou a pequena cauda e trotou para longe. Perplexo, fiquei ali a sorrir.

Naquele preciso momento, tornei-me agudamente consciente de todas as coisas e sons que me rodeavam, as árvores a farfalhar na suave brisa matinal, os pássaros a chilrear, as rãs a coaxar nas águas rasas, as flores silvestres a deixar cair o seu orvalho, e os pequenos insetos de verão a rodopiar em nuvens como génios do deserto na luz suave da manhã. Então, um lampejo de luz solar dourada ofuscou-me momentaneamente. Olhei para o orbe do sol a nascer por trás de uma baixa cordilheira. Durante alguns segundos — ou talvez tenham sido minutos, já não me recordo — fiquei ali, imóvel, congelado numa distorção temporal, sentindo uma epifania a invadir-me com força.

Pela primeira vez na minha vida, senti-me totalmente ligado, umbilicalmente unido à natureza, ao mundo, ao universo. Já não era o observador, mas uma parte integrante e ativa de tudo. Senti como se tivesse sido subitamente ligado à rede do cosmos. Não sabia bem o que era este sentimento, quanto mais dar-lhe um nome. Mas agora, após tantos anos de pesquisa e busca, sei que experimentara a "magia natural" ou, como a chamarei daqui em diante, magia talismânica.

Sei também que foi esta mesma magia que senti quando olhei para a Grande Pirâmide e para o céu acima dela. Por fim, compreendi o que durante tanto tempo escapara ao meu entendimento: a ligação entre o macrocosmo lá fora e o microcosmo em mim, esse grande axioma hermético: O que está em cima é como o que está em baixo.

MAGIA TALISMÂNICA

Quando Marsílio Ficino publicou a tradução latina do Hermética, não incluiu outro tratado hermético conhecido como Logos Teleios [O Discurso Perfeito], mais conhecido como Asclépio. A razão foi que o Asclépio, embora considerado parte integrante do Hermética, já fora traduzido para latim, provavelmente na Antiguidade tardia, e já circulava amplamente em Itália e na Europa desde a sua impressão em 1469, dois anos antes da publicação do Pimander de Ficino. Ficino não viu boa razão para o anexar ao Pimander. No entanto, cedo se tornou costume anexar o Asclépio ao corpo principal do Hermética.

Ficino, naturalmente, conhecia perfeitamente o Asclépio. Mas não só isso: estava totalmente apaixonado pela magia que nele via. Está muito além do âmbito deste livro discutir em pormenor como Ficino aplicou essa magia.1 Mas deixem-me dizer que aquilo a que muitas vezes se chama a "magia natural" de Ficino é, na minha própria compreensão, magia talismânica. Frances A. Yates também lhe deu outro nome, que, penso, é também bastante adequado.

O tipo de magia [de Ficino] com que nos vamos preocupar difere profundamente da astrologia, que não é necessariamente magia, mas uma ciência matemática baseada na crença de que o destino humano é irrevogavelmente governado pelas estrelas e que, portanto, a partir do estudo do horóscopo de uma pessoa, da posição das estrelas no momento do seu nascimento, se pode prever o seu futuro irrevogavelmente predestinado. Esta magia [no Asclépio] é astrológica apenas no sentido de que também se baseia nas estrelas, nas suas imagens e nas suas influências, mas é uma forma de escapar ao determinismo astrológico, ganhando poder sobre as estrelas, orientando as suas influências na direção desejada pelo operador. Ou, no sentido religioso, é um caminho de salvação, de escapar à fortuna e ao destino materiais, ou de obter visão do divino. Por isso, "magia astrológica" não é uma descrição correta e, daqui em diante, por falta de termo melhor, chamar-lhe-ei "magia astral".2

A "magia astral" ou "magia talismânica" exigia um operador ou mago treinado, que conhecesse as invocações especiais, a música, as ervas, o incenso, as pedras, as poções, os objetos, a iluminação e os lugares — uma espécie de ergonomia complexa, homeopatia, ritual, feng shui, arte, musicoterapia e ambiente arquitetónico especial, tudo num só.

Um bom termo singular para isto seria, na minha opinião, ambiência cósmica, isto é, as condições ideais criadas para atrair e albergar a influência benéfica dos corpos celestes — o sol, a lua, as estrelas e os planetas. Um dos muitos e ardentes adeptos de Ficino, o seu mentor e amigo, Lourenço de Médici, via simplesmente a magia de Ficino como "magia natural, que, através de coisas naturais, procura obter os serviços dos céus para a próspera saúde dos nossos corpos."3 Como Yates explicou ainda:

Sendo a matéria das coisas inferiores intimamente relacionada com o spiritus material nas estrelas . . . a Magia [Astral] consiste em guiar ou controlar o influxo de spiritus para a matéria [isto é, o "espírito" de uma estrela para a matéria de um objeto], e uma das formas mais importantes de o fazer é através de talismãs, pois um talismã é um objeto material no qual o spiritus de uma estrela foi introduzido e que armazena o spiritus.4

"Foi uma 'forma suave' desta magia astral ou talismânica", diz Frances A. Yates, "que Ficino higienizou astuciosamente, chamando-lhe 'magia natural'. Isto porque temia que o seu 'profundo interesse pela religião mágica egípcia' pudesse ser interpretado como 'herético' pela Inquisição."5 Ao chamar a esta forma de magia "magia natural", Ficino tornou-a assim aceitável para uso cristão e, de certo modo, protegeu-se de acusações indesejadas de paganismo ou heresia. Como exemplo:

[Ficino] pensa que o uso da cruz [o símbolo egípcio ankh ou crux ansata] não se devia tanto ao seu poder de atrair os dons das estrelas, mas como uma profecia da vinda de Cristo, feita por eles [os egípcios] sem o saberem. Assim, a santidade dos egípcios como profetas do Cristianismo, através do uso da cruz como talismã, surge como uma introdução apropriada à lista de imagens talismânicas.6

UMA IMAGEM TALISMÂNICA DO UNIVERSO

Num livro que Ficino publicou em 1486, De vita coelitus comparanda, ele lista várias imagens, principalmente de planetas e signos astrológicos, como talismãs legítimos que podem ser usados num contexto religioso cristão.

O livro de Ficino De vita coelitus comparanda é, de facto, o terceiro de uma obra em três volumes intitulada Libri de Vita [Livros

da Vida], que é um tratado de medicina típico da sua época, quando se acreditava que os signos astrológicos regiam diferentes partes do corpo humano e que o temperamento e o estado de espírito de uma pessoa estavam relacionados com diferentes planetas, como "mercurial", "saturnino" e assim por diante. Embora, tal como seu pai antes dele, Ficino praticasse medicina, dificilmente isso poderia ser considerado uma "ciência" enquanto tal, mas sim uma forma de magia natural. Na verdade, Ficino foi mais tarde, em 1489, acusado de heresia pela Cúria Romana, porque viram o que ele escrevera em Libri de Vita como magia e, portanto, inaceitável para a Igreja. Ficino escreveu subsequentemente uma apologia explicando que se tratava de magia natural e, portanto, aceitável.

"Em suma", escreve Yates, "por meios tortuosos, Ficino extraiu o seu uso de talismãs da culpa."7 É no De vita coelitus comparanda que Ficino avança uma ideia extraordinária para, na verdade, fazer um talismã do "universo".

Por que razão, então, não nos permitiríamos uma imagem universal, isto é, uma imagem do próprio universo? Da qual se poderia esperar obter grandes benefícios do próprio universo.8

Ficino aqui oferece-se para fazer uma espécie de modelo do universo como talismã para obter grandes benefícios do próprio universo. Devemos ter em mente, naturalmente, que Ficino escreve no final do século XV, cerca de meio século antes de o astrónomo polaco Nicolau Copérnico publicar a teoria heliocêntrica em De Revolutionibus orbium caelestium [Revolução dos Corpos Celestes], na qual revelou a nova "imagem" do universo visível, isto é, um universo centrado no sol, com a Terra e os outros planetas a orbitar o orbe solar. Mas Ficino era humanista e sacerdote, não cientista ou astrónomo.

A sua perceção de uma imagem do universo, ou mundi figura, como a chamou em latim, era altamente simbólica e alegórica. Envolvia também ideias alquímicas, como metais planetários, cores celestes e noções semelhantes. Até a pobre Frances A. Yates ficou perdida para compreender a imagem do universo de Ficino e admite, de forma refrescante:

Há muito que não consegui compreender nesta descrição. A figura parece referir-se a um Ano Novo como um novo aniversário do

mundo, ou mesmo o primeiro aniversário do mundo, a criação… O objeto descrito, ou sugerido (pois a descrição é muito vaga), pareceria ser um modelo dos céus construído de modo a concentrar ou atrair as influências favoráveis de Sol [o Sol].9 (itálico adicionado)

A imagem científica prevalecente do universo no final do século XV seria a visão ptolomaica, o que hoje chamamos de modelo geocêntrico, ou seja, a crença de que a Terra, não o sol, está no centro do universo visível, com todos os outros corpos celestes a orbitar à sua volta. Para representar em diagrama o modelo geocêntrico, isto é, para fazer um desenho ou talismã a partir dele, seria necessário desenhar uma série de círculos concêntricos representando os vários corpos celestes, cujo foco comum seria a Terra.

Embora a visão de Ficino seja intensamente simbólica e destinada a ser um talismã, pode haver pouca dúvida de que, quando pensava numa "imagem do universo", estava a pensar na passagem do Asclépio em que Hermes Trismegisto revela, com uma pergunta retórica ao seu discípulo Asclépio, que o Egipto e os seus templos são um talismã feito "à imagem do céu": "Não sabias, Asclépio, que o Egipto é feito à imagem do Céu?" A palavra céu é dada como caelo no texto latino, mas certamente seria cosmos (universo) no texto grego original, que Ficino certamente conhecia.*32

Ficino e os seus contemporâneos, naturalmente, não podiam conhecer a teoria heliocêntrica de Copérnico, pois esta só seria tornada pública mais cinquenta anos depois. Nós, hoje, sabemos também que mesmo o modelo de órbita circular coperniciano seria substituído pelo modelo elíptico de Johannes Kepler ou, como é tecnicamente conhecido, a primeira lei de Kepler do movimento planetário. Voltaremos a esta ideia de fazer um talismã à imagem do universo usando estes modelos científicos quando discutirmos outros hermetistas e filósofos renascentistas que viveram numa época em que o heliocentrismo era de conhecimento comum.

Entretanto, a tradução latina do Hermética de Ficino era tão popular que foi "lida e estudada com avidez durante todo o século XVI por estudiosos e magos renascentistas."10 Neste revivalismo, ou Renascimento, altamente animado do hermetismo e da magia do final do século XV em Itália, com toda a conversa sobre a redescoberta de filosofias antigas, da prisca theologia e da "magia natural", era apenas

uma questão de tempo até que alguns filósofos mais entusiastas e enérgicos elevassem as ideias de Ficino alguns níveis acima e, ao fazê-lo, não inesperadamente, forçassem o Vaticano a debater a questão, com consequências dramáticas.

MISSÕES HERMÉTICAS MESSIÂNICAS

O grande psiquiatra suíço Carl Jung mostrou que todos respondemos a arquétipos, seja por desígnio ou inconscientemente. A nossa própria natureza, bem como a nossa educação cultural, induz-nos a várias formas de representação de papéis. Os nossos papéis naturais podem ser um ou mais, como filha, irmã, mãe, filho, irmão, pai, e assim por diante. Mas alguns de nós assumem papéis culturais mais dramáticos — herói, perdedor, vencedor, líder, sedutor, sacerdote, freira, curandeiro, etc. — que muitas vezes são modelados não apenas em personagens históricas bem conhecidas, mas também em lendárias ou mitológicas. O arquétipo adotado pode ser tão forte que leva o representante do papel a pensar ou mesmo a convencer-se de que é a reencarnação do original arquetípico. O Dalai Lama e o papa são bons exemplos disso. Na minha área de trabalho, já fui informado por indivíduos aparentemente muito equilibrados e altamente educados de que pensam ser a reencarnação deste ou daquele deus ou deusa egípcia, ou faraó, ou rainha.

Existe, no entanto, um arquétipo ou papel último, que foi reivindicado com sucesso apenas uma vez na história ocidental (embora outros tenham tentado em vão apropriar-se dele): este é o papel do Messias. No Cristianismo, este papel, naturalmente, está firmemente atribuído a um carpinteiro judeu de Nazaré, na Judeia, chamado Jesus.*33

De facto, tão solidamente estabelecida estava — e ainda está — a posse de Jesus deste papel arquetípico que qualquer pessoa que sequer insinuasse ser um "novo Messias" enfrentaria o escárnio e, pior, acusações de profanação. No século XV, tal pretendente teria sido considerado louco ou rapidamente encarcerado pela Inquisição sob acusação de blasfémia e provavelmente queimado vivo numa praça pública.

Queremos aqui realçar o quão incrivelmente perigoso teria sido para alguém na Itália renascentista fazer tal afirmação, quanto mais

fazê-la em Roma, diante do Vaticano. No entanto, foi precisamente isso que um desses filósofos italianos fez depois de ler os escritos herméticos! Este acontecimento extraordinário diz respeito ao muito excêntrico, mas também altamente educado, cavalheiro de Bolonha, senhor Giovanni di Correggio, também conhecido como "Mercúrio". A incrível ousadia — alguns dirão comportamento suicida — do senhor Giovanni vale a pena ser contada, pois exemplifica o tremendo impacto que o Hermética teve em alguns indivíduos e, de forma oposta, no Vaticano.

Em 1471, no mesmo ano em que o Hermética latino de Ficino apareceu impresso, num dia frio de novembro em Roma, Giovanni da Correggio, também conhecido como "Mercúrio" (o nome que os italianos davam a Hermes Trismegisto), apareceu subitamente nas ruas da Cidade Eterna e começou a pregar em voz alta sermões apocalípticos.

Os estudiosos modernos, no geral, não prestaram muita atenção a este excêntrico e aos seus estranhos discursos, mas é claro que este Hermes-Mercúrio "reencarnado" não só causou uma certa confusão no Vaticano, como até ganhou a proteção de alguns monarcas poderosos, nomeadamente o Rei Fernando I de Nápoles e o Rei Luís XII de França. Vários historiadores, incluindo Frances A. Yates, do Instituto Warburg, o Professor Jean-Pierre Mahé, da Sorbonne, em Paris, e o Professor Wouter Hanegraaff, da Universidade de Amesterdão, narraram vividamente algumas das atividades deste filósofo bastante exótico, Mercúrio de Bolonha.11 Hanegraaff, por exemplo, chegou ao ponto de dizer que Giovanni, também conhecido como "Mercúrio", era "uma das figuras mais enigmáticas que se poderia ter encontrado em Itália na segunda metade do século XV."12

Em novembro de 1481, o humanista e astrólogo Ludovico Lazzarelli encontrou "Mercúrio" por acaso, quando este pregava novamente nas ruas de Roma. Lazzarelli ficou tão impressionado com o que ouviu que decidiu ali mesmo tornar-se discípulo e pupilo de Mercúrio. Foi após este encontro que Lazzarelli e o seu mestre Mercúrio encontraram mais dos escritos perdidos de Hermes Trismegisto, conhecidos como Definições de Asclépio. Eis o relato do próprio Lazzarelli sobre esta surpreendente descoberta:

Foi por acaso, enquanto examinava incansavelmente os livros antigos daqueles que me inspiravam, e enquanto sobre uma taça cheia do mais suave néctar, que, não duvido, fluíra da enorme cratera [tigela] de Hermes Trismegisto, quero dizer, um pequeno livro em grego com o título de Definições de Asclépio. Assim que o li, a sua concisão e a misteriosa autenticidade da sua sabedoria encantaram-me e encheram-me de admiração.13

Entre as muitas aparições públicas de Mercúrio, a mais bizarra foi em Roma durante o pontificado de Sisto IV. No Domingo de Ramos de 1484, Mercúrio, então com trinta e três anos, entrou em Roma montado num burro guiado por dois criados, vestindo um manto de linho branco ensanguentado e uma coroa de espinhos na cabeça,*34 claramente destinado a evocar a entrada de Jesus, o Messias, em Jerusalém.14 No peito de Mercúrio estava fixada uma placa de prata em forma de crescente lunar, na qual estavam escritas estas palavras:

Este é o meu filho Pimander, que eu pessoalmente escolhi. Desde a primeira infância, ele cresceu até alturas sublimes, e eu o capacitei com toda a minha complacência para expulsar demónios e instalar a minha verdade e a minha justiça sobre todas as nações. Estai avisados para não vos opordes a ele! Ouvi as suas palavras e obedecei-lhe com temor e reverência. Estas são as palavras do Senhor de todos os santuários do mundo, Jesus Cristo.15

Incrivelmente, Mercúrio dirigia-se via São João de Latrão e Campo dei Fiori para o Vaticano. Em breve, uma multidão começou a juntar-se atrás de Mercúrio e seguiu-o entusiasticamente até aos portões de São Pedro. Mercúrio tirou então um maço de panfletos do seu saco e atirou-os à multidão, presumivelmente dizendo o mesmo que estava escrito na placa de prata no seu peito. Alguns devem tê-lo achado louco, mas a maioria, curiosamente, ficou entusiasmada com esta exibição colorida e dramática de piedade e aclamou-o prontamente como profeta. Os guardas do Vaticano†35 estavam claramente perplexos com esta visão estranha e, na sua confusão, afastaram-se e deixaram Mercúrio entrar na basílica.

Mercúrio conseguiu caminhar sem oposição até ao altar e, lá, voltado para uma congregação atónita, anunciou que era o Pimander reencarnado, a entidade que transmitira sabedoria divina a Hermes Trismegisto. E quando Mercúrio regressou a Bolonha, foi aclamado

como herói e profeta. Em 1486, Mercúrio fez outra aparição dramática em Florença, gritando novamente os seus bizarros sermões apocalípticos e fazendo as suas escandalosas afirmações de ser Pimander. Mas Lourenço de Médici, o governante de Florença, não aceitou nada daquilo.

Ordenou prontamente que Mercúrio fosse preso e lançado na cadeia. Lourenço entregou então Mercúrio à Inquisição, que o acusou imediatamente de blasfémia. Felizmente para ele, o Rei Fernando I de Nápoles, que se tornara patrono de Mercúrio, usou a sua influência para obter a sua libertação. Longe de se sentir desencorajado por este incidente, Mercúrio pregou novamente em Roma em 1492, proclamando que era "o Hermes mais jovem", isto é, Hermes Trismegisto.

Depois, em data posterior (1497–1499), fez o mesmo em Veneza e em Milão. Em 1501, Mercúrio viajou para Lyon, em França, e foi recebido pelo Rei Luís XII, "a quem conseguira impressionar com a sua erudição, bem como com promessas de revelar 'segredos alquímicos e mágicos sensacionais'."16

Em 1506, Mercúrio escreveu um manuscrito intitulado de Quercu, que também tinha o subtítulo Sobre o Carvalho do Papa Júlio ou sobre a Pedra Filosofal, que dedicou ao Papa Júlio II (1503–1513). O texto é um longo elogio ao pontífice, cujo nome verdadeiro era Giuliano della Rovere, literalmente "Giuliano do Carvalho", daí o trocadilho no título. Na sua dedicatória, Giovanni Mercúrio escreveu:

E o que é mais, e muito, muito maior, o maior de todas as coisas mais grandes, o que vence o triunfo de todas as grandezas deste vosso carvalho tão triunfal: no seu topo, no lugar mais alto e mais frutífero da sua beleza . . . [está] a verdadeiramente mercurial, trismegística, sábia, amável e felicíssima Fénix . . . aquela que, coroada com a tripla coroa, se queima na cidade de Heliópolis [Cidade do Sol] no Egipto.17

A "Fénix" é claramente uma alegoria para Hermes Trismegisto, pois a expressão "a verdadeiramente mercurial, trismegística, sábia" é claramente um eufemismo para "o verdadeiramente sábio Mercúrio Trismegisto", a fénix que queima e se regenera em Heliópolis. No entanto, a Fénix é "aquele com a tripla coroa", isto é, o Papa Júlio II,

cujo brasão papal contém um carvalho com uma tripla coroa acima dele.*36

A lenda da fénix egípcia que voa para Heliópolis para iniciar uma nova era astrológica encontra-se em livros clássicos como As Histórias de Heródoto (livro II) e também nos Anais de Tácito (livro VI. 28). O mito era bem conhecido dos humanistas do Renascimento e, obviamente, de Giovanni Mercúrio. Incrivelmente, Mercúrio está também a dizer ao Papa Júlio II não só que ele é a fénix egípcia, mas também que os seus ensinamentos são "o triunfo de todas as grandezas". Não podemos saber o que o Papa Júlio II fez de tudo isto, mas certamente deve ter estado ciente de que, a poucos passos do Vaticano, dentro das ruínas do antigo Circo Nero, se erguia um genuíno obelisco egípcio de Heliópolis, o único ainda de pé em Roma. Estaria Mercúrio a aludir a este obelisco quando falou do "carvalho triunfal" em cujo topo a fénix hermética, isto é, o símbolo do papa ou do Cristianismo, deveria ser colocada? E terá o papa compreendido esta mensagem alegórica?

Provavelmente sim, porque o Papa Júlio II tinha, de facto, encomendado a Miguel Ângelo a pintura da Capela Sistina e, enquanto o grande artista ainda trabalhava, um dos sucessores de Júlio, o Papa Paulo III, pediu-lhe que levasse o obelisco heliopolitano do Circo Nero para o Vaticano, para que pudesse ser colocado em frente da Basílica de São Pedro. Presumivelmente, o Papa Paulo III teria então colocado também o seu próprio símbolo no ápice do obelisco.

Miguel Ângelo, no entanto, recusou, dizendo: "E se se partir?" A honra de levar aquele obelisco para o Vaticano, como veremos mais tarde, caberia a Domenico Fontana, durante o pontificado de Sisto V, em 1586, que, previsivelmente, também mandou colocar o seu próprio símbolo, "três montes encimados por uma cruz", no seu ápice.

Não se sabe que fim teve o senhor Mercúrio. Em 1610, ele, a sua mulher e os seus cinco filhos viviam na mais completa pobreza. No entanto, não seria a última vez que veríamos tal comportamento excêntrico de um hermetista renascentista, e não seria a última nem, de facto, a única vez que se imploraria a um papa que adotasse o papel de Hermes Trismegisto ou de alguma outra personagem hermética para efetuar uma reforma do Vaticano . . .

HERMES TRISMEGISTO É INTRODUZIDO NO VATICANO

Já deve estar claro que, para os filósofos renascentistas, Hermes Trismegisto era uma pessoa histórica real que vivera no antigo Egipto e fora o autor do Hermética. Esta era especialmente a opinião de Marsílio Ficino. No entanto, como Ficino, a maioria também afirmava sabiamente que o sábio egípcio viera depois de Moisés — ou pelo menos não antes de Moisés — e que, como Moisés, também era profeta do Cristianismo. Este foi, sem dúvida, um estratagema de alguns para evitar antagonizar o Vaticano mais do que o necessário.

Os filósofos renascentistas baseavam a sua cronologia na enorme autoridade de Santo Agostinho (354–430 d.C.), um dos mais populares padres da Igreja, que escrevera que Hermes Trismegisto "veio depois de Abraão, Isaac, Jacó, José e até de Moisés. Porque Moisés nasceu no tempo de Atlas, irmão de Prometeu [que] era o avô do Hermes mais velho, ele próprio avô de Hermes Trismegisto."18

Os filósofos renascentistas sentiam-se também cobertos nesta matéria pela própria Igreja, pois na grande Catedral de Siena, datada do final do século XV, está incrustado no pavimento de mármore uma cena que mostra Hermes Trismegisto a entregar — ou a receber — um livro no qual está escrito "Suscipite O Licteras Et Lege Egiptii" (Recebei vossas letras e leis, ó Egípcios) e uma placa por baixo das figuras que afirma: "Hermes Mercurius contemporaneus Moyse" (Hermes Trismegisto contemporâneo de Moisés). Ainda assim, dizer que Hermes Trismegisto era contemporâneo de Moisés era uma coisa, mas ninguém ousava sugerir, naturalmente, que Hermes Trismegisto vivera antes de Moisés, pois isso daria ao sábio egípcio precedência e, portanto, autoridade sobre Moisés e as Escrituras, o que era algo que a Igreja não podia aceitar facilmente. No entanto, apesar deste conselho cautelar, alguns hermetistas levaram a sua sorte ao limite. Ludovico Lazzarelli, e provavelmente também o seu mestre Mercúrio, argumentaram abertamente:

Não foi nos tempos de Moisés que Trismegisto viveu, mas muito antes, como se pode facilmente verificar nas obras de Diodoro Sículo.

Este último relatou, na sua cronologia dos reis do Egipto, que primeiro foram deuses que governaram, depois seres humanos. Daí é

evidente que Mercúrio (Hermes) Trismegisto viveu nos tempos dos deuses . . . ao passo que Moisés viveu numa época em que a Bíblia e muitos outros escritos antigos conhecidos no Egipto afirmam claramente quando reinaram faraós.19

A controvérsia sobre se Hermes Trismegisto vivera antes ou depois de Moisés aumentou a já espetacular popularidade que o Hermética alcançara no início do século XVI. Com efeito, tal era a fama de Hermes Trismegisto em Itália, França, Alemanha, Holanda e Inglaterra, que Frances A. Yates, em referência à representação na Catedral de Siena, sentiu necessidade de sublinhar este ponto:

A representação de Hermes Trismegisto neste edifício cristão, tão proeminentemente exibida perto da sua entrada e atribuindo-lhe uma posição espiritual tão elevada, não é um fenómeno isolado, mas um símbolo de como o Renascimento italiano o considerava e uma profecia do que seria a sua extraordinária carreira por toda a Europa no século XVI e bem dentro do século XVII.20

A influência do Hermética na Europa foi, de facto, imensa e prolífica. Em 1554, o erudito e humanista francês Turnebus publicou em Paris a primeira edição do texto grego original do Hermética, acompanhado pela tradução latina de Ficino. O teólogo Petrus Paulus Vergerius escreveu no prefácio:

Hermes Trismegisto era de raça egípcia… Floresceu antes do tempo do faraó… Alguns, entre os quais Cícero, supõem que ele é a pessoa a quem os egípcios chamavam Thot… Deve ter vivido, portanto, antes do faraó e, consequentemente, antes de Moisés.21

Em 1574, François Foix, duque de Candalle e também bispo de Aire, mas mais conhecido como Flussas, publicou uma nova edição do Hermética que dedicou ao Sacro Imperador Romano Maximiliano II. Na dedicatória, informa o imperador de que Hermes Trismegisto tinha conhecimento de "coisas divinas", que primeiro escreveu em egípcio, depois em grego, e que superava o conhecimento

que foi revelado aos profetas hebreus, e igualava o dos Apóstolos e Evangelistas… O que mais nos é dado a conhecer por aqueles que foram instruídos pelo nosso próprio Salvador? E no entanto este homem [Hermes Trismegisto] era anterior no tempo não apenas aos discípulos do nosso Senhor, mas também a todos os profetas e mestres da nossa lei e, como dizem os antigos, ao próprio Moisés.22

Em 1591, o erudito italiano Francesco Patrizzi publicou uma edição do Hermética na sua obra Nova de Universis Philosophica. No prefácio, suplica ao Papa Gregório XIV que dê instruções para que o Hermética, entre "cinco filosofias", que incluía Aegiptiam aliam mysticam philosophia [A Outra Filosofia Mística dos Egípcios], fosse efetivamente ensinado a todos, até aos jesuítas, como uma ferramenta de "conversão" para o papado.

Espero que Vós e os vossos sucessores adotem esta nova filosofia religiosa restaurada e a façam estudar em toda a parte. Desejaria, então, Santo Padre, e todos os futuros papas, que dessem ordens para que alguns dos livros, que nomeei, sejam continuamente ensinados em toda a parte, como os ensinei nos últimos catorze anos em Ferrara. Assim tornareis todos os homens capazes em Itália, Espanha e França amigos da Igreja; e talvez até os protestantes alemães sigam o seu exemplo e regressem à fé católica. É muito mais fácil ganhá-los de volta desta forma do que compelindo-os por censuras eclesiásticas ou por braços seculares. Deveis fazer com que esta doutrina seja ensinada nas escolas dos jesuítas, que estão a fazer um trabalho tão bom. Se fizerdes isto, grande glória vos esperará entre os homens dos tempos futuros. E rogo-vos que me aceiteis como ajudante nesta empresa.23

A DIGNIDADE DO HOMEM
O MANIFESTO DO RENASCIMENTO

Quando Ficino tinha cinquenta e um anos e estava no auge da sua carreira bem-sucedida, estava pronto para mandar imprimir a sua tradução latina das obras completas de Platão. Foi então que um brilhante jovem erudito italiano entrou na vida de Ficino e, num golpe de génio, iria pegar na magia natural de Ficino, extraída do Hermética, e transformá-la numa nova filosofia que teria enormes implicações para o Cristianismo. O seu nome era Pico della Mirandola. Nas palavras de Frances A. Yates:

Pico della Mirandola, contemporâneo de Ficino, embora mais jovem, começou a sua carreira filosófica sob a influência de Ficino e

absorveu deste o seu entusiasmo pela magia naturalis, que aceitou e recomendou de forma muito mais enérgica e aberta do que Ficino.24

Um acontecimento sincronístico criou em Ficino a forte crença de que o seu encontro com Pico fora resultado de alguma providência celestial. Primeiro, houve o ano de nascimento de Pico: nasceu em 1463, o ano em que Ficino começou a traduzir o Hermética. Depois, Ficino encontrou Pico no mesmo dia, em outubro de 1484, em que a tradução de Ficino das Obras Completas de Platão foi para a impressão — um dia escolhido por causa de signos astrológicos favoráveis. Ficino e o seu rico patrono, Lourenço de Médici, simpatizaram imediatamente com Pico e convidaram-no a juntar-se à Academia Florentina.

Quando estudante na Universidade de Ferrara, Pico desenvolvera uma espécie de compêndio de várias filosofias, incluindo platonismo, neoplatonismo, aristotelismo, hermetismo, Cabala e caldeísmo, comumente conhecido como as 900 Teses, que Pico tencionava publicar em Roma. Esperava também debater estas 900 Teses num "congresso internacional" com eruditos de toda a Europa. Tão entusiasmado estava Pico com este debate que se ofereceu para pagar todas as despesas dos eruditos e o custo do congresso.

Para este fim, Pico compôs também, como introdução às suas 900 Teses, a sua famosa Oração sobre a Dignidade do Homem, que tencionava ler na abertura do congresso. A Oração começa com estas palavras tão evocativas, que não deixam dúvidas sobre qual filosofia Pico queria promover:

Excelentíssimos Padres, li nos escritos antigos dos árabes que Abdala, o Sarraceno, quando interrogado sobre o que, neste palco, por assim dizer, do mundo, lhe parecia mais evocativo de espanto, respondeu que nada havia para ver mais maravilhoso do que o homem. E aquela célebre exclamação de Hermes Trismegisto, "Que grande milagre é o homem, Asclépio!", confirma esta opinião.25 (itálico adicionado)

Pico, que planeava a sua viagem a Roma em 1485, provavelmente sabia da comoção que o senhor Mercúrio causara no Vaticano no ano anterior. Mas quer soubesse disso ou não, o plano ousado de Pico de ir a Roma para debater as suas 900 Teses com

eruditos que, na prática, seriam maioritariamente jesuítas do Colégio Romano, não era uma ideia assim tão brilhante, dadas as circunstâncias. No entanto, aparentemente alheio a quaisquer perigos possíveis, Pico partiu para Roma no verão de 1486 com um grupo de amigos.

A caminho, passando pela cidade de Arezzo, Pico apaixonou-se perdidamente por donna Margherita, a bela jovem esposa de Giuliano Mariotto de Médici, primo do mentor de Pico, Lourenço de Médici. Parece que Pico e a senhora promíscua tentaram fugir juntos, mas foram rapidamente detidos por um bando armado enviado em perseguição pelo marido enfurecido. Na escaramuça que se seguiu, alguns dos companheiros de Pico foram mortos. Quanto a Margherita, ela alegou em sua defesa que Pico a levara contra a sua vontade.26

Na Oração sobre a Dignidade do Homem, Pico della Mirandola fala do papel primordial dos seres humanos. Sustenta que Deus deu aos humanos a capacidade de escolherem por si mesmos o seu próprio destino, o que os separa de todas as outras criaturas. Enquanto outras criaturas e "anjos" vêm à existência já plenamente desenvolvidos mentalmente e, portanto, são imutáveis, os humanos, por outro lado, podem e devem mudar, porque são dotados destas possibilidades por Deus. Diz que o filósofo é supremo nesta capacidade, mas todos os humanos têm o potencial para serem filósofos. Pico argumenta fortemente a favor da natureza e despreza aqueles que a denigrem por não a compreenderem. Termina a Oração prometendo falar sempre em favor da livre busca do conhecimento e do desenvolvimento pessoal de cada um, e pede a todos que façam o mesmo.

Margherita safou-se com uma repreensão, enquanto Pico foi lançado na prisão. Foi apenas graças à intervenção de Lourenço de Médici e de Ficino que Pico foi libertado. Pico passou então vários meses em Perúgia a recuperar do seu malogrado caso de amor.

Foi em Perúgia que Pico foi introduzido à Cabala, e que também acrescentou então às suas Teses. A Cabala é uma antiga tradição mística judaica que envolve a interpretação de escritos hebraicos sagrados para fins mágicos, e considera-se que foi transmitida oralmente pelo próprio Moisés. Foi por essa altura que Pico teve uma ideia brilhante. Ficino tentara cristianizar o Hermética e a sua magia;

Pico faria melhor: não só cristianizaria a Cabala, como também a fundiria com o hermetismo.

Para este fim, Pico usou o seu extraordinário conhecimento de hebraico, grego e latim. O raciocínio de Pico era mais ou menos este: uma vez que Moisés era tanto fundador do Judaísmo como profeta do Cristianismo, então a Cabala judaica certamente também deveria ser considerada uma Cabala cristã. Na mente versátil de Pico, a fusão da magia cabalística proveniente de Moisés e da magia hermética proveniente de Hermes Trismegisto, ambos considerados por alguns como contemporâneos, criaria uma poderosa nova forma de magia que poderia ser abraçada pelo Vaticano em benefício do Cristianismo. Assim, Pico, usando palavras como um mago usaria poções, concoctou uma mistura intelectual que pode ser considerada "magia cristã hermético-cabalística".

Um exemplo da técnica de Pico foi uma espécie de propaganda etimológica, em que mostrou que as quatro letras de Jesu (Jesus) tal como escritas em hebraico podiam significar "Deus", "Filho de Deus" ou "sabedoria de Deus", por outras palavras, a Trindade cristã: Deus Pai, Jesus Filho e o Espírito Santo. Em termos simplistas, Pico conseguiu convencer muitos de que a religião hebraica era apenas o fundamento do Cristianismo, que era a verdadeira e final religião do mundo. Este tipo de semântica, curiosamente, aparentemente induziu muitos judeus em Itália a converterem-se ao Cristianismo.

Seja como for, Pico chegou a Roma no inverno de 1486, cheio de esperança de que o Papa Inocêncio VIII apoiasse a sua ideia de um congresso para debater as suas 900 Teses. Enquanto esperava, Pico mandou publicar as suas 900 Teses em dezembro de 1486 como Conclusiones philosophicae cabalasticae et theologicae. Mas obteve a reação oposta à que esperava do Vaticano: em fevereiro de 1487, o papa impediu a moção de Pico e pediu à Inquisição que examinasse a publicação de Pico em busca de possíveis sinais de heresia.

Os inquisidores, naturalmente, não tiveram dificuldade em fazê-lo. Pico foi prontamente preso. Após uma defesa valente das suas 900 Teses, os inquisidores disseram a Pico que ainda havia treze delas que eram consideradas heréticas. Pico ofereceu-se para as retirar da sua lista, mas a Inquisição exigiu também uma retratação total e completa. Pico recusou. Em vez disso, escreveu uma apologia a defendê-las. Os

cardeais rejeitaram a apologia de Pico e declararam antes a sua obra como "em parte herética, em parte flor da heresia, várias são escandalosas e ofensivas aos ouvidos piedosos; a maioria não faz mais do que reproduzir os erros dos filósofos pagãos . . . outras são capazes de inflamar a impertinência dos judeus; algumas delas, finalmente, sob o pretexto de 'filosofia natural', favorecem artes que são inimigas da fé católica e da raça humana."27

Com tal veredito da Inquisição, nem os poderosos patronos de Pico em Florença o podiam salvar agora. Seguindo o conselho deles, no entanto, Pico fugiu rapidamente para França. Lá pediu a proteção do Rei Carlos VIII de França. Pico permaneceu exilado em França até 1492. Após a morte do Papa Inocêncio VIII, o novo papa, Alexandre VI, permitiu que Pico regressasse a Itália. Este "mau papa" irascível era o infame Rodrigo de Bórgia, um nobre espanhol de sangue quente, bastante diferente de tudo o que o Vaticano conhecera.

Entre outras coisas, este papa estava abertamente interessado na magia hermética e na Cabala. Infelizmente, também estava abertamente interessado em muitos outros divertimentos de natureza carnal. Seja como for, em junho de 1493, o Papa Alexandre VI não só absolveu Pico de todas as acusações contra ele, como também lhe escreveu uma carta em que considerava Pico um filho fiel da Igreja, inspirado por uma divina largitas (generosidade divina). Pico, no entanto, morreu no ano seguinte, com a tenra idade de trinta e um anos, provavelmente por envenenamento.

Pico della Mirandola foi sepultado em Florença, em San Marco. Ficino escreveria: "O nosso querido Pico deixou-nos… Florença talvez nunca tenha visto um dia mais sombrio do que aquele que extinguiu a luz de Mirandola."28 Em 2007, uma equipa de cientistas exumou os seus restos mortais e confirmou que morrera por envenenamento com arsénico.

Foi neste ano que o Papa Alexandre VI permitiu que Hermes Trismegisto se infiltrasse no Vaticano e, como uma enorme osga, se fixasse no teto dos seus aposentos.

O TETO DOS APOSENTOS BÓRGIA

Rodrigo Lanzol nasceu em 1431 no reino de Valência, em Espanha, numa família imensamente rica e poderosa. O seu tio, Afonso de Bórgia, que era então bispo de Valência, viria a tornar-se o Papa Calisto III em 1455. Foi o tio quem supervisionou pessoalmente a educação de Rodrigo em Bolonha, em Itália, preparando-o astuciosamente para ser seu sucessor. Rodrigo estava tão próximo do tio que adotou o seu apelido, tornando-se assim Rodrigo de Bórgia, um nome que, como o destino quis, viveria na infâmia para sempre. Mal passado um ano do seu pontificado, Calisto III fez de Rodrigo cardeal da Igreja Romana. Tinha apenas vinte e três anos. Em 1492 — alguns historiadores dizem através de suborno e manipulação — Rodrigo de Bórgia foi eleito papa e tomou o nome de Alexandre VI, isto apesar de Rodrigo já ter gerado quatro filhos ilegítimos com uma das suas muitas amantes, a bela Vannozza dei Cattani.*37

Não nos propomos rever as muitas intrigas no Vaticano durante o pontificado de Alexandre VI, especialmente as proliferadas pela sua filha promíscua, Lucrécia Bórgia, a quintessencial femme fatale do Renascimento. Estamos muito mais interessados noutro assunto intrigante que, na nossa opinião, levanta enormes questões sobre a associação deste papa em particular com os ensinamentos do Hermética.

O erudito e historiador italiano Giovanni Nanni, monge dominicano, era o secretário pessoal do Papa Alexandre VI. Numa tese que publicou, cobrindo a alegada "história desde o Dilúvio até à queda de Troia", Nanni concoctou uma teoria das mais bizarras: que o Papa Alexandre VI era descendente direto do deus egípcio Osíris, a quem Nanni chamou o "Pai do Hércules Egípcio".

Baseando esta estranha conclusão nas suas interpretações de cronistas clássicos como Heródoto, Plutarco e Diodoro Sículo, o senhor Nanni estava totalmente convencido e, o que é mais, conseguiu convencer o papa, de que a "sabedoria dos egípcios" (que no seu contexto significava o Hermética) fora trazida para Itália em tempos muito antigos pelo próprio Osíris.

Segundo o erudito dinamarquês Erik Iversen, especialista na "egiptomania" que muito inspirou as tradições ocidentais, "[Nanni] forneceu uma genealogia heroica para o seu patrono papal,

demonstrando que a família Bórgia descendia diretamente do Hércules Egípcio [Horus], filho de Osíris, e que o touro no brasão da família era, de facto, o Ápis Osiriano [Serápis]."29

Antes de prosseguirmos com esta curiosa ligação entre os Bórgia e o "Ápis Osiriano", notemos que, quando Marsílio Ficino trabalhava na sua obra, os Libri de Vita, em 1489, mal três anos antes de Rodrigo de Bórgia se tornar papa, recomendou vivamente aos seus leitores que considerassem desenhar "no teto abobadado do compartimento mais interior da casa, onde a maioria vive e dorme", várias figuras do "universo" para atuar como talismãs. Tendo em mente que Ficino derivara a sua magia talismânica do Hermética, as "figuras" que tinha em mente eram, sem dúvida, de cariz egípcio-hermético. Sobre este assunto, Frances A. Yates comentou: "Compreendo isto como uma pintura no teto do quarto . . . objetos artísticos, que devem ser usados magicamente pela sua virtude talismânica . . . obras de arte [que] são funcionais; são feitas com um propósito, para uso mágico."30

Recordamos como o Papa Alexandre VI mostrara o seu apoio e admiração pelo favorito e mais talentoso aluno de Ficino, Pico della Mirandola. Recordamos também como Pico recomendara abertamente a magia naturalis de Ficino ao Vaticano. Assim, certamente não é por acaso que, mal Alexandre VI começou o seu pontificado, encomendou ao famoso pintor Pinturicchio a decoração do teto dos Aposentos Bórgia, no Vaticano, com cenas mostrando Hermes Trismegisto e Ísis, e muito especialmente Serápis como o Touro Ápis de Mênfis. Segundo o erudito Jurgis Baltrusaitis, uma autoridade neste assunto específico, nessas cenas pintadas dos Aposentos Bórgia:

Podemos ver a rainha do Egipto [Ísis] a ensinar as ciências e as leis; Ísis a encontrar os pedaços do corpo desmembrado de Osíris, o caixão de Osíris, uma pirâmide decorada com rendilhado de padrões geométricos, a aparição de Ápis ao lado de uma pirâmide . . . a cena representa a fabulosa ascendência de Alexandre VI. Podemos identificar nas composições o toro [touro] símbolo dos Bórgia com o Ápis que glorifica as origens heróicas da família do papa.31

Outra dessas cenas pintadas é claramente uma alegoria da magia astral hermética encontrada no Asclépio, pois nesta cena Hermes Trismegisto está sob um enorme globo celeste com uma grande estrela sobre a cabeça, e está rodeado por vários sábios que representam os

filósofos clássicos, que estão em reverência e recebem os seus ensinamentos.

Tudo isto é testemunho de quão profundamente os hermetistas conseguiram influenciar o Papa Alexandre VI e persuadi-lo a introduzir os ensinamentos de Hermes Trismegisto no Vaticano. No entanto, com a morte do supremo patrono dos hermetistas, Lourenço de Médici, em 1492, seguida pelas mortes de Pico della Mirandola em 1494, de Ficino em 1499 e do Papa Alexandre VI em 1503, tudo no espaço de uma única década, o ímpeto do movimento hermético começou a diminuir.

Passariam cinquenta anos até que o Vaticano fosse novamente abalado por um mago hermético. Desta vez, porém, o mago hermético atingiria com tal força que infligiria um golpe quase nocauteador no papado, do qual este ainda não recuperou totalmente — e provavelmente nunca recuperará.

A MISSÃO HERMÉTICA DE GIORDANO BRUNO

O ano é 1548. Passaram-se cerca de cinco anos desde a morte do astrónomo polaco Nicolau Copérnico, que concebera a teoria heliocêntrica que abalou o mundo. Na distante Itália meridional, Giordano Bruno nasce na pequena cidade de Nola, perto de Nápoles. Na idade adulta, este "Nolano" prolixo e surpreendentemente corajoso não só promoveria o heliocentrismo copernicano, como também o combinaria muito astuciosamente com o movimento hermético, criando uma potente mistura intelectual que abalaria os próprios alicerces do Vaticano. Pois, ao contrário do andar com cautela de Ficino em relação à magia natural e da tentativa indireta de Pico de a cristianizar, Bruno foi em frente, de cabeça, direto à jugular do papado, apelando a uma restauração completa da religião mágica dos egípcios para, na verdade, substituir o Cristianismo! Como Frances A. Yates tão bem colocou:

Ele está a levar a magia renascentista de volta à sua fonte pagã, abandonando os fracos esforços de Ficino para fazer magia inofensiva, disfarçando a sua principal fonte no Asclépio, desrespeitando totalmente os hermetistas religiosos que tentaram ter um hermetismo cristão sem o Asclépio, proclamando-se um egípcio completo que . . .

lamenta a destruição pelos cristãos . . . da religião dos egípcios, através da qual se aproximam das ideias divinas, do Sol inteligível.32

Ironicamente, Giordano Bruno começou a sua vida adulta dentro da Igreja Católica, ingressando na Ordem Dominicana no ano de 1563. Mas seis anos depois, meteu-se em problemas com os seus companheiros monges no mosteiro, que o acusaram de ler livros pagãos e o denunciaram à Inquisição. Quando Bruno descobriu que estava prestes a ser preso e acusado de nada menos que 130 heresias contra a Igreja Católica, despiu-se das suas vestes sacerdotais e fugiu do mosteiro. Foi neste ponto da sua vida que provavelmente formulou na sua mente a sua missão: a restauração completa da religião egípcia de Hermes Trismegisto. Assim começou a missão de Bruno, que o levaria a uma colisão frontal com o Vaticano, com consequências desastrosas para ambos . . .

EXCURSÃO II, A ROMA, 1542
O NASCIMENTO DA COMPANHIA DE JESUS

Tal como os maçons em muitos aspetos, os jesuítas têm sido considerados, por um lado, como propagandistas diabólicos e manipuladores de almas e, por outro, como santos e brilhantes eruditos. Esta perceção depende, naturalmente, de que lado da cerca se está. A verdade sobre o que os jesuítas realmente são, como muitas vezes acontece com visões tão extremas, encontra-se algures no meio.

Quando Giordano Bruno nasceu, em 1548, a Companhia de Jesus, ou a Ordem Jesuíta, como é mais conhecida, acabara de ser criada por um pequeno grupo de monges espanhóis liderados por Inácio de Loyola (1491–1556), um soldado tornado sacerdote. Tudo começou em 1521, depois de ele ter sido ferido em batalha em Pamplona; Inácio de Loyola decidiu que queria dedicar a sua vida a "ajudar almas". Para este fim, decidiu primeiro educar-se, depois

aprendeu latim e, finalmente, foi para França obter um doutoramento na Universidade de Paris. Lá permaneceu sete anos, de 1528 a 1535.

Foi também lá que ele e os seus poucos companheiros tiveram a ideia de formar uma companhia ou sociedade de Jesus que ajudasse almas. Esta nobre missão significava, em termos práticos, converter pagãos ao Catolicismo Romano. Após Paris, Inácio e os seus companheiros foram para Veneza, onde receberam a Ordem Sagrada e foram ordenados sacerdotes católicos em 1537.

Foram então para Roma, onde receberam a aprovação oficial para formar a ordem sacerdotal da Companhia de Jesus pelo Papa Paulo III em 1540. Um ano depois, em 1541, Inácio fundou também o Colégio Romano, que recrutava sacerdotes jesuítas para lhes ensinar várias disciplinas nas ciências e nas humanidades que lhes serviriam como "ferramentas" para a conversão. Por outras palavras, ensinavam-lhes propaganda. Curiosamente, as disciplinas favorecidas eram a matemática, a física, as ciências naturais e, sobretudo, a astronomia.

Foi a astronomia, isto é, a ciência dos corpos celestes, que mais serviu os jesuítas nas suas missões de conversão no Novo Mundo. O conhecimento avançado do céu e a capacidade de fazer previsões precisas de eclipses e outros eventos celestes impressionantes tendiam a impressionar muito as populações nativas crédulas. Desde tempos imemoriais, estas populações eram lideradas por xamãs e sacerdotes de várias "religiões solares" que viam os corpos celestes — o sol, a lua e as constelações — como deuses que influenciavam diretamente os acontecimentos na Terra e, mais especialmente, o destino dos humanos.

O Colégio Romano estava também ligado à Propaganda Fide, o organismo oficial do Vaticano para promover o Catolicismo em todo o mundo. Curiosamente, a Propaganda Fide foi transformada num departamento pontifício em 1622 pelo Papa Gregório XV, que, no mesmo ano, canonizou Inácio de Loyola como Santo Inácio (ver posfácio). De facto, o termo propaganda foi cunhado quando o Papa Gregório XV estabeleceu a Propaganda Fide, cujo título oficial completo é Congreagatio de Propaganda Fide (a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé). Não é segredo que a Ordem Jesuíta foi originalmente usada como um dos principais proponentes da Contrarreforma contra os protestantes luteranos.

Desde o início do século XVI, muitos países europeus se converteram em massa ao Luteranismo, provocando eventualmente a Guerra dos Trinta Anos, que devastou grande parte do Norte da Europa, e a propaganda era tanto uma ferramenta de guerra como o conflito militar aberto. Na verdade, provou ser muito mais eficaz a longo prazo.

Quando Bruno começou a sua longa e árdua missão hermética em 1570, a Reforma e a Contrarreforma estavam em pleno andamento, e muitos eruditos, particularmente os jesuítas do Colégio Romano, estavam a conceber esquemas de propaganda para propor ao Vaticano. Uma abordagem, que discutiremos com mais pormenor no capítulo 5, foi o uso da arte monumental, particularmente da arquitetura, como uma espécie de "cartazes" gigantes e permanentes.

O Professor Franco Mormando é um dos poucos especialistas em Bernini que percebeu que Bernini era o mestre deste tipo de arte propagandística. Da mesma forma que um líder político hoje corteja os principais media para a sua propaganda política, para usar um termo mais suave, era talvez como "relações públicas", salienta Mormando, "tal como os monarcas e os papas cortejavam os melhores artistas para confirmar, publicitar e melhorar o seu estatuto público."

Era arte como propaganda política . . . a estratégia testada e comprovada para todos os detentores de poder na Era do Absolutismo. Para uma propaganda imponente — ou relações públicas, se preferirem — Bernini, "Criador de Imagens dos Papas", foi um dos melhores da Europa.33

Bernini, por outras palavras, era o equivalente artístico da CNN, da Fox News, do New York Times e do Herald Tribune tudo num só — uma espécie de Rupert Murdock artístico do Renascimento. De facto, basta ver as multidões diárias de turistas e visitantes que vêm à sua Praça de São Pedro e ficam subconscientemente maravilhados com a impressionante atmosfera arquitetónica que este lugar exerce sobre a mente e a alma para perceber o poder do espantoso génio artístico que foi Bernini. Ele, naturalmente, não estava sozinho no auge da Contrarreforma em Roma. Outros — Bramante, Miguel Ângelo, Della Porta, Fontana, Maderno, Borromini, Sacchi, para citar apenas alguns — fizeram a sua parte. No entanto, foi Bernini que,

com o seu estilo barroco único, usou a arte simbólica na sua forma mais subliminar. Mas falaremos mais de Bernini no capítulo 5.

Outra ferramenta para a conversão era a retórica, que, em termos simples para os jesuítas, era a ciência da arte de falar e pregar com eloquência e persuasão para "ganhar as almas dos homens". Foi a retórica, entre outras, que foi sobretudo usada por Giordano Bruno na sua missão solitária de reforma mundial. Na verdade, Bruno teria sido um jesuíta devastadoramente eficaz, não fossem os seus métodos e objetivos tão extremos e considerados "heréticos". Seja como for, é no contexto da Reforma e da Contrarreforma que Bruno se lançou na sua ambiciosa, mas em última análise condenada, missão . . .

A MISSÃO HERMÉTICA

Após uma breve e turbulenta estadia em Genebra, onde Bruno acabou por se desentender com os calvinistas, este mago volátil, mas brilhante, de Nola, dirigiu-se para França. Lá, na Universidade de Toulouse, Bruno obteve um doutoramento e, em 1581, seguiu para Paris, onde deu conferências sobre "magia natural". Tão populares foram estas conferências que despertaram a curiosidade do Rei Henrique III, e Bruno foi convocado à sua corte. Nas palavras do próprio Bruno: "Ganhei tal nome que o Rei Henrique III me convocou um dia . . . e então fez de mim um leitor remunerado no Colégio de França."

Henrique III estava interessado em tudo o que era exótico, especialmente magia, daí o seu interesse por Bruno. Dizia-se que a mãe de Henrique III, a muito dominadora e influente — e muito católica — italiana, Catarina de Médici, também era viciada em magos e astrólogos. E embora o tipo de magia natural de Bruno seja demasiado complexo para ser aqui elaborado, baste dizer que ele usou a magia talismânica e hermética de Ficino, mas com uma variação: Bruno ligou-a ao sistema heliocêntrico copernicano, que ele via como um poderoso talismã, uma espécie de presságio celestial que anunciava a iminente reforma do mundo.

Bruno, no entanto, levou a sua própria visão copernicana muito para além do sistema solar. Defendeu também a existência de "mundos" infinitos no universo, o que, como se viria a revelar mais tarde, seria fatal para ele quando caísse nas mãos da Inquisição

Romana. Bruno, porém, via o heliocentrismo copernicano não apenas como uma realidade matemática, mas mais como um símbolo religioso propício, um grande logótipo ou talismã astrológico e cosmológico nos céus, que o convencia de que a reforma solar egípcia hermética do mundo estava próxima.

E por causa disso, Bruno precisava desesperadamente de um monarca poderoso e iluminado para o ajudar a concretizá-la. O volátil, ligeiramente desequilibrado e efeminado Henrique III de França claramente não era tal monarca. De qualquer forma, Henrique III estava mais preocupado com graves conflitos religiosos em França, para não mencionar as suas peculiares e estranhas devassidões na corte.*38

Assim, Bruno voltou os seus olhos sempre à procura para Inglaterra, onde tal monarca, ou assim pensava, estava em formação: a Rainha Virgem Isabel I. Em março de 1583, Bruno partiu para Inglaterra. Frances A. Yates escreveria sobre isto: "Giordano Bruno, mago hermético do tipo mais extremo, está agora prestes a passar para Inglaterra para expor a sua 'nova filosofia'."34

Uma carta de Sir Henry Cobham, embaixador inglês em Paris, para Sir Francis Walsingham, secretário pessoal da Rainha Isabel I, datada de março de 1583, revela a séria preocupação que a iminente visita de Bruno a Inglaterra já estava a causar: "O Doutor Giordano Bruno Nolano, professor de filosofia, tenciona passar para Inglaterra, cuja religião não posso elogiar."35

Cobham assistira às conferências de Bruno em Paris e, portanto, no seu despacho para Walsingham, está obviamente a referir-se às ideologias herméticas extremas de Bruno, que Cobham via como uma religião que não podia recomendar. Mesmo tendo em conta a linguagem contida usada, podemos ver que Cobham está muito alarmado com as prováveis intenções de Bruno: promover esta "religião" aos mais altos níveis, talvez até à Rainha Isabel I, já de meia-idade. Esta era bem conhecida por alimentar visões fantasiosas e messiânicas de si mesma como a Rainha Virgem ou Virgem do Mundo, espalhando o Protestantismo Anglicano até ao Novo Mundo, as Américas.36

Estes epítetos para Isabel I devem ter ecoado na brilhante e maquinadora mente de Bruno. Ele certamente estava bem ciente de

que o segundo epíteto era o título de um tratado hermético, a Kore Kosmou, que em grego significava "Virgem do Mundo" e era aplicado à deusa egípcia Ísis. Também teria conhecido a Quarta Écloga do poeta romano Virgílio, que também profetizou o regresso da "virgem" no fim da Idade do Ferro para iniciar uma nova idade de ouro (ver Excursão III abaixo). Finalmente, Bruno também saberia que o contemporâneo de Virgílio, o poeta Ovídio, nas suas Metamorfoses, falava da virgem como sendo Astreia, a última dos imortais que abandonara a Terra no fim da Idade do Ferro. Todas estas antigas profecias de uma nova idade de ouro trazida por uma Virgem do Mundo que regressa podiam ser transferidas para a pessoa de Isabel I por um mestre da propaganda como Bruno.37

Todos estes pensamentos provavelmente estavam na mente de Bruno enquanto atravessava o Canal da Mancha a caminho de Londres.

EXCURSÃO III, A ROMA, PRIMEIRO SÉCULO A.C.

Virgílio (70 a.C.–19 d.C.) e também Ovídio (43 a.C.–17 d.C.) foram ambos poetas laureados do Imperador Augusto César (63 a.C.–14 d.C.). Ambos são também considerados os maiores poetas da Roma antiga e eram, de facto, lendas no seu próprio tempo. A Quarta Écloga de Virgílio é uma profecia de uma idade de ouro iminente, trazida por uma virgem e seu filho.

Agora chega a última idade do canto de Cumas; a grande ordem das eras renasce novamente. Agora a Virgem regressa, e o reinado de Saturno regressa; agora uma nova geração é enviada do alto céu. Apenas, casta Lucina, favorece a criança no seu nascimento, pela qual, em primeiro lugar, a Idade do Ferro terminará e uma Raça de Ouro surgirá em todo o mundo; agora o vosso Apolo reina.38

O nascimento de um filho varão da virgem que regressa, profetizado por Virgílio, deveria ser visto como o nascimento de Otaviano, o primeiro imperador romano, Augusto César, que reivindicara descendência direta da deusa virgem Vénus e que, além disso, era também considerado como tendo inaugurado uma idade de ouro para o novo Império Romano. Mas mais tarde, os propagandistas cristãos em Roma aproveitaram a profecia virgiliana e atribuíram-na à

sua própria Virgem Maria e ao seu divino filho, Jesus, que inaugurou a idade de ouro do Cristianismo.

Surpreendentemente, contra todas as expectativas, este tipo de propaganda funcionara para além do que alguém poderia esperar. O que era muito apelativo numa tal estratégia de propaganda eram as ligações "egípcias" que também podiam ser feitas. O poeta Virgílio estava em Roma quando a Rainha Cleópatra do Egipto surpreendeu os romanos com a sua famosa entrada na Cidade Eterna em 44 a.C. como a "Nova Ísis" ou a "Ísis que Regressa" (na sua língua egípcia, Ast), e ao seu lado estava o jovem Cesarião, gerado por Júlio César.

Este evento ocorreu na eletrizante situação política em que Júlio César adotara Otaviano como seu filho e também colocara uma estátua de Cleópatra como Ísis no templo de Vénus, identificando claramente a sua rainha egípcia com a Vénus romana.39

Tais atos enviaram mensagens contraditórias ao senado romano e acabaram por levar ao assassinato de Júlio César. Embora Virgílio, como a maioria dos romanos de alta patente, definitivamente não aprovasse Cleópatra, a sua Quarta Écloga pode ter inadvertidamente aberto caminho, mais tarde, para os propagandistas cristãos metamorfosearem Ísis na Virgem Maria.

VIRGO CELESTE

Na Inglaterra elisabetana, a má imprensa que os cronistas romanos deram a Cleópatra — rotulando-a como uma oportunista ambiciosa e femme fatale — foi agora alterada pelos poetas ingleses, que criaram uma imagem de uma rainha guerreira cheia de amor e devoção pelo seu povo e pelo seu reino, um tema que certamente deve ter apelado a Isabel I. Shakespeare, na peça António e Cleópatra, usou a sua prosa para transformar a rainha egípcia numa soberana trágica que heroicamente combatera os poderosos e odiados romanos. Isabel I era, naturalmente, a mais generosa patrona de Shakespeare, e o famoso bardo, como muitos outros poetas da sua época, sabia bem como lisonjear a confiante, mas também coquete, Rainha Virgem.

A aura de uma personagem tão lendária como Cleópatra era algo que os poetas e escritores elisabetanos, tão versados, podiam

facilmente atribuir a Isabel I. Mas Giordano Bruno, filósofo hermético por excelência, podia fazer muito melhor do que isto. Terá sido um jogo de criança intelectual para alguém como Bruno, por exemplo, perceber que a grega mitológica Astreia — literalmente a "donzela estelar" — a última dos imortais e a Virgem do Mundo, podia facilmente ser mostrada como sendo a constelação de Virgem.

De facto, esta ligação fora feita há muito tempo pelo poeta astronómico grego Arato (315–240 a.C.) e mais tarde por muitos dos poetas romanos, que também a identificaram com Justiça, a personificação da Justiça.40 Havia também uma estranha semelhança entre Astreia e Ísis que não poderia ter escapado a um hermetista astuto como Bruno. No famoso Zodíaco de Dendera, supostamente da era greco-romana, Ísis é mostrada a segurar espigas de milho e a seguir a constelação de Leão; esta iconografia celestial descreve claramente Ísis como a constelação de Virgem. Embora seja improvável que Bruno conhecesse o Zodíaco de Dendera, ele, como muitos dos seus contemporâneos eruditos, estava, no entanto, familiarizado com os escritores e cronistas clássicos gregos, como Eratóstenes (276–195 a.C.), que identificara Ísis com a constelação de Virgem, e sabia que muitos outros tinham feito o mesmo.*39

Fig. 3.7. A Ísis-Virgem de Athanasius Kircher no Oedipus Aegyptiacus.

O nome de Ísis no antigo Egipto era Ast. Ísis, ou Ast, era a mais antiga e mais conhecida deusa estelar, e pode haver pouca dúvida de

que o seu nome Ast está na raiz da palavra grega para "estrela", astro, de onde provém o nome Astreia para a virgem estrelada do mundo.

A erudita Margarita C. Stocker, uma autoridade em iconografia e poesia elisabetanas, mostrou as ligações que podem facilmente ser feitas entre a Virgem Astreia, a constelação de Virgem, a Virgem Maria e, finalmente, a Rainha Virgem Isabel I, ligações que, claramente, foram exploradas pelos poetas elisabetanos para cobrir de louvor a sua amada rainha virginal.41 Parece também que, na Roma antiga, a "assunção" da Virgem Astreia ao céu era celebrada a 15 de agosto no calendário antigo. Certamente não é coincidência que esta mesma data de 15 de agosto tenha sido escolhida pelos cristãos para celebrar a Festa da Assunção da Virgem Maria.42

Finalmente, e talvez menos óbvia, era a ligação que podia ser feita entre Iside (o nome dado a Ísis pelos italianos) e o nome Eliza dado a Isabel I. Iside pronuncia-se "ee-zeede" em italiano, e é bem possível que Bruno, que era também um mestre da semântica e adorava fazer associações linguísticas, tenha de facto notado a semelhança fonética entre os dois nomes. Seja como for, independentemente do que Bruno possa ou não ter estado a conjurar na sua mente para o papel de Isabel I, veremos agora que a associação da rainha inglesa com a rainha astral por excelência do Egipto não é tão descabida quanto pode parecer à primeira vista.

Vejamos porquê . . .

EXCURSÃO IV, A LONDRES, 1581
A CORTE DA RAINHA VIRGEM

O erudito John N. King, num estudo pormenorizado das representações de Isabel I como a Rainha Virgem, considera seriamente a possibilidade de uma associação de Isabel I com a deusa egípcia Ísis. Para sustentar o seu ponto de vista, King aponta para as várias representações de Isabel I na parte final da sua vida, usando um crescente lunar que poderia muito bem ser o crescente lunar comumente visto na deusa egípcia Ísis.

O surgimento do culto lunar da rainha tipificou o petrarquismo e o platonismo dos círculos reais, onde os cortesãos prestavam homenagem a Isabel como um objeto de desejo eternamente jovem, mas inacessível. O culto teve origem no elogio de Bruno a Isabel

durante a sua estadia em Inglaterra em meados da década de 1580 . . . assim, crescentes lunares com joias aparecem . . . no cabelo da rainha em miniaturas . . . [o que] levanta a intrigante possibilidade de que a imagem do crescente lunar de Isabel possa derivar de Ísis. . . . As ricas mitras em forma de lua usadas pelos sacerdotes de Ísis correspondem aos dispositivos lunares que aparecem nos retratos da rainha durante a sua última década.43 (itálico adicionado)

King referia-se à épica ode A Rainha das Fadas, do poeta elisabetano Edmund Spenser. Este poema tem sido alvo de centenas de comentários, críticas e debates, alguns esclarecedores, outros obscuros, e não é nosso desejo, nem está ao alcance da nossa erudição, tratar de todos eles aqui.

A maioria concordaria, no entanto, que o poema é uma elegia à Rainha Isabel I e é dirigido à sua sexualidade, ou melhor, à falta dela, e à esperança de que ela produzisse um herdeiro, mantendo de alguma forma a sua inocência virginal, a sua glorificação e talvez até a sua deificação, tudo tecido e velado num intrincado reino pseudomitológico e imaginário. Interessamo-nos especificamente aqui pelo livro V, canto VII de A Rainha das Fadas, em que a heroína, a virgem-cavaleira Britomart (uma das muitas alter egos da Rainha Isabel I), passa a noite num templo de Ísis que Spenser chama de "Igreja de Ísis". Spenser intitulou esta parte do poema assim:

> Britomart chega à Igreja de Ísis
> Onde ela vê visões estranhas:
> Ela luta com Radigund, mata-a,
> E Artegall liberta dali.

No livro V, canto VII, é evidente que Spenser está muito familiarizado com o mito de Ísis e Osíris, provavelmente a partir de clássicos como Iside et Osiride de Plutarco e O Asno de Ouro de Apuleio.*40 Spenser concentrou-se na parte do mito em que Ísis salva Osíris de um destino terreno através da sua magia especial e, postumamente, engravida dele e dá à luz um herdeiro, mantendo assim a sua virgindade de alguma forma milagrosa.

O que é mais relevante é que Spenser equipara claramente Britomart a Ísis e vê esta entidade combinada como a Rainha Isabel I.

Spenser escreveu o poema algures no final da década de 1580 e publicou-o em duas partes, em 1590 e 1596, quando a Rainha Isabel I estava no início dos seus cinquenta anos e, portanto, incapaz de ter filhos. No entanto, havia esperança de que, de alguma forma sobrenatural, ela, como Ísis, produzisse um herdeiro varão para governar o seu reino.

Era bem conhecido que Isabel I proclamara uma vez que, se alguma vez se casasse, a sua escolha de consorte seria um homem das mais altas virtudes. Spenser, no seguinte excerto de A Rainha das Fadas, parece estar a sugerir alguém como o deus-rei Osíris, marido-consorte de Ísis.

Chamando-lhe o grande Osíris, da raça
Dos antigos Reis egípcios, que outrora foram
Com cores fingidas sombreando um caso verdadeiro
Pois aquele Osíris, enquanto aqui viveu,
O homem mais justo vivo e mais verdadeiro pareceu.
Sua esposa era Ísis, a quem eles também fizeram
Uma Deusa de grande poder e soberania
e na sua pessoa astutamente sombrearam
Aquela parte da Justiça, que é a Equidade
Da qual tenho de tratar aqui presentes
Ao cujo templo, quando Britomart chegou.

Britomart é apresentada como a Cavaleira da Castidade, uma espécie de mulher guerreira virginal, uma heroína britânica que evoca a famosa cena da Rainha Isabel I com armadura completa de cavaleiro, montada no seu corcel, a fazer o seu famoso discurso às tropas em Tilbury, em agosto de 1588, no ano anterior ao de Spenser escrever A Rainha das Fadas.

Sendo também uma bela donzela, Britomart não pode deixar de se apaixonar perdidamente pelo reflexo do belo Artegall numa bola de vidro mágica na caverna de Merlin. Britomart inicia então uma busca épica para encontrar o seu futuro amado. O poema narra como Britomart, durante a sua busca épica, acaba por passar a noite no templo de Ísis, torna-se ela própria uma sacerdotisa de Ísis e recebe

um ídolo da deusa. Britomart adormece então e tem um "sonho estranho". A "visão" no seu sonho é de ela própria a tornar-se Ísis.

Lhe apareceu ao seu espírito celeste
Uma visão maravilhosa, que encerrava implícita
O curso de toda a sua fortuna e posteridade
Pareceu-lhe, enquanto fazia sacrifício
A Ísis, ornada com Mitra na cabeça
E estola de linho segundo o rito desses Sacerdotes
De repente viu transfigurada
A sua estola de linho em manto de vermelho escarlate
E a Mitra em forma de Lua numa Coroa de ouro
Que até ela mesma muito se admirou
Com tal mudança, e alegrou-se em contemplar
A si mesma, adornada com gemas e joias em abundância.

O famoso erudito e escritor C. S. Lewis realizou uma análise aprofundada de A Rainha das Fadas e comentou a personagem de Britomart com estas palavras:

Britomart… resgata-o [Artegall] da escravidão. E se, como penso, ela se torna Ísis no seu sonho (a "coroa de ouro"), então Artegall é para ela como o crocodilo é para Ísis… assim, num certo sentido, ela resgata-o ou salva-o eternamente na Igreja de Ísis.44

Na "igreja" ou templo de Ísis, é apresentado a Britomart um ídolo feminino de pé com um pé sobre um crocodilo e segurando um longo cetro ou lança.

Então para o Ídolo a levaram…
E a seus pés um Crocodilo se enrolava, que com a sua cauda torcida
O seu meio envolvia.
Um pé estava colocado sobre o Crocodilo,
E no chão o outro firmemente se mantinha…
Estendia uma longa e branca e esbelta vara.

O padroeiro dos coptas, os cristãos egípcios, é São Jorge, que, curiosamente, é também o padroeiro da Inglaterra. Este guerreiro

santo tão amado era frequentemente representado na iconografia copta como Hórus, filho de Ísis e Osíris, matando um crocodilo com uma lança, da mesma forma que São Jorge da Inglaterra é representado a matar o dragão. Há também muitas representações de Hórus a pisar um crocodilo. Teria Edmund Spenser conhecimento disto? Ou Bruno? Seja como for, após o seu sonho no templo de Ísis, Britomart-Ísis subjugou e domou o crocodilo, copulou com ele, engravidou e deu à luz um leão macho.

Por graça e amor dela para o buscar
O qual ela aceitando, ele se aproximou tanto dela
Que do seu jogo ela logo engravidou
E deu à luz um Leão de grande poder.

É óbvio que este episódio do poema de Spenser é extraído do mito de Ísis e Osíris, em que a deusa parte numa busca épica para encontrar o seu amado-companheiro Osíris, copula com ele de forma mágica, engravida e dá à luz Hórus, o primeiro rei do Egipto, o "Rei Solar", cujo símbolo é o leão. Spenser compôs A Rainha das Fadas entre 1588 e 1589, pouco tempo após a visita de Giordano Bruno a Inglaterra, à corte de Isabel I. Certamente que a mão oculta do mago italiano pode ser sentida aqui. O mesmo é sentido pela autora M. Isidora Forrest, que escreveu:

Pode ter sido o Spaccio de Bruno que influenciou o poeta elisabetano Edmund Spenser… A motivação política por trás de A Rainha das Fadas parece ter sido a associação da Rainha Isabel de Inglaterra com uma antiga Idade de Ouro governada por outra rainha poderosa: Ísis, a rainha divina do Egipto. Spenser diz-nos que Ísis era "uma deusa de grande poder e soberania". Isabel é ainda mais associada a Ísis — e à Rainha Cleópatra do Egipto — pelo facto de a Rainha das Fadas do título viver em "Cleópolis".45

Quando Giordano Bruno estava em Inglaterra em meados da década de 1580, a Grã-Bretanha e o resto da Europa já estavam envolvidos num frenesim de ódio religioso. A terrível Guerra dos Trinta Anos (1618–1648) estava a apenas algumas décadas de

distância. Em breve, protestantes e católicos se confrontariam num terrível, sangrento e prolongado conflito por todo o continente.

A Reforma Luterana e a Contrarreforma Católica levaram as pessoas comuns — cristãos protestantes contra cristãos católicos — a voltarem-se uns contra os outros em atos isolados de crueldade raramente vistos antes ou depois. Quanto aos poetas, pintores, escultores, escritores, eruditos e filósofos, dirigiram os seus talentos para a outra guerra, mais poderosa: a guerra psicológica de palavras e símbolos.

Usando mitos, profecias, lendas, Escrituras Sagradas e simbolismo poderoso, submeteram as populações supersticiosas, mal educadas e crédulas ao que hoje chamaríamos de lavagem cerebral. Os protestantes tentaram converter os católicos e vice-versa, não através dos meios óbvios de coerção, ameaças, tortura e medo, mas através dessa arma psicológica invisível, mas muito eficaz: a propaganda. É nesta atmosfera perigosa e tortuosa da propaganda da Reforma e da Contrarreforma que devemos ver a missão da Companhia de Jesus, os jesuítas.

Mas havia também uma sociedade de indivíduos muito mais efémera, mas igualmente, senão ainda mais eficaz, na qual Bruno se destacava: os filósofos herméticos. Pois eles também se juntaram a esta luta com o seu próprio arsenal intelectual de propaganda para trazer não apenas uma reforma religiosa, mas também uma reforma social, uma reforma, nada menos, da mente humana coletiva. Embora estes hermetistas operassem sozinhos e muitas vezes não tivessem conhecimento uns dos outros, partilhavam, no entanto, uma missão comum: libertar a "alma do mundo" do fanatismo religioso e lançá-la novamente no seu caminho justo de conhecimento e esclarecimento.

A propaganda em torno da persona de Isabel I como Rainha Virgem, Astreia, Britomart, Gloriana e, especialmente, Ísis, alimentou a população com as suas esperanças de uma nova idade de ouro trazida por uma "virgem do mundo que regressa", uma nova Ísis cristianizada de magnitudes messiânicas. O culto da Virgem Maria atraiu os pagãos em massa para o Cristianismo, velando-a com a mitologia e iconografia de Ísis e convertendo templos isíacos em igrejas dedicadas à Madona.

Certamente deve ter passado pelas mentes de governantes astutos e dos seus propagandistas que métodos de conversão tão devastadoramente bem-sucedidos podiam ser usados novamente para trazer os hereges de volta ao redil. Veremos no capítulo 5 como outra rainha virgem protestante seria ostentada às massas como uma nova Ísis em Roma pelo próprio Vaticano. Entretanto, fazemos outra excursão a Roma para ver um papa perder, literalmente, dez dias do ano de 1582…

EXCURSÃO V, A ROMA, 1582 d.C.
O PAPA GREGÓRIO XIII E O CALENDÁRIO

Enquanto Bruno viajava para Inglaterra, deve ter sabido, como provavelmente todos na Europa, da enorme controvérsia que o papa em Roma, Gregório XIII, acabara de causar em todo o mundo cristão com a reforma do antigo calendário juliano. Agindo sob o conselho do sacerdote-matemático jesuíta alemão Cristóvão Clávio, do Colégio Romano, o papa emitiu uma bula para eliminar dez dias do ano de 1582. Isto, aparentemente, era para restaurar o calendário em conformidade com o verdadeiro ano astronómico.

Parece que vários motivos estavam em jogo: primeiro, o chamado equinócio vernal eclesiástico, uma data arbitrária usada pela Igreja para calcular a Páscoa, tinha-se deslocado cerca de dez dias em relação ao verdadeiro equinócio vernal astronómico, de modo que agora, em 1582, o verdadeiro equinócio vernal astronómico caía na data do calendário juliano de 11 de março, em vez de 20 de março, quando este calendário foi originalmente estabelecido. Embora isto não pudesse ter realmente muita importância para as pessoas comuns, importava bastante para o papa e os seus cardeais, porque afetava a

questão de suma importância relativa à "encarnação" do "Filho de Deus".

O PROBLEMA COM MARIA

Para compreender por que a reforma do calendário era tão importante para o Vaticano, devemos ter em mente que o papa se considerava o legítimo sucessor de São Pedro Apóstolo e que era, literalmente, no seu trono que se sentava. Acreditava-se que a Basílica de São Pedro se erguia no exato local onde São Pedro Apóstolo fora sepultado em 69 d.C. De facto, a autoridade da Igreja Católica Romana assentava na declaração feita por Jesus Cristo a Simão (Pedro), o Apóstolo: Tu es Petrus et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam (Tu és Pedro [a Rocha], e sobre esta rocha edificarei a minha Igreja; Mateus 16:18). Foi Constantino, o Grande, o "Pai do Catolicismo", quem construiu a basílica no século IV d.C. e definiu os dogmas e cânones do Catolicismo Romano em 325 d.C., no Primeiro Concílio Ecuménico de Niceia.

Foi também neste concílio que se definiu a Páscoa católica: o primeiro domingo após a chamada Lua Pascal, sendo esta a lua cheia após o verdadeiro equinócio vernal astronómico, que, na altura do concílio de Niceia, caía a 20 de março. Aparentemente, o verdadeiro equinócio vernal astronómico foi estabelecido em Alexandria em 325 d.C. como sendo 20 de março do calendário juliano. Seja como for, a partir de 325 d.C., 20 de março passou a ser considerado o equinócio vernal eclesiástico.

Mas como o calendário juliano de 365 dias (ajustado com a adição de um dia em cada ano bissexto, ou seja, de quatro em quatro anos) se deslocava em relação ao verdadeiro ano astronómico (ano tropical de 365,2412 dias) em um dia a cada 131 anos, na altura do Papa Gregório XIII, em 1582, tinha-se deslocado de tal forma que o equinócio vernal eclesiástico caía agora dez dias após o verdadeiro equinócio vernal astronómico. Assim, para "recuar" o equinócio eclesiástico para onde estivera na altura do concílio de Niceia, o Papa Gregório XIII declarou que o dia seguinte a 4 de outubro seria 15 de outubro.

A tradição cristã afirma que a antiga basílica construída por Constantino, o Grande, foi supostamente erguida no exato local onde São Pedro Apóstolo foi martirizado e sepultado. Teria sido orientada, como era costume então, para o sol nascente no equinócio vernal. Mas desde então, a data de 25 de março foi considerada o Dia da Anunciação, quando, segundo a tradição cristã, o Arcanjo Gabriel anunciara (daí "anunciação") à Virgem Maria que ela seria a "Mãe de Deus" — 25 de março a 25 de dezembro (nascimento de Jesus) sendo, naturalmente, os nove meses de "gestação" humana.*41

No Catolicismo Romano, esta festa de suma importância era também chamada de Festa da Encarnação, isto é, quando o "espírito" se tornou "carne". Este dia de festa tão importante, 25 de março, era agora usado para determinar a data da Páscoa, em vez de 20 de março.†42 Todas estas festas religiosas, no entanto, estavam ligadas ao calendário juliano. Mas, como vimos anteriormente, o problema era que este calendário juliano se desviava do verdadeiro ano astronómico. Os astrónomos jesuítas do Colégio Romano, no entanto, já estavam cientes disto há algum tempo.

No início de 1582, o principal astrónomo jesuíta Cristóvão Clávio persuadiu o Papa Gregório XIII a reformar o calendário juliano, eliminando dez dias naquele ano. O objetivo era múltiplo, mas foi feito principalmente para criar um calendário universal (ao qual foi dado o nome de Gregoriano em homenagem ao papa) para que todos os cristãos, tanto do Oriente como do Ocidente (e presumivelmente também as pessoas dos países protestantes) fossem encorajados a celebrar a Páscoa na mesma data, mas também, talvez mais ainda, para recuar a Festa Litúrgica da Anunciação (também chamada de Encarnação) para o que fora na altura de Constantino em 325 d.C. (Gregoriano) e quando o sol ainda nascia em alinhamento com a basílica do Vaticano. O estratagema para converter outros cristãos não católicos não funcionou totalmente, pelo menos não imediatamente. Muitos países, especialmente os protestantes, rejeitaram o calendário gregoriano durante muitos anos. (Os Estados Unidos da América só o adotaram oficialmente em 1752, quase dois séculos depois.)

Desde o século IV, a Festa da Anunciação (também conhecida como Encarnação), quando supostamente o Arcanjo Gabriel anunciou a Maria que ela engravidaria e daria à luz um filho,*43 fora fixada em

25 de março, que são nove meses, ou seja, o período de gestação humana, antes de 25 de dezembro, que supostamente marcava o nascimento de Jesus. Desde tempos imemoriais, as pessoas comuns da Europa celebravam as suas festas, especialmente o ciclo divino do nascimento de nove meses do equinócio vernal ao solstício de inverno, de acordo com o verdadeiro ano astronómico solar. Isto significava que qualquer deslocação dos dias de festa em relação à posição do sol podia causar um profundo distúrbio psicológico numa população ainda muito supersticiosa e ainda muito suscetível a eventos celestes.

A Virgem Maria, afinal, era a rainha do céu, e certamente o seu ciclo de gestação tinha de ser fixado ao verdadeiro ciclo do céu. Retenhamos este pensamento, pois, como veremos no capítulo 5, o alinhamento da antiga basílica, que estava alinhada com o verdadeiro equinócio vernal e ainda estava de pé em 1506, quando começaram os trabalhos na nova basílica, havia de causar uma curiosa confusão nos arquitetos quanto à sua disposição.

Digamos de passagem que vemos a "Reforma" do calendário e a sua designação como calendário gregoriano, com o nome do papa, como mais um ato inteligente de propaganda da Contrarreforma pelo Vaticano, dirigido aos protestantes. Isto é evidenciado pela rejeição imediata do calendário gregoriano nos países protestantes; de facto, a Grã-Bretanha e as colónias, incluindo a América do Norte, só o introduziram em 1752.

Mas para além do calendário, vemos também os grandiosos projetos de embelezamento de Roma, começando com a construção de uma nova Basílica de São Pedro em 1506, a Capela Sistina, a elevação de antigos obeliscos pelo Papa Sisto V em 1586, e muitos outros projetos impressionantes como parte desta guerra de propaganda. Mas leremos com mais pormenor sobre estes assuntos no capítulo 5.

Entretanto, regressemos a Giordano Bruno e à sua chegada à Inglaterra elisabetana . . .

OS "PEDANTES" DE OXFORD

Em Londres, Bruno instalou-se na casa do embaixador francês, por recomendação de Henrique III de França. Em junho de 1583, apenas alguns meses após a sua chegada, Bruno conseguiu, de alguma

forma, ser convidado para a Universidade de Oxford para debater as suas visões radicais com um grupo de eruditos. Seria uma noite de disputa académica, uma espécie de luta de gladiadores intelectuais para entreter um príncipe polaco que visitava a universidade.

Bruno fez uma apaixonada oração sobre "a imortalidade da alma", acrescentando a sua própria visão religiosa da teoria heliocêntrica copernicana. Não correu nada bem, e foi constantemente interrompido pelos eruditos de Oxford; alguns até o vaiaram. Após este fiasco, as grandes esperanças de Bruno de converter os eruditos ingleses, quanto mais a rainha inglesa e os seus bispos, às suas ideias de reformar o mundo, foram por água abaixo. Bruno mais tarde lamentou a grosseria e a rudeza dos eruditos de Oxford, chamando-lhes, entre outras coisas, "pedantes". Orgulhava-se de ter suportado os seus insultos com "paciência e humanidade… mostrando-se verdadeiramente napolitano, nascido e criado sob um céu mais benigno…", enquanto eles, por outro lado, se tinham comportado como porcos.46

Bruno tinha uma intensa aversão por eruditos rígidos, secos e de mente estreita que, na sua opinião, simplesmente repetiam os seus pares e estavam completamente fechados a quaisquer novas ideias. Via tais eruditos como '"pedantes' e 'aristotélicos'" — sendo este último uma espécie de "insulto" para Bruno, uma vez que Aristóteles era praticamente venerado pela Igreja e pelos jesuítas. Lamentava que tais eruditos pedantes "entendiam, mas não ousavam dizer o que entendiam… viam, mas não acreditavam no que viam".

Para Bruno, tais eruditos eram homens pomposos com títulos impressionantes que disfarçavam a sua falta de humanidade e compreensão, por outras palavras, o oposto do que ele era ou, mais precisamente, do que o antigo sábio egípcio Hermes Trismegisto o inspirava a ser. Não que Bruno não aprovasse a ciência e a lógica; a sua forte defesa da teoria heliocêntrica copernicana mostra claramente que sim.

No entanto, para Bruno, a ciência sozinha era inútil se não fizesse parte de uma filosofia hermética, essa gnose especial ou prisca theologia que poderia beneficiar não apenas o mundo físico, mas também a sua alma.

Naquele dia fatídico em que Bruno enfrentara os eruditos em Oxford, estivera presente na contenda académica o elegante Sir Philip Sidney, sobrinho do conde de Leicester, o falecido Sir Robert Dudley, que fora o favorito da Rainha Isabel e, segundo alguns historiadores, o seu amante secreto. Sidney era um erudito refinado e um poeta sensível, e muito provavelmente familiarizado com o Hermética. Talvez por isso, e também na esperança de obter favores da rainha, Bruno dedicou o seu livro mais importante, Spaccio della Bestia Trionfante [A Expulsão da Besta Triunfante], publicado em Inglaterra em 1584, a Sir Philip Sidney.

Embora Bruno explique na dedicatória que a "besta triunfante" era uma metáfora para os vícios que predominam e se opõem à parte divina da alma, era óbvio que a besta triunfante não era outra senão o Vaticano, o papa e tudo o que eles representavam.

Segundo Bruno, a besta triunfante tem de ser removida, expulsa, atirada fora, para que a verdadeira religião do mundo, a religião hermética egípcia, essa boa religião, que foi submersa nas trevas quando os cristãos a destruíram, a proibiram por estatutos, substituíram o culto de coisas mortas, ritos tolos, mau comportamento moral e guerras constantes, possa ser plenamente restaurada e abraçada por todos.

É claro que o Spaccio della Bestia Trionfante de Bruno ostenta descaradamente a magia hermética, talismânica e astral do Asclépio, pois contém muitas referências a estrelas, ao zodíaco, às constelações, ao sol, e a como os seus poderes ou espíritos podem ser trazidos para baixo para criar talismãs através de "a magia e o culto divino dos egípcios". Frances A. Yates viu claramente os ambiciosos motivos herméticos de Bruno quando escreveu:

A intenção de Bruno era suficientemente clara. Queria mostrar que a sabedoria egípcia era anterior à dos gregos e, certamente, muito anterior à dos cristãos e, portanto, devia ser considerada "a melhor religião, a melhor magia e as melhores leis de todas".47

No Spaccio della Bestia Trionfante, Bruno reforça o seu ponto de vista citando uma passagem de O Lamento no Asclépio, onde Hermes Trismegisto profetiza que, embora a verdadeira e mágica religião do antigo Egipto caia sob o domínio cruel e opressivo de estrangeiros, chegará um dia em que será restaurada numa maravilhosa cidade

solar, uma cidade talismânica, na qual os poderes dos corpos celestes tenham sido trazidos para baixo. Aqui, o grito de guerra de Bruno é ouvido alto e claro.

A maravilhosa religião mágica dos egípcios regressará, as suas leis morais substituirão o caos da época presente, a profecia de O Lamento cumprir-se-á . . . o sinal no céu que proclama o regresso da luz egípcia para dissipar as trevas presentes era . . . o sol coperniciano. 48

Para Giordano Bruno, o diagrama heliocêntrico coperniciano — os planetas a orbitar o sol em círculos concêntricos — não era mais do que um talismã solar perfeito, um selo hermético mágico que ele compreendia nos seus níveis mais profundos. Deve também ter percebido a enorme implicação do impacto que a teoria heliocêntrica poderia ter no Vaticano, uma vez provada matematicamente e através de observações como verdadeira, não apenas do ponto de vista científico, mas também, e talvez ainda mais, do ponto de vista religioso, devido à oposição acérrima que recebera do Vaticano. Uma enorme revolução estava em gestação, e Bruno deve tê-la pressentido e quis montar a tsunâmi intelectual e espiritual que ela geraria. Assim, ao associar a religião mágica hermética dos egípcios a esta iminente convulsão coperniciana, Bruno esperava que as suas próprias ideias fossem também arrastadas por ela. Era uma estratégia brilhante — se ele a conseguisse levar a cabo . . .

Terá Bruno também em mente a construção de uma cidade do sol, como profetizado no Asclépio? Discutiremos esta questão no capítulo 4. Entretanto, notemos apenas que, depois de deixar Inglaterra e enquanto estava temporariamente de volta a França, Bruno teve uma conversa, no final de dezembro de 1585, com o bibliotecário e diarista da Abadia de São Vítor, em Paris, Guillaume Cotin, com quem Bruno residira enquanto esteve em França.

Durante esta conversa, Bruno narrou a Cotin como o duque de Florença expressara o desejo de construir uma civitas solis, uma cidade do sol. Nas próprias palavras de Cotin: "[Giordano Bruno] ouviu dizer que o Duque de Florença desejava construir uma Civitas Solis na qual o sol brilhasse todos os dias do ano."49

Entretanto, as coisas em Paris tinham piorado. Uma guerra religiosa estava em preparação entre os católicos e os huguenotes

protestantes. Os protestantes eram chefiados por Henrique de Navarra, o legítimo sucessor ao trono de França, e também pelo duque de Condé. Ambos tinham sido declarados hereges pelo Papa Sisto V, que também os ameaçou com a excomunhão. Os sacerdotes católicos, especialmente os jesuítas, em Paris, faziam sermões apaixonados para incitar o povo contra os protestantes.

Quanto ao Rei Henrique III, outrora um entusiasta apoiante de Bruno, este encolhia-se nos seus aposentos. Henrique III só saía à noite, vestido com hábitos de monge, juntando-se a estranhas procissões de penitentes nas ruas de Paris. Nestas circunstâncias extremamente confusas e perigosas, Bruno decidiu sabiamente não se demorar em Paris. Em setembro de 1586, partiu de França. Mas em breve tomaria a decisão mais insensata, que lhe custaria a vida . . .

EXCURSÃO VI, A ROMA NOVAMENTE, 1586
A BASÍLICA DE SÃO PEDRO

Em setembro de 1586, por volta da altura em que Giordano Bruno partia de Paris, realizava-se em Roma, fora do Vaticano, um ritual muito estranho. Um cardeal da Cúria estava perto do antigo obelisco egípcio que acabara de ser erguido em frente da Basílica de São Pedro e, num gesto dramático, aspergiu água benta sobre o obelisco enquanto recitava estas palavras:

Eis a cruz do Senhor. Fugi, adversários. O Leão da tribo de Judá venceu. Cristo vence. Cristo reina. Que Cristo defenda o seu povo de todo o mal.50

Este obelisco egípcio de quase quatro mil anos adornara outrora o céu sobre a antiga Heliópolis, a Cidade do Sol, a capital religiosa do Egipto faraónico, durante três milénios. Foi trazido para Roma em 37 d.C. pelo infame Imperador Calígula (37–41 d.C.). Calígula erguera-o em frente do Iseum — o templo de Ísis — no centro do circo que mandava construir, e que mais tarde seria concluído pelo Imperador Nero, sendo por isso também conhecido como Circo Nero. Na Idade Média, o Circo Nero estava em ruínas. O obelisco, no entanto, ainda estava de pé,*44 mas agora parcialmente coberto de lama.51

A tarefa de erguer o obelisco egípcio em frente da nova Basílica de São Pedro foi talvez o evento de engenharia mais dramático da história de Roma. A construção da nova basílica, que começara em

1506, ainda estava em curso, e a área estava cheia de entulho de pedra e casas antigas abandonadas no Rione di Borgo, conhecido como o velho Borgo, o distrito adjacente à basílica. No início de 1586, o Papa Sisto V encarregou o arquiteto suíço-italiano Domenico Fontana de supervisionar a delicada operação que implicava transportar o obelisco do Circo Nero e reposicioná-lo cerca de 280 metros adiante, no espaço aberto (a futura Praça de São Pedro) a leste da basílica.

Fontana levou, de facto, seis meses a completar a tarefa, usando um exército de quase mil homens, setenta e cinco cavalos e quarenta guindastes de madeira. A cerimónia final teve lugar a 26 de setembro de 1586, com uma enorme multidão que veio testemunhar o evento. Muitas vezes se disse que a elevação do obelisco em frente da basílica simbolizava a glória do Cristianismo sobre o paganismo. Sisto V certamente sabia que este obelisco era de Heliópolis, a Cidade do Sol, que fora trazido para Roma por Calígula, um devoto de Ísis, e que era um símbolo solar.

A ideia original, no entanto, fora sugerida muito antes pelo Papa Nicolau V (1447–1455), que queria que o obelisco se erguesse sobre quatro estátuas de bronze dos evangelistas e tivesse no topo uma estátua de bronze de Jesus segurando uma cruz dourada. Mas nada resultou disso. Mais tarde, o Papa Paulo III (1534–1549) pediu a Miguel Ângelo que fizesse o trabalho, mas o grande artista recusou. "E se se partir?", terá Miguel Ângelo perguntado ao papa. Finalmente, o Papa Sisto V arriscou com Domenico Fontana.

O obelisco foi colocado sobre quatro leões de bronze — o "leão de Judá" e também o símbolo dos Peretti, a família do papa — e no topo, o símbolo do brasão do papa: três montes encimados por uma estrela e, acima disto, uma cruz cristã. Quando, alguns anos depois, a Inquisição interrogou Giordano Bruno sobre o significado da cruz, ele respondeu:

Penso ter lido em Marsílio Ficino45 que as virtudes e a santidade deste símbolo são muito mais antigas do que a época da Encarnação do Nosso Senhor, e que era conhecido na época em que florescia a religião dos egípcios, por volta da época de Moisés, e que este sinal estava afixado no peito de Serápis.52

Veremos no capítulo 5 como o erudito jesuíta Athanasius Kircher diria o mesmo a dois outros papas, Urbano VIII e Alexandre VI, e, mais especificamente, que a cruz no obelisco do Vaticano, vindo de Heliópolis, não era mais do que uma variação da "cruz mágica egípcia que prefigurava a cruz cristã".53 Veremos também como — e, mais importante, porquê — Domenico Fontana não alinhou o obelisco com o eixo prolongado da nova basílica, mas quatro metros à sua esquerda. Mas estamos novamente a adiantar-nos à nossa história.

Fiquemos com Bruno na fase final da sua missão hermética . . .

NAS MÃOS DA INQUISIÇÃO PAPAL

Após uma estadia na Alemanha e na Polónia até 1591, Bruno estava prestes a cometer um erro fatal. Pensando que um novo papa, Clemente VIII, poderia ser induzido a olhar favoravelmente para as suas ideias de reforma hermética universal, e provavelmente também tomado por uma profunda nostalgia pela sua terra natal, Bruno decidiu regressar a Itália. Um nobre veneziano, Zuane Mocenigo, contactou Bruno de alguma forma na Alemanha e convidou-o a vir a Veneza, com todas as despesas pagas. Ou desdenhando ou alheio ao grande perigo de tal movimento, Bruno aceitou o convite. Após uma curta estadia em Pádua, onde ensinou na Universidade de Pádua de novembro de 1591 a março de 1592,*46 Bruno mudou-se para a casa de Mocenigo em Veneza.

O senhor Mocenigo revelou-se um homem muito possessivo. Perseguiu Bruno para que lhe ensinasse "a arte da memória e da invenção", mas Bruno foi sempre evitando a questão. Na verdade, Bruno estava muito mais interessado em terminar um livro que esperava dedicar ao Papa Clemente VIII. Quando Mocenigo descobriu, enfureceu-se de ciúmes, trancou Bruno no seu quarto e chamou a Inquisição Veneziana, que prendeu imediatamente Bruno sob acusação de heresia. Bruno ofereceu-se imediatamente para renunciar ao que quer que eles quisessem que renunciasse, mas os inquisidores decidiram, em vez disso, levá-lo a Roma para ser interrogado pela mais experiente Inquisição Papal.

Durante os oito anos seguintes, Bruno foi aprisionado nas masmorras papais em Roma. Foi regularmente atormentado, humilhado e provavelmente suportou tortura durante sessões de

interrogatório do tipo Gestapo pelos Inquisidores Papais. Bruno, no entanto, assumiu agora uma posição mais dura e recusou-se a retratar-se ou a retirar qualquer coisa das suas obras.

Finalmente, a 8 de fevereiro de 1600, "os meses e anos de sofrimento chegaram ao seu fim terrível."54 Foi levado a enfrentar os seus inquisidores pela última vez, para ouvir a terrível sentença que lhe iriam passar: ser queimado vivo em público. A lenda diz que Bruno, corajosamente, fitou desafiadoramente os olhos dos inquisidores e pronunciou estas palavras imortais:

Talvez tenhais mais medo ao proferirdes a sentença sobre mim, do que eu ao recebê-la.

Um jovem noviço jesuíta de Breslávia, na Alemanha, chamado Kaspar Schoppe, esteve presente no julgamento de Bruno. Foi Schoppe quem relatou estas famosas palavras de Bruno. Schoppe, um protestante, convertera-se recentemente ao Catolicismo. O Papa Clemente VIII mostrara a sua apreciação fazendo de Schoppe Cavaleiro de São Pedro e conde do Palácio Sagrado. E assim foi que, numa fria e húmida manhã de inverno em Roma, 17 de fevereiro de 1600, segundo a maioria dos relatos,*47 Bruno foi retirado da sua cela, acorrentado e escoltado até ao Campo de Fiori, um pequeno espaço aberto não muito longe do Vaticano.

Com Bruno estavam alguns sacerdotes da Companhia da Misericórdia e da Piedade, cujo mórbido dever era conduzir os hereges ao seu local de execução. Também nesta procissão lúgubre estavam dois dominicanos e dois monges jesuítas que provocavam Bruno e o lembravam dos seus erros e heresias. A certa altura, Bruno gritou: "Morro como um mártir voluntário e a minha alma subirá com o fumo para o paraíso." Para o calar, uma estaca de metal foi-lhe atravessada pelas bochechas e outra pelos lábios. O sangue jorrou então sobre ele. Foi então amarrado a uma estaca de madeira e queimado vivo.55

Segundo Schoppe, "Quando a imagem do nosso Salvador lhe foi mostrada antes da sua morte, ele a rejeitou com ira, desviando o rosto."

Aparentemente, quando Bruno agonizava nas chamas, um dos monges dominicanos brandiu um crucifixo (a "imagem do nosso Salvador" de Schoppe) diante do seu rosto. Mas Bruno, num ato de

espantosa desafiança, conseguiu um último surto de energia enquanto os seus membros se assavam nas chamas: desviou a cabeça em total repulsa.*48

Um pouco antes, Bruno escrevera estas palavras, que serviriam bem como epitáfio para si:

Combati... é muito… a vitória está nas mãos do Destino. Seja comigo o que for, quem quer que venha a provar-se vencedor, as idades futuras não negarão que não tive medo de morrer, que fui superado por ninguém em constância e que preferi uma morte corajosa a uma vida cobarde.56

O Vaticano livrou-se do homem Giordano Bruno, mas enquanto as chamas que consumiam o seu cadáver subiam para o céu, um mártir foi criado, não para o Cristianismo, mas para o livre-arbítrio dos humanos. Porque Bruno, apesar dos seus modos impulsivos, foi um verdadeiro filósofo renascentista que disse a verdade, ainda que tal como a entendia, e cujo desejo mais profundo era libertar o espírito humano da servidão de um clero intolerante e cruel que praticava atos de indizível brutalidade em nome de "Deus".

A horrível morte de Bruno não foi um golpe fatal para o Vaticano, mas antes uma mancha negra que, até hoje, não desapareceu. Em 1887, quase três séculos após a morte de Bruno, um grupo de anticlericais abastados doou fundos para o escultor italiano Ettore Ferrari esculpir uma estátua de Giordano Bruno em bronze.

Ferrari era deputado no Parlamento italiano e também Grão-Mestre do Grande Oriente de Itália, o mais alto grau na Maçonaria. Isto deve ter enviado uma mensagem arrepiante ao Vaticano. A estátua foi erguida no local onde Bruno foi queimado.

Fig. 3.8. Estátua de Giordano Bruno em Campo de Fiori. (Robert Bauval)

Ali permanece ele em meditação, aquele filósofo renascentista surpreendentemente obstinado, surpreendentemente corajoso e surpreendentemente erudito que apenas queria que todos os homens e mulheres fossem "amantes do conhecimento" e despertá-los novamente para a beleza da natureza e para a sua magia. A estátua de Bruno é um talismã potente, um talismã desafiador, direcionado ao Vaticano. É uma lembrança sombria de que o preço da liberdade pode ser muito alto, mas é também uma lembrança de que a liberdade é uma parte indelével do espírito humano coletivo que não pode ser destruída.

Contudo, no ano de 1600, a mensagem arrepiante do Vaticano dirigia-se a qualquer pessoa que pudesse estar a considerar desafiar os

seus princípios e dogmas. Pensar-se-ia que ninguém no seu perfeito juízo a viver em Itália, especialmente alguém do seio da própria Igreja, voltaria a pregar sobre a magia hermética e a "verdadeira religião do mundo", muito menos a promover abertamente a ideia de uma cidade do sol como profetizado no Asclépio. Mas, por mais incrível que possa parecer, a verdade é que alguém o fez. E fê-lo de forma ainda mais audível do que Bruno…

4
A CIDADE DO SOL

Naquele tempo, haverá cinco cidades [que] jurarão fidelidade ao Senhor dos Exércitos Celestiais. Uma delas chamar-se-á a Cidade do Sol.

ISAÍAS 18:19

Poucas coisas contribuíram tanto para derrubar o ideal medieval da existência humana e introduzir o moderno como a teoria astronómica de Copérnico.

THOMAS DAVIDSON,
"GIORDANO BRUNO AND THE RELATION OF HIS PHILOSOPHY TO FREE THOUGHT," PALESTRA NO NEW YORK LIBERAL CLUB, 30 DE OUTUBRO DE 1885

Campanella passou o resto da sua vida a tentar encontrar o representante contemporâneo do Império Romano que construiria a sua Cidade do Sol.

FRANCES A. YATES,
"CONSIDERATIONS DE BRUNO ET DE CAMPANELLA SUR LA MONARCHY FRANCAISE" (CONSIDERAÇÕES DE BRUNO E DE CAMPANELLA SOBRE A MONARQUIA FRANCESA)

PASSAR O TESTEMUNHO

Desde o final da minha adolescência que me sinto fascinado pelas estranhas coincidências que frequentemente acontecem na história e

que mudam de forma indelével o rumo da existência humana. Ultimamente, tenho-me perguntado se talvez algo mais, que não se pode explicar, estará em jogo. Estou a ficar convencido de que existe uma lei universal que, por agora, não pode ser sondada, e talvez nunca o venha a ser. Mas esta é a grande beleza desta lei invisível e imensurável, o facto de, na verdade, não poder ser compreendida, mas apenas vivenciada. À falta de melhor nome para lhe dar, por agora fiquemo-nos por sincronicidade.

Ao mesmo tempo que Giordano Bruno estava a ser queimado vivo em Campo de Fiori, um outro monge dominicano rebelde e herético estava a ser torturado pela mesma Inquisição numa masmorra em Nápoles. O seu nome era Tommaso Campanella. Embora Bruno e Campanella nunca se tenham conhecido,*49 há muito nas suas vidas que é estranhamente semelhante: ambos eram do sul de Itália, ambos eram monges dominicanos, ambos foram rotulados de heréticos, ambos tinham missões para reformar a Igreja, ambos eram hermetistas e ambos foram detidos e aprisionados pela Inquisição. Na verdade, as vidas destes dois homens eram tão semelhantes que levaram Frances A. Yates a perguntar-se — com a típica cautela académica, não obstante — se a missão de Bruno não teria, de alguma forma, passado para Campanella.

Obviamente, seria ir longe de mais ver o movimento de Campanella como resultando unicamente do impacto do regresso de Bruno a Itália . . . mas, feitas as devidas concessões a outras influências, e tomadas as precauções contra exageros, parece de facto que um testemunho poderá ter passado de Bruno para Campanella.1

Quem era Campanella? Que ligação poderia ele ter tido com Giordano Bruno e com a sua missão hermética? Uma vez mais, Yates pressente um acontecimento sincronístico.

Tommaso Campanella foi o último dos filósofos do Renascimento italiano, dos quais Giordano Bruno foi o penúltimo. Tal como Bruno, Campanella era um filósofo-mago, na linhagem dos magos renascentistas descendentes de Ficino. Sabe-se que Campanella praticou a magia ficiniana até ao fim da sua vida. Tal como Bruno, também Campanella era um mago com uma missão . . . em sintonia com o cosmos e destinado a liderar uma reforma mágico-religiosa universal.2

Seria Campanella “outro Bruno”? Yates enfatiza duas diferenças importantes entre os dois homens. Primeiro, ao contrário de Bruno, Campanella tinha savoir faire e era muito mais astuto e diplomático, evitando assim ser queimado na fogueira, vindo a morrer na cama devido à velhice. Segundo, também ao contrário de Bruno, Campanella *“quase conseguiu levar a cabo o projeto de uma reforma mágica dentro do quadro católico”*3 (itálicos no original). No entanto, a conclusão de Yates de que a “reforma mágica” nunca aconteceu foi provavelmente prematura. Pretendemos demonstrar nos próximos dois capítulos que uma poderosa ideia espiritual e intelectual, sob a forma de uma bomba-relógio hermética cujo rastilho deveria ser aceso quando prevalecessem as condições certas, foi astutamente colocada à própria porta do Vaticano.

Fig. 4.1. Tommaso Campanella

Primeiramente, tentemos compreender o que era exatamente esta reforma mágica que Bruno e, depois dele, Campanella, “quase conseguiram levar a cabo”. Bruno pretendia realizar a restauração integral da verdadeira religião do mundo ao persuadir um monarca poderoso, católico ou protestante, a adotar a sua visão da filosofia hermética e da verdade heliocêntrica.

Campanella, como veremos, também desejava realizar a restauração da verdadeira religião do mundo ao persuadir um representante contemporâneo do Império Romano, de preferência o papa, da sua visão de uma república solar universal administrada a

partir da Cidade do Sol, la città del sole, modelada de forma aproximada segundo a verdade heliocêntrica. Claramente, Bruno e Campanella tinham missões semelhantes, embora uma fosse muito mais radical do que a outra. Contudo, o objetivo era o mesmo, e ambos recorreram à filosofia hermética e à magia para o alcançar. Mas, enquanto os objetivos de Bruno eram vagos, os de Campanella eram claros: encontrar um monarca católico para construir a Cidade do Sol. Yates, no entanto, não via a Cidade do Sol senão como uma ideia, e não tentou averiguar se um representante contemporâneo do Império Romano a construiu de facto. Mas os seus estudos abrem-nos o caminho para a procurar. Talvez sem intenção, Yates deixou escapar este importante indício:

"A Cidade do Sol é heliocêntrica num sentido religioso e mágico. . . . Será o seu plano também heliocêntrico num sentido astronómico, isto é, será copernicano? A Città del Sole de Campanella era, em última análise, de origem egípcia."4

Combinando as ideologias de Bruno e de Campanella, devemos imaginar uma espécie de "cidade do sol" religiosa projetada para representar o modelo heliocêntrico copernicano do mundo, cujo ponto focal é o sol ou, mais precisamente, o sol egípcio ou um símbolo do mesmo.

Para estes pensadores herméticos, a Cidade do Sol — Heliópolis no Egito — teria sido uma cidade-talismã capaz de atrair as influências benévolas dos céus. Bruno e Campanella pensavam obviamente no tipo de magia talismânica exposta por Marsilio Ficino no seu De vita coelitus comparanda, a qual este, por sua vez, tinha colhido do Asclépio. Lembramo-nos do estranho clamor de Ficino — um clamor talvez dirigido ao Vaticano — para que se fizesse efetivamente um tal talismã.

Por que razão, então, não nos deveríamos permitir uma imagem universal, isto é, uma imagem do próprio universo? Da qual se poderia esperar obter grandes benefícios do próprio universo.5

Mas que grandes benefícios esperavam Ficino — e também os seus seguidores mais radicais, como Pico della Mirandola, Bruno e agora Campanella — obter? Frances A. Yates voltou a dar uma pista.

É também nestes estranhos domínios mágicos que a república ideal de Campanella ou a Cidade do Sol deve ser colocada, com a religião astral e o culto do sol [dos escritos herméticos] . . . [a fim de realizar a] ética de utilidade social e serviço público, e o uso da aprendizagem e da invenção para o bem comum que tanto Bruno como Campanella ensinam como parte necessária da sua sociedade reformada.6

Olhemos, portanto, mais de perto para Campanella e para a sua estranha visão da Cidade do Sol…

A PRIMEIRA CELEBRIDADE DA EUROPA

Campanella nasceu a 5 de setembro de 1568, na pequena cidade de Stilo, na Calábria, no sul de Itália, então sob o vice-reinado espanhol de Nápoles.*50 Isto aconteceu vinte anos após o nascimento de Bruno na pequena cidade de Nola, também no sul de Itália. À semelhança de Bruno, Campanella ingressou na Ordem dos Dominicanos na sua juventude e, também como Bruno, afastou-se da sua austeridade e repressão seis anos mais tarde.

Em 1591, Campanella publicou o seu primeiro livro em Nápoles, Philosophia sensibus demonstrata [A Filosofia Demonstrada pelos Sentidos], o que lhe valeu acusações de heresia. Campanella foi lançado na masmorra do mosteiro dominicano por vários meses, mas foi libertado um ano depois. Campanella viajou então para Roma e de lá para Florença, onde chegou no início de outubro de 1592. Foi recebido pelo grão-duque da Toscânia,*51 que se referiu a Campanella como "um homem de grande erudição" e o recomendou pessoalmente ao bibliotecário da Biblioteca Médici. Campanella retribuiu o elogio descrevendo a biblioteca como "uma maravilha do mundo".7

Campanella seguiu depois para Pádua, onde conheceu o astrónomo que em breve seria famoso, Galileu Galilei. Galileu tinha vindo de Florença trazendo uma carta do grão-duque para Campanella. Ambos os homens estavam ainda na casa dos vinte anos, sendo Galileu quatro anos mais velho. O encontro com Galileu impressionou muito Campanella e, anos mais tarde, ele defenderia o grande cientista contra os seus acusadores escrevendo uma Apologia per Galileo [Uma Defesa de Galileu].†52

Em Pádua, Campanella residiu no Convento de Santo Agostinho. Partilhava o quarto com um companheiro monge. O prior do convento claramente não aprovava Campanella e acusou-o de sodomia. Mas esta era uma acusação típica e forjada, muito comum naqueles dias, e Campanella foi absolvido por falta de provas. Eventualmente, foram apresentadas outras acusações de heresia contra ele, e Campanella foi detido e encarcerado. As acusações incluíam a autoria de um poema contra Cristo, a posse de um livro de magia (o Asclépio?), a recusa em aderir à doutrina da Igreja e, curiosamente, o facto de debater a fé cristã com um "judaizante" (uma pessoa que simpatizava com os judeus) e de não denunciar esse "judaizante" à Inquisição.

Em fevereiro de 1594, Campanella sofreu o seu primeiro suplício físico às mãos dos torturadores oficiais da Inquisição. Não satisfeitos com os apelos desesperados de inocência de Campanella, os inquisidores transferiram-no para o Vaticano, em Roma, para interrogatórios mais especializados.8 Em outubro de 1594, Campanella foi colocado na masmorra papal da Tor di Nona, na zona da ponte de Roma. Ironicamente, era aí que Giordano Bruno e outro famoso herético florentino, Francesco Pucci, também estavam detidos. Pucci tinha sido acusado de ser simpatizante de heréticos (protestantes) e foi, também ele, condenado à morte pela Inquisição. Mas a sua morte foi mais humana: Pucci foi primeiro decapitado na masmorra e, em seguida, o seu cadáver sem cabeça foi queimado em Campo dei Fiori.

A partir de outubro de 1594, desenvolveu-se uma curiosa relação de atração e repulsa, mórbida e sinistra, entre Campanella e os seus inquisidores e torturadores. Passaremos, contudo, por alto os pormenores macabros. Basta dizer que os registos revelam que, num período de apenas um ano, de 1594 a 1595, Campanella suportou nada menos do que doze sessões de terrível tortura, tendo a última durado quase dois dias.

Em maio de 1595, Campanella foi libertado devido ao seu péssimo estado de saúde: dores lancinantes provocadas por hérnia, ciática, paralisia parcial e tuberculose. No entanto, foi novamente detido e aprisionado em dezembro de 1596, libertado em janeiro de 1597, novamente detido em março de 1597 e, finalmente, libertado em dezembro de 1597, após abjurar as suas heresias sob tortura extrema.

Os livros de Campanella foram, a partir de então, incluídos na lista oficial de proibição, o Index Librorum Prohibitorum. Foi-lhe então ordenado que regressasse à sua terra natal, na Calábria, e que não se envolvesse em problemas.

Campanella, escusado será dizer, não fez nada disso. Na verdade, enquanto esteve na prisão, tinha estado a planear uma revolução extraordinária . . .

A REVOLTA DA CALÁBRIA

Campanella mal se tinha reinstalado na Calábria, então sob o domínio espanhol, quando voltou a meter-se em problemas muito graves com as autoridades vigentes. Os seus escritos assumiam agora um tom fortemente político contra as autoridades espanholas, e ele insinuava também que possuía "poderes proféticos", o que não agradava ao clero.

No início de 1599, Campanella escreveu: "Ocorreu-me que a revolução deve acontecer em breve". Aparentemente, tinha consultado vários astrólogos que confirmaram que "a revolução política deve ocorrer para nós… Se uma transformação geral estiver iminente para nós, certamente acontecerá numa data crucial, portanto, no próximo período de sete anos após o ano 1600".9

Nos primeiros meses de 1599, Campanella pregou ao público a sua visão de transformação geral e convulsões, e em breve deu por si a liderar uma conspiração para derrubar os governantes espanhóis. Mas Campanella e os seus seguidores eram mal organizados e tinham objetivos muito pouco claros e, para sermos práticos e realistas, não tinham qualquer hipótese de derrubar os seus poderosos senhores espanhóis. Pelo que se pode depreender do plano inacabado de Campanella, após derrubar as autoridades espanholas, ele pretendia substituí-las por uma república teocrática governada por sacerdotes-cientistas altamente esclarecidos e benévolos, à qual ele, Campanella, presidiria.

Tudo correu mal muito rapidamente depois de dois dos seus seguidores terem denunciado a conspiração às autoridades espanholas. Campanella foi capturado juntamente com muitos dos seus seguidores

— cerca de 150 deles, na sua maioria estudantes — e foram levados para Nápoles em quatro galés. Quando os navios chegaram ao porto, dezasseis conspiradores foram enforcados na verga das galés, e outros foram chacinados e eviscerados no cais. A 11 de janeiro de 1600, Campanella foi interrogado por inquisidores nomeados pelo Papa Clemente VIII. Ironicamente, isto aconteceu na mesma altura em que Giordano Bruno estava a ser interrogado em Roma por inquisidores também nomeados pelo papa. Campanella foi encarcerado e sofreu novamente torturas brutais. Isto prolongou-se por vários meses, com os inquisidores a tentarem arrancar-lhe uma confissão.

Na esperança de evitar a pena de morte, Campanella fingiu estar louco, ateando fogo à sua cela. Mas isso apenas levou os inquisidores a utilizarem um método de tortura mais persuasivo chamado la veglia (o despertador). O pressuposto era que, se ele admitisse o seu fingimento de loucura, seria queimado na fogueira por heresia, mas se suportasse a dor durante quarenta horas e não confessasse, seria considerado louco e apenas condenado a prisão perpétua. A tortura da la veglia foi aplicada a Campanella a 4 de junho de 1601.

O infeliz homem foi suspenso por cordas de tal forma que, utilizando os músculos dos ombros, podia evitar que o seu corpo batesse nos espigões de madeira afiados que se encontravam por baixo dele. Quando os seus músculos já não conseguiam sustentá-lo, o seu corpo descaía e as suas coxas e nádegas eram golpeadas pelos espigões.

Campanella voltava então a erguer-se. E assim prosseguiu, durante horas, esta tortura pavorosa. Quando já não conseguiu conter a língua, em vez de confessar, Campanella gritou coisas inteligíveis como “dez cavalos brancos”, “estou a ser chacinado”, “coroai e calai” e “a alma é imortal”. Noutras alturas, uivava de dor. Campanella aguentou-se durante quarenta horas e os seus torturadores foram obrigados a declará-lo “oficialmente louco”. Foi lançado novamente na sua cela.

Este homem insubmersível, imbatível e resiliente, em vez de apodrecer na masmorra papal napolitana, aplicou a sua mente brilhante a compor poesia, a corresponder-se com um grande número de eruditos por toda a Europa e conseguiu mesmo escrever vários livros. Por volta de 1607, Campanella tinha-se tornado uma enorme

celebridade e todos no mundo académico o queriam visitar. Um desses visitantes, em 1607, foi nada menos do que o padre alemão que tinha testemunhado a queima de Giordano Bruno, Kaspar Schoppe.10

Schoppe, um protestante convertido ao catolicismo e agora um zeloso promotor da Contrarreforma, tinha vindo ver Campanella a propósito de um livro descrito como um "volume contra políticos e maquiavélicos", que este último tinha escrito recentemente. Campanella ficou impressionado com Schoppe e dedicou-lhe o livro. Campanella tinha planeado que o título do livro fosse Recognoscimento della vera religione universale [Reconhecimento da Verdadeira Religião Universal], mas Schoppe convenceu-o a alterar o título para Atheismus Triumphatus [O Ateísmo Conquistado], que seria mais bem aceite pelo papa. Schoppe também convenceu Campanella a entregar-lhe o manuscrito, que prometeu mandar imprimir na Alemanha.*53

Lembramo-nos de que Schoppe tinha testemunhado o julgamento e a queima de Giordano Bruno escassos anos antes. Mas não há qualquer menção a Bruno na discussão de ambos. Campanella talvez não desejasse discutir Bruno com um zeloso contrarreformista como Schoppe. Esta poderá também ser a razão pela qual Campanella não entregou a Schoppe outro manuscrito muito mais explosivo: La Città del Sole [A Cidade do Sol]. De qualquer modo, Schoppe nunca cumpriu a promessa de publicar o Atheismus Triumphatus de Campanella. Em vez disso, acabou por plagiar grande parte do seu conteúdo num livro que ele próprio escreveu em 1611.11

Não é nossa intenção analisar as muitas teses académicas que tratam dos escritos e da filosofia de Campanella, mas estamos, contudo, muito interessados no seu livro, A Cidade do Sol. Numa carta que escreveu a um colega a partir da prisão, Campanella fez uma importante descrição sobre a utilidade de uma tal cidade, afirmando que poderia "fazer uma cidade de uma forma tão maravilhosa que, apenas ao olhar para ela, todas as ciências se poderiam aprender"12 (itálicos no original). Campanella está a visualizar uma cidade que funcionará como um talismã gigante, uma espécie de cidade-talismã projetada, decorada e administrada de tal forma que "todas as ciências" poderiam ser aprendidas apenas por se estar dentro dela. A

esta cidade mágica Campanella chamaria Heliaca — claramente uma alusão a Heliópolis.13

OS SOLARES E A CIDADE DO SOL

Como muitos dos tratados filosóficos do Renascimento, especialmente quando o autor deseja dissimular os seus próprios pensamentos por trás de personagens fictícias, A Cidade do Sol de Campanella apresenta-se sob a forma de um diálogo poético. Devemos compreender, no entanto, que uma das personagens é o próprio Campanella. Se o diálogo fosse considerado herético ou ofensivo para o Vaticano, o autor poderia sempre alegar que a obra era ficção e que, em todo o caso, não representava os seus pontos de vista. O diálogo aqui é entre o grão-mestre dos Cavaleiros Hospitalários e um capitão de mar genovês, seu convidado para o jantar.

A primeira cena abre com o capitão a contar ao grão-mestre que, durante as suas muitas viagens, se deparou com uma comunidade maravilhosa a viver numa cidade do sol. Ansioso por saber mais, o grão-mestre interroga o capitão, que se mostra mais do que feliz por responder. O capitão passa a explicar que a Cidade do Sol é circular e tem cerca de três quilómetros de diâmetro. Ergue-se sobre uma colina, em cujo centro se encontra um templo circular (que parece representar o sol).

Em redor deste templo existem sete muralhas concêntricas, com habitações, que se diz representarem os "sete planetas", situando-se a mais distante no sopé da colina. Visto em planta, o traçado desta cidade baseia-se claramente no diagrama copernicano, com os sete planetas visíveis a orbitarem em torno do sol central. As muralhas concêntricas funcionam como uma enciclopédia de pedra, pois nelas estão pintadas imagens e cenas que transmitem conhecimentos das ciências e das humanidades, incluindo botânica, zoologia, astronomia, física, história, geografia e assim por diante. A cidade do sol é chefiada por um sumo sacerdote chamado Sol, o "Sol".14

O símbolo do sumo sacerdote é, por conseguinte, o sol (um círculo com um ponto no centro, utilizado no antigo Egito para designar Rá, o deus do sol). Campanella chama a Sol também "Metafísico". Sol foi eleito pela sua vasta sabedoria, conhecimento e

benevolência — uma espécie de Rei Salomão e sumo sacerdote de Heliópolis fundidos num só.*54

O sumo sacerdote é coadjuvado por três colaboradores chamados Poder (uma espécie de ministro da guerra), Sabedoria (uma espécie de ministro da educação e cultura) e Amor (uma espécie de ministro do bem-estar social, saúde e "união entre homens e mulheres"). Abaixo deles encontram-se magistrados com nomes como Liberalidade, Justiça, Verdade, Gratidão, e assim por diante. Quanto à religião desta mágica e utópica cidade-estado solar, embora inclua algumas doutrinas benévolas do cristianismo — Cristo e os seus apóstolos são "tidos em grande estima" —, não há dúvida de que Campanella concebe uma religião natural, a qual Frances A. Yates diz estar "profundamente saturada de astrologia; todo o seu modo de vida está direcionado para alcançar uma relação benéfica com os astros, o sol, os planetas e as constelações zodiacais".15

De facto, o grão-mestre é informado pelo capitão de que "sacerdotes com mais de vinte e quatro anos" residem na parte alta da cidade, que funciona como uma espécie de observatório astronómico, e a sua tarefa consiste em observar constantemente o céu e medir os ciclos das órbitas com instrumentos; isto é feito para aconselhar sobre os momentos propícios para a plantação, criação de gado, festividades, decisões de Estado e assim por diante.

Quanto aos próprios cidadãos, todos partilham um objetivo comum, que é o benefício de todos, e vestem-se todos, homens e mulheres, com túnicas ou togas brancas. Concordamos plenamente com Frances A. Yates, que concluiu que A Cidade do Sol de Campanella é, de certo modo, modelada a partir da cidade solar mágica descrita no Asclépio, onde Hermes Trismegisto declara que, num tempo futuro, quando a religião mágica do Egito for finalmente restaurada,

"Os deuses que exerciam o seu domínio sobre a terra serão um dia restaurados e instalados numa cidade . . . que será fundada na direção do sol poente, e para a qual se apressará, por terra e por mar, toda a raça dos homens mortais."

"Uma vez compreendido isto", escreve Yates, "torna-se óbvio que os Solares de vestes brancas de Campanella são na verdade

egípcios, isto é, pseudo-egípcios herméticos." Assim, Yates prossegue dizendo: "A camada mais profunda, a influência primária por trás da Cidade do Sol é, sugiro, hermética . . . e o seu primeiro modelo [é] a descrição no Asclépio da religião dos egípcios."16

Embora Campanella não mencione especificamente os escritos herméticos nos seus comentários sobre a Cidade do Sol, deixa, no entanto, escapar certos indícios. Por exemplo, encontramos desenhados na muralha exterior da Cidade do Sol os inventores proeminentes da ciência e das leis, e Campanella elenca entre eles Osíris e Mercúrio (Hermes). Noutro dos seus tratados, a Theologia (também composta na prisão em 1614), Campanella elogia Hermes Trismegisto como um profeta do cristianismo e afirma na doutrina que "o mundo é uma criatura viva, ensinado pela primeira vez por (Hermes) Trismegisto" e, em apoio, cita uma passagem do livro XII do Corpus Hermeticum.

Esta tentativa de cristianizar os escritos herméticos é também feita para os habitantes da Cidade do Sol que, embora "elogiem Ptolomeu e admirem Copérnico, seguem, no entanto, a 'lei da natureza', ou seja, a 'religião natural' que está 'tão próxima do cristianismo' que bem pode ser 'cristã' e que 'quando os seus abusos (do cristianismo) forem eliminados, governará o mundo'"17 (itálicos no original).

Campanella propõe aqui um hermetismo cristão baseado na teologia dos egípcios, tal como se encontra nos escritos herméticos. No entanto, também ele, tal como Bruno, vê a descoberta heliocêntrica copernicana como o prenúncio de uma reforma iminente do mundo cristão. Como Yates também refere: "Eu pensaria que a Cidade do Sol representa algo como a reforma mágica e ficiniana da religião e dos costumes cujo retorno iminente Bruno previu, através do copernicanismo como um prenúncio, um sinal no sol".18

VISITANTES ESTRANHOS

Durante o seu longo aprisionamento, Campanella foi visitado em 1613 por dois eruditos alemães, Tobias Adami e Rudolph von Bunau, que se encontravam no caminho de regresso da Terra Santa. Campanella entregou a Adami vários dos seus manuscritos, incluindo

a cópia em italiano de A Cidade do Sol. Embora Adami tenha feito publicar A Cidade do Sol em Frankfurt em 1623, cópias circularam mais tarde entre eruditos na Alemanha e noutras partes da Europa.19 Por que razão entregou Campanella a sua obra mais importante a Adami, aparentemente um total desconhecido, e não a Kaspar Schoppe, o enviado do Vaticano? Uma afirmação de Campanella poderá dar-nos uma pista. Numa das suas descrições de Heliaca, Campanella escreveu:

"Todos os reis e povos se unirão numa cidade, à qual chamarão 'Heliaca' . . . um templo será construído no meio dela, modelado segundo os céus . . . e os cetros dos reis serão colocados aos pés de Cristo" (itálicos no original).

Por que estaria Campanella a imaginar um templo "modelado segundo os céus" e "colocado aos pés de Cristo"? Poderá a explicação ser que em 1613, quando Campanella entregou o manuscrito a Adami, uma estátua de tamanho natural de Cristo estava a ser colocada na fachada da nova basílica do Vaticano, olhando para o espaço aberto, onde no seu centro, desde 1586, se erguia o obelisco egípcio de Heliópolis, a Cidade do Sol?

Discutiremos esta questão com mais detalhe no capítulo 5. Entretanto, registemos de passagem que A Cidade do Sol de Campanella inspirou um dos colegas de Adami, o fundador da Ordem Rosa-Cruz, Johann Andreas, a propor a sua própria cidade utópica chamada Christianapolis, a qual, à semelhança da visão de Campanella, era governada por filósofos-sacerdotes e contava também com um templo circular no centro, uma cidade que deveria ser designada Civitas Solis.20

A Cidade do Sol foi um enorme sucesso de vendas, transformando Campanella, que ainda se encontrava na prisão, numa celebridade literária, uma espécie de homem-pássaro de Alcatraz do Renascimento. Mas o que estava prestes a acontecer não poderia ter sido previsto por ninguém, e muito menos por Campanella.

OFUSCAR O PAPA

Em junho de 1626, após ter passado vinte e sete anos na prisão, algo muito próximo de um milagre aconteceu a Campanella. Do nada,

foi subitamente libertado e convocado a Roma por ordem do novo papa, Urbano VIII. Chegou a Roma apenas para ser encarcerado por mais dois anos. Enquanto estava na prisão em Roma, escreveu um tratado astrológico, De Siderali fato vitando [Como Evitar o Destino Ditado pelos Astros]. Ora, parece que o papa tinha adoecido e temia pela vida, algo relacionado com o efeito de mau augúrio de um próximo eclipse do sol, que os seus inimigos espanhóis tinham afirmado que causaria a sua morte. Tendo sido informado sobre a magia natural de Campanella, a esperança do papa era que este pudesse afastar essa terrível previsão astrológica.*55

O ASTRÓLOGO-MAGO E O PAPA

O Papa Urbano VIII acreditava piamente na astrologia e temia a sua morte iminente devido a uma previsão astrológica feita por Orazio Morandi, um sacerdote espanhol. A prevista "morte" do papa deveria ocorrer durante os períodos entre um eclipse da lua em janeiro de 1628, um eclipse do sol em dezembro de 1628 e, finalmente, outro eclipse do sol em junho de 1630.

Para contrabalançar a influência destes eclipses, Urbano VIII recorreu a Campanella para ajudar com a sua "magia". Durante todo o verão de 1628, Campanella e o papa realizaram inúmeras sessões numa sala especial no Castel Gandolfo e, provavelmente, também mais tarde no Palazzo Barberini, onde o artista Andrea Sacchi, como veremos mais adiante, tinha pintado no teto uma cena celestial ou "cósmica" muito reveladora, La Divina Sapienza.

O Palazzo Barberini, propriedade de Urbano VIII, encontrava-se em construção desde 1627. O arquiteto inicial foi Carlo Maderno, mas após a sua morte em 1629, a obra foi assumida por Bernini. Pareceria extremamente improvável que Bernini não tivesse conhecido Campanella, que na altura atuava como astrólogo pessoal do papa. Em todo o caso, não pode haver dúvidas de que a magia praticada se baseava na magia talismânica de Marsilio Ficino, que este obteve dos escritos herméticos.

A sala era vedada ao ar exterior, utilizavam-se perfumes, bem como madeiras e ervas aromáticas, e acendiam-se lâmpadas e velas para representar os planetas. Também se recorria à música para atrair as influências benéficas dos planetas positivos, Júpiter e Vénus. Havia

ainda pedras, plantas e "cores de afinidade" a decorar a sala, bem como o consumo de bebidas "destiladas astrologicamente". Estas sessões prolongaram-se por vários meses, até passar o perigo dos eclipses.

Campanella, agora um homem idoso de cinquenta e nove anos, foi recebido pelo Papa Urbano VIII de braços abertos. O papa pediu imediatamente ao velho mago que preparasse tudo o que fosse necessário para realizar a magia que pudesse neutralizar a nefasta previsão do próximo eclipse. Não é claro quanto tempo durou a sessão de magia organizada por Campanella para Urbano VIII, mas poderá ter sido de vários meses, talvez até de alguns anos.

A sala onde Campanella e o papa realizaram estas sessões de magia pode ser considerada como um modelo da Terra cujo teto era o céu. Ora, o teto desta sala em particular, como indicámos anteriormente, tinha um fresco pintado pelo pintor barroco Andrea Sacchi, que supostamente seria uma alegoria de La Sapienza Divina [A Sabedoria Divina], ver lâmina 10.

Mas, de acordo com o historiador de arte Joseph Lechner, o fresco era muito mais do que isso: era uma espécie de representação alegórica astrológico-astronómica do céu que mostrava conjunções benévolas ocorridas a 6 de agosto de 1623, o dia em que Urbano VIII foi feito papa. Curiosamente, Lechner afirmou que Sacchi foi influenciado por Campanella e, ainda mais intrigante, que este fresco poderá ser a primeira representação na arte do sistema heliocêntrico e, de forma indireta, uma alegoria de A Cidade do Sol de Campanella.22 Interessantemente, essa mesmíssima perspetiva é expressa pelo Professor Frederick Hammond, especialista em arte e música italianas do século XVII no Bard College, que escreveu:

"A Sabedoria Divina de Andrea Sacchi, pintada sob a supervisão direta dos Barberini e concluída em 1630, parece de facto representar um universo heliocêntrico."23

Lechner salienta que a fonte contemporânea mais detalhada e fiável que explica a iconografia do fresco é o chamado Códice Barberini, que se encontra na Biblioteca do Vaticano. No essencial, o Códice Barberini "aponta o Livro da Sabedoria*56 como a fonte primária para a imagética de Sacchi".24

Lechner, baseando-se neste Códice e referenciando também várias passagens do Livro da Sabedoria, associou as várias figuras do fresco a constelações.25 Quanto à deusa sentada num trono de ouro e ladeada por dois leões, trata-se da Sabedoria Divina, Divina Sapienza, e segundo Lechner ela está sentada no "trono de Salomão", tal como descrito em I Reis 10:18–19 na Bíblia. Lechner nota também que no seu peito está desenhado o sol; assim, quando combinada com os leões do seu trono e com a posição relativa das várias constelações e figuras em seu redor, conclui Lechner, a Sabedoria Divina deve ser associada ao sol em Leão, o que ocorre no final de julho e início de agosto, e mais particularmente ao "segundo decanato de Leão", isto é, aos "dez dias de 31 de julho a 9 de agosto".26

A referência a estes dias em particular sugere que existe um acontecimento específico associado ao fresco da Sabedoria Divina. A conclusão é incontornável: representa os céus do dia da ascensão de Urbano VIII ao papado: 6 de agosto de 1623.27

No geral, tendemos a concordar com a análise de Lechner sobre a iconografia do fresco de Sacchi. No entanto, houve um outro acontecimento astronómico em Roma no mês de agosto que parece ajustar-se muito melhor à iconografia e ao simbolismo do fresco de Sacchi e, mais particularmente, à filosofia e magia de Campanella. A ou perto de 9 de agosto terá ocorrido o chamado nascimento helíaco da estrela Sírio, um acontecimento bem conhecido associado ao renascimento divino e também à deusa Ísis.

Após cerca de setenta dias de invisibilidade, a estrela Sírio voltaria, como que por milagre, a erguer-se ao amanhecer — um acontecimento que, no antigo Egito, coincidia com a inundação anual do Nilo e com o renascimento divino de Ísis. Os antigos egípcios iniciavam o seu "ano" com este acontecimento astrológico, o qual também, com base no seu ciclo mais longo conhecido como Ciclo Sótico, que ocorria a cada 1460 anos, indicava a abertura de uma nova era com o "regresso da fénix".28

Estranhamente, uma dessas novas eras ou Ciclo Sótico deveria ocorrer por volta do ano 1600 — coincidindo com a queima de Giordano Bruno, a coroação do Papa Urbano VIII em 1623 e o julgamento de Galileu em 1630. Este Ciclo Sótico era mencionado nos Anais de Tácito e também pelo cronista romano Censorino, e poderá

muito bem ter sido conhecido por hermetistas como Bruno e Campanella.29 De facto, Campanella estava totalmente convencido de que uma nova era de grande reforma começaria em 1600 e de que tinha o dever de a anunciar e de a inaugurar com a construção da Cidade do Sol.30

Regressando ao fresco de Sacchi, e tendo em mente as possíveis ligações com a estrela de Ísis, vemos também outra coisa concernente à deusa sentada no trono, no centro. Destina-se ela a ser, naturalmente, a Divina Sapienza. Primeiro, o próprio nome Divina Sapienza implicaria Minerva, a Atena romana, a deusa virgem celestial da sabedoria divina, que era extremamente bem conhecida por todos os envolvidos, especialmente por Campanella. Mas Minerva é quase sempre representada na arte clássica não sentada num trono, mas sim de pé e a segurar um escudo, de forma muito semelhante à sua homóloga grega, Atena. Uma deusa num trono ladeada por leões era mais reconhecível como Cibele e, mais ainda, como a deusa egípcia Ísis.*57

Se Campanella de facto influenciou o pintor Sacchi, como pensa Lechner, então toda a iconografia deve ser vista como hermética, o que Lechner também reconhece de forma clara. Lechner nota igualmente que a varinha com o "olho que tudo vê" segurada pela deusa entronizada está a apontar para o Egito e para a Itália, ambos os países iluminados pelo sol no globo terrestre mesmo abaixo da deusa. Esta representação pretendia sem dúvida simbolizar que a sabedoria do Egito está ligada à Itália. Campanella, como todos os hermetistas, estava muito consciente do tratado hermético conhecido como Kore Kosmou [A Virgem do Mundo], que se refere à deusa Ísis. Ele certamente também sabia que, desde 1527, havia muita discussão em Roma sobre a chamada "Tábua de Ísis" descoberta pelo Cardeal Bembo, onde a deusa Ísis é vista sentada num trono sobre e ladeada por dois leões.†58

Talvez Lechner também não soubesse que uma representação muito semelhante foi desenhada não muito mais tarde, em 1667, em França, para a ópera intitulada Isis, representada em Saint-Germain-en-Laye para Luís XIV, cujo nascimento foi saudado por Campanella como o do Rei Sol que construiria a Cidade do Sol em Paris. Notemos de passagem que a representação de Ísis no trono ladeada por dois

leões surgiu na Place de la Bastille em 1792 e, trinta e cinco anos mais tarde, em 1827, um fresco muito semelhante foi pintado pelo artista Edouard Picot no teto da ala sul do Louvre, mostrando claramente a deusa Ísis sentada num trono ladeada por leões.

Em todas essas cenas surge "Hermes" a voar por cima da deusa, segurando uma tocha na mão, sendo a ideia de que ele está a iluminar, isto é, a revelar os mistérios e a sabedoria do antigo Egito. (Ver o apêndice 1 para uma discussão completa sobre Campanella e o Rei Sol em Paris.) Em todo o caso, saber se devemos ver Minerva ou Ísis no fresco de Sacchi é uma questão puramente académica, pois ambas as deusas eram consideradas como a mesma entidade, sendo Ísis a entidade dominante ou genérica. A principal fonte literária para os filósofos do Renascimento era O Asno de Ouro de Lúcio Apuleio, onde ele apresenta Ísis a afirmar:

Eu sou aquela que é a mãe natural de todas as coisas, senhora e governante de todos os elementos, a progénie inicial dos mundos, chefe dos poderes divinos, Rainha do Céu, a principal dos Deuses celestiais, a luz das deusas: à minha vontade os planetas do ar, os ventos salutares dos mares e os silêncios do Inferno são dispostos; o meu nome, a minha divindade é adorada em todo o mundo de diversas maneiras, em costumes variáveis e sob muitos nomes, pois os frígios chamam-me mãe dos Deuses: os atenienses, Minerva: os cipriotas, Vénus: os candianos, Diana: os sicilianos, Proserpina: os eleusinos, Ceres: uns Juno, outros Belona, outros Hécate: e principalmente os etíopes que habitam no Oriente, e os egípcios que são excelentes em todo o tipo de doutrinas antigas, e que pelas suas próprias cerimónias costumam adorar-me, chamam-me Rainha Ísis.31

Veremos no capítulo 5 como o astrónomo jesuíta renascentista Athanasius Kircher, que tinha uma enorme influência no Vaticano, via claramente Ísis e Minerva como sendo a mesma entidade, isto é, a Sabedoria Divina.32

Mas voltemos agora a Campanella, ao Papa Urbano VIII e à magia astrológica talismânica que foi realizada no decurso de 1627 a 1630 no Palazzo Barberini.

Isolavam uma sala do ar exterior, cobriam-na com panos brancos e queimavam certas ervas nela. Duas lâmpadas e cinco tochas eram acesas, representando os planetas, e os signos do zodíaco eram

imitados da mesma forma “pois este é um procedimento filosófico, não supersticioso como o vulgo pensa”. Havia música jovial e veneriana; utilizavam-se pedras, plantas e cores pertencentes aos planetas bons, e bebiam-se licores destilados astrologicamente.33

O resultado destas bizarras sessões mágicas no Vaticano foi o facto de o Papa Urbano VIII ter sido curado do seu medo paranoico e ter sobrevivido ao efeito supostamente mortal do eclipse de junho de 1630. O papa já tinha absolvido plenamente Campanella dos seus crimes de heresia e agora até pedia a Campanella que fundasse o Collegio Barberini e se tornasse o seu reitor. Ironicamente, até os dominicanos, outrora inimigos de Campanella, lhe conferiram o título de mestre em teologia.34

Numa reviravolta impressionante do destino, Campanella, após suportar quase três décadas de encarceramento e tortura nas masmorras papais em Nápoles, encontrava-se agora em Roma numa posição onde podia exercer uma imensa influência sobre o papa e os assuntos do Vaticano durante vários anos.

O perigo, contudo, parecia sempre espreitar Campanella. Em agosto de 1633, um jovem monge dominicano na Calábria chamado Tommaso Pignatelli, outrora estudante de Campanella, foi acusado de estar envolvido numa conspiração para envenenar o vice-rei espanhol e outros oficiais em Nápoles. Isto levou as autoridades a suspeitarem também de Campanella.

Sendo agora um velho de sessenta e seis anos e compreensivelmente aterrorizado com a perspetiva de cair novamente nas mãos da Inquisição, Campanella pediu a um dos seus novos amigos, o embaixador francês em Roma, que o ajudasse a fugir para França. Na noite de 31 de outubro de 1634, usando um disfarce, Campanella foi retirado clandestinamente de Itália na carruagem pessoal do embaixador.*59

Após uma curta permanência em Aix-en-Provence, na casa do seu amigo, o erudito Nicolas-Claude Fabri de Peiresc, Campanella chegou a Paris no início de dezembro e encontrou um local para ficar no convento dominicano da Rue St. Honoré. Em fevereiro de 1635, o Cardeal Richelieu recebeu Campanella, “abraçando-o, elogiando-o calorosamente e garantindo-lhe uma pensão”.36

Nesse mesmo ano de 1635, o rei francês Luís XIII e a sua rainha, Ana de Áustria, já estavam casados há quase vinte anos sem descendência para herdar o trono. Praticamente todos tinham perdido a esperança de que o frágil rei, que aparentemente não gostava de ter relações sexuais com a sua esposa e preferia os favores do seu mordomo, Cinq-Mars, viesse a produzir um sucessor masculino. Sempre um jogador astuto, Campanella aceitou o desafio: no inverno de 1637, profetizou na corte francesa que o casal real não só traria em breve ao mundo um filho, mas também que este filho se tornaria le Roi Soleil, o Rei Sol, que construiria a Cidade do Sol, a partir da qual governaria o mundo inteiro.

Com efeito, a 5 de setembro de 1638, nascia o futuro Luís XIV: por uma sincronicidade espantosa, este era o dia do septuagésimo aniversário de Campanella! O grande mago italiano, contudo, nunca saberia quão exata tinha sido a sua profecia relativamente ao Rei Sol francês, pois ele próprio faleceu a 21 de maio de 1639, quando o futuro Luís XIV*60 tinha apenas escassos meses de vida.37

É evidente que Campanella tinha transferido a sua missão de vida para a construção da Cidade do Sol hermética do Vaticano em Roma para o Louvre em Paris. Campanella tinha tentado, tal como outros antes dele — Pico della Mirandola, Patrizzi, Bruno —, abrandar o coração do papa romano para reformar o cristianismo católico com a prisca theologia e a magia natural, mas sem sucesso. Assim, Campanella procurava agora o patrocínio da monarquia francesa, de espírito mais aberto e muito mais poderosa.

Muitos investigadores antes de nós, no entanto, supuseram que o sonho de Campanella não passou disso mesmo, de um sonho. Tanto quanto sabemos, ninguém tentou averiguar se a Cidade do Sol poderia ter sido efetivamente construída, muito menos em Roma, mesmo debaixo do nariz do papa.

Contudo, por mais estranho que possa parecer, é exatamente isso que pretendemos demonstrar . . .

5
URBI ET ORBI: À CIDADE E AO MUNDO

Urbi et orbi (À cidade de Roma e ao mundo)
PALAVRAS PROFERIDAS PELOS PAPAS À MULTIDÃO NA PRAÇA DE S. PEDRO EM DETERMINADAS OCASIÕES IMPORTANTES

Et benedictio Dei omnipotentis, Patris et Filii et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper (E que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça convosco para sempre).
A BÊNÇÃO DO PAPA AOS PEREGRINOS NA PRAÇA DE S. PEDRO

O que está em cima é como o que está em baixo.
LEMA DA TRADIÇÃO HERMÉTICA

TRABALHO EM EQUIPA

Como sempre acontece com este tipo de investigação histórica, há estranhas sincronicidades que podem ocorrer e que dão um novo fôlego e direção à busca. Nesta procura da Cidade do Sol, o acontecimento sincronístico ocorreu em novembro de 2012 nas colinas da região do Chianti, no sul da Toscânia, numa conferência organizada pelo meu amigo Leonardo Lovari, de Arezzo. Relatei brevemente aspetos deste acontecimento no capítulo 2, mas este merece mais algumas palavras em virtude da estranheza de como tais coisas acontecem na vida e das consequências que daí advêm.

Poucos dias antes de ir para a conferência, tinha contactado a autora italiana Chiara Dainelli (agora Hohenzollern), que vive em Roma. Conhecia o trabalho de Chiara através do meu amigo Adriano Forgione, o editor da revista Fenix, que tinha publicado um artigo sobre o livro de Chiara, Il Codice Astronomico di Dante. Chiara tinha demonstrado interesse em assistir à conferência, pelo que me ofereci para a levar de carro.

Na manhã de 10 de novembro, embarquei num voo de Málaga para o Aeroporto Fiumicino de Roma, onde Chiara e a sua mãe, Adrianna, professora de latim e grego antigo, tinham combinado encontrar-se comigo. Na viagem de carro para Arezzo, tive a oportunidade de falar a Chiara sobre a minha investigação relacionada com a Cidade do Sol hermética.

Chiara ficou imediatamente cativada e falou-me do seu próprio grande interesse sobre o assunto. Quando chegámos a Arezzo, Chiara e eu já tínhamos decidido colaborar neste projeto de livro. No momento em que estacionei o carro no acesso do hotel, caiu uma chuva torrencial. Esperámos no carro que a bátega de água parasse.

Entretanto, disse a Chiara a minha ideia para o título do livro: The Vatican Mystery (agora The Vatican Heresy). O tamborilar da chuva no para-brisas quase abafava as minhas palavras. Subitamente, abriu-se uma estreita fenda nas nuvens que permitiu a um fino raio de sol incidir sobre as colinas escuras ao longe.

Tomando isto como um bom augúrio, Chiara e eu saímos do carro e apertámos solenemente as mãos para selar o acordo da nossa coautoria. Mais tarde nessa noite, depois de eu ter feito a minha apresentação na conferência, fomos a um restaurante jantar. Sentado sozinho numa das mesas estava um jovem. Algo nos impeliu a juntarmo-nos a ele. Mais uma vez, o destino sincronístico desempenhou o seu papel, pois o jovem era Sandro Zicari, um matemático da Universidade Sapienza de Roma que, por acaso, também tinha uma paixão pela astronomia e pela ciência do Renascimento.

Sandro ficou muito interessado em ouvir falar do nosso projeto e aceitou dar-nos uma ajuda na parte técnica da investigação (ver os apêndices 1 e 2). Acredito que certas pessoas estão destinadas a encontrar-se e, quando o fazem, ocorre uma estranha sinergia que pode trazer à superfície alguma nova revelação ou ideia ou, talvez, um plano há muito perdido.

Um encontro sincronístico de certo modo semelhante tinha ocorrido em Roma em 1655, o qual viria a criar as condições adequadas para a construção efetiva da Cidade do Sol. Tenho tido esta sensação muito estranha, mas inabalável, de que, de alguma forma, estes dois encontros sincronísticos, o nosso em 2012 e o de 1655,

estão relacionados, embora admita que não sei explicar como ou porquê. Talvez não haja explicação para as sincronicidades, pelo menos nenhuma que se enquadre no paradigma atual.

Aproximamo-nos agora do fim da nossa investigação. As últimas peças vitais do quebra-cabeças gigante que tenho vindo a montar ao longo do último ano serão reveladas para completar a imagem global. E quando isso estiver feito, espero que veja, tal como nós, uma maravilhosa cidade solar heliocêntrica hermética a emergir mesmo diante dos seus olhos.

Embarquemos, pois, numa máquina do tempo intelectual e desloquemo-nos a Roma para conhecer os protagonistas que colocarão um ponto final num plano fantástico que foi, em mais do que um sentido, urdido em Alexandria há muito, muito tempo . . .

IL CAVALIERE BERNINI

Em maio de 1639 Campanella faleceu em Paris. Nessa altura em Roma, o grande arquiteto e escultor barroco italiano Gian Lorenzo Bernini — il Cavaliere (o Cavaleiro) — tinha quarenta e um anos de idade e era já mundialmente famoso como superintendente das obras do Vaticano.

É muito provável que os dois homens se tenham conhecido escassos anos antes no Vaticano, quando ambos trabalhavam em estreita colaboração com o Papa Urbano VIII e a sua família. Se assim foi, não existe qualquer registo escrito de tal encontro. O que é mais seguro, contudo, é que Bernini, tal como todas as outras pessoas em posições de relevo, sabia de Campanella e, especialmente, da sua visão utópica da Cidade do Sol hermética.

E, naturalmente, Campanella sabia de Bernini. Nesse mesmo mês de maio de 1639, Bernini estava prestes a casar-se com uma jovem romana de vinte e dois anos, Caterina Tezio. Ela viria a dar-lhe onze filhos. Bernini decerto não era avesso a famílias numerosas, uma vez que ele próprio era o sexto de treze filhos da noiva-criança napolitana Angelica Galante, que tinha apenas doze anos quando casou com o pai de Bernini, Pietro, este último um escultor e artista maneirista bastante consagrado.

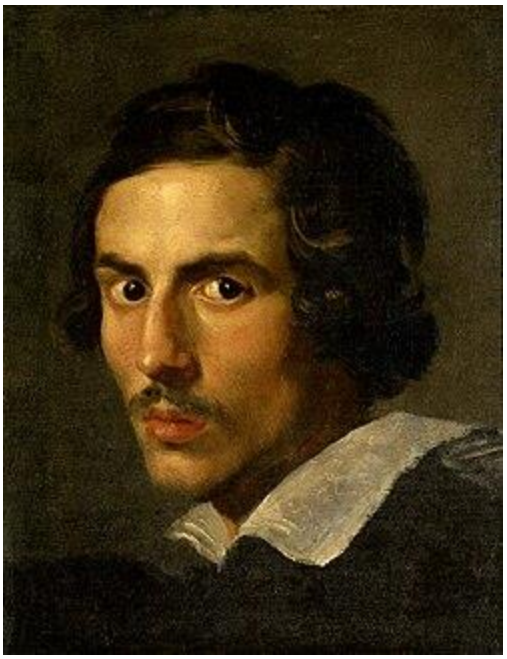


Fig. 5.1. Gian Lorenzo Bernini (self-portrait)

Bernini nasceu em 1598 em Nápoles. Quando era apenas um rapaz de oito anos, o seu pai levou-o para Roma, onde este último tinha sido incumbido pelo Papa Paulo V de realizar trabalhos na Capela Paulina. Esta foi uma oportunidade de ouro para o jovem Bernini, pois iria colocá-lo em contacto direto com indivíduos poderosos ligados ao Vaticano.

Um desses indivíduos era Maffeo Barberini, o futuro Papa Urbano VIII, que tinha trinta e oito anos na altura. Diz-se que quando Barberini visitou a oficina de Pietro Bernini em Roma, quando Gian Lorenzo tinha apenas oito anos de idade, o futuro papa exclamou a Pietro: "Tenha cuidado, *signore* Bernini, esta criança em breve o superará, e será maior do que o seu mestre." Barberini, tal como outros que vinham à oficina de Pietro, tinha reparado que o seu filho, o jovem Bernini, era dotado de capacidades artísticas superiores.

Isto em breve o trouxe para o círculo íntimo de artistas sob o patrocínio do poderoso e imensamente rico Cardeal Scipione Borghese, o sobrinho favorito do Papa Paulo V. A partir daí, as coisas avançaram rapidamente para Bernini: com apenas vinte e um anos de idade, foi nomeado *cavaliere* (cavaleiro) da Igreja pelo Papa Gregório XV e, em 1629, o Papa Urbano VIII nomeou Bernini arquiteto-chefe da *Fabbrica Di San Pietro* (efetivamente arquiteto-chefe do

Vaticano), uma posição que selou a sua reputação como o mestre arquiteto e escultor em Itália e em toda a Europa.

Para Urbano VIII, Bernini era o "Segundo Miguel Ângelo", e honra após honra, lisonja após lisonja eram derramadas sobre ele. Tal fama e admiração devem ter-lhe subido um pouco à cabeça, pois existe uma carta da sua mãe perturbada — aparentemente a única carta dela alguma vez encontrada — dirigida ao Cardeal Francesco Barberini, o sobrinho do papa (Urbano VIII), na qual ela lamenta que o seu filho pense que se tornou *padrone del mondo* (senhor do mundo) e que se esteja a comportar da maneira mais deplorável, necessitando de ser travado!

A mãe de Bernini referia-se provavelmente a um escândalo que envolvia uma senhora bela mas muito promíscua, Costanza Piccolomini, que tinha um caso com Bernini. Ela também seduziu o irmão mais novo de Bernini, Luigi. Quando Bernini descobriu, ficou furioso e perseguiu Luigi com uma espada. Quando alcançou Luigi, Bernini partiu duas das costelas do seu irmão com uma barra de ferro. Depois, fez com que um dos seus criados retalhasse o rosto de Costanza com uma faca.1

Fig. 5.2. Pope Urban VIII

Paradoxalmente, os historiadores de arte descrevem Bernini como afável e generoso, mas também como vaidoso e colérico — características típicas dos artistas italianos altamente temperamentais

daquela época. Um pouco constrangido com as suas origens rudes, Bernini fingia ser florentino, muito embora toda a gente em Roma soubesse que ele tinha nascido e crescido em Nápoles.*61

Florença, escusado será dizer, era um dos grandes centros culturais da Europa, a cidade de Leonardo e de Miguel Ângelo e o berço do Renascimento, com os seus eruditos e artistas florentinos altamente instruídos e refinados, ao passo que Nápoles e os napolitanos eram vistos (injustamente, sem dúvida) como incultos e inferiores.

De facto, um dos biógrafos menos diplomáticos de Bernini referiu-se-lhe como un uomo senza lettere (um homem sem letras), significando alguém que não tem qualquer tipo de leituras.2 Mas uma crítica tão severa é provavelmente um exagero. Não obstante, no inventário dos seus bens pessoais realizado após a sua morte em 1680, não há qualquer menção a uma biblioteca ou a livros. Seja como for, ninguém, exceto talvez os seus rivais mais ferozes — e Bernini tinha muitos —, podia negar que Bernini era o génio artístico supremo da sua época.

E que época! Nesta última fase do Renascimento italiano, Roma era o local número um onde se devia estar. Era a encruzilhada de pintores, poetas, escritores, arquitetos, escultores, eruditos e filósofos, e não apenas vindos de Itália, mas de França, Inglaterra e Alemanha, e até de paragens tão distantes como o Japão! Os anos de 1600 assistiram a intelectuais como a brilhante e excêntrica Rainha Cristina da Suécia e o jesuíta e arqueólogo alemão Athanasius Kircher a virem estabelecer-se na Cidade Eterna, muitos dos quais estavam ansiosos por privar com il Cavaliere, o Cavaleiro, como Bernini agora gostava de ser chamado.*62

Bernini tinha inclusivamente recebido o maior elogio possível alguma vez proferido em público por um papa. Isto ocorreu durante a coroação de Maffeo Barberini como Papa Urbano VIII, em agosto de 1623. Desde 1617 que Maffeo Barberini demonstrava um enorme interesse por Bernini, tratando-o como se fosse seu próprio filho, e não era segredo para ninguém que o cardeal estava totalmente rendido ao génio e talento deste jovem artista, de tal modo que, imediatamente após ter sido feito papa, Urbano VIII convocou Bernini e disse-lhe entusiasticamente: “É a sua grande sorte, Cavaleiro, ver Maffeo

Barberini papa. Mas nós somos ainda mais afortunados pelo facto de o Cavaleiro Bernini viver na época do nosso pontificado."

Mas, como em breve veremos, não houve tanta sorte para um dos outros velhos amigos do Papa Urbano VIII, o astrónomo Galileu Galilei . . .

A ARTE DA DISSIMULAÇÃO

Bernini tinha trinta e cinco anos em fevereiro de 1633, quando Galileu, já um homem idoso no seu septuagésimo ano de vida, foi arrastado para diante da Inquisição Papal por ordem do Papa Urbano VIII. Acusado de apoiar e promover a teoria heliocêntrica de Copérnico — de que a Terra se movia em redor do sol e não o contrário — e de, assim, ir contra as Sagradas Escrituras, Galileu foi sujeito a uma pressão imensa para se retratar.

Galileu, naturalmente, estava perfeitamente ciente do destino de Bruno e de Campanella e, compreensivelmente, de forma relutante mas sensata, tomou a decisão de abjurar e de se retratar de tudo o que os inquisidores tinham exigido. Galileu evitou assim a punição severa por heresia e livrou-se com uma pena de prisão perpétua sob prisão domiciliária, um castigo muito "brando" naqueles dias.

Fig. 5.5. Galileo Galilei

Ironicamente, o Papa Urbano VIII, enquanto era ainda cardeal, não só tinha sido um amigo próximo de Galileu, como também tinha demonstrado interesse e apoio pelo seu trabalho. Mesmo após tornar-

se papa, Urbano VIII tolerara discussões sobre a teoria heliocêntrica de Copérnico, desde que esta permanecesse apenas isso: uma teoria. Mas Galileu estava convencido de que podia demonstrar, e assim provar, a teoria. Ele sobrevalorizou a sua amizade com o papa e, de forma imprudente, não dissimulou as suas verdadeiras opiniões e, pior ainda, as suas intenções de provar que Copérnico estava certo, isto através de observações com o seu recém-adquirido perspicillum, ou telescópio.

Tal prova, contudo, era precisamente o que o papa não queria que ele — ou qualquer outra pessoa — apresentasse. Para expor a posição do Vaticano da forma mais simples possível: teoria heliocêntrica, "sim"; facto heliocêntrico, "não". Embora Galileu soubesse disto muito bem — o papa tinha-lho, de resto, deixado claro escassos anos antes —, Galileu assumiu erroneamente que o senso comum e a prova científica prevaleceriam. Não poderia ter estado mais errado.

Galileu, para dizer o mínimo, não era dado à "arte da dissimulação", um instrumento social essencial naqueles tempos tão perigosos em Itália e, na verdade, noutros países europeus. Ele poderia, por exemplo, ter mantido a teoria heliocêntrica como uma teoria, ou seja, um modelo hipotético do mundo, e deixar que outros aceitassem ou rejeitassem as provas mais tarde.

Poderia tê-lo feito, mas não o fez, pela simples razão que afeta a maioria dos cientistas: o ego. Era demasiado para Galileu deixar passar esta enorme oportunidade, a saber, a de passar à história como o homem que não só provou a teoria heliocêntrica, mas também, e mais ainda, conseguiu que o Vaticano a aceitasse e ratificasse. E decerto não o podemos culpar. Por outro lado, talvez ele não tivesse passado à história se não tivesse sido forçado pelo papa a retratar-se, porque a maioria das pessoas hoje em dia lembra-se de Galileu por esta afronta e não pelas descobertas científicas que realizou. É a sua retratação e a forma como os inquisidores humilharam tão cruelmente este homem idoso e cansado que toca o próprio coração das pessoas até aos dias de hoje.

A fama contemporânea de Galileu deveu-se ao seu enorme aperfeiçoamento da simples luneta inventada pelo fabricante de óculos flamengo Hans Lippershey em 1608 (que não passava de um acessório divertido para os ricos) num instrumento científico muito mais

poderoso, o telescópio. O telescópio permitiu a Galileu fazer várias descobertas sobre o movimento dos corpos celestes, que publicou no seu livro Sidereus Nuncius [O Mensageiro das Estrelas] em 1610. O texto que acompanha o frontispício reza:

MENSAGEIRO DAS ESTRELAS, que revela grandes e mui maravilhosas vistas e oferece ao olhar de todos, mas especialmente de filósofos e astrónomos, as coisas que foram observadas por GALILEU GALILEI, patrício florentino e matemático público da Universidade de Pádua, com a ajuda de uma luneta recentemente concebida por ele, sobre a face da Lua, inúmeras estrelas fixas, a Via Láctea, estrelas nebulosas, mas especialmente sobre quatro planetas que voam em redor da estrela de Júpiter a intervalos e períodos desiguais com maravilhosa rapidez; os quais, desconhecidos por todos até ao dia de hoje, o primeiro autor detetou recentemente e decidiu denominar ESTRELAS MEDICEIAS (em honra do patrocinador e antigo aluno de Galileu, o Grão-Duque de Florença, Cosme II de Médici).

É perfeitamente compreensível que os cortesãos, artistas, cientistas e filósofos no Vaticano, incluindo Bernini, fossem bem aconselhados a ser extremamente cautelosos para não exporem os seus verdadeiros sentimentos e ideias, especialmente se estes estivessem relacionados, ou pudessem sequer ser interpretados como estando relacionados, com questões consideradas heréticas pela Igreja. Por muito que o papa pudesse ser abertamente amigável ou até, em privado, apoiante de tais ideias, essas precauções de dissimulação eram altamente recomendáveis. De facto, a arte da dissimulação era efetivamente ensinada àqueles que serviam senhores ou patrocinadores poderosos e, por conseguinte, potencialmente perigosos. Este era especialmente o caso daqueles que estavam próximos ou trabalhavam diretamente sob a tutela do Papa Urbano VIII, Maffeo Barberini. Este papa tinha um temperamento muito volúvel, para dizer o mínimo. Irrompia frequentemente em acessos de raiva à menor provocação. O erudito italiano Franco Mormando escreve:

"Acessos tempestuosos de raiva irracional seriam uma característica perturbadoramente recorrente do comportamento de Maffeo, mesmo após a sua eleição, sem ninguém que contivesse o Sumo Pontífice."3

Num manual intitulado Il Segretario [O Secretário], escrito por um contemporâneo de Galileu e Bernini, Battista Guardini, o autor dá conselhos sobre como lidar com tais senhores e adverte: "Os patrícios (I grandi) são como leões, que nunca podem ser tão domados que se esqueçam de que são leões . . . o servo astuto nunca deve abandonar a sua postura de subalterno".

Mormando, na sua recente biografia de Bernini, salienta que Bernini, ao trabalhar tão de perto para o Vaticano e ao receber também generosos elogios e benefícios financeiros do papa, se tornara particularmente hábil nesta lúgubre "arte da dissimulação". Mormando explica:

> É a arte de esconder quem realmente se é por trás de uma máscara de silêncio ou de respostas evasivas educadas a perguntas potencialmente problemáticas. É uma das características definidoras da mentalidade 'barroca', incluindo a de Bernini… Era um hábito nascido de uma necessidade absoluta naquela época… um mecanismo de defesa pessoal perante um governo autocrático e, muitas vezes, despótico, e uma ortodoxia religiosa por vezes imposta de forma violenta… a dissimulação era considerada nada menos do que um instrumento indispensável de sobrevivência, se não mesmo uma autêntica virtude.4

Uma das amigas mais próximas e queridas de Bernini em Roma, a altamente controversiva Rainha Cristina da Suécia, dissera outrora: "Ser incapaz de dissimular era ser incapaz de viver". Outro dos amigos próximos de Bernini, um padre chamado Francesco Butti, exclamou uma vez para Bernini: *"Rogo-vos que dissimuleis, como bem sabeis fazer quando quereis!"63 (itálicos no original).

De facto, falar, escrever ou mostrar a coisa errada a um cardeal poderoso ou, pior ainda, ao papa, podia trazer-lhe sérios problemas, conduzindo provavelmente à perda total de direitos ou até a uma morte prematura. Ficino, Pico della Mirandola, Campanella e, agora, Galileu tinham todos aprendido as suas lições da maneira mais difícil e, por isso, recuaram sensatamente quando o leão rugiu demasiado alto.

Mas Francesco Pucci e Giordano Bruno pagaram caro com as suas vidas, da forma mais atroz, por não dissimularem. Bernini, sempre o perito dissimulador, beneficiou largamente do patrocínio

papal através de uma inteligente dissimulação ao longo da sua longa carreira e faleceu na cama na avançada idade de oitenta e dois anos. Guardemos este pensamento porque, como veremos mais adiante, Bernini assumiu deliberadamente, ou foi pelo menos induzido a assumir, um projeto audacioso no Vaticano que teria sido considerado a mais vilipendiada das heresias se não tivesse sido tão bem dissimulado…

Antes de entrarmos nisto, contudo, há cinco indivíduos especiais ligados, direta e indiretamente, a Bernini — dois proeminentes eruditos jesuítas, uma rainha estrangeira, um papa e um astrónomo alemão — que precisamos de apresentar e observar mais de perto. Pois esta dissimulação ultrajante que estamos prestes a revelar — a construção real no Vaticano da Cidade do Sol hermética, modelada segundo o sistema heliocêntrico — está ligada a estes cinco indivíduos especiais. Mas antes de os conhecermos, preparemos o cenário em Roma durante esses anos cruciais que conduzirão a este acontecimento impressionante.

O ENCONTRO

Roma, 1633: Bernini é agora o superintendente das obras do Vaticano. É também o favorito do Papa Urbano VIII. Mais ou menos pela mesma altura, o papa acabou de mandar julgar e condenar Galileu por heresia por, entre outras coisas, apoiar a teoria heliocêntrica copernicana. Galileu foi condenado a prisão perpétua, mas esta foi reduzida a prisão domiciliária perpétua. Entretanto o papa, grato a Campanella por ter salvo a sua vida da ameaça dos eclipses, tinha-se voltado contra ele por permitir a publicação, num livro intitulado Astrologicorum Libri, das sessões privadas de magia que realizaram juntos.

Embora tenham sido dois monges dominicanos invejosos, Niccolò Ridolfi e Niccolò Ricardi, que enviaram o manuscrito para França para publicação sem o consentimento de Campanella, este foi, ainda assim, considerado responsável pelo papa. Como vimos no capítulo 4, Campanella, pressentindo o perigo iminente decorrente deste facto e também com receio de ser ligado a acontecimentos políticos na Calábria, fugiu para França. Não existem registos que comprovem se Bernini conheceu Galileu e Campanella — dois

defensores convictos da teoria heliocêntrica copernicana — nesses tempos tensos no Vaticano, ou sequer se Bernini nutria quaisquer opiniões científicas ou religiosas sobre este assunto.

Seja como for, é certo, contudo, que Bernini estaria extremamente familiarizado com o trabalho destes dois eruditos. Sendo o arquiteto papal, ele estaria certamente muito interessado na ambição de Campanella de fazer com que o papa construísse a Cidade do Sol. Notemos também de passagem que Bernini também se encontrava no Vaticano quando Galileu ali se deslocou para se encontrar com Urbano VIII em várias ocasiões.*64

Entram agora na nossa história os cinco protagonistas que exercerão uma enorme influência sobre Bernini e que, acreditamos, plantaram as sementes intelectuais e espirituais na mente deste artista que o levariam a criar o sonho de uma vida inteira: um projeto arquitetónico monumental e altamente simbólico mesmo em frente à Basílica de S. Pedro…

OS ÚLTIMOS PROTAGONISTAS, 1633

Protagonista 1

FABIO CHIGI

Em 1633, o Cardeal Fabio Chigi (o futuro Papa Alexandre VII) encontrava-se em Roma. Seria enviado em breve como delegado apostólico para Malta, em 1634. Seria aí que conheceria o jesuíta e erudito enciclopédico Athanasius Kircher em 1638, mantendo-se ambos amigos próximos durante toda a sua vida. Chigi era também um amigo muito chegado de Bernini. Quando Chigi foi coroado como Papa Alexandre VII em 1655, Bernini tornou-se o seu arquiteto pessoal e foram-lhe confiadas inúmeras encomendas, entre as quais sobressai o projeto da grande Praça de S. Pedro.

Fig. 5.6. Fabio Chigi, Pope Alexander VII

Protagonista 2
ATHANASIUS KIRCHER

Em outubro de 1633, o jesuíta, erudito e egiptólogo alemão Athanasius Kircher, então com trinta e dois anos de idade, chegou a Roma. Tinha sido recomendado a Francesco Barberini, o sobrinho do Papa Urbano VIII, pelo erudito francês Nicolas-Claude Fabri de Peiresc, o qual, como nos lembramos do capítulo 4, era amigo pessoal de Campanella. (Campanella tinha ficado alojado na casa de Peiresc em Aix-en-Provence após fugir de Roma.)

Pouco depois da sua chegada a Roma, Kircher ingressou no famoso *Collegio Romano* como professor de matemática, astronomia e hebraico. Kircher viria a tornar-se um amigo próximo de Bernini e colaboraria com ele em alguns projetos arquitetónicos, incluindo uma fonte na Piazza Navona que envolvia obeliscos do antigo Egito.

Fig. 5.7. Athanasius Kircher

O erudito italiano Franco Mormando, o mais recente biógrafo de Bernini, explicou que acreditava que Kircher deve ter ensinado a Bernini a sua bizarra teoria de que "os antigos egípcios acreditavam numa espécie de esperma cósmico e divino que chovia continuamente sobre a terra, viajando nos raios do sol. Como ícones dos raios solares, os obeliscos, incluindo o da Piazza Navona, serviam para atrair esta 'força espermática solar' vivificadora para o planeta."5 Kircher chamava a este esperma divino "uma certa força seminal universal".

Bernini e Kircher aproximaram-se devido à amizade comum que tinham com o Papa Urbano VIII e com o Papa Alexandre VII. Um curioso acontecimento sincronístico que também liga estes dois homens importantes é o facto de ambos terem falecido na mesma noite de 27 de novembro de 1680.

Protagonista 3

A RAINHA CRISTINA DA SUÉCIA

Em 1633, Cristina herdou o trono da Suécia. Tinha apenas sete anos de idade. Mais tarde, em 1654, viria a chocar toda a Europa protestante ao converter-se ao catolicismo, abdicando em seguida e partindo para Roma para viver sob a proteção do Papa Alexandre VII. Tão próxima era ela deste papa que, no dia da sua consagração no Vaticano, Alexandre VII a rebatizou de Alexandra Maria, em homenagem ao seu próprio nome e ao da Virgem.

Cristina tornar-se-ia uma das amigas mais próximas de Bernini e, durante muitos anos, foi a predileta da alta sociedade romana. Excêntrica e absorta em livros, Cristina tinha uma boa compreensão de história clássica, filosofia, alquimia, astrologia e das novas ciências, tendo-se correspondido e até encontrado com alguns dos maiores eruditos da sua época, incluindo Athanasius Kircher, o matemático René Descartes, Blaise Pascal e o famoso astrónomo Pierre Gassendi.

Consta que Henrique II de Lorena, o quinto duque de Guise, escreveu sobre ela:

> Ela fala oito línguas, mas maioritariamente francês, e isso como se tivesse nascido em Paris. Sabe mais do que a nossa Academia [francesa] e a Sorbonne juntas, entende de pintura tão bem como qualquer pessoa e sabe muito mais sobre as intrigas da nossa corte do que eu. Na verdade, ela é uma pessoa absolutamente extraordinária.6

Cristina conta-se entre as pouquíssimas mulheres a estarem sepultadas na Basílica de S. Pedro, no Vaticano.

Protagonista 4
NICCOLÒ ZUCCHI

Em 1633, o jesuíta e astrónomo italiano Niccolò Zucchi tinha quarenta e sete anos de idade. Zucchi tinha ensinado matemática e astronomia no Collegio Romano até 1630 e era agora o reitor do Colégio Jesuíta em Pádua. Em 1623, Zucchi fizera parte de uma delegação enviada pelo Papa Urbano VIII à corte do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Fernando II, em Praga, onde conheceu o famoso astrónomo Johannes Kepler. Zucchi também viria a travar amizade com Bernini e a colaborar com ele na publicação de certas obras científicas.

Fig. 5.9. The Jesuit astronomer Niccolò Zucchi

O estudo de Zucchi sobre a luz e a visão, a Optica philosophica . . . era, de facto, diretamente relevante para a arte de Bernini. Ao criar as suas obras de arte, esculturais ou arquitetónicas, Bernini estava sempre excecionalmente atento à importância crucial da luz — especificamente, à correta manipulação da sua fonte, do seu ângulo e da sua intensidade — para o efeito final bem-sucedido da obra em questão. Isto é especialmente verdade nos projetos das suas capelas, notáveis pela sua iluminação teatral habilmente encenada.7

Parece que Bernini recebeu de Zucchi a ideia de utilizar uma lente na Capela Cornaro posicionada de tal forma que projetasse um raio de luz no dia 15 de outubro, Festa de Santa Teresa de Ávila, para

que “a estátua de Teresa (Santa Teresa em Êxtase de Bernini, na Capela Cornaro) seja inundada de luz dourada”. É também altamente provável, como veremos neste capítulo, que Zucchi possa ter influenciado e até talvez ajudado Bernini no projeto astronómico elítico da Praça de S. Pedro em 1656.

Fig. 5.10. Johannes Kepler

Protagonista 5
JOHANNES KEPLER

Este quinto protagonista, embora central para o nosso quebra-cabeças histórico, nunca esteve em Roma e apenas conheceu um dos outros quatro que acabámos de apresentar. No entanto, como em breve veremos, Kepler, ou melhor, as suas descobertas, é a chave para o mistério que estamos prestes a desvendar. Registemos rapidamente que foi o astrónomo jesuíta Niccolò Zucchi (protagonista 4) quem conheceu Kepler e também manteve com ele uma correspondência regular.

Também Athanasius Kircher (protagonista 2), embora nunca tenha conhecido Kepler pessoalmente, por uma curiosa reviravolta do destino foi convidado pelo imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Fernando II, em 1631, para substituir Kepler como seu astrólogo da corte em Praga. Registemos também que Galileu, embora nunca tenha conhecido Kepler em pessoa, manteve, ainda assim, correspondência com ele desde o longínquo ano de 1597. Numa das

suas primeiras cartas, datada de 4 de agosto de 1597, Galileu tinha escrito a Kepler:

"Há muitos anos que me converti às opiniões de Copérnico e, através dessa teoria, consegui explicar plenamente muitos fenómenos . . . não me atrevi a publicar, temeroso de ter o mesmo destino que o nosso mestre Copérnico."8

Johannes Kepler iniciou a sua carreira científica como assistente do famoso astrónomo polaco Tycho Brahe, na corte do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Rodolfo II, em Praga. Após a morte de Brahe em 1601, Kepler tornou-se astrónomo pessoal do imperador e também dos seus sucessores, Matias I e Fernando II, até à sua morte em 1630.

Embora a função principal de Kepler fosse fornecer aconselhamento astrológico ao imperador, o seu interesse pessoal residia na astronomia científica. Kepler era um fervoroso defensor da teoria heliocêntrica de Copérnico, mas com uma diferença importante: utilizando os dados coligidos pelo seu mentor, Tycho Brahe, os cálculos de Kepler demonstraram que os planetas não orbitavam o sol em trajetórias circulares, como sustentavam Copérnico (e também Galileu), mas sim em trajetórias elíticas, com o sol a ocupar um dos dois focos da elipse de cada planeta.

Na retórica de contornos religiosos da sua época, Kepler descobriu a verdade por trás do modo e da forma como Deus fez o mundo e o colocou em movimento perpétuo. Menos de um século mais tarde, Isaac Newton, utilizando as teorias de Kepler, completaria o quadro ao descobrir a lei da gravidade e outras leis que governavam a mecânica celeste. Hoje em dia, a descoberta de Kepler é conhecida como a primeira lei de Kepler do movimento planetário.

Em 1609, Kepler publicou Astronomia Nova, na qual expôs o seu sistema baseado em elipses, tratando apenas do planeta Marte. Seguiu-se, em 1615, a publicação de Epitome astronomiae Copernicanae [Epítome da Astronomia Copernicana],*65 na qual apresentou as órbitas elíticas de todos os planetas conhecidos no sistema solar, bem como as suas segunda e terceira leis do movimento planetário. O livro ganhou popularidade rapidamente e foi lido por cientistas em toda a Europa.

No final do século XVII, estas verdades científicas tornar-se-iam universalmente aceites. A ideia mais antiga que filósofos, artistas, arquitetos e teólogos tinham de que o círculo era um reflexo da perfeição de Deus deu gradualmente lugar à sua contraparte alongada: a elipse. E mesmo que a teoria heliocêntrica (órbitas circulares por Copérnico e órbitas elíticas por Kepler) continuasse a ser refutada pelo Vaticano, começou a insinuar-se na arte, na literatura e na arquitetura como um ladrão na noite . . .

ROMA: AVANÇO RÁPIDO PARA 1656

No início da década de 1650, tinha-se tornado claro — a menos que se fosse um erudito preconceituoso e de mente estreita — que as teorias de Kepler sobre o movimento planetário, especialmente a primeira lei relativa às órbitas elíticas dos planetas, estavam corretas.9 A lógica gélida e os cálculos meticulosos de Kepler, quando associados à observação telescópica de Galileu, tornavam um facto inegável não só que a Terra e os outros planetas giram em redor do sol, e não o contrário, mas também que as órbitas nas quais se moviam eram elíticas.

As Três Leis do Movimento Planetário

Primeira Lei: A órbita de cada planeta é uma elipse, com o sol a ocupar um dos seus dois focos.

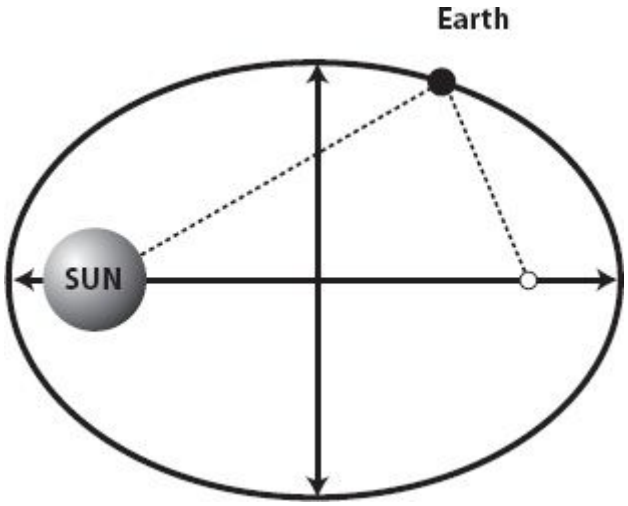
Segunda Lei: Uma linha que ligue um planeta e o sol varre a mesma área em intervalos de tempo iguais.

Terceira Lei: O quadrado do período orbital de um planeta é diretamente proporcional ao cubo de metade do eixo principal da sua órbita elítica.

Todos deveriam ter reconhecido isto, não fosse por um enorme obstáculo: o Vaticano continuava a insistir que o heliocentrismo era uma heresia a ser detestada, porque era contraditório com os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

O Papa Alexandre VII, apesar de ser altamente instruído e liberal na sua atitude para com eruditos e artistas, viria, no entanto, a mandar publicar, em 1664–1667, o novo catálogo de livros proibidos (Index Librorum Prohibitorum), que bania todos os livros que apoiassem o

heliocentrismo. Ainda assim, é possível, como veremos, que embora Alexandre VII se opusesse oficialmente ao heliocentrismo, como de resto se esperava dele, o tenha feito porque talvez estivesse obrigado a manter a posição que o seu antecessor, Urbano VIII, tinha assumido. Existem indícios, contudo, de que Alexandre VII possa ter adotado a verdade heliocêntrica em privado ou, pelo menos, fechado os olhos àqueles que o fizeram. Vejamos porquê . . .



A INFALIBILIDADE EM FALHA

Galileu faleceu em 1642* (na realidade, no original consta por lapso 1647) enquanto se encontrava ainda sob prisão domiciliária. Na década de 1650, contudo, ele estava rapidamente a tornar-se um símbolo da posição intratável e de mente estreita da Igreja Católica. A postura obstinada assumida pelos senhores do Vaticano sobre esta importante questão, especialmente quando provas científicas inegáveis eram colocadas diante do seu próprio nariz, estava a tornar-se uma contradição embaraçosa para a Igreja. Para muitas mentes esclarecidas, era mais do que isso; era uma situação insustentável.

Havia, também, a questão do ex cathedra, ou infalibilidade papal, que complicava a situação. Embora a infalibilidade papal tenha sido tornada dogma em 1870 pelo Papa Pio IX, há muito que era praticada sob a forma de ex cathedra. O dogma da infalibilidade papal foi proposto pela primeira vez no século XIII pelo sacerdote franciscano francês Pierre Olivi, porque era óbvio que os papas não estavam meramente a pedir às pessoas que acreditassem nos dogmas da Igreja, estavam a exigi-lo sob a ameaça de punições severas. Mas, em

meados de 1500, a maioria destes dogmas estava em contradição com a ciência empírica, com a lógica e com o senso comum básico.

Este era especialmente o caso no que respeitava à questão heliocêntrica; no entanto, o Vaticano impôs a sua vontade durante mais de um século e meio após Galileu, e não foi senão em 1757 que o Papa Bento XIV emitiu uma bula papal que retirava a proibição da teoria heliocêntrica, e apenas em 1822 se permitiu que livros que apoiassem o heliocentrismo fossem impressos em Roma.

A lenda reza que, mesmo quando Galileu montou um telescópio para que os cardeais pudessem ver com os seus próprios olhos algumas das provas que apoiavam o heliocentrismo, os cardeais se recusaram a olhar por medo de abalar os alicerces da sua fé na Igreja e, também, talvez ainda mais, porque o Vaticano tinha demonstrado a sua brutalidade para com aqueles de quem se suspeitava adotarem o heliocentrismo.

É, infelizmente, da natureza dos homens fracos ou cobardes desviarem o olhar de provas que os possam indispor com as autoridades vigentes. O próprio Papa Alexandre VII tipificava este conflito mental. Ele não era, decididamente, um simplório; de facto, era altamente instruído e, portanto, perfeitamente capaz de compreender os argumentos científicos que apoiavam o heliocentrismo.

Fabio Chigi nasceu em 1599 na cidade de Siena. Quando criança, sofrera de apoplexia grave, o que resultou numa constituição física débil ao longo da sua vida adulta. Mas tal impedimento físico não impediu a sua mente extremamente brilhante e a sua natureza sensível. Uma das suas grandes paixões era a poesia; obteve também vários doutoramentos em filosofia, direito e teologia pela Universidade de Siena. Chigi era também um homem muito viajado.

Serviu durante muitos anos como delegado apostólico papal em Malta (1635–1639) e também como núncio (representante papal) na Alemanha (1639–1651). Em 1651, foi convocado de volta a Roma e nomeado secretário de Estado pelo Papa Inocêncio X. Foi nomeado cardeal no ano seguinte. Aquando da morte de Inocêncio X, o conclave elegeu Fabio Chigi papa em maio de 1655. Adotou o nome de Alexandre VII, aparentemente em honra do seu herói, Alexandre, o Grande.

Alexandre VII não gostava da administração do Estado. [Em vez disso] deliciava-se com a companhia de eruditos e escritores, enriqueceu a universidade de Roma, a Sapienza, legando-lhe a sua própria biblioteca, e a biblioteca do Vaticano, a qual ajudou a adquirir a rica coleção dos Duques de Urbino, e foi um esplêndido patrono da arte, acima de tudo da arquitetura.10

Temos motivos para nos perguntar, portanto, se um erudito instruído como Alexandre VII não seria também vítima daquele mal intelectual comum da época: o conflito de consciência entre a verdade científica e a verdade religiosa, ou seja, entre encarar os factos e encarar a fé. De facto, o que se passaria realmente no íntimo de uma pessoa tão culta quando confrontada com este tipo de dicotomia? Na verdade, o que se passaria na mente de qualquer erudito, especialmente de um jesuíta cientista-sacerdote do Collegio Romano?

Voltamo-nos agora para o protagonista 2 . . .

OS OBELISCOS DE KIRCHER

Um amigo muito próximo do Papa Alexandre VII era o jesuíta, matemático e astrónomo Athanasius Kircher. Tinham-se conhecido em 1637 em Malta, quando Alexandre VII era ainda simplesmente Fabio Chigi, e ali os dois clérigos eruditos iniciaram uma amizade que durou até à morte do papa, trinta anos mais tarde. Kircher nutria um interesse quase obsessivo pelo antigo Egito e pelos seus mistérios.

Com efeito, tinha sido trazido para lecionar no Collegio Romano pelo Papa Urbano VIII escassos anos antes, com o mandato de concentrar os seus esforços académicos na decifração dos hieróglifos nos obeliscos egípcios e nos outros monumentos egípcios que se encontravam espalhados por toda a Roma desde o tempo do império.

O Professor Joscelyn Godwin, da Universidade Colgate, uma autoridade aclamada sobre Athanasius Kircher, traça um currículo muito conciso mas preciso de Athanasius Kircher: “Um hermetista cristão nos moldes de Marsilio Ficino e Pico della Mirandola, o seu trabalho também analisou a alquimia, a Cabala e a tradição dos mistérios egípcios exemplificada por Hermes Trismegisto”.11

A paixão de Kircher pelos mistérios egípcios era algo partilhado pelo Papa Alexandre VII. De facto, o Professor Eugenio Lo Sardo, também uma autoridade aclamada sobre Kircher, salientou: “Muitos

interesses comuns os uniam [a Kircher e a Alexandre VII], destacando-se entre eles a paixão pelos mistérios egípcios e pela tradição hermética".12

Em 1631, Kircher, sendo um jesuíta e um católico romano fervoroso, teve de fugir da Alemanha quando um exército protestante estava prestes a atacar o mosteiro jesuíta em Würzburg, onde ele ensinava e investigava. Kircher conseguiu fazer o seu caminho até França e, eventualmente, até Avignon, onde permaneceu até ao final de 1633.

O seu patrocinador e mentor em França foi o erudito Nicolas-Claude Fabri de Peiresc, que encorajou Kircher a prosseguir os seus estudos nos hieróglifos egípcios. Kircher também travou amizade com o grande astrónomo e padre francês Pierre Gassendi em Aix-en-Provence, este último também um protegido de de Peiresc. Foi de Peiresc quem recomendou Kircher ao legado papal em Avignon, o Cardeal Francesco Barberini, sobrinho do Papa Urbano VIII, para um cargo no Collegio Romano em Roma para ensinar matemática e astronomia.

Francesco Barberini tinha estudado em Pisa sob a tutela de Galileu e era também o patrocinador do arquiteto Bernini. Francesco Barberini estava mais interessado nos estudos egípcios de Kircher e deixou claro ao reitor do Collegio Romano que Kircher se devia dedicar principalmente à decifração dos hieróglifos egípcios.

Kircher estava absolutamente convencido de que os hieróglifos egípcios eram sinais mágicos e acreditava que revelariam a prisca theologia, a sabedoria divina original que tinha sido transmitida a Hermes Trismegisto. No entanto, sendo um jesuíta e um católico devoto, Kircher sustentava o mesmo argumento que Ficino e Pico della Mirandola, ou seja, que a prisca theologia devia ser vista como uma profecia para o advento do cristianismo. Por outras palavras, Kircher era um hermetista cristão, e a sua obra deve ser entendida como tal.

Desde o dia em que foi nomeado reitor do Collegio Romano, em 1636, Kircher passou o resto da sua vida em Roma a estudar e a escrever, principalmente sobre a sua própria interpretação dos hieróglifos e símbolos egípcios, e também a colecionar espécimes naturais e antiguidades que fariam parte de um museu, o primeiro do

seu género na Europa: o Musaeum Kircherianum, inaugurado em 1651.

Como estrela do Collegio Romano e diretor do Musaeum Kircherianum, a fama de Kircher estendeu-se por todo o mundo académico. Um encontro com Kircher tornou-se obrigatório para os ricos e famosos, de tal modo que o jesuíta alemão se tornou uma espécie de atração turística intelectual. De acordo com uma das biógrafas mais conhecidas de Kircher, a académica americana Ingrid D. Rowland:

"Os visitantes da Roma do século XVII esperavam muitas vezes ver um monumento vivo entre as atrações de arte e arquitetura da cidade. Esse monumento vivo era o Padre Athanasius Kircher... A sua posição situava-se entre as mais prestigiadas do mundo jesuíta."13

No mesmo ano de 1651 em que se concluía a construção do Musaeum Kircherianum, Kircher estava também muito envolvido na construção de outro marco famoso de Roma: a Fonte dos Quatro Rios na Piazza Navona. Este projeto era uma escultura muito extravagante de Bernini que servia de base a um obelisco egípcio, o qual Kircher assumia (erradamente) ser originário de Heliópolis, a Cidade do Sol no Egito. O obelisco, na realidade, foi extraído em Syene (atual Assuão), no Alto Egito, por ordem do imperador Domiciano (51–96 d.C.), que o trouxe para Roma e o colocou no Campo de Marte, em frente a um templo dedicado a Ísis e a Serápis. Mas isto não era sabido por Kircher que, erroneamente, acreditava ter sido trazido de Heliópolis para Roma pelo imperador Caracala (188–217 d.C.).

Kircher e Bernini tinham colaborado estreitamente durante vários anos a fim de terem a fonte pronta como parte do enorme plano de embelezamento de Roma para o jubileu de meados do século de 1650 (por lapso no original consta 1550) — uma espécie de propaganda cultural da Contrarreforma — para impressionar a população. Kircher deveria produzir para a ocasião um guia, Obeliscus Pamphilius, o qual, naturalmente, pretendia dedicar ao Papa Inocêncio X, Giovanni Pamphilii, daí o título.

Um recém-chegado a Roma que acompanhava este projeto do Obeliscus Pamphilius com curiosidade e interesse era Fabio Chigi, que em breve se tornaria cardeal (1652) e mais tarde Papa Alexandre VII (1655). Sendo amigo de Kircher desde 1637 e também um adepto

dos mistérios egípcios, deve ter sido óbvio para Chigi, e para outros eruditos, que a colocação deste antigo símbolo solar egípcio no centro de uma praça circular ou oval era muito sugestiva do heliocentrismo copernicano.

É verdade que Chigi, bem como todos os eruditos jesuítas de mentalidade científica, como Kircher, não podiam apoiar oficialmente esta teoria, uma vez que ainda era considerada uma heresia fazê-lo. Mas, segundo Ingrid D. Rowland, "em 1633, Kircher tinha admitido a amigos em Avignon que vários dos astrónomos jesuítas mais proeminentes . . . acreditavam de facto num universo copernicano, centrado no Sol; o tom das observações de Kircher sugere que ele próprio também partilhava estas convicções copernicanas".14

JOHN MILTON E OS ERUDITOS ITALIANOS

Em 1638, escassos anos após o escandaloso julgamento de Galileu, o poeta inglês John Milton visitou Roma. Conheceu muitos dos homens instruídos da cidade, embora não os tenha nomeado. Naqueles dias, a maioria dos homens instruídos em Roma eram jesuítas ou eruditos ligados ao Vaticano. Milton descreveu o estado de espírito destes homens instruídos italianos no seu grande discurso sobre a liberdade de imprensa em 1644.

"Quando me sentei entre os seus homens instruídos, honra que tive, e fui considerado feliz por ter nascido em [Inglaterra] um local de tal liberdade filosófica, como eles supunham que a Inglaterra era, enquanto eles próprios nada faziam senão lamentar as condições servis a que a aprendizagem entre eles fora reduzida."15 *66

Um desses proeminentes astrónomos jesuítas era provavelmente o erudito jesuíta Niccolò Zucchi, cujo envolvimento com Bernini será discutido mais adiante neste capítulo. Deve-se notar que existia o chamado Currículo Jesuíta, que obrigava todos os eruditos jesuítas a manterem-se rigorosamente fiéis às teorias aristotélicas e ao modelo geocêntrico ptolomaico centrado na Terra, ou seja, o modelo geocêntrico que a Igreja insistia estar em conformidade com as Sagradas Escrituras. A penalidade por se desviar disto, quanto mais por apoiar abertamente a teoria heliocêntrica, era extremamente severa e, se levada ao limite pela Inquisição, podia conduzir à prisão e até à execução. O julgamento relativamente recente de Galileu em 1633 e a

queima de Giordano Bruno em 1600 eram constantes e sombrias advertências de como o Vaticano reagiria a tal violação. O simples facto de falar abertamente com amigos sobre a teoria heliocêntrica, quanto mais apoiá-la publicamente, era, literalmente, brincar com o fogo. Sabendo disto, Kircher tinha, compreensivelmente, expressado publicamente as suas objeções às teorias de Galileu, mas com base num livro que escreveu mais tarde, somos levados a crer que estas objeções não eram de todo genuínas, mas antes uma forma de dissimulação para se proteger.16

Contudo, apesar de uma postura tão cautelosa sobre esta controvérsia tão perigosa, em 1656 — um ano crucial em Roma, como em breve veremos —, Kircher sentiu-se encorajado a expressar finalmente as suas opiniões sobre esta matéria, embora de forma vaga e revestida de um diálogo de ficção. Isto aconteceu num livro intitulado Itinerarium Extaticum Coeleste [Viagem Celeste Extática], que ele, interessantemente, dedicou à Rainha Cristina da Suécia. Assim, antes de analisarmos este livro estranho mas extremamente revelador de Kircher, precisamos agora de nos voltar para a protagonista 3 . . .

ÍSIS RENASCIDA

Em novembro de 1632, o rei da Suécia, Gustavo II Adolfo, o mais feroz oponente dos católicos e do Vaticano, foi morto na Batalha de Lützen, na Alemanha. Apelidado de "O Leão do Norte", Gustavo II, com o seu exército bem treinado, tinha transformado a Suécia numa potência militar a ter em conta e, com as suas numerosas vitórias sobre os católicos, conseguiu inclinar a balança do poder a favor do protestantismo na Europa. A sua morte foi um golpe tremendo para os luteranos e outros protestantes, mas apenas a nível político.

A sua única filha legítima sobrevivente, Cristina, tinha seis anos de idade. A mãe de Cristina, Maria Eleonora de Brandeburgo, pertencia à nobre Casa de Hohenzollern da Prússia. (Por uma estranha reviravolta do destino, o marido da minha atual coautora, Kenneth-Wilhelm Hohenzollern, pertence à mesma nobre "Casa".) Cristina foi declarada rainha da Suécia no ano seguinte. No entanto, em junho de 1654, quando tinha apenas vinte e oito anos de idade, a Rainha

Cristina abdicou e, para horror dos protestantes de toda a Europa, declarou a sua intenção de se converter ao catolicismo.

Sendo ela filha do falecido Gustavo II Adolfo, que tinha sido o mais feroz e perigoso adversário do papa, esta notícia chocante espalhou-se como um fogo em palha por toda a Europa. Desnecessário será dizer que a conversão de Cristina agradou imenso ao Vaticano. Agradou ainda mais ao Cardeal Fabio Chigi, que em breve seria feito papa. O amigo mais próximo de Chigi, Kircher, já se correspondia com a Rainha Cristina, e o que ouvia sobre ela era extremamente encorajador, pelo menos na forma de Kircher ver as coisas.

Tinham sido infiltrados jesuítas na corte sueca, afinal de contas, que tinham persuadido com sucesso Cristina a converter-se ao catolicismo, e este golpe impressionante proporcionou a oportunidade de colocar em ação uma das mais extraordinárias operações de relações públicas na história do Vaticano.*67

A filha do general protestante mais temido, uma rainha nada menos, a desfazer-se do seu manto luterano e protestante e a abraçar o catolicismo romano! Claramente, ela deveria ser trazida para Roma numa pompa e aparato triunfais dignos da Rainha Cleópatra do Egito! Este era um acontecimento que o Cardeal Fabio Chigi sonhava colocar em prática se e quando se tornasse papa. Assim, quando Inocêncio X faleceu em abril de 1655 e Chigi se tornou o Papa Alexandre VII em maio de 1655, a primeira coisa que fez foi convidar Cristina a vir estabelecer-se em Roma.

Esta jovem rainha tão invulgar e muito virginal era, para dizer o mínimo, uma pessoa extremamente temperamental e excêntrica. Quase masculina (alguns até acreditavam que era hermafrodita) no seu aspeto físico e no seu comportamento peculiar, os seus principais interesses eram a música, o teatro e, acima de tudo, a leitura. Cristina era extremamente fã de todas as coisas barrocas e de se ocupar com livros e manuscritos antigos, tais como os escritos herméticos, livros sobre alquimia, Cabala, magia, astronomia, astrologia e, especialmente, as novas ciências.

Ela imaginava-se como uma "Semíramis" ou "Minerva" do Norte e, mais especialmente, como uma "Ísis renascida". Como nota lateral, pensa-se também que C. S. Lewis modelou a Feiticeira Branca da sua famosa série As Crónicas de Nárnia a partir da Rainha Cristina da

Suécia. Inquestionavelmente, Cristina era a personificação da diletante e da seguidora da "Nova Era" do final do Renascimento.

"Amo os meus livros com paixão!", exclamava frequentemente Cristina.*68 E quando partiu da Suécia em 1654, fazendo o seu caminho para Roma com uma comitiva de 250 criados, guarda-costas, amigos e quase outros tantos cavalos, a sua carga mais preciosa era a sua vasta biblioteca de livros e manuscritos.17

Sem exagero, Cristina era uma enciclopédia viva e, para eruditos de mentalidade oculta como Kircher, uma encarnação da Divina Sapienza! Não é de admirar que Kircher se referisse a esta rainha virgem tão erudita como a Minerva e Ísis renascida! De qualquer modo, Cristina recebeu muita atenção e respeito dos grandes eruditos da sua época, entre os quais o filósofo educado pelos jesuítas René Descartes, que em 1649 aceitou um cargo na Suécia para lhe ensinar astronomia e matemática. Infelizmente, Cristina insistiu que as aulas começassem às cinco da manhã e, sendo inverno e estando um frio de rachar, Descartes acabou por contrair uma pneumonia e faleceu no seu castelo a 11 de fevereiro de 1650.

Um dos interesses de Cristina — talvez até o seu principal interesse — era a astronomia. Tinha estudado astronomia sob a orientação de Lubenitz e, mais tarde, em 1667 e 1668, mandou construir o seu próprio observatório privado em Roma, no Palazzo Riario (atual Palazzo Corsini), que contava com a presença de dois astrónomos jesuítas residentes. Cristina mantinha uma correspondência regular com muitos astrónomos e filósofos eminentes, incluindo Pierre Gassendi, amigo de Kircher, que também fundou o Observatório de Paris para o Rei Sol, Luís XIV.

Gassendi, como muitos astrónomos do seu tempo, foi inicialmente um geocentrista, mas na década de 1650 aceitava quase de certeza os modelos copernicano e provavelmente até kepleriano, muito embora guardasse discretamente tais pensamentos para si próprio. Em 1631, utilizando um telescópio galileano, Gassendi observou o trânsito de Mercúrio, tal como Kepler tinha previsto escassos anos antes. Como sua declaração oficial sobre o heliocentrismo copernicano, Gassendi sustentava que este dependia de probabilidades e não estava ainda provado, mas refutava também veementemente todas as objeções contra ele. Como todos os cientistas

cuja intensa consciência religiosa católica não lhes permitia abraçar o sistema heliocêntrico, Gassendi comprometeu-se ao aderir ao chamado sistema tychónico, nomeadamente que todos os planetas giravam em redor do sol, mas que o próprio sol girava em redor da Terra, um compromisso aceitável para o Vaticano, uma vez que mantinha a ideia de que a Terra era o foco fixo do universo.

Ironicamente, Gassendi faleceu em outubro de 1655, sensivelmente na mesma altura em que a Rainha Cristina se encontrava a caminho de Roma. Em 1656, o famoso astrónomo italiano Giovanni Cassini, que viria a substituir Gassendi em Paris, dedicou uma das suas publicações mais importantes à Rainha Cristina. Cassini, tal como Gassendi antes dele, fora inicialmente um crente no sistema geocêntrico, mas mais tarde aceitou uma versão do sistema heliocêntrico copernicano. Também como Gassendi, Cassini foi para França e trabalhou para o Rei Sol, Luís XIV, no Observatório de Paris.

A entrada gloriosa de Cristina na Cidade Eterna, no final de dezembro de 1655, foi, em termos de pompa e aparato, semelhante à entrada da rainha egípcia Cleópatra em Roma em 44 a.C. Ela, também, era vista como a Ísis reencarnada ou renascida. Um dos biógrafos da Rainha Cristina não andou longe da verdade quando escreveu sobre Cristina que ela "é, sem dúvida, a mais discutida de todas as rainhas da história, secundada apenas por Cleópatra".18

Poucos dias após a sua chegada a Roma, Kircher ofereceu a Cristina o modelo de um obelisco egípcio no qual tinha inscrito: "A grande Cristina, Ísis Renascida, ergue, entrega e consagra este obelisco no qual os sinais secretos do Egito estão inscritos."19 Como mencionámos anteriormente, Kircher também dedicou a Cristina o seu livro mais recente, Itinerarium Extaticum Coeleste. Neste livro, Kircher parece revelar, embora de forma difusa, a verdade heliocêntrica do mundo tal como vista através dos olhos de uma personagem fictícia, um anjo chamado Cosmiel.

Interessantemente, também para comemorar a chegada de Cristina a Roma, Kircher ofereceu um obelisco em miniatura idêntico ao Papa Alexandre VII, chamando-lhe Osíris Renascido, sugerindo assim uma espécie de união mística entre a "virgem" Cristina e o papa.20 Kircher sabia, naturalmente, que os famosos amantes

romanos de Cleópatra, Júlio César e Marco António, tinham sido vistos como o Novo Osíris, e que a própria Cleópatra era a Nova Ísis, reivindicando Alexandre, o Grande, como o seu "divino antepassado".

Kircher, que, tal como Bernini, frequentemente lisonjeara o Papa Alexandre VII como sendo o "novo Alexandre [o Grande]", não podia estar mais entusiasmado por acolher em Roma esta Nova Ísis vinda do Norte, a Rainha Cristina da Suécia. Foi o arquiteto Bernini quem desenhou o imponente pórtico na Piazza del Popolo através do qual a Rainha Cristina fez a sua famosa entrada na Cidade Eterna com toda a sua comitiva. Ela, em contrapartida, ficaria em breve totalmente fascinada por Bernini.

Logo após a sua chegada a Roma, Cristina visitou o Collegio Romano, do qual Kircher era o diretor. O especialista preferido e também amigo muito íntimo de Cristina, contudo, viria a ser Bernini, a quem ela adorou desde o primeiro momento. Sobre Bernini, disse uma vez: "Quem não estima Bernini não é digno de estima ele próprio!" Bernini manter-se-ia muito próximo da Rainha Cristina até à sua morte em 1680; de facto, ele pediria que ela fosse ao seu leito de morte para rezar pela sua alma.

No dia de Natal de 1655, o Papa Alexandre VII consagrou Cristina ao catolicismo no Vaticano e rebatizou-a Alexandra Maria — sugerindo, para dizer o mínimo, uma união entre ele próprio e a Virgem. Muitos anos mais tarde, quando Cristina faleceu em 1689, a Cúria Romana prestou-lhe homenagem ao fazer com que fosse sepultada nas criptas do Vaticano, uma honra que foi concedida a pouquíssimas mulheres na história.

Mas voltemos ao livro de Kircher, Itinerarium Extaticum Coeleste, que foi dedicado à Rainha Cristina. Segundo Rowland, o incentivo que Kircher obteve para escrever este livro bastante esclarecedor veio do seu ex-aluno e outrora assistente pessoal no Collegio Romano, Kaspar Schott. Tal como Kircher, e na verdade a maioria dos matemáticos e astrónomos daqueles dias, Schott aceitava publicamente o sistema tychónico, mas parecia também nutrir muito respeito por Kepler.21

Há poucas dúvidas, contudo, de que Kircher se sentiu também — e provavelmente sobretudo — encorajado ao ver, em maio de 1655, o seu velho amigo Fabio Chigi tornar-se o Papa Alexandre VII.

Segundo Ingrid D. Rowland, "[Fabio Chigi] era uma figura intelectual de destaque internacional . . . cujas ligações, tal como as de Kircher, se estendiam desde protestantes de pensamento livre a católicos conservadores".22

CRISTINA E BERNINI

A Rainha Cristina da Suécia não era apenas uma amiga muito próxima e íntima de Bernini, mas de facto correu em seu auxílio e do da sua família em diversas ocasiões. Em 1670 Luigi, o irmão de Bernini, violou e sodomizou um jovem rapaz. E não num sítio qualquer, note-se bem, mas por trás da estátua equestre A Visão de Constantino no Vaticano que Bernini tinha esculpido recentemente! Seguiu-se um enorme escândalo, e Luigi teve de fugir de Roma. Bernini recorreu à ajuda da Rainha Cristina, e foi graças à intervenção pessoal dela junto do papa e dos cardeais que Luigi acabou por ser perdoado.

Em 1673, a família Bernini tinha a sua reputação em frangalhos devido à insana indiscrição de Luigi e a outros assuntos que tinham enfurecido os romanos e trazido a público os inimigos de Bernini em massa. Para contrariar esta situação muito negativa, Bernini encarregou um autor conhecido de escrever uma biografia sua, a qual o apresentava da forma mais gloriosa, piedosa e benévola — sendo muito do que nela constava altamente exagerado ou simplesmente inventado!

Surpreendentemente, a Rainha Cristina ficou feliz por apoiar o livro e chegou mesmo a afirmar que ela própria o tinha encomendado. Tudo isto demonstra que Cristina tinha uma simpatia muito especial por Bernini e, provavelmente, exercia também uma grande influência sobre ele. Notemos de passagem que, de todas as pessoas piedosas em posições de relevo que Bernini conhecia em Roma — cardeais e jesuítas de alta patente —, foi por Cristina que ele pediu quando

estava a morrer porque, segundo Bernini, ela conhecia uma linguagem especial para comunicar diretamente com Deus.

De qualquer modo, o Itinerarium Extaticum Coeleste de Kircher é apresentado como um diálogo entre um anjo chamado Cosmiel e um erudito chamado Theodidactus (Instruído por Deus), pretendendo este último ser claramente o próprio Kircher. A discussão entre eles aborda, entre outras coisas, a forma como os céus são feitos.

Embora Kircher não o afirme categoricamente, é óbvio pela discussão que ele favorece o heliocentrismo ou, pelo menos, o sistema tychónico. Rowland, que analisou o livro de Kircher, salientou que ele utiliza o anjo Cosmiel como porta-voz para explicar que cada estrela individual no firmamento se comporta exatamente como o sol, derramando calor e luz, e é rodeada por planetas próprios — sendo isto o mais próximo que se podia chegar, embora utilizando uma linguagem vaga, de descrever não só o heliocentrismo mas também a visão de Giordano Bruno de "muitos mundos".23

Kircher, como todos os astrónomos daquela época, estava muito familiarizado com as obras de Copérnico e Kepler, provavelmente antes de estas terem sido incluídas no Catálogo de Livros Proibidos do Vaticano em 1621. Kircher, que era um homem convencido de que os antigos egípcios possuíam conhecimento divino, ter-se-ia agradado com a introdução que Kepler fez no livro V do seu Harmonices Mundi:

> Estou a roubar os vasos de ouro dos egípcios para construir com eles um tabernáculo ao meu Deus, longe, muito longe das fronteiras do Egito. Se me perdoardes, alegrar-me-ei; se vos enfurecerdes comigo, suportá-lo-ei. Vede, lanço os dados e escrevo o livro. Que seja lido pelas pessoas do presente ou do futuro não faz diferença: que aguarde pelo seu leitor durante cem anos, se o próprio Deus esteve pronto durante seis mil anos para que alguém o estudasse.24

Terá Kircher, como tantos dos seus contemporâneos, reconhecido em privado o modelo heliocêntrico kepleriano como muito provavelmente verdadeiro? Mas depois, sendo um jesuíta convicto, teria ele o habitual problema de consciência de sequer o admitir para si próprio, quanto mais para os outros? No entanto, talvez quando o seu amigo Fabio Chigi se tornou papa, Kircher tenha sentido que

podia, pelo menos, sugerir os seus pensamentos privados por meio da ficcionalização dos mesmos num diálogo, tal como, de resto, Galileu e Kepler também tinham feito antes dele?

O Professor Georg Schuppener, da Universidade de Leipzig, uma autoridade nesta matéria específica, salientou: "É bem sabido que a Ordem dos Jesuítas foi a Ordem Católica mais importante e mais ativa no campo da ciência durante os séculos XVII e XVIII".25 Schuppener também demonstrou que Kepler, embora fosse um luterano convicto, mantinha uma relação muito especial com a Ordem dos Jesuítas, especialmente com os jesuítas que eram matemáticos e astrónomos.

Dois desses eruditos jesuítas eram Paul Guldin e Niccolò Zucchi, proeminentes matemáticos e astrónomos como Kepler e, a certa altura, professores seniores no Collegio Romano, do qual Kircher seria diretor desde 1636 até ao fim da sua vida. Mas estamo-nos a adiantar na nossa história. Mais sobre Guldin e especialmente sobre Zucchi em breve.

Entretanto, regressando a Athanasius Kircher, consideramos importante enfatizar novamente que ele não era apenas um proeminente matemático e astrónomo, mas também um filósofo natural com uma óbvia inclinação por todas as coisas egípcias, ou seja, todas as coisas herméticas. Talvez menos conhecida, contudo, seja a crença de Kircher em algo que ele denominou panspermia, uma força seminal das coisas ou esperma universal que ele acreditava estar armazenado no sol e que descia constantemente para afetar todas as coisas na Terra.26

Kircher acreditava que os objetos vivos e inanimados podiam receber esta panspermia e ser energizados ou animados com esta força solar subtil mas poderosa. Kircher acreditava também que os antigos egípcios tinham sido os primeiros a canalizar a panspermia e a incorporá-la em estátuas e obeliscos. Este é precisamente o tipo de magia talismânica que se encontra no Asclépio e que foi desenvolvida por Marsilio Ficino.

Kircher deve ter pensado que um obelisco autêntico de Heliópolis era ideal para tal propósito mágico. A Professora Anna M. Partini, vice-presidente da Accademia Tiberina di Roma, no seu livro Roma Egizia: culti, templi e divinità Egizie nella Roma Imperiale, do qual é

coautora com Boris de Rachewiltz, afirmou que era precisamente isto que Kircher tinha em mente:

Os obeliscos eram para Kircher a expressão suprema da sabedoria egípcia, símbolos solares por excelência através dos quais a Luz divina se manifesta e desce sobre os homens e a matéria.27

No Obeliscus Pamphilius, que dedicou ao Papa Inocêncio X, Kircher incorporou um diagrama que ostentava a legenda "Obeliscus Heliopolitanus"28 e estabeleceu uma ligação entre a crux ansata (o ankh egípcio) inscrita neste obelisco e a cruz cristã colocada no topo do obelisco do Vaticano pelo Papa Sisto V em 1586. De acordo com Frances A. Yates:

Kircher [afirmou] que Hermes Trismegisto inventou a forma egípcia da cruz, a crux ansata, à qual chama a "crux Hermética". A cruz egípcia ou hermética, diz Kircher, era um "amuleto potentíssimo" . . . e Marsilio Ficino descreveu o seu poder. Kircher está, assim, de acordo com Ficino quanto ao poder da cruz egípcia . . . os hieróglifos no obelisco de Heliópolis [o obelisco da Piazza Navona], que incluem várias representações do que Kircher chama a cruz egípcia, são explicados como tendo o significado do obelisco mostrado no centro [do diagrama], no qual se encontra uma cruz cristã e o sol.29

Ainda mais surpreendente, Kircher passa a propor que os textos em latim a colocar no obelisco da Piazza Navona contivessem uma referência a Heliópolis e aos escritos herméticos (Athanasii Kircheri, Obeliscus Pamphilius, Roma MDCL, ed. Ludovici Grignani, folhas 32–34). Embora os textos constem do seu livro, acabaram por não ser utilizados no próprio obelisco.

TEXTO (FACE SUL)

OBELISCO HERMÉTICO, ERGUIDO PELO REI SALVADOR EM HELIÓPOLIS / TRANSPORTADO PARA ROMA PELO IMPERADOR CARACALA / ENCONTRADO CAÍDO E QUEBRADO EM PEDAÇOS ENTRE AS RUÍNAS DO CIRCUS CASTRENSE / POR INOCÊNCIO X P.M. / PARA DECORAR A FONTE DA ÁGUA VIRGEM POR ESTUDIOSOS DOS MISTÉRIOS DOS EGÍPCIOS / QUE O MOVERAM, RESTAURARAM E ERGUERAM.

TEXTO (FACE OESTE)

INOCÊNCIO X P.M. / UNINDO O APRAZÍVEL POÇO COM O NOBRE ENSINAMENTO / COMBINANDO A PEDRA COM LETRAS GRAVADAS DOS ENIGMÁTICOS TEXTOS HERMÉTICOS / NA FONTE DA ÁGUA VIRGEM / ERGUIDA PARA SACIAR A SEDE DO CORPO E O DESEJO INSACIÁVEL DAS MENTES.

O frontispício do livro de Kircher, Obeliscus Pamphilius, mostra o antigo obelisco ainda caído, enquanto Mercúrio-Hermes paira sobre o solo segurando um pergaminho com as palavras "Obeliscus Pamphilius". Devemos compreender que Mercúrio-Hermes é o autor das misteriosas inscrições e que Kircher conhece os seus segredos. Esta mensagem alegórica é dirigida a um anjo feminino que olha para cima com gratidão para Mercúrio-Hermes, indicando que a sabedoria inscrita no obelisco está agora a ser revelada por Kircher.

Ao lado do anjo está uma criança pequena com um dedo na boca e com um pé sobre um crocodilo, uma representação bem conhecida de Hórus-Harpócrates, o filho de Ísis e Osíris. O leitor recordar-se-á do capítulo 3 que grande parte do mesmo simbolismo foi utilizado por Edmund Spenser para Isabel I como Britomarte, quando esta se transforma na deusa Ísis e copula com o crocodilo para produzir um rei-leão.

Seja como for, não se sabe o que o Papa Inocêncio X pensou de tão flagrante simbolismo hermético ao lado do seu nome no obelisco. Mas, independentemente do que o papa pudesse ter pensado, pareceu bastante feliz em permitir que o livro de Kircher, com todas as suas implicações herméticas, fosse impresso e amplamente divulgado em Roma.

A CONTROVÉRSIA DO OBELISCO DA PIAZZA NAVONA

O Papa Inocêncio X não era bem visto devido a este e a outros projetos. Foram utilizados fundos colossais para o jubileu bicentenário (1650) para embelezar Roma, principalmente como uma forma de propaganda para a Contrarreforma. As pessoas acusavam o papa de esbanjar dinheiro quando grande parte da população de Roma sofria

de desnutrição. Outro problema com Inocêncio X era o facto de ser muito influenciado pela sua cunhada, Olimpia Maidalchini. Corria até o boato de que ela seria sua amante. Era chamada de "La Papessa" (a Papisa) pelas costas.

No que diz respeito ao obelisco da Piazza Navona, o texto proposto por Kircher não foi utilizado. No entanto, numa carta datada de 16 de novembro de 1650, escrita a Kircher por um jesuíta chamado Judok Kedd, o autor comentava jocosamente: "O Papa Inocêncio X leu o Obeliscus Pamphili de Kircher no seu quarto privado!"

Kircher era um escritor de cartas prolífico. Correspondia-se com mais de 760 personalidades notórias, incluindo papas, monarcas, príncipes, cardeais, cientistas, colegas jesuítas e amigos de toda a Europa e não só. A maior parte da sua correspondência está arquivada na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

Fabio Chigi, o velho amigo de Kircher que este conhecera quinze anos antes em Malta e que era tão interessado quanto ele nos mistérios egípcios, tinha acabado de chegar a Roma. Chigi, que em breve se tornaria o Papa Alexandre VII, viria mesmo a superar todos os seus predecessores em despesas em monumentais projetos de embelezamento da Cidade Eterna envolvendo obeliscos egípcios antigos. Não esqueçamos também Bernini neste assunto da Piazza Navona, pois foi ele quem desenhou a fonte sobre a qual o obelisco foi colocado.

Podemos assumir com segurança que, tendo trabalhado de perto com Kircher neste projeto durante vários meses, eles terão discutido o simbolismo das inscrições, talvez até as ideias de Kircher sobre a panspermia e as suas próprias opiniões privadas sobre a controvérsia heliocêntrica. Se o fizeram, não há, contudo, registo de tais conversas. No entanto, mesmo que Kircher não tivesse discutido a controvérsia heliocêntrica com Bernini, havia provavelmente outro padre-astrónomo jesuíta com quem ele quase de certeza o fez.

Voltamo-nos agora para o nosso quarto protagonista…

O CONFESSOR DO CONCLAVE

Quando Kircher ingressou no Collegio Romano em 1633, vinha substituir outro padre-astrónomo jesuíta que tinha sido diretor do Collegio, mas que era agora o reitor do novo Colégio Jesuíta em

Pádua. O seu nome era Niccolò Zucchi. Dez anos antes, em 1623, Zucchi fizera parte de uma delegação de alto nível enviada a Praga pelo Papa Urbano VIII à corte de Fernando II, o imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Ali, Zucchi conhecera o grande astrónomo alemão Johannes Kepler, e os dois homens travaram uma amizade estreita.

Zucchi tentara converter Kepler ao catolicismo, mas sem sucesso. Não obstante, Zucchi demonstrara uma enorme amabilidade para com Kepler ao oferecer-lhe um telescópio que trouxera de Roma, um objeto muito precioso e raro naqueles dias. Kepler nunca esqueceria este ato generoso e amável de Zucchi. Poucos anos mais tarde, em 1630, Kepler mencionou-o na sua última obra, O Sonho de Kepler.30

Isto figurava na dedicatória do livro, sob a forma de uma carta dirigida ao padre-matemático jesuíta suíço Paul Guldin, um luterano que se convertera ao catolicismo e amigo próximo de Zucchi. Guldin, tal como Zucchi, também tinha ensinado no Collegio Romano e fora ele quem, pelos vistos, instara Zucchi a dar o telescópio a Kepler em nome da Companhia de Jesus, ou seja, a Ordem dos Jesuítas. Eis o que Kepler escreveu sobre Guldin e Zucchi na dedicatória:

"Ao Reverendíssimo Padre Paul Guldin, sacerdote da Companhia de Jesus, venerável e erudito homem, amado patrono. Quase não há ninguém nesta época com quem eu prefira discutir assuntos de astronomia do que convosco. O Padre Zucchi não poderia ter confiado esta dádiva tão notável — refiro-me ao telescópio — a ninguém cujos esforços nesta matéria me agradem mais do que os vossos."31

O mero facto de Kepler ter dedicado o livro a Guldin e Zucchi, sendo ambos não só membros seniores da Ordem dos Jesuítas mas também eminentes matemáticos e astrónomos ligados ao Collegio Romano, deveria dizer-nos muito. Deveremos ler nas entrelinhas da dedicatória de Kepler que, agora no fim da sua vida (Kepler faleceu nesse mesmo ano de 1630), ele queria solicitar o apoio destes jesuítas de mente aberta para fazer algo relativamente ao impasse provocado pela postura obstinada assumida pelo Vaticano em relação à verdade heliocêntrica? Seria esta a verdadeira intenção de O Sonho?

Seja como for, quando Zucchi regressou a Roma, manteve correspondência com Kepler. Zucchi era, na verdade, um astrónomo

altamente consagrado por mérito próprio. É-lhe atribuída a invenção do telescópio refletor em 1616 e também a descoberta das faixas de Júpiter em 1630. Acredita-se mesmo que a sua Optica philosophia experimentalis et ratione a fundamentis constituta terá provavelmente inspirado Newton a aperfeiçoar o telescópio refletor.*69 Terá Zucchi apoiado em privado as teorias de Kepler? Consideraremos esta questão mais adiante neste capítulo.

Zucchi, como é óbvio, conhecia Kircher. Por exemplo, ambos estiveram juntos durante a famosa "experiência do vácuo com coluna de água"†70 realizada pelo matemático Gasparo Berti em Roma por volta de 1641. Zucchi era também um amigo muito próximo de Bernini e tinha uma relação especial com Fabio Chigi. Em abril de 1655, após a morte de Inocêncio X e enquanto o conclave papal de cardeais estava prestes a fazer de Fabio Chigi papa, Zucchi foi nomeado confessor do conclave.32

E, uma vez eleito, o Papa Alexandre VII nomeou Zucchi seu pregador apostólico, uma posição muito privilegiada que aproximaria extremamente os dois homens. Bernini era um grande admirador de Zucchi e elogiava abertamente o jesuíta astrónomo e padre por "ser o melhor pregador que alguma vez ouvira".33 Zucchi e Bernini desenvolveram claramente uma amizade muito estreita que durou até à velhice de ambos, como se pode constatar pelo tom caloroso e íntimo nas inúmeras cartas da sua correspondência.*71

Mais importante ainda, Bernini e Zucchi tinham colaborado juntos em 1631 num projeto que parecia apoiar a teoria heliocêntrica.35 Como acontecia frequentemente, o desenho do frontispício destinava-se a transmitir uma mensagem poderosa e importante, mas velada em linguagem alegórica. No frontispício de Zucchi, que foi desenhado para ele por Bernini, mostra-se uma águia a voar da Terra em direção ao sol. Irving Lavin, doutor e professor de história da arte na Universidade Estatal da Pensilvânia, realizou um estudo detalhado do frontispício e concluiu que este poderá ser uma representação do sistema heliocêntrico:

"[Bernini] retrata o que só pode ser descrito como um acontecimento cósmico real que envolve uma magnífica águia interplanetária e dois corpos celestes em relação dinâmica um com o outro . . . dificilmente pode ser uma coincidência que um passo

significativo nessa direção tenha sido dado vinte anos antes numa composição monumental com a qual Bernini estava intimamente familiarizado, envolvendo o sol, uma águia e uma terra esférica num desenho cósmico semelhante.... O desenho foca-se principalmente no sol e na terra, e a sua relação excêntrica tem sido interpretada como uma alusão ao sistema heliocêntrico."36

A composição monumental com a qual Bernini estava intimamente familiarizado é o fresco La Divina Sapienza pintado por Andrea Sacchi para o Palazzo Barberini, que discutimos no capítulo 4. Embora Zucchi seja frequentemente citado pelos historiadores como um oponente de Galileu, a sua relação com Kepler sugeriria o contrário, e o frontispício do seu livro, realizado por Bernini, é, tal como o fresco de Sacchi, uma alegoria do sistema heliocêntrico ou, pelo menos, uma tentativa de conciliar o conflito de "fé contra facto" imposto pelo Vaticano aos cientistas jesuítas.

O ano em que Sacchi pintou o fresco — 1629 a 1630 — foi o mesmo ano em que o Papa Urbano VIII nomeou Bernini arquiteto do Vaticano e também quando Campanella se encontrava no Palazzo Barberini a realizar rituais mágicos com o papa para afastar a "ameaça de morte" do próximo eclipse.

Chegando agora ao fatídico ano de 1656, quando Zucchi e Bernini trabalhavam em estreita colaboração e quando a Rainha Cristina da Suécia desfrutava da nova amizade com Bernini, bem como da lisonjeira atenção e consideração do Papa Alexandre VII e da total cortesia de Athanasius Kircher, podemos ver como esta congregação de luminares — um astrónomo, um arquiteto e artista, um cabalista hermético, uma rainha virgem erudita e temperamental e um papa-poeta ao leme do catolicismo romano — poderia criar uma mistura explosiva de ideias. Poucos poderiam estar mais próximos de Alexandre VII neste momento preciso do que estes quatro indivíduos altamente influentes. Zucchi e Kircher eram padres jesuítas e também astrónomos; Bernini, o maior arquiteto vivo do seu tempo; e Cristina, a "Ísis Renascida" e encarnação da sabedoria divina que a todos encantava.

Um plano surpreendentemente ousado, mas altamente inspirador, estava prestes a ser urdido: a construção real da tão aguardada Cidade do Sol.

Mas façamos uma pausa e realizemos outra incursão de volta no tempo..

INCURSÃO SETE, PRAÇA DE S. PEDRO, 1608
UM ERRO DELIBERADO

Depois de o arquiteto papal Fontana ter erguido o obelisco em frente à nova Basílica de S. Pedro em 1586, sucederam-se cinco papas num período de vinte e dois anos. Quatro deles faleceram pouco depois de se tornarem papas — Urbano VII, Gregório XIV, Inocêncio IX e Leão XI — e o quinto, Clemente VIII, governou durante doze anos. Encontramo-nos agora, em 1608, a três anos do pontificado do Papa Paulo V.

Os trabalhos na nova Basílica de S. Pedro estavam quase concluídos. No entanto, a maioria dos papas que estiveram envolvidos neste projeto desde que as obras começaram em 1506 tinham estado descontentes com o desenho em cruz grega de Bramante e pretendiam, em vez disso, modificar o plano de modo a criar uma cruz latina mais alongada. Isto implicaria tornar a nave muito mais comprida.

Após a morte de Miguel Ângelo em 1564, o projeto para prolongar a nave foi entregue ao arquiteto Carlo Maderno. Ele foi também incumbido de projetar uma nova fachada para a basílica. Os trabalhos começaram em fevereiro de 1608. Enquanto estas obras se encontravam ainda em curso, uma série de acontecimentos aparentemente sem relação, a ocorrer em várias partes da Europa, estava prestes a causar uma das maiores controvérsias da história.

Acontecimento 1, Holanda: Um fabricante de óculos chamado Hans Lippershey acabava de inventar um instrumento em forma de tubo com uma lente ótica em ambas as extremidades que permite que os objetos distantes pareçam mais próximos.

Acontecimento 2, Itália: O astrónomo Galileu Galilei, após ver uma descrição da invenção de Lippershey, realizou alguns melhoramentos significativos na mesma ao aumentar manifoldamente o poder de ampliação. Numa noite límpida, apontou o instrumento em direção ao céu. O que viu apoiava a teoria heliocêntrica de Copérnico. Escassos meses depois, Galileu concluiu o seu livro, Sidereus Nuncius, no qual apresentou as provas que tinha observado com o instrumento em forma de tubo, que era agora chamado de telescópio.

Acontecimento 3, Praga: O matemático e astrónomo Johannes Kepler estava a terminar o seu livro Astronomia Nova, que apresentava as suas primeira e segunda leis do movimento planetário. Isto não só apoiava fortemente a teoria heliocêntrica copernicana, como também a melhorava ao demonstrar que as órbitas dos planetas eram elíticas (e não circulares como Copérnico e Galileu tinham pensado).

O cabo dos trabalhos estava prestes a desabar, ou antes, uma "revolução" que iria abalar fortemente os alicerces do Vaticano. E foi neste preciso momento, por volta de 1608, que o arquiteto Carlo Maderno decidiu tomar uma decisão radical e controversiva relativamente ao alinhamento astronómico da nova Basílica de S. Pedro . . .

DOIS GRAUS PARA NORTE

Podemos talvez imaginar Maderno a contemplar atentamente o obelisco egípcio que se erguia como um sentinela de pedra em frente à nova basílica. Ele apressou-se a notar que algo estava errado na sua relação com o alinhamento do novo edifício que estava a ser concluído (ver as lâminas 3 e 4). Maderno precisava de tomar uma decisão rápida e ousada para "emendar" este erro aparente.

Saliente-se que Maderno era sobrinho de Domenico Fontana, o engenheiro que, escassos anos antes, tinha trazido o antigo obelisco egípcio do Circo de Nero para o Vaticano e o tinha erguido. Na verdade, Maderno encontrava-se em Roma em 1586 quando este acontecimento teve lugar e provavelmente tinha ajudado o seu tio nalguns dos preparativos. Mas agora, vinte e dois anos mais tarde, Maderno percebeu que o seu tio tinha colocado o obelisco um pouco fora de centro em relação ao alinhamento da nova basílica!

Assim, para retificar esta discrepância, Maderno decidiu rodar a nova fachada um pouco para norte, isto é, um pouco no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, de modo a alinhá-la com o obelisco. Maderno conseguiu isto simplesmente tornando a parede sul da fachada ligeiramente mais comprida do que a sua parede norte.37

Existe, contudo, muita discordância entre os historiadores da arquitetura sobre a razão pela qual Fontana tinha "deslocado" o

obelisco e por que razão Maderno optou por torcer a nova fachada da basílica. Por exemplo, alguns especialistas acreditam que:

"A nave [que Maderno prolongou] desvia a sua orientação de forma impercetível para se alinhar com o Obelisco do Vaticano, que Fontana tinha acidentalmente colocado fora de centro: Maderno considerou mais fácil rodar a nave do que mover a agulha egípcia."38 (itálicos no original)

No entanto, outros, como o Professor Terry Kirk, docente de história da arquitetura na Universidade Americana em Roma, veem as coisas de forma algo diferente:

"Fontana colocou este obelisco fora do eixo em relação à orientação da construção da igreja. Isto pode ser facilmente verificado ao notar, em qualquer vista atual do exterior de S. Pedro, a falta de alinhamento da ponta do obelisco com os pontos de referência atrás dela. Nunca se alinha simultaneamente com o frontão da fachada e com a janela central do tambor da cúpula.

A nova igreja, continuando sob os planos de Miguel Ângelo, era no tempo de Fontana ainda uma obra em curso; a sua nave e fachada ainda não tinham sido concebidas, e partes da antiga igreja ainda se erguiam no meio do estaleiro de obras. Mas é improvável que uma discrepância no alinhamento do obelisco tenha sido um descuido do engenheiro.

Com esta colocação específica do obelisco, aproximadamente treze pés (quatro metros) para a esquerda quando se olha a partir da porta principal da igreja, o eixo visual imaginado que se prolonga a partir do complexo foi desviado alguns graus para norte. Teria corrido pelo centro do quarteirão da spina, como se pode ver em mapas precisos como o plano de Giovanni Battista Nolli. Assim, uma aproximação axial longa, orientada para oeste, poderia ter sido realizada economicamente através da simples remoção da spina."39

Por fim, há Federica Goffi, doutorada em investigação de arquitetura e design, que fez referência ao arquiteto e arqueólogo italiano Pierluigi Silvan, o qual estudou os planos da nova Basílica de S. Pedro desenhados pelo artista Tiberio Alfarano (1526–1596). Aparentemente, Alfarano estivera presente durante parte do período de construção de 1564 a 1596 e realizara esboços e desenhos do traçado da nova basílica, mas Goffi nota:

"Silvan salientou que Alfarano não tomou em consideração o facto de a antiga Basílica e a nova terem orientações ligeiramente divergentes. O eixo principal este/oeste da antiga Basílica está rodado 2 graus no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio relativamente ao eixo da nova."40 (itálicos no original)

Observemos este enigma mais de perto.

TORNAR-SE CARNE

Quando Bramante tinha iniciado os trabalhos de construção em 1506 e à medida que o projeto avançava, viu-se obrigado a deitar abaixo grande parte da antiga basílica de Constantino. Nem todos ficaram contentes com esta demolição. A antiga basílica, afinal de contas, erguia-se ali desde 326 d.C. e, por conseguinte, era considerada imbuída de doze séculos de história cristã. Muitos viam-na como um edifício sagrado, no qual não se devia mexer desta forma desrespeitosa. Quando Fontana trouxe o obelisco do Circo de Nero para o erguer em frente à basílica, grande parte da frente da antiga basílica de Constantino ainda lá estava, e por trás desta encontrava-se a nova basílica quase concluída. Fontana tinha, assim, dois alinhamentos por onde escolher: o da nova basílica e o da antiga basílica. A diferença entre ambos os alinhamentos era de 2°, de tal modo que o eixo da antiga basílica corria para a esquerda, ou seja, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio em relação ao eixo da nova basílica.

Fontana era um dos engenheiros e arquitetos mais respeitados em Roma. Era conhecido por ser extremamente meticuloso e preciso. Em consideração ao enorme prestígio e importância deste projeto, pareceria estranho, na verdade improvável, que um engenheiro tão consagrado cometesse um erro de 2° ao colocar o obelisco em frente à nova basílica. Devemos, portanto, assumir que não se tratou de um erro, mas sim de uma escolha deliberada. De qualquer modo, devido a esta escolha, o obelisco encontra-se hoje cerca de 1,5 metros à esquerda do eixo prolongado da nova basílica. Este desalinhamento é muito percetível hoje em dia se se tentar avistar a cruz no topo do obelisco alinhada com a cruz no topo da cúpula.

Então, por que razão fez Fontana esta escolha ao colocar o obelisco? E por que razão, de facto, Maderno seguiu o exemplo com a nova fachada?

Lembramo-nos do capítulo 3 que, quando Fontana moveu o obelisco, o Papa Gregório XIII tinha reformado o antigo calendário juliano escassos quatro anos antes com a ajuda do jesuíta e astrónomo Christopher Clavius do Collegio Romano. Não é geralmente reconhecido pelos historiadores modernos que as principais razões — na verdade, provavelmente a razão principal — para a reforma do calendário não foram práticas, mas sim religiosas. A festa mais importante no catolicismo romano era, e continua a ser, a Anunciação, também conhecida como a Encarnação. É o momento em que o Arcanjo Gabriel anunciou a Maria que ela ficaria grávida (a Anunciação) e, consequentemente, o Espírito Santo encarnaria no ventre de Maria, ou seja, tornar-se-ia carne. Este é realmente o ponto preciso em que o cristianismo verdadeiramente começa. Para o dizer de forma muito simples, sem a Encarnação, o cristianismo não teria acontecido. Olhemos para os factos e também para o contexto da situação.

Fontana encontrava-se em Roma em 1581 e 1582, quando a questão da reforma do calendário estava a ser calorosamente debatida no Vaticano e no Collegio Romano. Ele estava a realizar trabalhos na vivenda do Cardeal Felice Peretti, o futuro Papa Sisto V. Quando Peretti se tornou papa em 1585, nomeou Fontana como arquiteto do Vaticano e incumbiu-o de trazer o obelisco egípcio do Circo de Nero e de o erguer em frente à Basílica de S. Pedro. Nessa altura, as últimas fases dos trabalhos de construção da nova basílica estavam a ser executadas, mas, como já salientámos, partes da fachada da antiga basílica ainda se encontravam de pé.

A primeira coisa a notar aqui é que o novo calendário gregoriano trouxe de volta a data do verdadeiro equinócio vernal astronómico para o dia 21 de março (no calendário gregoriano), que era o verdadeiro equinócio vernal astronómico quando Constantino construiu a antiga basílica, por volta de 330 d.C.

Mas o alinhamento desta antiga basílica não era em direção ao nascer do sol no verdadeiro equinócio vernal astronómico, mas sim cerca de 2° para norte desse ponto. É também claro que Fontana

utilizou o alinhamento da antiga basílica para colocar o obelisco. Então, com que data do nascer do sol estava alinhada a antiga basílica? Porquê estes 2° para norte?

Sir Norman Lockyer, o prestigiado astrónomo britânico que é considerado o "Pai da Arqueoastronomia", escreveu:

"No que respeita à antiga S. Pedro em Roma, lemos que 'tão exatamente orientada no sentido este-oeste estava a basílica que, no equinócio vernal, as grandes portas do pórtico do quadripórtico eram abertas de par em par ao nascer do sol, assim como as portas orientais da própria igreja, e à medida que o sol nascia, os seus raios passavam pelas portas exteriores, depois pelas portas interiores, e penetrando diretamente através da nave, iluminavam o Altar-Mor'."41 (itálicos no original)

Mas estará Lockyer correto ao afirmar isto? Lockyer está na realidade a citar um artigo que viu na revista The Builder de 1892. Em 1967, a mesma afirmação foi repetida pelo historiador de arquitetura britânico James Lee-Milne, que escreveu: "De facto, no equinócio vernal, as grandes portas do pórtico e as da igreja eram abertas de par em par ao amanhecer para permitir que os primeiros raios iluminassem o túmulo do Apóstolo, enquanto o coro e a congregação irrompiam num cântico de ação de graças".42

Aprendi por experiência, contudo, que quando se trata de tais questões de alinhamentos de edifícios importantes, a única forma de ter a certeza absoluta da verdadeira orientação é, literalmente, medi-la por nós próprios e, se possível, obter a confirmação do resultado de forma independente por um topógrafo-astrónomo qualificado. Para este fim, pedi a Sandro Zicari, meu colega em Roma, que fizesse um levantamento inicial.

Sandro é doutorado em matemática aplicada e estatística, e é extremamente meticuloso em tudo o que se relaciona com medições. O seu levantamento inicial confirmou que existia uma diferença de cerca de 2° entre o alinhamento da nova basílica e o do obelisco. No jargão astronómico, o azimute do obelisco, conforme avistado a partir do centro da fachada da nova basílica, é de 88° de azimute. A partir da latitude de Roma, isto significa que este alinhamento se orienta em direção ao nascer do sol no dia 25 de março. Esta data é, naturalmente, a Solenidade da Encarnação (Anunciação). Afinal de contas, Fontana

não cometeu um erro, limitou-se simplesmente a manter o alinhamento original da antiga basílica de Constantino, que foi definido para celebrar a festa mais importante da cristandade: a Encarnação.

A "NOVA ROMA" E A "SEGUNDA" BASÍLICA

Por volta de 330 d.C., sensivelmente na altura em que a primeira Basílica de S. Pedro estava a ser concluída no Vaticano, em Roma, por Constantino, o Grande, este decidiu também fundar uma segunda capital para o novo Império Romano. Escolheu um local em Bizâncio (atual Turquia), à entrada do Bósforo. Sob o ponto de vista estratégico, esta era uma localização ideal, situando-se na junção entre as partes oriental e ocidental do Império.

Foi assim fundada Konstantinopolis, "A Cidade de Constantino" — uma "Nova Roma" ligada simbolicamente à "Velha Roma" em Itália. Poderá haver, contudo, uma razão astronómica e astrológica para a escolha desta localização. Para a basílica em Constantinopla, os arquitetos selecionaram um local que estava em alinhamento direto com o Vaticano. À basílica foi dado o nome de Santa Sabedoria — em italiano, Divina Sapienza, ou Hagia Sophia.

Nadine Schibille, professora de história da arte que estudou o traçado astronómico da Hagia Sophia, demonstrou que esta estava originalmente alinhada com o solstício de inverno.43 Sabe-se também que a Hagia Sophia foi consagrada a 25 de dezembro de 360 d.C., e que o seu eixo principal corre próximo do azimute de 123,5°, marcando com muita precisão o solstício de inverno.

O mesmo azimute também funcionaria oticamente para o dia 25 de dezembro, ou seja, assinalando o nascimento de Jesus — o nascimento da Encarnação. O dia 25 de dezembro situa-se, evidentemente, nove meses após o dia 25 de março, que é a orientação da antiga Basílica de S. Pedro em Roma. A ligação entre as duas basílicas é, assim, o ciclo do calendário dos dois acontecimentos mais importantes da cristandade, a saber, a conceção e o nascimento de Cristo.

A FONTE DE MADERNO

Quando Maderno concluiu a fachada da nova basílica em 1612, foi-lhe pedido pelo Papa Paulo V que projetasse uma fonte para substituir uma mais antiga que ali se encontrava desde 1490. Esta fonte situava-se cerca de sessenta metros para norte do obelisco.*72 A Fonte de Maderno, como é chamada atualmente, foi concluída em 1613. Esta disposição esquemática da fonte única e do obelisco no espaço então aberto que mais tarde se tornaria a Praça de S. Pedro permaneceu inalterada até à chegada do Papa Alexandre VII em 1655.

AVANÇO RÁPIDO PARA MAIO DE 1655

A coroação de Alexandre VII no trono de S. Pedro, em maio de 1655, trouxe uma lufada de ar fresco aos corredores bolorentos do Vaticano e também às instituições académicas em Itália e no resto da Europa, pois este novo papa era conhecido por ser um homem afável, sensível, instruído e muito lido e, acima de tudo, tinha um profundo interesse em temas como o hermetismo e os mistérios egípcios, provavelmente alimentado pelo seu amigo jesuíta Athanasius Kircher. Depois de tratar de todos os assuntos de administração e finanças que exigiam a sua atenção imediata — o orçamento do Vaticano estava em ruínas —, Alexandre VII voltou-se para o seu interesse mais estimulante: o embelezamento da Cidade Eterna com projetos monumentais para a restaurar à sua antiga glória imperial da idade de ouro de Roma.

Mas primeiro as coisas mais importantes . . .

Em dezembro de 1655, o Papa Alexandre VII organizou uma receção faustosa para a Rainha Cristina da Suécia, que chegou a Roma com a sua enorme comitiva da corte. A celebração em sua honra começou cedo e prolongou-se por toda a noite com espetáculos de fogo de artifício e desfiles. Como vimos anteriormente, no dia de Natal de 1655, o papa converteu Cristina ao catolicismo e rebatizou-a de Alexandra Maria.

Nas semanas seguintes, o papa dedicou a maior parte da sua atenção a Cristina. Depois, com apenas algumas semanas de decorridas no Ano Novo, em fevereiro de 1656 para ser preciso, Alexandre VII convocou o seu artista favorito, Bernini, para lhe falar

sobre um grande projeto que tinha em mente. Sendo agora um homem maduro e enormemente famoso em toda a Europa, a Bernini foi concedida a encomenda arquitetónica com que há muito sonhava.

Após várias discussões sobre a escolha do projeto e os custos, a Bernini foi formalmente adjudicada a comissão para o projeto a 31 de julho de 1656.*73 Temos de imaginar esta situação extraordinária. Bernini encontrava-se no seu quinquagésimo nono ano de vida, um homem velho segundo os padrões do século XVII. Estava, no entanto, em excelente forma física e mental.*74

Um biógrafo contemporâneo de Bernini, Filippo Baldinucci, relatou que, quando Bernini era apenas um rapaz, se encontrou na companhia do grande artista Annibale Carracci e de outros mestres enquanto passeavam e conversavam no exterior da Basílica de S. Pedro. Carracci ter-se-á voltado para o jovem Bernini e dito: "Acredita em mim, chegará o dia, mas quando ninguém o sabe, em que um génio prodigioso realizará dois grandes monumentos no meio e no fim deste templo numa escala condizente com a vastidão do edifício".44

Tais palavras foram mais do que suficientes para fazer Bernini sonhar em ser esse génio prodigioso. Ele terá sorrido e respondido a Carracci: "Oh, quem me dera poder ser eu".

E agora, finalmente, aqui estava ele, prestes a projetar um dos maiores empreendimentos da cristandade! Deve ter parecido que o próprio Deus, na sua infinita sabedoria, tinha mantido Bernini com boa saúde e boa disposição para enfrentar este projeto por excelência, talvez como Imhotep, o Esculápio egípcio, se deve ter sentido quando o faraó lhe pediu para projetar o primeiríssimo grande complexo de pirâmides. E ali estava, o projeto de uma grande praça para o Vaticano entregue-lhe numa bandeja de prata.

Contudo, essa atenção benevolente e divina não se tinha manifestado de todo para o bom amigo e patrono de Bernini, o Papa Alexandre VII. O pontífice sofria agora terrivelmente de cálculos biliares e tinha também perdido todos os dentes, o que o obrigava a comer apenas alimentos moles, como um recém-nascido.

De facto, de tal modo o papa estava preocupado com a perspetiva de morrer em breve que encarregou Bernini de lhe fazer um caixão e

uma caveira de mármore, que guardava no seu quarto, por precaução. O papa encontrava-se também muito preocupado com os problemas políticos que tinha com o poderoso Rei Sol, Luís XIV de França, bem como com os graves problemas financeiros que assolavam os cofres do Vaticano.

Como seria de esperar, os custos gigantescos dos projetos de embelezamento, especialmente a Praça de S. Pedro, que acabava de encomendar a Bernini — estimados em cerca de metade do orçamento anual da cidade —, suscitaram muitas críticas, não apenas da população, mas também de alguns cardeais mais frontais. Para dizer o mínimo, o papa não estava a ser razoável com um gasto tão maciço. Mas, apesar do seu mau estado de saúde e da crescente oposição aos seus excessos financeiros exorbitantes, Alexandre VII avançou mesmo assim com o projeto da Praça de S. Pedro.

O REI SOL E O PAPA SOLAR

Em meados de 1600, dizer que as relações entre Roma e Paris estavam um pouco tremidas seria um eufemismo grosseiro. Quando o Cardeal Fabio Chigi foi eleito como Papa Alexandre VII em 1655, a situação política entre o Estado francês e o Vaticano tinha-se deteriorado até ao seu ponto mais baixo. Não era segredo para ninguém que o jovem rei Luís XIV, então com apenas dezassete anos em 1655, estava a ser considerado, e mais concretamente se considerava a si próprio, como um milagre de Deus e uma espécie de rei sol à semelhança dos antigos faraós, ou de um mítico Apolo, ou de um Alexandre, o Grande, reencarnado. Os seus pais, Luís XIII e Ana de Áustria, tinham permanecido sem filhos durante quase vinte anos de casamento.

A Rainha Ana tinha produzido vários nados-mortos e, por volta de 1637, a corte e todo o país estavam convencidos, também face aos boatos de que Luís XIII seria homossexual, de que o casal real permaneceria sem descendência. Mas foi então que o Dominicano e mago-astrólogo hermético Tommaso Campanella fez a sua famosa previsão de que a Rainha Ana daria em breve à luz um herdeiro, um filho do sol que um dia governaria o mundo como o mais “Rei Cristão”.

Para surpresa e alegria de todos, a 5 de setembro de 1638 (que por estranho destino calhou ser também o dia do aniversário de Campanella), nasceu o futuro Luís XIV. O seu nascimento foi visto como um milagre, e ele rapidamente adquiriu o epíteto de Dieudonné (Dado por Deus). E muito em breve seria chamado de Roi Soleil, o Rei Sol.

Aquando da morte do pai, frágil e homossexual, do jovem Rei Sol, em maio de 1643, a Rainha Ana entregou o poder ao seu conselheiro de confiança, o Cardeal Mazarin, um italiano que desprezava o Vaticano. Os historiadores suspeitam que Mazarin e a Rainha Ana eram amantes, e corria mesmo o boato de que ele seria o verdadeiro pai de Luís XIV, embora tal nunca tenha sido provado.

Foi Mazarin quem negociou e selou o famoso Tratado de Paz de Vestfália entre protestantes e católicos, que pôs fim à terrível Guerra dos Trinta Anos, mas que também expôs o Vaticano como enfraquecido e a perder rapidamente a sua autoridade sobre a cristandade. Por outro lado, a França sob Luís XIV tornou-se a superpotência da Europa. Em 1655, no momento em que o Papa Alexandre VII planeava a ideia de incumbir Bernini de projetar a Praça de S. Pedro em Roma, era do conhecimento geral que o jovem Luís XIV de França se via não só como o Rei Sol e Roi Très Chrétien (Rei Muito Cristão), mas que tinha também demonstrado sérias ambições de governar toda a Europa, se não mesmo o mundo inteiro.

Deve ter parecido àqueles que sabiam do assunto que o sonho de Campanella de um monarca solar para governar um mundo católico a partir de uma cidade do sol se estava a tornar realidade (ver apêndice 1). Terá tudo isto impelido o Papa Alexandre VII a encomendar a Bernini o desenho da sua própria cidade do sol para o Vaticano em Roma, mesmo contra a enorme oposição pública a este projeto?

O NOVO MIGUEL ÂNGELO E O MODELO DO UNIVERSO

Quando Bernini tomou posse do local, a área aberta em frente à basílica era delimitada por edifícios antigos, especialmente no lado sul com o Rione di Borgo, um bairro antigo que fora outrora uma cidade independente conhecida como Civitas Leonina (a Cidade Leonina). Em 1586, contudo, o Papa Sisto V tinha-o anexado ao Vaticano, no

mesmo ano em que Fontana erguera o obelisco egípcio em frente à basílica.

Podemos bem imaginar o envelhecido Bernini a caminhar calmamente em redor do obelisco egípcio, observando tudo à sua volta; a norte do obelisco encontrava-se a Fonte de Maderno, a sul o antigo Borgo e a este uma avenida retilínea chamada Spina, ladeada por casas e vivendas. No extremo mais distante da Spina, Bernini conseguia avistar de forma ténue o lado sul do Castel Sant'Angelo, a imponente fortaleza papal que servia também de prisão. Era ali que Giordano Bruno tinha estado encarcerado sessenta anos antes.

Desde a infância que Bernini sonhava tornar-se o "Miguel Ângelo da sua época". E agora ali estava a oportunidade de superar até o grande Miguel Ângelo ao acrescentar uma obra-prima arquitetónica ao Vaticano, o epicentro da cristandade. Não andaríamos longe da verdade ao dizer que Bernini, e provavelmente também o Papa Alexandre VII, sentiram a mão da providência divina nisto. E talvez o mesmo tenham sentido Athanasius Kircher e a Rainha Cristina, que foram também intervenientes de relevo nesse ano memorável de 1656 em Roma.

Os críticos e opositores ao projeto podiam muito bem vociferar, mas este era um projeto para a glória de Roma e do catolicismo que traria muitos de volta à Igreja. Não se poupariam despesas nem esforços. De facto, numa declaração apaixonada que Bernini proferiu contra os críticos do papa e deste projeto, afirmou ele:

Em virtude dos seus méritos, o Cardeal Fabio Chigi parecia destinado, acima de todos os outros, a ocupar o trono de S. Pedro quando, de facto, no ano de 1655, as preces incessantes da Igreja e a aclamação do povo deram origem a um Alexandre [o Grande] . . . ele decidiu assim empreender a construção desta grande estrutura [la Piazza di San Pietro]…

Pois, dado que a Igreja de S. Pedro é, por assim dizer, a Mãe de todas as outras, deve ter um pórtico que exprima o facto de que ela, com braços abertos de forma maternal, recebe os católicos para os confirmar na sua fé, os heréticos para os reunir à Igreja e os infiéis para os iluminar na verdadeira fé.45

Miguel Ângelo tinha imortalizado o seu nome no Vaticano com os desenhos da cúpula para a nova basílica, a Pietà e, de forma ainda mais dramática, com as pinturas no teto e nas paredes da Capela Sistina. Bernini estava prestes a fazer o mesmo, na verdade, talvez até melhor. Ele transformaria o espaço vazio com o obelisco solitário em frente à basílica num universo, e faria da cátedra de S. Pedro e dos seus sucessores o epicentro do mundo, à semelhança do sol copernicano ou, melhor ainda, do sol kepleriano. O conceito de Bernini não era apenas uma alegoria artística, como o fresco La Divina Sapienza no Palazzo Barberini, mas sim uma verdadeira representação da perfeição geométrica do mundo que ele, Bernini, esculpiria em pedra.

Em 1656, ouvia-se falar muito, por trás de portas fechadas, de que a verdadeira forma da órbita de um planeta não era circular, mas sim elítica. Pareceria, de facto, muito estranho se os seus amigos astrónomos mais próximos, os jesuítas Niccolò Zucchi e Athanasius Kircher, não discutissem tais assuntos com Bernini, embora em privado, uma vez que tais ideias eram ainda consideradas heréticas pelo Vaticano. Havia, também, Cristina da Suécia, que gravitava em torno destes homens, ela própria uma fervorosa astrónoma amadora que tinha estudado sob a orientação de Descartes e mantinha correspondência com os astrónomos Gassendi e Cassini, tendo ambos aceitado o sistema heliocêntrico na parte final das suas carreiras.

Com todas estas sumidades científicas em seu redor, seria muito estranho se Bernini não se apercebesse de que o seu traçado arquitetónico para a Praça de S. Pedro espelhava a primeira lei de Kepler do movimento planetário. E mesmo que, por alguma razão peculiar, ele não o fizesse, então certamente pelo menos um dos astrónomos ao seu redor deveria tê-lo feito. Seja como for, Bernini optou por projetar a praça como uma elipse gigante. Chegou inclusive a utilizar a Fonte de Maderno como um dos focos da elipse. Uma elipse com apenas um dos dois focos visível é precisamente a expressão esquemática da primeira lei de Kepler do movimento planetário.

Será a estranha semelhança da Praça de S. Pedro com a primeira lei de Kepler nada mais do que um mero acaso? Estaremos perante

uma coincidência — embora extremamente bizarra —, mas, não obstante, uma coincidência?

Olhemos mais de perto . . .

ALGUNS DOS OUTROS PROJETOS RELACIONADOS DE BERNINI

Em 1643, sob o pontificado de Urbano VIII, Bernini foi incumbido de projetar uma pequena capela dedicada aos Três Reis Magos. Enquanto elaborava os planos e iniciava os trabalhos, Urbano VIII faleceu, sendo sucedido por Inocêncio X. Este último entregou o projeto ao rival de Bernini, Francesco Borromini. Por essa altura, as teorias heliocêntricas de Copérnico e Kepler já eram bem conhecidas. Não nos deve surpreender que Bernini tenha desenhado a planta da capela com a forma de uma elipse. Isto demonstra que o modelo heliocêntrico de Kepler já se encontrava na mente de Bernini logo em 1643.46

Em 1666, enquanto a Praça de S. Pedro se aproximava da sua conclusão, o Papa Alexandre VII encomendou a Bernini e a Kircher a construção de um monumento na Piazza della Minerva, onde outrora se erguera um obelisco em frente a um templo dedicado à deusa egípcia Ísis. Bernini esculpiu um elefante, sobre as costas do qual foi colocado o obelisco. Ironicamente, a parte traseira do elefante está direcionada para o convento dos dominicanos, onde teve lugar o julgamento de Galileu em 1633. Oito anos após a morte do Papa Alexandre VII, em 1675, Bernini projetou a segunda fonte para o lado sul do obelisco do Vaticano.

O PLANO

Bernini estaria perfeitamente ciente de que o obelisco do Vaticano, no centro do seu traçado elítico, era um símbolo solar egípcio de Heliópolis, a Cidade do Sol. Lembramo-nos do seu envolvimento com Kircher escassos anos antes com o obelisco da Piazza Navona. Kircher tinha também chamado a esse obelisco "Hermeticum Obeliscus" e tinha-o igualmente ligado ao obelisco do Vaticano, ao qual chamou "Obeliscus Heliopolitanus" (Obelisco da Cidade do Sol).

É evidente que Kircher associava também estes obeliscos à visão de Campanella da utópica Cidade do Sol, como salientou Frances A. Yates:

"A paixão de Kircher pelo Egito leva-o a uma elaborada investigação geográfica, no decurso da qual ele chega à cidade egípcia chamada Heliópolis, ou Civitas Solis, a Cidade do Sol"47 (itálicos no original).

Civitas Solis era, naturalmente, o título em latim do livro de Campanella, A Cidade do Sol. Lembramo-nos também, do capítulo 4, de como Campanella tinha imaginado esta cidade solar como sendo semelhante ao diagrama heliocêntrico copernicano, com um templo solar central rodeado por sete círculos concêntricos que representavam os "sete planetas". Recordamos igualmente como Campanella tinha influenciado Andrea Sacchi, que pintou o fresco La Divina Sapienza como uma alegoria do sistema heliocêntrico e da Cidade do Sol.

Lembramo-nos de como Bernini tinha trabalhado em estreita colaboração com Niccolò Zucchi e tinha desenhado o frontispício da obra de Zucchi, Optica philosophia experimentalis et ratione a fundamentis constituta, como uma alegoria do sistema heliocêntrico. Recordamos de que forma Zucchi tinha efetivamente conhecido Kepler em 1623, em Praga, e mantido correspondência com ele.

Finalmente, lembramo-nos de como Marsilio Ficino, o iniciador da tradição hermética no Renascimento, tinha apelado à criação de um talismã na "imagem do universo" para beneficiar a humanidade com as influências benévolas do céu, e de como Campanella tinha utilizado essa magia talismânica nos rituais realizados com o Papa Urbano VIII na sala do Palazzo Barberini que continha o fresco La Divina Sapienza.

Não nos propomos aqui analisar todas as fases habituais do projeto arquitetónico da Praça de S. Pedro, mas apenas o desenho final, que consiste num traçado oval-elítico ladeado por uma colunata coberta. Embora Bernini insistisse sempre que a escolha de um traçado oval-elítico tinha sido, na realidade, ideia do papa, ele teve claramente uma palavra a dizer na decisão.48

Existem centenas de estudos arquitetónicos sobre o projeto da Praça de S. Pedro de Bernini. Muito se tem discutido sobre se a planta é uma elipse, uma oval ou uma "pseudoelipse", ou seja, dois círculos

unidos por linhas curvas. No fundo, uma elipse não passa de um círculo alongado que possui um ponto central e dois focos em cada lado deste ponto ao longo do eixo principal.

George L. Hersey, professor emérito de história da arte na Universidade de Yale e prestigiada autoridade em arquitetura renascentista italiana, explicou:

"Na elipse de Kepler, como em todas as elipses, a soma das distâncias de qualquer ponto do seu perímetro aos dois focos . . . é sempre igual ao comprimento total do eixo maior."50 (por lapso, a nota no original consta como 49)

O eixo principal da elipse para a Praça de S. Pedro mede 240 metros, e é evidente que Bernini fez do obelisco existente o seu centro e da Fonte de Maderno um dos focos. Isto pode ser verificado matematicamente de forma muito simples, como foi, de resto, demonstrado por Hersey.*75

O centro natural de uma praça deste tipo — o cruzamento dos seus eixos maior e menor — era (ou tornou-se) o obelisco que Domenico Fontana ali tinha erguido em 1585–1586. Os dois focos da elipse foram assinalados com fontes — uma à esquerda, de quem está voltado para S. Pedro, de 1613, de Carlo Maderno, e a outra, a sua gémea — datada de 1677 [por Bernini] . . . tanto quanto sei, a colunata de Bernini tornou-se a primeira verdadeira elipse monumental da era barroca.50

Fazer do "centro natural" da elipse o obelisco egípcio era uma escolha óbvia. Mas o eixo principal da elipse não tinha de ser a linha que passava pelo obelisco e pela Fonte de Maderno. O facto de Bernini ter feito este eixo principal passar pela Fonte de Maderno, bem como ter feito desta última um dos focos da elipse, sugere fortemente, se não prova, que Bernini tinha em mente o diagrama de Kepler para a sua primeira lei do movimento planetário.

Não pode haver dúvidas de que uma elipse com apenas um dos focos — neste caso apenas uma fonte (a segunda fonte foi construída muito mais tarde) — evoca imediatamente a primeira lei de Kepler do movimento planetário, que é precisamente isso: uma elipse com apenas um foco.

Parece impossível que, com tantos astrónomos, profissionais ou amadores fervorosos, diretamente envolvidos com Bernini na altura — Zucchi, Kircher, Cristina da Suécia, para não mencionar outros no Collegio Romano —, nenhum tenha reparado numa correlação tão flagrante entre o projeto de Bernini e o diagrama de Kepler! Na verdade, todos os matemáticos, físicos, astrónomos e filósofos no Collegio Romano e noutros locais teriam e deveriam ter reparado! A questão, por conseguinte, é saber por que razão ninguém a apontou.

Uma das razões, naturalmente, era que os livros de Kepler constavam do Catálogo de Livros Proibidos desde 1620. Apoiar a teoria de Kepler, quanto mais construir uma praça gigante para a representar mesmo em frente ao Vaticano, equivalia a um ato de heresia de proporções monumentais. Hoje em dia, como é óbvio, a ameaça de heresia já não existe, pelo que não é de todo surpreendente que a semelhança extraordinária entre a elipse de Bernini para a Praça de S. Pedro e o diagrama de Kepler tenha sido notada e mencionada por muitos arquitetos, historiadores e outros investigadores.

No entanto, tanto quanto sabemos, todos assumiram que se tratava de uma coincidência. Por exemplo, Isabelle Hyman, professora emérita no Departamento de História da Arte da Universidade de Nova Iorque, e o seu colega, Marvin Trachtenberg, prestigiado professor de arquitetura renascentista, observaram:

"Não deixa de ser relevante que em 1609 tenha sido feita uma das muitas descobertas notáveis do século — a primeira lei de Kepler do movimento planetário —, provando que a forma da órbita de cada planeta é uma elipse, com o sol num dos focos. Que a praça tenha recebido uma forma elítica enquanto a Igreja se opunha vigorosamente à ameaça do astrónomo à imagem tradicional de um universo fixo é uma das ironias da história deste período."51

Dezenas, se não centenas de investigadores modernos fizeram comentários semelhantes. Portanto, se é tão óbvio hoje, por que razão não o era então, em 1656, quando Bernini desenhou o projeto? Por que razão nenhum dos eruditos jesuítas da época, nem um único, apontou esta heresia?

OS BRAÇOS ABERTOS DA MADRE IGREJA

O nosso colega Sandro Zicari é doutorado em matemática aplicada e estatística pela Universidade Sapienza de Roma. Compreensivelmente, ele se encontrava no início muito cético em relação a este estranho enigma. Mas, após analisar o rascunho do manuscrito deste livro, ficou convencido de que não estamos perante uma coincidência. As estatísticas, afirma o Sandro, jogam contra essa eventualidade.

Mas ele também se sente perplexo sobre o motivo pelo qual ninguém mencionou esta correlação óbvia até tempos recentemente modernos. Porque, apesar de os livros de Kepler estarem proibidos pelo Vaticano, seria de esperar alguma menção a esta correlação evidente, mesmo que de forma crítica ou condenatória. Assim, haveria outra razão para este silêncio peculiar que necessite de ser considerada? Na verdade, sim: a simples natureza humana.

Se alguém poderoso e numa posição de relevo, que detém autoridade plena e exige respeito total, faz uma afirmação e a repete com frequência suficiente, então essa afirmação pode ser aceite pela maioria, talvez até por todos, como sendo a verdade, mesmo que possa não ser a verdade completa. Não estamos a sugerir, como é óbvio, que o Papa Alexandre VII ou Bernini tenham mentido sobre os seus motivos e intenções relativamente ao traçado da praça. O que sugerimos, no entanto, é que Bernini ofereceu apenas um nível da verdade como explicação para o plano elítico, o qual era fácil de compreender e também totalmente aceitável para todos, mas omitiu a revelação dos outros níveis mais profundos.

No Renascimento, esta forma de expressar uma verdade era conhecida como dissimulação. Permitia a alguém, com a mão no coração e a consciência limpa, fazer uma afirmação que evitava a exposição a investigações adicionais e a perigos. Não se trata de mentir em si, mas simplesmente de ocultar outros aspetos da verdade. Na verdade, as pessoas no governo fazem isto constantemente, só que hoje em dia chamamos-lhe política.

Como todos os artistas e eruditos instruídos do seu tempo, Bernini era um filho do Renascimento. Ele era, literalmente, um homem do Renascimento. Estando extremamente envolvido nos assuntos do Vaticano, Bernini viu-se obrigado a adquirir um bom domínio da arte da dissimulação para sua proteção pessoal.

Isto não deve ser confundido com engano ou mentira, mas apenas com a revelação de uma fina camada de uma verdade multifacetada. Sendo um artista consumado e talentoso, a alegoria e o simbolismo eram os instrumentos óbvios para um mestre da dissimulação como Bernini.

Toda a arquitetura religiosa é intensamente simbólica. Mas devemos ter em mente que o simbolismo apresenta múltiplos níveis. Pense-se na nova torre do World Trade Center em Nova Iorque. Haverá quase sempre um nível simbólico, talvez o mais importante, que o projetista ou o encomendador do edifício preferirá não revelar. Quando se trata de um projeto tão importante como a Praça de S. Pedro, todo o conjunto não deve ser visto como um mero edifício, mas sim como um talismã, uma espécie de palco teatral permanente para servir os rituais religiosos mais elevados. Como referiu Alex Dougherty, investigador da Universidade de Cambridge, "[Este] transformou-se em palcos retóricos para o drama cristão da Encarnação e da Salvação".52

Quando Bernini desenhou a praça, tomou naturalmente em consideração que este seria o local onde as pessoas se reuniriam para receber as bênçãos do papa em festas e acontecimentos religiosos importantes. A ocasião mais importante era a Urbi et Orbi, quando um novo papa anunciava o início do seu pontificado a "Roma e ao Mundo".

Em tais ocasiões, o papa fica voltado para a praça e abre os braços num gesto para acolher a multidão e, simbolicamente, a cidade de Roma e o mundo. Existem esboços à mão livre atribuídos a Bernini que mostram um homem, que se pretende representar S. Pedro, sobreposto à praça com os seus dois braços sobre as duas colunatas semicirculares que flanqueiam a elipse.53

De acordo com a maioria dos historiadores de arquitetura e de arte, isto prova que a escolha da elipse por Bernini se destinava a simbolizar os "braços maternais da Igreja" e que a basílica, em conjunto com a praça, "representa na verdade, embora de forma sumária, a cúpula como a cabeça, a fachada como o corpo e a colunata como os braços de um homem".54

O esboço é de facto sumário, quase infantil, com a figura humana desenhada de forma desajeitada e os "braços" obscenamente

deformados e distorcidos para se ajustarem ao contorno geométrico de outro modo perfeito da colunata. É difícil imaginar que um perfecionista como Bernini, aclamado pelo seu talento e génio para desenhar, pintar ou esculpir o corpo humano com uma precisão impecável, fizesse um esboço amadorístico como este para explicar o significado da praça.

É verdade, aparentemente, que "Bernini gostava de comparar… a colunata com os braços de um homem",55 como também salientou Rudolf Wittkower, o eminente professor de História da Arte no Warburg Institute em Londres, e Bernini escreveu de facto a seguinte explicação para a praça elítica que coincide com o esboço:

Essendo la Chiesa di S. Pietro quasi matrice di todas as outras doveva haver'un Portico che per l'appunto dimonstrasse di riceverre a bracia aperte maternamente i Cattolici per confirmarli nella credenza, gl'Heretici per reunirli alla Chiesa, e gl'Infideli per illuminarli alla vera fede.

(Pois, dado que a Igreja de S. Pedro é, por assim dizer, a Mãe de todas as outras, deve ter um pórtico que exprima o facto de que ela, com braços abertos de forma maternal, recebe os católicos para os confirmar na sua fé, os heréticos para os reunir à Igreja e os infiéis para os iluminar na verdadeira fé.)

Wittkower, contudo, acrescentou: "A fim de justificar o seu projeto arquitetónico, ele [Bernini] associa proporções e características humanas ao mesmo".56 Seja como for, a afirmação de Bernini de que a praça elítica representa os braços maternais da Igreja tem sido repetida ad nauseam por todos os historiadores da arquitetura e da arte barrocas. Está tão enraizada na mente dos estudantes de arquitetura barroca que ninguém questiona a sua validade. A possibilidade de se tratar de uma dissimulação não foi levantada, e muito menos considerada seriamente. Não se trata de uma questão de saber o que é ensinado, mas sim de saber o que pode ser visto. Como o comediante Groucho Marx perguntou uma vez ao seu público: "Acreditam no que eu digo ou no que veem com os vossos próprios olhos?"

O ÚTERO DA CELESTIAL VIRGEM DO MUNDO

É um facto curioso que, embora a Basílica de S. Pedro esteja alinhada precisamente em direção a este, a praça elítica não o está. Uma observação atenta demonstrará que o seu eixo principal, que corre no sentido norte-sul, se encontra ligeiramente inclinado no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Isto confere uma orientação de cerca de 2° para norte (azimute 88°). Isto coincide com a orientação da fachada construída por Maderno em 1608 e proporciona um alinhamento solar para o dia 25 de março, a Solenidade da Anunciação ou da Encarnação.

É o momento em que, segundo a tradição católica, a Theotokos (Mãe de Deus, Rainha do Céu, a Virgem do Mundo) engravidou. A Encarnação, literalmente, "tornar-se carne", é o momento definidor do cristianismo católico, quando o Espírito Santo entrou no ventre da Virgem para se tornar carne. Tudo para o cristianismo começa a partir deste momento.

A Encarnação é o alfa da era cristã. Exatamente nove meses depois, a 25 de dezembro, celebra-se o "nascimento" de Cristo. Tendo isto em conta, quando Bernini descreveu o desenho elítico da Praça de S. Pedro, utilizou a palavra matrice, que, em italiano, significa "útero". De facto, o "útero da Igreja" ou o "útero da Virgem" seria uma alegoria perfeita para a forma elítica da praça, com o obelisco fálico a funcionar como um relógio de sol para definir o ciclo de nove meses da gestação humana, desde o equinócio da primavera até ao solstício de inverno.

As duas colunatas interrompem-se nos lados alongados da elipse para criar uma entrada larga para a praça a este e uma entrada para a basílica a oeste. Estas aberturas ou entradas, quando vistas a partir do obelisco, direcionam o observador para pontos no horizonte que marcam o nascer e o pôr do sol nos dois solstícios. A praça torna-se, então, numa espécie de observatório astronómico ao ar livre ou, para utilizar outra terminologia, num palco ou teatro que representa o mundo ou, para ser ainda mais preciso, o modelo heliocêntrico kepleriano do sistema solar. Dougherty explica ainda:

"Bernini era reconhecidamente fã do conceito de theatrum mundi. Neste projeto [da Praça de S. Pedro] temos a expressão arquitetónica mais completa do mundo cristão. O plano oval foi concluído com a aprovação do papa nos últimos meses de 1656… No

caput mundi [capital do mundo], a arquitetura assume um significado paradigmático como espelho do universo. A sua geometria oval medeia entre a curva celeste e a linha reta terrestre, tal como no entendimento de Kepler sobre o significado da elipse. A praça torna-se uma imagem do universo perfeitamente harmonioso."57 (itálicos no original)

A afirmação de Dougherty é a que mais se aproxima daquilo que acreditamos que Bernini tinha em mente ao projetar a praça. Mas Bernini não poderia ter-se decidido por este projeto sozinho. Ele deve ter contado com a total aprovação do Papa Alexandre VII. Assim, saberia o papa que o desenho final representava o diagrama kepleriano? Além disso, em consideração aos alinhamentos astronómicos precisos exigidos, Bernini teria necessitado da ajuda de um astrónomo proficiente para o auxiliar a traçar a implantação da praça no terreno. Terá sido o astrónomo jesuíta Zucchi, ou Kircher, ou ambos? E terá a Rainha Cristina, ela própria uma amadora e filósofa muito interessada, participado também na ação?

O Papa Alexandre VII faleceu a 22 de maio de 1667. Três anos mais tarde, a 21 de maio de 1670, faleceu Zucchi. E a 28 de novembro de 1680, Bernini e Kircher faleceram no mesmo dia.

As respostas a estas perguntas foram levadas, literalmente, para a sepultura.

EXCURSÃO FINAL, A ROMA, 1675
OUTRO "PLANO" PARA A PRAÇA DE S. PEDRO

Em 1675, Bernini e Carlo Fontana (sem qualquer parentesco com Domenico Fontana, que erguera o obelisco do Vaticano em 1586) construíram uma segunda fonte no lado norte da Praça de S. Pedro. Foi desenhada para combinar e contrabalançar a Fonte de Maderno já existente e para marcar a posição do segundo foco da elipse. Também em 1675, enquanto esta fonte estava a ser construída, um engenheiro e astrónomo amador holandês de nome Cornelius Meyer encontrava-se na praça a examinar o chão em redor do obelisco.

Meyer trazia nas mãos um bloco de desenho, aparentemente a verificar a sombra projetada pelo obelisco. Tal como a Rainha Cristina, Meyer era um protestante luterano que se converterá ao catolicismo. Tinha vindo a Roma para propor uma série de projetos ao

papa, um dos quais envolvia os obeliscos egípcios que adornavam as muitas praças da cidade: a Piazza Navona, a Piazza del Popolo e, claro, a Praça de S. Pedro.[58]

Meyer apresentou o seu projeto ao Papa Clemente X em 1676. Infelizmente, o papa morreu nesse mesmo ano e o novo papa, Inocêncio XI, recusou-se a pagar a Meyer pelo seu trabalho. Para recuperar parte do seu dinheiro, Meyer publicou um livro intitulado L'Arte di restituire à Roma la tralasciata navigatione del suo tevere [O Modo de Restituir a Roma a Negligenciada Navegação do seu Tibre]. Neste livro, Meyer explica, com um diagrama maravilhoso, o projeto que tinha proposto para a Praça de S. Pedro.[59]

A Praça de S. Pedro representaria o mundo inteiro, e também o universo, através de oito planisférios colocados simetricamente em redor do grande obelisco ali colocado em 1585-6 pelo Papa Sisto V. Dois planisférios apresentariam o nosso globo, um para o velho, o outro para o novo mundo; mais dois ostentariam as projeções das estrelas e constelações do norte e do sul; e os restantes quatro exibiriam a estrutura do universo de acordo com os quatro sistemas então considerados: o ptolemaico, o copernicano, o tychónico e o cartesiano.[60]

O que Cornelius Meyer estava a propor teria sido visto imediatamente por Marsilio Ficino, Giordano Bruno e, mais especialmente, por Tommaso Campanella como pura e diluída magia talismânica hermética. De facto, se este projeto tivesse sido implementado, teria completado a expressão arquitetónica e astronómica muito precisa de um "talismã do mundo", o qual, numa alegoria artística mais vaga, já tinha sido realizado para o Papa Urbano VIII com o fresco La Divina Sapienza: a Hermética Cidade do Sol.

Meyer era muito conhecido em Roma, e a sua presença não escapou definitivamente à atenção de Bernini. Meyer era membro da Accademia Fisio-Matematica, a mais ilustre academia científica de Roma. Era também o projetista e engenheiro-chefe de um importante projeto hidráulico no Tibre encomendado pelo Vaticano. Carlo Fontana, que estava envolvido com Bernini na segunda fonte da Praça de S. Pedro, tinha uma enorme disputa pessoal com Meyer por causa deste projeto.

REPREZENTAÇÃO DE PAPÉIS DA HERMÉTICA?

Paula Findlen, professora de história da ciência na Universidade de Stanford, analisou o fatídico encontro entre a Rainha Cristina da Suécia e Athanasius Kircher. Fez este comentário altamente intrigante:

Tal como Alexandre VII e Kircher, Cristina veio a Roma para cumprir o destino anunciado nas ruínas históricas da cidade papal. Ela era a nova Ísis, consorte de Osíris, a quem Kircher identificou perante Alexandre VII, e protetora de Hermes (Trismegisto), a persona escolhida por Kircher. Sem dúvida que Kircher a via como a personificação viva das estátuas de Minerva e Ísis.[61]

Findlen não mede as palavras. Está claramente a sugerir que decorria ali uma curiosa representação de papéis, com estes três protagonistas implicados com o papado ao mais alto nível. Findlen pode, de facto, estar muito perto da verdade. Na verdade, vemos um quarto participante neste cenário teatral ao vivo: Bernini, o arquiteto supremo. Deve ter parecido verdadeiramente a estes protagonistas que a divina providência os reunira para cumprir o plano de Campanella para a Cidade do Sol.

Ator Histórico	Papel Hermético
Um papa (Alexandre)	Osíris
Uma rainha virgem (Cristina)	Ísis
Um astrónomo hermético (Kircher)	Hermes Trismegisto
Um arquiteto (Bernini)	Esculápio

No sentido hermético, Esculápio era, evidentemente, o grande arquiteto egípcio Imhotep, que desenhou o primeiríssimo projeto arquitetónico religioso do mundo. Encerraremos, portanto, com aquela assustadora previsão que se encontra no Asclépio, onde Hermes Trismegisto prevê que, num tempo futuro, a religião mágica do Egito será restaurada e, "Os deuses que exerciam o seu domínio sobre a terra serão um dia restaurados e instalados numa cidade, que será fundada em direção ao sol poente, e para a qual se apressará, por terra e por mar, toda a raça dos homens mortais."

As coisas nem sempre são o que parecem; a primeira aparência engana muitos.

FEDRO (15 a.C.–50 d.C.)

A verdade é mais estranha do que a ficção, mas isso é porque a ficção é obrigada a ater-se às possibilidades; a Verdade não.

MARK TWAIN

Declara solenemente que o testemunho que poderá dar na causa agora pendente perante este tribunal será a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, com a ajuda de Deus. (itálico adicionado)

JURAMENTO PRESTADO EM TRIBUNAL, ESTADO DA CALIFÓRNIA

PÓS-ESCRITO

O PAPA JESUÍTA

Quando estávamos a fechar o último capítulo deste livro, o Vaticano foi lançado no tumulto com o anúncio súbito da renúncia do Papa Bento XVI (Joseph Ratzinger) a 11 de fevereiro de 2013. Tinha-se tornado papa em abril de 2005 e agora, apanhando todos de surpresa, incluindo aparentemente a própria Cúria, sentia que se tinha tornado demasiado velho e cansado para lidar com as exigências do seu cargo. Esta foi a primeira vez desde o século XVI que um papa realmente renunciou.

Durante alguns dias, o Vaticano esteve perdido. O papa afastou-se oficialmente a 28 de fevereiro de 2013. Em poucos dias, começou o conclave para votar um novo papa e, a 13 de março, o fumo branco da chaminé do Vaticano indicou que os cardeais tinham finalmente chegado a uma decisão. Uma vez mais, para surpresa de todos, foi anunciado que o Cardeal Jorge Mario Bergoglio de Buenos Aires fora escolhido como o novo papa.

Para deleite de todos, o novo papa escolheu o nome de Francisco I, aparentemente inspirado por S. Francisco de Assis. Foi a primeira vez que um papa escolheu este nome. Os meios de comunicação internacionais adoraram, comparando o comportamento humilde do Papa Francisco I e a sua compaixão pelos pobres com a do santo homónimo. Ocorreu então a todos que o Papa Francisco I era o "primeiro" em muitas outras coisas. Era o primeiro papa das Américas, o primeiro papa jesuíta e o primeiro papa a usar uma designação totalmente nova desde o Papa Lando, no século décimo.

O facto de o Papa Francisco I ser o primeiro jesuíta de sempre a sentar-se no trono de S. Pedro captou certamente a nossa atenção. Neste livro escrevemos muito sobre a Ordem Jesuíta e, mais especificamente, concluímos que foram os jesuítas que influenciaram os principais protagonistas da nossa tese — Bernini, a Rainha Cristina da Suécia e o Papa Alexandre VII — naquele ano fatídico de 1656, quando o desenho da Praça de S. Pedro foi determinado. Considerámos, portanto, a possibilidade de o nome de Francisco escolhido pelo novo papa não ser, na verdade, o de S. Francisco de Assis, mas sim o de S. Francisco Xavier (um dos pais fundadores da Ordem Jesuíta em 1542).

S. Francisco Xavier é particularmente venerado entre os jesuítas de todo o mundo, especialmente em Goa, na Índia, onde realizou o seu trabalho missionário e converteu toda a região ao cristianismo. Mas esta possibilidade de o novo papa ter escolhido o santo jesuíta homónimo como o seu arquétipo foi logo negada por vários cardeais e, eventualmente, pelo próprio Papa Francisco I. Nós, contudo, não ficámos tão convencidos.

Outra coincidência estranha foi a data do primeiro dia da eleição, 12 de março, que, por mero acaso, calhou no mesmo dia em que S. Francisco Xavier foi canonizado em 1622 pelo Papa Gregório XV. O Cardeal Bergoglio foi eleito papa no dia seguinte. A 18 de março, a cinco dias do seu pontificado, o Papa Francisco I escolheu o seu brasão de armas. Não foi surpresa, pelo menos para nós, que tenha decidido incorporar o logótipo da Ordem Jesuíta no centro do emblema heráldico.

Este logótipo, muito familiar a todos os jesuítas, é um sol resplandecente com trinta e dois raios, no centro do qual estão as letras IHS, que representam o Santo Nome de Jesus ou, mais precisamente, as três primeiras letras em maiúsculas do nome de Jesus como escrito em grego: IHSOUS. Este logótipo, de forma bastante óbvia, é intensamente solar ou, alternativamente, implica que Cristo era "solar".

Ao lado deste logótipo jesuíta foi colocada uma estrela de cinco pontas, um símbolo da Virgem Maria, a quem o Papa Francisco I é particularmente devoto. A sua primeira missa oficial como papa foi na Igreja de Santa Maria Maior, a 14 de março de 2013. O brasão do

Papa Francisco I também tem, como é óbvio, a tradicional mitra papal com a coroa tripla. Esta coroa tinha sido ligeiramente modificada em 1963, passando as três coroas a estar unidas por uma barra vertical.

É bem conhecido entre os historiadores das religiões que a origem desta mitra provém do culto solar persa de Mitra, outrora muito popular e difundido no Império Romano até bem dentro do século quarto d.C. Dizia-se que Mitra, tal como Jesus Cristo, tinha nascido a 25 de dezembro (o festival geral do sol na Roma antiga) e, também como Cristo, era frequentemente retratado como Sol Invictus, o Sol Invicto.

Todos devemos estar perfeitamente conscientes de que o papa é o chefe de mais de mil milhões de católicos atualmente e que tudo o que faz ou diz terá um significado muito forte. Isto seria particularmente verdade para um papa que é formado como sacerdote e erudito jesuíta. Foram os jesuítas que fundaram o Collegio Romano em 1551, sobre o qual escrevemos muito neste livro.

O Collegio Romano é hoje a Pontifícia Universidade Gregoriana, efetivamente a Universidade do Vaticano. O seu atual reitor, como não seria de estranhar, chama-se François-Xavier Dumortier. Os protagonistas do nosso livro que eram sacerdotes jesuítas, entre eles Athanasius Kircher, Niccolò Zucchi e Paul Guldin, eram todos professores de destaque no Collegio Romano.

Suspeita — com razão ou sem ela — de intriga e manipulação nas altas esferas, a Ordem Jesuíta foi suprimida em França, Espanha e Portugal em 1767 e, mais tarde, em 1773, também pelo Vaticano. Foi reabilitada gradualmente em muitos países, a partir do início do século XIX, tendo o último país a levantar a proibição sido a Suíça, em 1973. A Ordem Jesuíta é hoje a maior ordem católica individual no mundo.

Prevemos que o Papa Francisco I usará as suas simples mas muito eficazes competências de marketing para colocar em ação uma campanha massiva de relações públicas para restaurar a confiança no Vaticano e até expandir a sua popularidade a nível mundial, especialmente naqueles países católicos onde a pobreza é galopante. Se isto é algo bom ou mau depende da perspetiva de onde se olha.

Quanto a nós, não podemos deixar de nos perguntar o que teria dito o utopista do século dezessete Tommaso Campanella se tivesse sido informado de que o seu logótipo solar — o mesmíssimo que tinha

colocado na capa do seu livro A Cidade do Sol — adornaria o brasão de armas de um papa jesuíta nascido no Novo Mundo...

ÚLTIMAS NOTÍCIAS: DE CINCO PARA OITO

Foi anunciado a 18 de março de 2013 que o Papa Francisco I tinha escolhido o seu brasão de armas, no qual figurava um óbvio símbolo solar no centro e também uma estrela de cinco pontas. A estrela de cinco pontas é bem conhecida por ser principalmente de origem egípcia antiga, usada para simbolizar a "Estrela de Ísis" (ou seja, Sírio). É também amplamente utilizada como o "pentagrama" na tradição oculta, bem como em muitas instituições militares.

A deusa Ísis com o Menino Hórus no colo tem sido frequentemente comparada à Madona com o Menino Jesus no colo. Foi, por isso, bastante revelador quando o Cardeal Federico Lombardi, o porta-voz do Vaticano, apresentou o brasão de armas de Francisco I aos meios de comunicação e associou muito especificamente a estrela de cinco pontas à Madona. Mostrando o brasão à imprensa, o Cardeal Lombardi declarou que "há uma estrela que simboliza Maria, a sua (do Papa Francisco) devoção mariana..."[1]

Contudo, por mais incrível que possa parecer, pouco mais de uma semana depois, a 27 de março de 2013, o Vaticano anunciou subitamente que tinha decidido "ajustar" o símbolo da estrela de cinco pontas com uma nova estrela de oito pontas. Segundo o Cardeal Andrea Cordero Lanza di Montezemolo, aparentemente um especialista em heráldica, a estrela de cinco pontas tinha um "significado militar", ao passo que a estrela de oito pontas "sempre simbolizou Maria" na tradição da Igreja Católica.[2]

Surge, obviamente, a questão de saber por que razão foi escolhida, em primeiro lugar, uma estrela de cinco pontas para o brasão do Papa Francisco I para depois ser apressadamente alterada, poucos dias mais tarde, para uma estrela de oito pontas?

Seja como for, a nova estrela de oito pontas levanta uma questão muito interessante que se liga à nossa tese sobre o desenho da praça do Vaticano e a "Cidade do Sol". Isto porque a estrela de oito pontas é bem conhecida por ter sido usada em muitas tradições antigas para representar os "oito festivais" do ano ligados ao sol, bem como as

quatro direções cardeais e as quatro direções dos solstícios (no nascer e no pôr) do sol durante o ano.

No solstício de verão, o sol nasce no nordeste e põe-se no noroeste. Nos equinócios, o sol nasce exatamente a leste e põe-se exatamente a oeste. No solstício de inverno, nasce no sudeste e põe-se no sudoeste. Um X pode assim ser traçado entre o nordeste e o sudoeste, e o sudeste e o noroeste. Se outra cruz for então sobreposta ao longo dos eixos leste/oeste e norte/sul, então o círculo que une os oito pontos marca a estação principal do sol, e a estrela torna-se assim intensamente "solar".

Considerando o intenso simbolismo "solar" do brasão do Papa Francisco I, e considerando também que foram astrónomos jesuítas como Niccolò Zucchi e Athanasius Kircher que desempenharam um papel fundamental com o Papa Alexandre VII e Bernini em 1656 no desenho da Praça de S. Pedro, temos motivos para nos perguntar se o primeiro Papa jesuíta de sempre não estará a abrigar as mesmas ideologias que os seus predecessores do Renascimento ao sentar-se no "Trono de S. Pedro" em março de 2013...

APÊNDICE 1
CAMPANELLA, OS ROSACRUZES E O NASCIMENTO MILAGROSO DO REI SOL

A "Citta del Sole" de Campanella era, em última análise, de origem egípcia.

FRANCES A. YATES, GIORDANO BRUNO AND THE HERMETIC TRADITION

As informações que se seguem são adaptadas de Talisman: Sacred Cities, Secret Faith, de Graham Hancock e Robert Bauval.

A INFANTA E O REI DE FRANÇA

O último dos reis Valois, Henrique III, morreu em 1589, assassinado por um dos seus próprios cidadãos, e o trono passou para Henrique III de Navarra, agora coroado Henrique IV de França. Henrique IV pertencia à poderosa família Bourbon. Era protestante, mas tinha-se convertido ao catolicismo em 1593 a fim de neutralizar aqueles que se opunham à sua coroação como rei de França. Nem

todos estavam convencidos da sinceridade de Henrique. Entre os que mais duvidavam estavam os jesuítas, de quem o próprio rei, de facto, desconfiara bastante toda a sua vida. "Eles vão matar-me um dia", consta que confidenciou a um amigo próximo. "Consigo ver que estão a colocar todos os seus recursos na minha morte."[1]

Com efeito, a 14 de maio de 1610, Henrique IV foi assassinado por um fanático religioso, François Ravaillac, e muitos, especialmente os huguenotes protestantes, acreditaram que ele fora instigado pelos jesuítas. Ravaillac sofreu a punição tradicional para o regicídio: primeiro foi torturado com tenazes em brasa, depois foi fervido em óleo quente e, por fim, ainda vivo, foi despedaçado por quatro cavalos de lavoura atados aos seus braços e pernas.

O filho mais velho de Henrique IV, Luís — o futuro Luís XIII —, tinha apenas nove anos quando o seu pai foi assassinado, e a sua mãe dominadora, Maria de Médicis, uma católica fervorosa com gosto pela astrologia e pela magia, tornou-se sua corregente.

Luís XIII foi coroado em 1614, quando atingiu a idade exigida de treze anos, e só começou a impor a sua autoridade real sobre a sua mãe ambiciosa em 1631, quando tinha trinta anos. Luís XIII fora casado com a infanta espanhola, Ana de Áustria, filha de Filipe III de Espanha e Portugal, quando ambos tinham apenas catorze anos.

O casamento, no entanto, permaneceu por consumar durante muitos anos. De temperamento e disposição muito curiosos, Luís XIII estava mais interessado nos seus passatempos de consertar fechaduras e fazer compotas do que em ter relações sexuais com a sua esposa. Neste aspeto, era totalmente diferente do seu pai, Henrique IV, que seduzira tantas mulheres durante o seu curto reinado que isso lhe valera a alcunha de Le Vert Galant, calão francês do século XVII para "playboy". Para piorar as coisas, Luís XIII, ao início, não gostava muito da sua esposa espanhola, embora ela fosse bela, inteligente, abertamente afetuosa para com ele e talvez até o amasse.

As coisas nesse departamento eram tão más que, numa noite fria de janeiro de 1619, Luís teve de ser arrastado da sua própria cama por importantes cortesãos e levado à força para o quarto da rainha para finalmente consumar o casamento. Dois anos mais tarde, descobriu-se que a rainha — ninguém sabe como — estava grávida, mas a alegria

na corte dissipou-se rapidamente depois de ela ter sofrido um aborto espontâneo.

A reação do rei, curiosamente, não foi de simpatia por ela, mas de fúria, e ele tornou-se ainda mais relutante em cumprir os seus deveres conjugais. Por volta de 1634, um clima solene tinha-se abatido sobre o casal real, pois todos na corte tinham desistido de ver um herdeiro masculino para a dinastia Bourbon.

Foi nessa altura que o monge dominicano e mago Tommaso Campanella chegou a Paris, após fugir de Roma por medo de ser novamente encarcerado nas masmorras papais, e foi bem recebido na corte de Luís XIII. As coisas estavam prestes a mudar radicalmente...

O FUROR ROSACRUZ EM PARIS

Em 1623, ao nono ano de reinado de Luís XIII e onze anos antes de Campanella chegar a Paris, uma organização secreta deu-se a conhecer em Paris. Clandestinamente, colocaram cartazes nos edifícios públicos da cidade que anunciavam:Nós, na qualidade de deputados do Colégio principal dos Irmãos da Rosa-Cruz, fazemos uma estada visível e invisível nesta cidade pela Graça do Altíssimo, para quem se voltam os corações dos Justos. Mostramos e ensinamos, sem livros nem marcas, a falar todas as línguas dos países onde desejamos estar, e a retirar os homens do erro e da morte.

Outro cartaz continha uma variante da mensagem com nuances mais especificamente religiosas. Nós, deputados do Colégio da Rosa-Cruz, damos aviso a todos aqueles que desejam entrar na nossa Sociedade e Congregação, de que lhes ensinaremos o conhecimento mais perfeito do Altíssimo, em nome de quem hoje realizamos uma assembleia, e faremo-los de visíveis, invisíveis, e de invisíveis, visíveis. Como seria de esperar, esta campanha de cartazes causou um enorme furor em Paris.

Nunca se soube ao certo quem deu início a este estranho esforço de propaganda. Mas os historiadores, entre eles Frances A. Yates, têm suspeitado dos chamados Rosacruzes, que tinham aparecido recentemente de forma invisível na Alemanha. Curiosamente, um dos seus membros mais suspeitos era Tobias Adami, o homem que tinha visitado Campanella na sua masmorra em Nápoles, em 1613, e a quem

Campanella tinha entregado o manuscrito de A Cidade do Sol para publicação.

O nome Rosacruz provém de Christian Rosenkreutz (Christian Rose Cross ou Rosycross), o herói cavaleiro de dois pequenos livros que foram publicados na Alemanha por volta de 1615, o mesmo ano em que A Cidade do Sol de Campanella foi publicada na Alemanha por Adami. O título do primeiro opúsculo é Fama Fraternitatis, ou uma Descoberta da Fraternidade da mui Nobre Ordem da Rosa-Cruz.

Os estudiosos referem-se a ele simplesmente como A Fama. O segundo intitula-se Confessio Fraternitatis, ou a Confissão da Louvável Fraternidade da mui Honrada Ordem da Rosa-Cruz, Escrita a Todos os Eruditos da Europa. Os estudiosos referem-se a ele como A Confessio. Estes dois opúsculos somam cerca de vinte e cinco páginas e são conhecidos como os Manifestos Rosacruzes. Para saber mais sobre este assunto, ver Graham Hancock e Robert Bauval, Talisman: Sacred Cities, Secret Faith.

UM MAGO HERMÉTICO NA CORTE DO FUTURO REI SOL

Quando Campanella chegou à corte francesa, tinham decorrido vinte anos sem que Luís XIII e a sua rainha, Ana de Áustria, gerassem um filho, e as perspetivas de continuidade da dinastia Bourbon pareciam, na verdade, muito sombrias. Começaram a circular todo o tipo de boatos de que Luís XIII seria impotente, ou de que não se interessava por mulheres, ou mesmo de que preferia a companhia amorosa de homens.

A rainha frustrada, sabendo de como Campanella tinha realizado magia para salvar a vida do Papa Urbano VIII (ver capítulo 4), pediu para que o sacerdote mago lhe fosse trazido. Campanella fora altamente recomendado à rainha pelo Cardeal de Richelieu e, agora, ela queria ouvir a sua opinião profética sobre a questão da sucessão ao trono de França. A rainha e Richelieu, como a maioria das pessoas daquela época, acreditavam em previsões astrológicas, algo em que Campanella, como também vimos no capítulo 4, tinha reputação de ser um perito.

De facto, através de intermediários, Richelieu já tinha consultado Campanella em muitas ocasiões enquanto este último ainda se

encontrava em Roma. Os dois homens tornar-se-iam amigos íntimos, e Campanella dedicou a nova edição da sua obra A Cidade do Sol ao poderoso cardeal, esperando que ele pudesse ser induzido a fazê-la construir em Paris.[2]De qualquer modo, o encontro com a rainha francesa correu muito bem e foi seguido por uma previsão de Campanella — com uma espantosa fé nos seus próprios poderes proféticos, deve dizer-se — de que, no espaço de um ano, o casal real francês seria abençoado com um herdeiro, um rapaz que, tal como o próprio sol, iluminaria o mundo e daria início a uma era gloriosa e dourada para a humanidade.

Todos reconhecerão um único Pai e um único Deus e o amor unirá todos eles… Reis e nações… reunir-se-ão numa cidade, que se chamará Heliaca, A Cidade do Sol, que será construída por este ilustre herói [o futuro rei "solar" de França].[3] (italics adicionado) Campanella baseou a sua profecia na Quarta Égloga de Virgílio (que profetizava a era de ouro de Augusto César), tal como o poeta Edmund Spenser também fizera em The Faerie Queene para a Rainha Virgem Isabel I de Inglaterra (ver capítulo 3).

Uma tempestade súbita sobre a cidade de Paris, numa noite fria de dezembro, viria a jogar a favor de Campanella. Luís XIII dormia, por essa altura, numa residência em Versalhes, enquanto a rainha vivia no Palácio do Louvre. Nesta noite em particular, o rei estivera numa visita ao convento de Sainte-Marie, em Paris, quando se desencadeou uma terrível tempestade.

Um dos seus mosqueteiros, muito devoto da rainha, aconselhou o rei de que seria mais seguro para ele passar a noite no Palácio do Louvre do que regressar a Versalhes. Assim o fez e, milagrosamente, nove meses mais tarde, a rainha deu à luz um rapaz, a 5 de setembro de 1638, o qual, por uma espantosa coincidência, era também o septuagésimo aniversário de Campanella.

Campanella fez pelo menos duas visitas aos aposentos privados da rainha após o nascimento. Foi ali admitido enquanto ela amamentava o lactente e foi-lhe mesmo concedida a imensa honra de segurar o futuro rei nos seus braços. Na égloga que escreveu para esta ocasião (impressa em janeiro de 1639), a profecia agora ampliada de Campanella não deixa dúvidas sobre o que ele esperava do vindouro reinado de Luís XIV.

O mago hermético tinha transferido habilmente o seu sonho da Cidade do Sol para a monarquia francesa, para ser construída pelo futuro Rei Sol, Luís XIV. Como Frances A. Yates observou: Em setembro de 1638, nasceu um filho ao Monarca francês, e foi saudado por Campanella numa égloga inspirada na messiânica Quarta Égloga virgiliana… todos os reis e povos se reunirão numa cidade, a que chamarão Heliaca, a cidade do Sol, que será construída pelo ilustre herói [Luís XIV, o Rei Sol]…

Nesta profecia, o regresso de uma era de ouro imperial alia-se à vertente egípcia da Cidade do Sol… como previsto no Asclépio… Campanella profetiza na corte que o infante Luís XIV construirá a Cidade do Sol egípcia.[4] Terá Luís XIV sido influenciado pela profecia de Campanella para levar o seu plano até à conclusão lógica e deixar uma cidade do sol egípcia na arquitetura de Paris?

É uma coincidência extraordinária ou algo mais que o desenvolvimento do eixo central de Paris, o chamado Eixo Histórico que vai do Louvre até ao novo empreendimento moderno de La Défense, quando visto do ar, tenha uma semelhança misteriosa com a quintessência da cidade solar do antigo Egito, Tebas (a moderna Luxor).*[76] Devemos recordar (ver capítulo 4) que Campanella esteve em Roma ao serviço do Papa Urbano VIII de 1626 a 1634. No Vaticano encontrava-se também Bernini, que tinha quarenta e oito anos na altura. Bernini estava no auge da sua carreira como arquiteto papal. Era extremamente próximo do papa, e seria muito improvável que não se tivesse encontrado com Campanella.

O livro de Campanella, A Cidade do Sol, era extremamente popular, e Bernini decerto não ignorava a esperança de Campanella de fazer com que o papa construísse essa cidade solar em Roma. Em 1632, a nova Basílica de S. Pedro estava concluída e, em frente a ela, erguia-se, desde 1586, o obelisco egípcio de Heliópolis, a cidade original e o arquétipo egípcio da Cidade do Sol.

Quando Campanella partiu para França em 1634, a possibilidade de ele transpor o plano de uma cidade do sol para Paris terá certamente passado pela mente de Bernini e de outros no Vaticano. Quando, cerca de três décadas mais tarde, Bernini foi a Paris, à corte de Luís XIV, para projetar a nova fachada do Louvre, as obras na Praça de S. Pedro, em Roma, estavam bem encaminhadas.

Saberia Bernini também que os arquitetos franceses na corte de Luís XIV tinham igualmente iniciado o desenvolvimento do Eixo Histórico — os Champs-Élysées — que seria traçado, por desígnio ou por coincidência, de forma a assemelhar-se à outra Cidade do Sol egípcia, Tebas (a moderna Luxor)?*[77]Estaria Bernini a rir-se secretamente para si próprio por, precisamente ao mesmo tempo em Roma, uma fantástica cidade do sol modelada no verdadeiro traçado kepleriano estar à beira de ficar concluída em frente ao Vaticano, em cujo centro já se erguia um autêntico sol egípcio, o obelisco de Heliópolis?

Provavelmente nunca saberemos com certeza…

APÊNDICE 2A ELIPSE DA PRAÇA DE S. PEDRO

Sandro Zicari, Doutorado em matemática aplicada, Universidade Sapienza de RomaO objetivo deste apêndice é explicar matematicamente o que é uma elipse e verificar se a Praça de S. Pedro é elíptica.

QUANDO É QUE UM ÓVALO É UMA ELIPSE?

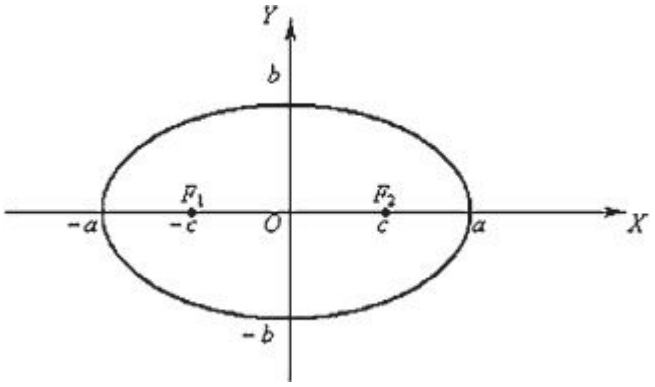
Os termos óvalo e elipse são por vezes tomados como sendo a mesma coisa. Segundo o matemático P. L. Rosin: Comparada com elipses, triângulos, retângulos, etc., a definição de óvalos é bastante vaga. O termo óvalo abrange diferentes graus de alongamento, estreitamento assimétrico, aspeto quadrado, etc. Um meio mais recente de gerar óvalos consiste em generalizar o conceito de elipse.[1] Por outras palavras, uma elipse pode ser chamada óvalo, mas apenas alguns óvalos podem ser chamados elipses.

Apresentemos primeiro as propriedades matemáticas de uma elipse. Uma elipse é geralmente definida como tendo "o conjunto de todos os pontos num plano tais que a soma das distâncias a dois pontos fixos (focos) é constante". Significa simplesmente que uma elipse é definida por dois pontos, cada um chamado foco (F1, F2).

Se tomarmos qualquer ponto X na elipse, a soma das distâncias aos pontos focais é constante, e é igual ao eixo principal. Num diagrama cartesiano, uma elipse com o centro na origem (0,0) é o gráfico de:\frac{x2}{a2} + \frac{y2}{b2} = 1com a > b > 0. O comprimento do eixo maior é 2a, e o comprimento

$$\frac{x^2}{a^2} + \frac{y^2}{b^2} = 1$$

do eixo menor é 2b. Os dois focos estão em (\pm c, 0), onde $c = \sqrt{a^2 - b^2}$



COMO DESENHAR UMA ELIPSE: O TRABUCO DE ARQUIMEDES

Um método para desenhar uma elipse, designado como o Trabuco de Arquimedes, consiste numa linha de comprimento fixo cujas extremidades deslizam ao longo de dois eixos perpendiculares e na qual um ponto fixo é utilizado para traçar a forma.

Pode ser realizado fisicamente como uma escada deslizante ou como uma porta de correr que se move com as suas extremidades em duas calhas perpendiculares. Durante o movimento, o ponto fixo no segmento traça uma elipse, com um quarto da elipse em cada quadrante.

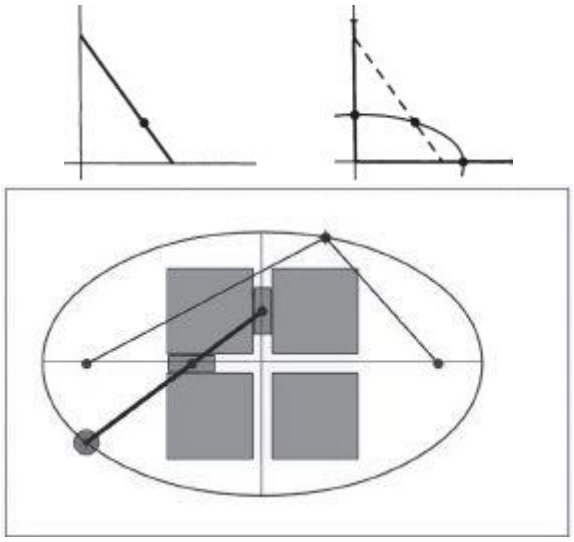


Fig. A2.3. Desenho de uma elipse utilizando o método do Trabuco de Arquimedes. Este elipsógrafo em particular, o Trabuco de Arquimedes, era conhecido pelos antigos geómetras gregos, embora não se saiba quem realmente o inventou.[2]

A ELIPSE E A ASTRONOMIA

Johannes Kepler (1571–1630) determinou três leis do movimento planetário. Estas leis são de grande importância, até porque mais tarde forneceram a base para as descobertas de Newton sobre a interação planetária e a lei da gravidade. A primeira lei de Kepler, publicada em 1609 no seu livro *Astronomia Nova*, estabelece que a trajetória de cada planeta em redor do sol é uma elipse com o sol num dos dois focos.

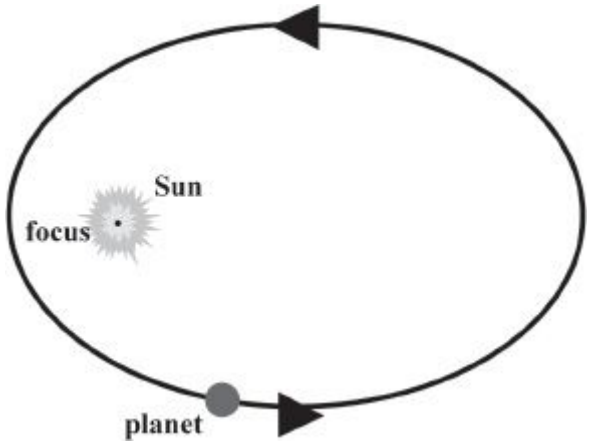


Fig. A2.4. Primeira lei de Kepler do movimento planetário.

A PRAÇA DE S. PEDRO

A Praça de S. Pedro — um nome enganador, dado que não é quadrada mas sim ovoide — situa-se imediatamente a leste da Cidade do Vaticano, em frente à Basílica de S. Pedro. As dimensões do seu espaço aberto são impressionantes: 240 metros de comprimento e 200 metros de largura, formando uma área capaz de acolher cerca de 400 000 pessoas. É rodeada por 284 colunas dispostas em fiadas curvas de quatro, e por 88 pilastras.

Por volta de 1670, os alunos de Bernini esculpiram 140 estátuas de santos, cada uma com cerca de 3,2 metros de altura, que foram

colocadas ao longo das balaustradas sobre as colunatas. De cada um dos lados do antigo obelisco egípcio, que marca o centro da praça, existem duas fontes: a primeira projetada por Maderno em 1614 e, muito mais tarde, outra por Bernini, em 1675. No lado oeste da praça, perto da escadaria em frente à basílica, as estátuas de S. Pedro e S. Paulo parecem guardar a entrada da basílica.

A melhor forma de verificar se a Praça de S. Pedro é uma elipse real consiste em comparar as medições reais efetuadas no terreno com a fórmula matemática da elipse apresentada acima. As medições foram obtidas a partir de fotografias ortográficas digitais (escala 1:10 000) fornecidas pela *Regione Lazio*, as quais estão em conformidade com as normas nacionais de precisão cartográfica para avaliação espacial.

As medições da forma da Praça de S. Pedro são as seguintes: eixo maior, 240 metros (2A); eixo menor, 200 metros (2B); distância entre o obelisco e cada foco, 66,3 metros (F).

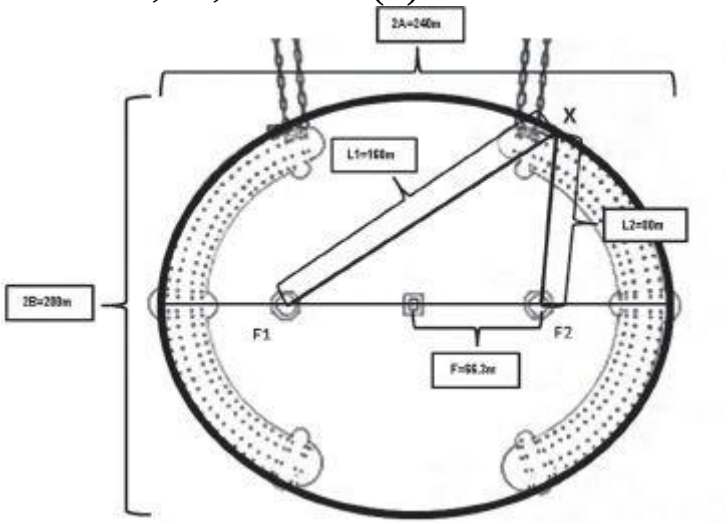


Fig. A2.5. Teste de hipóteses sobre a forma da Praça de S. Pedro. (Sandro Zicari, 2012)

Se esta área for uma elipse real, a fórmula $F = \sqrt{A^2 - B^2}$ deve ser verdadeira.

Utilizando a distância entre o obelisco e cada foco (F), bem como os valores de metade do eixo maior (A) e de metade do eixo menor (B), obtemos:

$$\sqrt{(120\ \mathrm{m})^2 + (100\ \mathrm{m})^2} =$$

$$= \sqrt{14{,}400\ \mathrm{m}^2 - 10{,}000\ \mathrm{m}^2} =$$

$$= \sqrt{4{,}400\ \mathrm{m}^2} = 66.33\mathrm{m}$$

O resultado fornece a distância entre o obelisco e cada foco. Uma vez verificado que a forma da praça é uma elipse, é possível escrever a fórmula do seguinte modo:

$$\frac{x^2}{120\text{m}^2} + \frac{y^2}{100\text{m}^2} = 1$$

Resta verificar a identidade da definição da elipse:

dist(Ponto,Foco1)+dist(Ponto,Foco2)=eixo maior da Elipse

Na figura A2.5, um ponto X é considerado na colunata externa. As distâncias a partir das Fontes de Bernini e de Maderno medem, respetivamente, 160 e 80 metros. Somando estes dois valores, o resultado é igual a exatamente 240 metros, o comprimento do eixo maior da praça. Isto confirma que a Praça de S. Pedro é uma elipse.

NOTAS DE RODAPÉ

*1. Os historiadores balizam o Renascimento italiano de cerca de 1405 a cerca de 1580, mas nós vemo-lo a prolongar-se por mais um século ou perto disso. É verdade que, tecnicamente, abrandou até quase parar por volta de 1580, mas o seu forte impulso impulsionou-o por mais um século ou perto disso, antes de o Iluminismo se instalar plenamente.

†2. Embora a Inquisição Romana não tenha sido oficialmente estabelecida pelo Vaticano antes de 1542, a perseguição de suspeitos de serem "hereges" pela Igreja já vinha a decorrer desde o início da Idade Média.

*3. Curiosamente, a Ordem Jesuíta viria a utilizar praticamente a mesma abordagem no seu zelo missionário para converter o Novo Mundo, a Ásia e a África ao catolicismo romano.

*4. A história da minha família é contada no apêndice 5 de *Breaking the Mirror of Heaven*, de Robert Bauval e Ahmed Osman (Rochester, Vt.: Inner Traditions, 2011).

*5. Utilizamos aqui o termo *Hermética* para designar os dezoito chamados *libelli* do *Corpus Hermeticum*, além do *Asclépio* latino e dos chamados *Excertos de Estobeu*, conforme listados e definidos por Walter Scott no seu livro *Hermética: The Ancient Greek and Latin Writings*,[5] que contêm ensinamentos religiosos ou filosóficos atribuídos a Hermes Trismegisto.

*6. Uma capela dedicada a Alexandre, o Grande, foi construída no interior do Santo dos Santos do templo solar de Luxor, na antiga Tebas.

*7. Ver Bauval, *The Egypt Code*.

*8. Defendo que o alinhamento era solar e no mesmo dia do nascer helíaco de "Sírio", mas o Dr. Magli defendeu (erradamente, na minha opinião) que era em direção à estrela Régulo.

*9. A menção a "depois do dilúvio" levou mais tarde os escritores cristãos a afirmar que Hermes Trismegisto fora contemporâneo de Moisés e, além disso, que os seus escritos, tal como os de Moisés, previam a vinda do cristianismo.

*10. "Helénico" significa de origem ou ligação grega. "Helenizado" significa convertido para a forma grega, como o nome dos reis egípcios (ou seja, Khufu helenizado como "Quéops").

*11. Em 115 d.C., os romanos quase aniquilaram os judeus de Alexandria. Em 215 a.C., o imperador Caracala, após ser ridicularizado pelos alexandrinos durante uma visita ao Egito, ordenou um massacre.[16]

*12. Atualmente existe uma igreja anglicana no local onde S. Marcos terá sido martirizado. Em 828 d.C., as relíquias de S. Marcos foram roubadas de Alexandria por marinheiros venezianos e levadas para a cidade de Veneza. A famosa Basílica de S. Marcos foi construída para albergar as relíquias. Os coptas egípcios, no entanto, afirmam que a cabeça do santo ficou para trás, encontrando-se preservada na Catedral de Alexandria.

†13. Ashmunain era a antiga Hermópolis, a "Cidade de Hermes", isto é, Tot.

*14. O título de "bispo de Alexandria" acabou por ser alterado para "papa" ou "patriarca" no século terceiro. Foi adotado pela primeira vez por Heraclas, o décimo terceiro arcebispo da Igreja de Alexandria. O termo papa provém de "baba" ou "papa" (ou seja, Pai). O atual papa é Teodoro II, o 118.º papa da Igreja Copta.

*15. No Novo Testamento, Jesus disse a Pedro: "estenderás as mãos e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres" (João 21:18–19). Isto foi interpretado pelos cristãos como uma profecia de Jesus sobre a crucificação de Pedro de cabeça para baixo, em Roma.

*16. Segundo outra tradição, o local do martírio de S. Pedro foi onde hoje se ergue a igreja de San Pietro in Montorio, chamada o *tempietto* (pequeno templo), na colina do Janículo. A igreja foi projetada por Bramante no século dezasseis e ergue-se sobre as ruínas de uma capela mais antiga, do século nono.

*17. Na realidade, Constantino foi batizado muito mais tarde, no seu leito de morte, em 337 d.C., por Eusébio de Nicomédia. Os quatro

papas que governaram durante o reinado do Imperador Constantino foram Miltíades, Silvestre I, Marcos e Júlio I.

*18. Em 393 d.C., Teodósio I também proibiu os Jogos Olímpicos na Grécia. Só em 1896 é que se voltaram a realizar em Atenas.

*19. Ironicamente, apenas um obelisco se encontra hoje no local original de Heliópolis, no Egito, atualmente um subúrbio movimentado e muito urbanizado do Cairo moderno, chamado Matareya.

*20. Inicialmente, *The Orion Mystery* seria publicado pela Solos Press, gerida apenas por Adrian Gilbert. Mas quando o agente literário A. M. Heath, de Londres, se ofereceu para me conseguir um contrato muito maior (que acabou por ser com a William Heinemann Ltd), Gilbert tornou-se meu coautor. *The Orion Mystery* foi um êxito de vendas imediato e encontra-se agora publicado em mais de vinte e cinco línguas.

*21. A *Bibliotheca Philosophica Hermética* foi fundada por Joseph R. Ritman em 1957. O objetivo era colecionar livros antigos e novos sobre estudos hermético-cristãos. Uma secção da biblioteca foi aberta ao público em 1984. A falta de fundos forçou recentemente Ritman a colocar à venda alguns dos manuscritos antigos, embora pareça que acabou por recuperá-los. A biblioteca possui cerca de 450 manuscritos, muitos dos quais anteriores a 1550 d.C.; cerca de 4000 livros publicados antes de 1800 d.C. e cerca de 11 000 livros publicados após 1800.

*22. Estes livros são *The Egypt Code*, 2006; *Black Genesis*, 2010; *Breaking the Mirror of Heaven*, 2012; e *Imhotep the African*, 2013.

*23. O Padre Leonardo foi um dos muitos agentes empregados pelo governante de Florença, o grande Cosme de Médici, para percorrer a Europa em busca de manuscritos antigos para a sua biblioteca na nova academia "platónica" que ele e Marsilio Ficino tinham fundado em Florença.

*24. A academia que foi encerrada em 529 d.C. foi, na verdade, a academia neoplatónica de Atenas, iniciada por Plutarco de Atenas, embora tal não seja seguro.

†25. Em 1462, Cosme de Médici doou a Marsilio Ficino uma villa, perto da sua em Careggi, para que o jovem erudito pudesse trabalhar a partir daí na tradução de textos antigos e também receber potenciais membros na "academia" instalada na villa. Esta pode ser

considerada a data da fundação daquela que ficou conhecida como a Academia Florentina.

*26. Ficino foi ordenado diácono em setembro de 1473, em Florença, por Monsenhor Giuliano de Antonio, em nome do Cardeal Pietro Riario, aparentemente depois de ter sofrido uma das suas típicas depressões "saturninas".

†27. Foi aparentemente Ficino quem cunhou o termo "amor platónico", ou seja, o amor romântico casto por outra pessoa de qualquer um dos sexos.

‡28. Ficino foi o primeiro tradutor das obras de Platão do grego para o latim.

*29. A tradução latina do *Asclépio* circulava desde o século terceiro e é hoje considerada parte integrante da *Hermética*.

*30. Foi sugerido que o nome Pimandro, que deriva do grego original *poimandres*, é uma distorção grega da antiga palavra egípcia *Peime-n-Re*, que significa o "conhecimento de Ré", que era o deus do sol supremo do Egito.

†31. Aqui, Ficino baseia-se obviamente na autoridade do pai da Igreja Lactâncio, "que honrou Hermes pelas profecias pagãs que apoiavam as revelações cristãs".

*32. O que Ficino não poderia saber, mas talvez tenha intuído, era que os antigos egípcios criaram, de facto, várias "imagens do céu", nomeadamente o "céu" ou "duat de Osíris", na constelação de Orionte, dispondo o traçado das Pirâmides de Gizé de acordo com o padrão do cinturão de Orionte. Ver o meu livro *The Orion Mystery*.

*33. Na verdade, no catolicismo romano e na Igreja Ortodoxa, o papel de "Mãe de Deus", transmitido à mãe judia biológica de Jesus, Maria, é muito mais popular.

*34. Outras versões desta história referem que Mercúrio montava um garanhão preto e usava uma capa preta, um cinto dourado e sapatos roxos.

†35. Não pertenciam à Guarda Suíça, que só surgiu alguns anos mais tarde, em 1506.

*36. A coroa tripla foi, de facto, usada por todos os papas até 1963, data em que foi abolida. A sua origem reside no barrete frígio usado pelo deus solar Mitra. A coroa tripla continua a ser utilizada pelos papas na sua insígnia heráldica e também na bandeira do Estado do Vaticano (ver pós-escrito).

*37. Consta que Vannozza também teve uma aventura apaixonada com o Cardeal Giuliano della Rovere, o futuro Papa Júlio

II. Rodrigo viria mais tarde a deixar Vannozza pela ainda mais bela Giulia Farnese, esposa de Orsino Orsini. *La Bella Giulia*, como era conhecida, estava grávida de Rodrigo no ano em que ele se tornou papa. Teve uma filha dele. Corre também o boato de que Rodrigo terá sido pai de muitos outros filhos ilegítimos, embora falte documentação comprovativa.

*38. Os historiadores debatem se as tendências efeminadas de Henrique III, que se vestia como mulher e mantinha ligações sexuais com os seus *mignons* na corte, eram reais ou inventadas pelos seus inimigos; provavelmente tratava-se de um pouco de ambas as coisas. Henrique III também era propenso a participar em procissões religiosas extremamente bizarras nas ruas de Paris.

*39. A ligação é claramente demonstrada por Athanasius Kircher no seu *Oedipus Aegyptiacus* (1653, tomo IIA, 160) no diagrama do chamado Zodíaco Hieroglífico, onde sob o signo IX de Virgem está escrito "Ísis".

*40. Ver a excelente tese de Stephanie Danis, "The Amalgamation of the Character of Britomart in Edmund Spenser's The Faerie Queene: A Study of Classical, Medieval, and Renaissance Influence on the Knight of Chastity", Programa de Honra, St. Peter's College, Nova Jérsia, 4 de maio de 2011.

*41. O acontecimento da Anunciação terá ocorrido enquanto Maria lia o Livro de Isaías, no qual se encontra a profecia: "Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel".

†42. De forma confusa, a Igreja Ortodoxa Oriental continuava a utilizar o equinócio da primavera estabelecido aquando do Primeiro Concílio Ecuménico em Niceia em 325 d.C., que era a 20 de março, para calcular a data da Páscoa.

*43. E disse-lhe o anjo: "Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus" (Lucas 1:30–31).

*44. No século catorze, um prelado inglês de nome Gregório viu o obelisco num beco escuro e estreito, com a base coberta de lixo e situado junto a casas antigas que encostavam à parede sul da antiga basílica.

*45. O livro de Ficino a que Bruno se referia é *De vita coelitus comparanda*, onde Ficino afirmava que a *crux ansata* ou *ankh* egípcia era um talismã poderoso, mas também um presságio da vinda de Cristo.

*46. Curiosamente, Galileu também lecionava na mesma universidade em 1591 e 1592, embora não haja registo de que se tenha encontrado com Bruno. Considerando o interesse mútuo e o apoio de ambos à teoria copernicana, seria estranho, contudo, que não se tivessem encontrado.

*47. As datas de 19 e 20 de fevereiro de 1600 também são citadas por vários biógrafos de Giordano Bruno.

*48. Algumas curiosidades: o custo aproximado de uma execução pública na fogueira era orçamentado do seguinte modo: lenha grossa, 55 dinheiros, 6 denários; videiras, 21 dinheiros, 3 denários; palha, 2 dinheiros, 6 denários; estacas, 10 dinheiros, 9 denários; cordas, 45 dinheiros, 7 denários; carrasco, 20 dinheiros. Isto perfaz um total de 155 dinheiros e 7 denários, o que equivalia a aproximadamente 2,3 gramas de ouro, ao preço de hoje cerca de 42 dólares. O preço podia ser muito menor se quatro vítimas fossem queimadas juntas na mesma fogueira. Os sacerdotes que acompanhavam a queima para a testemunhar ofereciam os seus serviços gratuitamente.

*49. Bruno e Campanella quase se encontraram em Pádua em 1592. O destino quis que Bruno partisse de Pádua em março e Campanella chegasse em outubro, altura em que conheceu Galileu.

*50. Mesmo o dia do aniversário de Campanella, 5 de setembro, viria a revelar-se uma curiosa coincidência profética mais tarde na sua vida, quando previu o nascimento do "Rei Sol", Luís XIV de França, que também nasceu a 5 de setembro (em 1638).

*51. O grão-duque era Fernando I de Médici, filho de Cosme I de Médici (não confundir com Cosme de Médici, que falecera em 1464).

†52. Foi em 1616, enquanto estava encarcerado nas masmorras papais, que Campanella escreveu a *Apologia per Galileo*. Isto aconteceu na altura em que Galileu estava a ser criticado pelo seu apoio à teoria de Copérnico. A *Apologia* foi publicada mais tarde em Frankfurt, em 1622, e constitui um testemunho da grande audácia e honestidade académica de Campanella, que obviamente arriscava a ira da Igreja ao defender as ideias heréticas do seu amigo e colega.

*53. Campanella guardou a versão latina original de *Atheismus Triumphatus* e entregou a versão italiana a Schoppe. A versão latina foi impressa em Roma em 1631 e em Paris em 1636.

*54. Este governante sábio e sacerdotal poderá ter inspirado Francis Bacon para o seu Salomon, o governante benevolente da *Nova Atlântida* de Bacon, publicada em 1627. A Casa de Salomon de Bacon assemelha-se muito à Cidade do Sol de Campanella, um local

"dedicado ao estudo das obras e das criaturas de Deus". Alguns acreditam que forneceu a ideia para a *Royal Society*. O nome Solomon, Salomon (a derivação francesa) ou Solamon tem sido visto por alguns como a combinação de *Sol*, isto é, o sol, e *Amon*, o deus do sol egípcio.

*55. A magia que Campanella pretendia utilizar era a que Ficino tinha extraído do *Asclépio*. Isto fica claro num dos livros de Campanella, *Metaphysica*, onde "apresentou um resumo completo da magia de Ficino numa análise detalhada"[21] e também citou as passagens relevantes do *Asclépio*.

*56. O Livro da Sabedoria, ou Livro da Sabedoria de Salomão, é um dos livros da Bíblia que são considerados deuterocanónicos por algumas igrejas, como a Igreja Católica Romana, e não canónicos por outras, como a Igreja Protestante. É um dos sete livros sapienciais ou de sabedoria integrados na Bíblia Septuaginta.

*57. Cibele é habitualmente representada num trono ou carro puxado por dois leões. Ísis, contudo, é representada num trono ladeado por dois leões, enquadrando-se muito melhor na iconografia do fresco de Sacchi.

†58. A Tábua Bembo, ou Tábua de Ísis, encontra-se atualmente no Museu de Turim.

*59. Parece, contudo, que o Papa Urbano VIII estava de alguma forma ciente da partida de Campanella, pois o papa tinha aparentemente pedido aos seus espiões na corte francesa que impedissem Campanella "de revelar qualquer coisa sem autorização especial de Sua Santidade, como prometera antes de deixar Roma".[35]

*60. Ver apêndice 1. Para mais informações sobre a possibilidade de Luís XIV ter iniciado a construção de uma cidade do sol hermética em Paris, ver Graham Hancock e Robert Bauval, *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith*, capítulos 17 e 18.

*61. O pai de Bernini, Pietro, era de Florença, mas tinha-se mudado para Nápoles antes do nascimento de Bernini.

*62. In 1898, no tricentenário do nascimento de Bernini, foi colocada uma placa na sua casa (ainda existente) na Via della Mercede, hoje n.º 12, que reza: "Papas, príncipes e multidões de pessoas a curvarem-se reverentemente perante Bernini, o soberano de todas as artes".

*63. Isto terá sido dito numa ocasião em que Bernini corria o risco de ofender o todo-poderoso rei de França, Luís XIV. E Marie Mancini, a beleza italiana que era sobrinha do Cardeal Mazarino e

também o primeiro amor de Luís XIV, escreveu uma vez que em Roma "a dissimulação . . . entre famílias reina mais soberana do que em qualquer outra corte".

*64. Galileu veio seis vezes a Roma — em 1587, 1611, 1615, 1624, 1630, 1633 — e permaneceu vários meses em cada ocasião. Teve muitas audiências privadas com Maffeo Barberini, antes e depois de este se tornar o Papa Urbano VIII em agosto de 1623.

*65. Esta obra surgiu em três volumes: o volume 1 (livros I–III) em 1615, o volume 2 (livro IV) em 1620, e o volume 3 (livros V–VII) em 1621.

*66. A condenação de Galileu fez com que membros proeminentes da corte de Barberini que apoiavam o cientista e a nova especulação científica fugissem, literal ou metaforicamente, para segurança. O favorito papal Bernini não teve de fugir em sentido algum, mas a lição não se perdeu para ele: não agites o barco.

*67. Os estudiosos e sacerdotes jesuítas que mais influenciaram a Rainha Cristina a converter-se ao catolicismo foram dois italianos: Paolo Casati, um matemático do *Collegio Romano*, e Francesco Malines, um teólogo de Turim; houve também um espanhol, o jesuíta Antonio Macedo.

*68. Após a morte de Cristina em 1689, o Vaticano comprou a sua vasta biblioteca.

*69. A cratera lunar Zucchi tem o nome deste jesuíta subestimado. Curiosamente, outra cratera lunar tem o nome de Athanasius Kircher. Existem cerca de trinta e cinco crateras lunares com nomes de cientistas jesuítas.

†70. Gasparo Berti fixou um tubo de chumbo de quarenta pés à parede da sua casa, encheu-o de água, selou o topo e abriu uma torneira no fundo, a qual se encontrava dentro de um grande vaso de água. Dez pés da água fluíram para fora, deixando uma coluna suspensa de cerca de trinta pés de altura e um espaço acima dela que colocou um quebra-cabeças difícil, uma vez que a física aristotélica dominante considerava o vácuo uma impossibilidade (Heilbron, *Oxford Companion to the History of Modern Science*, p. 80).

*71. Em 1664, quando Bernini estava em Paris, correspondeu-se com Zucchi sobre assuntos muito pessoais.[34]

*72. O abastecimento de água para esta fonte viria de um antigo aqueduto do tempo de Trajano, a *Acqua Traiana*, que foi restaurado por Paulo V e, por isso, rebatizado de *Acqua Paola*.

*73. Bernini deveria receber um bónus de sessenta escudos por mês durante cinco anos — a duração estimada da obra — além do seu salário mensal regular de duzentos escudos. O projeto demorou, na realidade, onze anos, mas Bernini só obteve o bónus de sessenta escudos durante cinco anos.

*74. Na verdade, no ano anterior a este, Bernini quase morrera devido a uma febre grave causada pela malária, mas no final de 1655 já tinha recuperado totalmente.

*75. Ver apêndice 2.

*76. Ver Graham Hancock e Robert Bauval, *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith*, para uma discussão completa sobre esta questão.

*77. Luxor, que provém da palavra árabe *El Aksar*, ou seja, "o palácio", teria implicado "luz", isto é, *lux*, em latim. É uma estranha coincidência, se é que se trata de uma coincidência, que não só Luís XIV tenha sido chamado o "Rei Sol", mas também que a nova Paris que ele construiu tenha sido referida como *La Cité Lumière* (a Cidade da Luz).

NOTAS FINAIS

CAPÍTULO 1. A VERDADEIRA RELIGIÃO DO MUNDO

1. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 4.
2. Ibid., 452.
3. Durrell, *Clea*.
4. Fowden, *Egyptian Hermes*, 161.
5. Scott, *Hermética*, 15–22.
6. Hancock e Bauval, *Talisman*, 204–9.
7. Magli e Ferro, "Astronomical Orientation," 381–89.
8. Magli e Ferro, "The Astronomical Orientation of the Urban Plan of Alexandria," em *Oxford Journal of Archaeology*, volume 32.2, maio de 2013.
9. Copenhaver, *Hermética*, xv.
10. Gardiner, "Notes on Egyptian Magic," 263. Ver também Bauval, *Secret Chamber*, 47.
11. Boylan, *Thoth*, 124.
12. Jacq, *Magic and Mystery in Ancient Egypt*, 19.
13. Ibid., 15.
14. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 60.

15. Kamil, *Coptic Egypt*, 15.
16. Copenhaver, *Hermética*, xxiii.
17. Severinus, *Life of the Apostle and Evangelist Mark*.
18. Dando-Collins, *Great Fire of Rome*, 118.
19. Ibid., 108–120.
20. Tacitus, *Annals*, 44.
21. Baring e Cashford, *Myth of the Goddess*, 550–1.
22. Roullet, *Egyptian and Egyptianizing Monuments*, 2.
23. Giles, *Hebrew and Christian Records*, 86.
24. Voss, *Marsilio Ficino*, 15–16. Ver também Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 6–8.
25. Copenhaver, *Hermética*, xxiv.
26. Kamil, *Coptic Egypt*, 7–15.
27. Fowden, *Egyptian Hermes*, 30.
28. Ibid.
29. Socrates, *Ecclesiastical History*.
30. Ibid.
31. Podem encontrar-se várias traduções modernas de *The Lament of Hermes Trismegistus* para inglês. Ver Copenhaver, *Hermética*, 81–83; Scott, *Hermética*, 341–43.
32. *Lament of Hermes Trismegistus*.
33. Fowden, *Egyptian Hermes*, 33.
34. Copenhaver, *Hermética*, 1.

CAPÍTULO 2. O MOVIMENTO HERMÉTICO, PARTE I

1. *Corpus Hermeticum*, "Egyptian Reflection of the Universe in the Mind."
2. Copenhaver, *Hermética*, lviii.
3. Hibbert, *House of Medici*, 63.
4. Hankins, *Plato in the Italian Renaissance*, 260.
5. Ibid., 277.
6. Allen e Rees, *Marsilio Ficino*, 8.
7. Hankins, *Plato in the Italian Renaissance*, 273.
8. Voss, *Marsilio Ficino*, 15–16.
9. Plato, *Timaeus*, 21–23.
10. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 12.
11. Ibid., 13.
12. Copenhaver, *Hermética*, xlviii.

13. Ibid., xliii.

CAPÍTULO 3. O MOVIMENTO HERMÉTICO, PARTE II

1. Voss, "Natural Magic of Marsilio Ficino," 25–30.
2. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 60.
3. Voss, "Natural Magic of Marsilio Ficino," 29.
4. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 69.
5. Ibid., 83.
6. Ibid., 73.
7. Ibid.
8. Ibid., 73–74.
9. Ibid., 74.
10. Voss, *Marsilio Ficino*, x.
11. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 171–72; ver também Mahé em Broek e Heertum, *From Poimadres to Jacob Bohme*, 372.
12. Hanegraaff, *Chymists and Chymistry*, cap. 9.
13. Lazzarelli, em Broek e Heertum, *From Poimadres to Jacob Bohme*, 373.
14. Ver Slavenburg, *Hermetic Link*, cap. 18.
15. Broek e Heertum, *From Poimadres to Jacob Bohme*, 372.
16. Hanegraaff, *Chymists and Chymistry*, 104.
17. Ibid.
18. Augustine, St. *City of God*, liv. XVIII, 19.
19. Lazzarelli, em Broek e Heertum, *From Poimadres to Jacob Bohme*, 377.
20. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 43.
21. Scott, *Hermética*, 32–40.
22. Ibid.
23. Ibid.
24. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 84.
25. Kreis, "Pico della Mirandola, Oration on the Dignity of Man."
26. Drees, *Late Medieval Age*, 400.

27. Mirandola, *New Essays*, 38–39, n. 13. Ver também Dorez e Thuasne, *Pic de la Mirandole*, 127–37.

28. Para mais informações sobre a vida de Mirandola, ver More, *Life of John Picus*, em *English Works of Sir Thomas More*, vol. I, 349–62.

29. Iversen, *Myth of Egypt and its Hieroglyphs*, 62–63.

30. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 75.

31. Baltrusaitis, *La Quete D'Isis*, 133.

32. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 214.

33. Mormando, *Bernini*, 246.

34. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 204.

35. *Calendar of State Papers, Foreign*, janeiro–junho de 1583, 214.

36. Yates, *Astraea*, 29.

37. Ibid., 30.

38. Virgil, *Fourth Eclogue*.

39. Kamm, *Julius Caesar*, 136.

40. Yates, *Astraea*, 31.

41. Stocker, *Spenser Encyclopedia*, 72.

42. Murdock, *Christ in Egypt*, 157–58. Ver também Higgins, *Anacalypsis*, 314.

43. King, "Queen Elizabeth I," 63.

44. Lewis, *Studies in Medieval and Renaissance Literature*, 157.

45. Forrest, *Isis Magic*, 204.

46. Bruno, *La cena de le ceneri*, dial. 4.

47. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 223.

48. Ibid., 215.

49. Spamanato, *Documenti della via di Giordano Bruno*, 44; ver também Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 233.

50. Inscrição (em latim) nos lados leste e oeste do pedestal do Obelisco do Vaticano.

51. Hibbert, *Rome*, 355; ver também Partini e Rachewiltz, *Roma Egizia*, 105-6.

52. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 351–52.
53. Ibid., 420.
54. Singer, *Giordano Bruno*, cap. 7.
55. White, *Pope and the Heretic*, 181.
56. Bruno, *De Monade Numero e Figura*.

CAPÍTULO 4. A CIDADE DO SOL

1. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 366.
2. Ibid., 360.
3. Ibid.
4. Ibid., 372, 419.
5. Ibid. 69.
6. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 233.
7. Ernst, *Tommaso Campanella*, 22.
8. Headley, *Tommaso Campanella*. Ver também Ernst, *Tommaso Campanella*.
9. Headley, *Tommaso Campanella*, 30–40.
10. Zalta, "Tommaso Campanella."
11. Carpi et al., *Scholarly Knowledge*, 249–51.
12. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 394.
13. Ibid., 391.
14. Claeys, *Cambridge Companion to Utopian Literature*, 58.
15. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 369.
16. Ibid., 371.
17. Ibid., 372.
18. Ibid., 371–72.
19. Ibid., 413.
20. Yates, *Rosicrucian Enlightenment*, 137–38, 144–45. Ver também Hancock e Bauval, *Talisman*, 265-67.
21. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 374.
22. Lechner, "Tommaso Campanella and Andrea Sacchi's Fresco," 97–108.

23. Coelho, “Music and Science in the Age of Galileo,” 78.
24. Lechner, “Tommaso Campanella and Andrea Sacchi’s Fresco,” 97.
25. Ibid., 101.
26. Ibid.
27. Ibid.
28. Bauval, *Egypt Code*, cap. 2.
29. Ibid.
30. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 364.
31. Apuleius, *Golden Ass*, livro 11, cap. 47.
32. Findlen, *Athanasius Kircher*, 335–36.
33. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 375.
34. Roush, *Selected Philosophical Poems of Tommaso Campanella*, 10.
35. Haskell, *Patrons and Painters*, 40, nota 3.
36. Roush, *Selected Philosophical Poems of Tommaso Campanella*, 11.
37. Hancock e Bauval, *Master Game*, 290–92.

CAPÍTULO 5. URBI ET ORBI: À CIDADE E AO MUNDO

1. Carter, “Woman Who Driven Bernini Mad.”
2. Mormando, *Bernini*.
3. Ibid., 68.
4. Ibid., 36.
5. Mormando, *Bernini*, 240.
6. Masson, *Queen Christina*.
7. Mormando, *Bernini*, 249.
8. Allen-Olney, *Private Life of Galileo*, 25–26.
9. Russell, “Kepler’s Laws of Planetary Motion,” 1–24.
10. Kelly, “Alexander VII,” 283–88.
11. Godwin, *Athanasius Kircher’s Theatre of the World*.
12. Prof. Eugenio Lo Sardo citado em Findlen, *Athanasius Kircher*, 53–54.
13. Rowland, “Athanasius Kircher and The Musaeum Kircherianum,” mmxi.

14. Rowland, “Athanasius Kircher, Giordano Bruno, and the Panspermia of the Infinite Universe,” 191–96.
15. Mormando, *Bernini*, 139–40.
16. Fletcher, “Astronomy in the Life and Correspondence of Athanasius Kircher,” 52–67.
17. Egherman, “Don’t Forget My Books!”
18. Ibid.
19. Findlen, *Possessing Nature*, 389.
20. Fletcher, *Study of the Life and Works of Athanasius Kircher*, 47.
21. Knobloch, “Kaspar Schott’s ‘Encyclopedia of All Mathematical Sciences,’” 225–47.
22. Rowland em *Athanasius Kircher*, 187–88.
23. Ibid., 187–88.
24. Kepler, *Harmonices Mundi*, introdução ao livro V, 391.
25. Schuppener, “Kepler’s Relation with the Jesuits,” 236–44.
26. Findlen, *Athanasius Kircher*, 191–96.
27. Partini e Rachewiltz, *Roma Egizia*, 203.
28. Kircher, *Obeliscus Pamphilius*, 371, 420.
29. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 420.
30. Kepler, *Kepler’s Somnium*, 9.
31. Kepler citado em Trimble, *Biographical Encyclopedia of Astronomers*, 1268.
32. Padre Bartoli. *Della La Vita del Padre Niccolò Zucchi*, 73.
33. Ibid., 50–51.
34. Isto é relatado em Chantelou, *Journal du voyage du cavalier Bernin en France*, 158.
35. Zucchi, *Optica philosophia experimentalis*, 2 vols.
36. Lavin, *Gianlorenzo Bernini*; Lavin, “Bernini’s Cosmic Eagle.”
37. Miller, *St. Peter’s*, 22.
38. Fazio et al., *World History of Architecture*, figs. 12.5–12.7.
39. Kirk, “Framing St. Peter’s,” 756–76.

40. Goffi, “Sempiternal Nature of Architectural Conservation,” 39, nota 76. Ver também Silvan, “Le Origini de la pianta di Tiberio Alfrarano,” 3–25.

41. Lockyer, *Dawn of Astronomy*, 96–98. Lockyer também cita a publicação *The Builder: An Illustrated Magazine for the Architect* 95 (2 de janeiro de 1892).

42. Lee-Milne, *Saint Peter’s*.

43. Schibille, “Astronomical and Optical Principles,” 27–46.

44. Mircea, “Bernini’s ‘Idea del tempio.’”

45. Tronzo, *St. Peter’s in the Vatican*, 111.

46. Mormando, *Bernini*, cap. 4.

47. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 418.

48. Lavin, *Bernini at St. Peter’s*, 111.

49. Hersey, *Architecture and Geometry*, 142.

50. Ibid., 143.

51. Trachtenberg e Hyman, *Architecture*, cap. 9.

52. Dougherty, “Theatre and the City.”

53. Miller, *St. Peter’s*, 4.

54. Wittkower, “Counter-Project,” 103.

55. Ibid.

56. Ibid.

57. Emden et al., *Cultural History and Literary Imagination*; artigo de Dougherty, “Theatre and the City,” 126.

58. Berkel, “‘Cornelius Meijer inventor et fecit,’” 278–95.

59. Meyer, *L’Arte di restituire à Roma*.

60. Heilbron, “Copernican Cosmology.”

61. Findlen, “Scientific Spectacle in Baroque Rome,” 233.

PÓS-ESCRITO: O PAPA JESUÍTA

1. Cardeal Federico Lombardi, *REPUBLICA TV*, 13 de março de 2013.

2. Glatz, “Symbols Adjusted on Papal Coat of Arms,” *Catholic Herald*, 28 de março de 2013.

APÊNDICE 1. CAMPANELLA, OS ROSACRUZES E O NASCIMENTO MILAGROSO DO REI SOL

1. Duche, *L'Histoire de France Racontee a Juliette*, 66.
2. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 390.
3. Yates, "Considerations de Bruno et de Campanella sur la Monarchy Francaise," 12.
4. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, 390–91, 447.

APÊNDICE 2. A ELIPSE DA PRAÇA DE S. PEDRO

1. Rosin, "On Serlio's Construction of Ovals," 58–69.
2. Apostol e Mnatsakanian, "New Look," 115–33.